

A R I E L A P E R I R A



*O Despertar*  
**DO AMOR**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# SUMÁRIO

CAPÍTULO I  
CAPÍTULO II  
CAPÍTULO III  
CAPÍTULO IV  
CAPÍTULO V  
CAPÍTULO VI  
CAPÍTULO VII  
CAPÍTULO VIII  
CAPÍTULO IX  
CAPÍTULO X  
CAPÍTULO XI  
CAPÍTULO XII  
CAPÍTULO XIII  
CAPÍTULO XIV  
CAPÍTULO XV  
CAPÍTULO XVI  
CAPÍTULO XVII  
CAPÍTULO XVIII  
CAPÍTULO XIX  
CAPÍTULO XX  
CAPÍTULO XXI  
CAPÍTULO XXII  
CAPÍTULO XXIII  
CAPÍTULO XXIV  
CAPÍTULO XXV  
CAPÍTULO XXVI  
CAPÍTULO XXVII  
CAPÍTULO XXVIII  
CAPÍTULO XXIX  
CAPÍTULO XXX  
CAPÍTULO XXXI

Para baixar mais livros como esse, acesse: [eLivros.info](http://eLivros.info)

# **O DESPERTAR DO AMOR**

**Ariela Pereira**

# CAPÍTULO I

Apertei a borda da mesa entre meus dedos, com toda força, como se isso fosse capaz aplacar a raiva que passeava solta dentro de mim, queimando em minhas entranhas, enquanto ouvia meu pai falar comigo com aquela rispidez que eu detestava, mas que fazia parte dele. Observava-me com seus olhos enrugados, carregados de uma insuportável autoridade, sem que tivesse esse direito, ou mesmo de ocupar meu lugar na cabeceira da mesa, o lugar de presidente, já que deixara os negócios em minhas mãos há quase vinte anos, para se dedicar exclusivamente a viver um romance com uma garota que tinha idade para ser sua filha.

Se não fosse por mim a *Increase Company* ainda seria uma pequena agência de seguros em uma sala alugada de um prédio arruinado e não a companhia que geria várias empresas subsidiárias na qual eu a havia transformado durante toda uma vida dedicada aos negócios.

No entanto, depois de todo esse tempo, ele se achava no direito de vir a mim, ameaçar entregar sua parte nas ações à Derek, meu primo, que nada fazia de relevante ali dentro, caso eu não arranjasse uma maldita esposa e lhe desse um maldito neto.

O que o matrimônio tinha a ver com os negócios? Se ele queria um neto que arranjasse uma mãe de aluguel para receber o meu esperma por meio de inseminação artificial e não me obrigasse a casar como estava tentando.

— Nem por um minuto, deixe passar pela sua cabeça que sou incapaz de fazer o que estou dizendo. — Sua voz áspera ecoou pela imensa sala de reuniões, onde havia lugar para uma dúzia de pessoas, mas apenas nós dois nos encontrávamos, despertando-me dos pensamentos. Era a única pessoa na face da Terra que se atrevia a falar comigo naquele tom. — Você tem uma semana para se casar, ou darei as minhas ações à Derek. Embora não seja meu filho ele também é da família e mesmo sendo mais novo que você já constituiu uma família, tem filhos que garantirão que nossos negócios não irão parar nas mãos de estranhos futuramente.

— Se os filhos forem inúteis como ele, a empresa terá mais futuro sendo doada aos mendigos da Wall Street. — Continuei tratando o assunto com deboche, pois não havia um argumento minimamente sério para rebater um

absurdo daqueles.

— Já chega! — Ele gritou, esmurrando a mesa com o punho cerrado. — Você não me deixa fazer parte da sua vida, mas a acompanho pelas manchetes nos jornais e sei que tem um exército de mulheres lindas e ricas à sua disposição. Então escolha uma delas e se case. Não estou te pedindo nada de mais. Depois que o meu neto nascer, você se separa, já que prefere viver na farra, com uma mulher diferente a cada semana. — Ele se levantou, pegando sua valise, ajeitando o paletó, pronto para sair. — Não se esqueça: você tem uma semana. Não voltarei a falar sobre esse assunto. Se não cumprir o que estou ordenando, Derek será o presidente da *Increase Company* e você será rebaixado ao cargo dele.

Sem mais, deixou a sala, caminhando devagar, com a postura curvilínea dentro do terno caro. Apesar dos seus sessenta anos, tinha passos firmes que ecoavam pela sala enorme.

Fiquei imóvel, paralisado no lugar, a raiva pulsando quente em minhas veias. Minha vontade era de quebrar tudo à minha volta.

Então era isso? Todos esses anos de dedicação constante ao trabalho não significavam nada diante do fato de que eu não desejava me casar ou ter filhos? Eu não tinha nada contra quem se submetia ao matrimônio, apenas não o desejava para mim e tinha minhas razões para isto.

Movendo-me mecanicamente, levantei-me e caminhei até a janela ampla, observando o ápice dos edifícios que se estendiam até onde a vista podia alcançar no movimentado centro de Manhattan, as lembranças do passado teimando em tomar-me os pensamentos, sem que eu pudesse evitá-las. Eu ainda podia visualizar claramente o rosto dela, a forma como me encarou quando descobri tudo. Suzan Finn definitivamente era a razão pela qual eu desisti do amor, ou mesmo passei a desacreditar na existência dele. Portanto não havia razão para que eu colocasse outra mulher em minha vida para algo mais que algumas noites de sexo.

Entretanto, agora era necessário que eu me casasse, por causa da chantagem daquele maldito velho ridículo esclerosado, pois não podia permitir que Derek tomasse o meu lugar na empresa, não apenas porque era um incompetente, mas porque dei duro para que a *Increase Company* chegasse onde chegou, embora aquele imbecil do meu pai não reconhecesse meus esforços.

Inferno! Por que ele não engravidava aquela idiota com quem se casou e tinha seu próprio herdeiro? Por que não teve mais filhos com minha mãe se pretendia que seus negócios estivessem sempre na família? Se eu fosse um roqueiro que

preferisse sair pelo mundo tocando em uma banda, o que ele ia fazer com a companhia?

Sua chantagem me enfurecia cegamente, principalmente porque não havia nada que eu pudesse fazer a respeito, não podia confrontá-lo, estava coagido, da forma como jamais me permitia estar, como não tinha o costume, pelo contrário eu era o homem que coagia a todos a fazerem exatamente o que eu queria, tanto nos negócios quanto na vida pessoal. Agora aquele maldito me colocava em uma situação de humilhação e desvanecimento que eu abominava, tirando proveito do fato de que era o segundo maior acionista da companhia.

Dominado pela raiva, atravessei a porta que dava acesso à minha sala e fui direto para o frigobar no canto do amplo cômodo em busca de uma dose de uísque, quando finalmente perdi o controle sobre mim mesmo e atirei a garrafa com a bebida contra a parede, com violência, estilhaçando-a, o líquido marrom manchando a parede marfim e os estofados brancos, os cacos de vidro voando para todos os lados.

No instante seguinte, houve uma leve batida na porta e esta se abriu para que Jennifer entrasse, seus olhos azuis claros varrendo a bagunça dos cacos de vidro antes de focarem meu rosto.

— Sr. Baker a reunião com os franceses será em dez minutos. — Disse, polidamente.

Jennifer era minha secretária há cinco anos, além de inteligente e eficiente, era dona de uma beleza encantadora, com seus cabelos loiros, longos sempre bem cuidados, sua pele rosada e um corpinho cheio de curvas deliciosas que eu conhecia muito bem, já que a comia de vez em quando durante o expediente. Se casaria comigo sem pestanejar se eu lhe pedisse e seria uma esposa perfeita para um homem na minha posição, entretanto, eu precisava de uma mulher que não se envolvesse, que conseguisse entrar e sair daquilo com a plena consciência de que não passaria de um negócio passageiro e Jennifer era romântica e sentimental demais para isto, tentaria me prender ao seu lado.

— Cancele. Não estou com paciência para isto. — Abri outra garrafa de uísque e servi-me da bebida, enquanto Jennifer me observava cautelosa, claramente tentando decifrar o que acontecera entre mim e meu pai.

Embora estivesse acostumada a me ver tenso depois de receber uma visita dele, nunca antes me vira naquele estado, sabia que a coisa era grave.

— O senhor precisa de alguma coisa?

— Não. Apenas mande alguém limpar essa bagunça e me deixe em paz.

— Sim senhor.

Ela deixou a sala visivelmente contrariada pelo fato de eu não lhe permitir penetrar a barreira que eu estabelecera ente nós dois, como estabelecia entre mim e todas as mulheres com quem saía, para evitar que tentassem uma proximidade que fosse além da cama.

Afrouxei o nó da minha gravata e sentei-me atrás da minha mesa, girando a cadeira para observar Nova Iorque às minhas costas, embora não a enxergasse realmente, minha mente enevoada pela raiva, meu corpo tomado pela insuportável sensação de impotência.

Não demorou muito para que a porta se abrisse novamente e a faxineira entrasse, carregando seus utensílios de limpeza. Cumprimentando-me com um rápido aceno de cabeça antes de se curvar para limpar a bagunça que deixei quando atirei a garrafa.

Sem compreender o porquê, passei a observar aquela criatura tão insignificante, vestida com um macacão tosco de operária braçal, ligeiramente masculino. Tinha os cabelos castanhos claros presos em torno da cabeça com alguns fios soltos caindo sobre o rosto pálido, desprovido de qualquer maquiagem. Ela era de origem latina e parecia fazer seu trabalho com dificuldade, parecendo desajeitada, como se estivesse nervosa porque eu a olhava.

Continuei olhando para ela, enquanto ingeria lentamente meu uísque, o líquido escorregando macio pela minha garganta seca, fazendo-me relaxar lentamente, até que, subitamente algo me ocorreu: eu poderia me casar com aquela garota, uma faxineira suburbana e latina, seria o mesmo que dar um soco no estômago do meu pai, já que ele abominava qualquer ser humano que tivesse uma posição social minimamente inferior à nossa. Dar a ele um neto descendente de alguém como aquela garota, seria a melhor forma de fazê-lo pagar por me chantagear, ao mesmo tempo que garantiria meu lugar na presidência, já que ele não fizera nenhuma exigência a respeito de como deveria ser ou a que classe social deveria pertencer minha futura esposa.

Meus lábios esticaram em um sorriso de pura satisfação, à medida que a ideia amadurecia em minha mente.

Antes de mais nada eu precisava saber quem era aquela garota. Havia a possibilidade de que fosse casada, já que as pessoas de origem humilde costumavam se casar muito jovens e ela parecia ter cerca de vinte anos.

Eu me lembrava vagamente de tê-la visto algumas outras vezes fazendo a limpeza por ali, mas como não prestava muita atenção, não tinha noção de quem era ou de quanto tempo trabalhava na companhia.

— Qual o seu nome? — Perguntei.

Ela levou um susto com o ressoar da minha voz e parou o seu trabalho para percorrer o olhar à sua volta, como se procurasse por outra pessoa, a quem porventura eu pudesse ter me dirigido. Só então, fixou seus olhos castanhos em mim.

— O meu? — Indagou, meio incrédula.

— Você está vendo mais alguém nesta sala? — Eu estava furioso demais para ter paciência e acabei exagerando na rispidez.

Imediatamente a face dela corou, ficando muito vermelha, uma reação espantosa, considerando que as mulheres hoje em dia não se abalavam tão facilmente.

— Fernanda.

— Só Fernanda?

— Fernanda Vieira. — Ela quase não tinha sotaque, ainda assim eu sabia que não era norte-americana.

— De onde você é?

— Do Brasil.

Aquilo era mais que perfeito, já que o Brasil era considerado pelo meu pai um enxame de prostitutas e traficantes. Ele a julgaria um ser muito inferior, totalmente inapropriada para se tornar a mãe do neto que tanto desejava, mas teria que aceitá-la, pois foi a minha escolha e essa seria a forma de fazê-lo pagar por ter me subjugado à sua vontade.

Seria olho por olho.

— Há quanto tempo você trabalha aqui, Fernanda?

— Há sete meses.

Eu não podia simplesmente jogar meu charme naquela garota, fingir que estava interessado nela e logo depois pedi-la em casamento. Eu tinha apenas uma semana, não era suficiente para convencê-la de que se tratava de um casamento por amor, embora tivesse certeza de que ela não recusaria a uma proposta dessas.

Seria mais sensato deixar claro que tudo não passaria de um negócio, mas antes eu precisava investigá-la, saber quem era de fato e certificar-me de que aceitaria fechar o acordo antes de propô-lo.

— Pode ir Fernanda. Se precisar de alguma coisa te chamo.

Ela encarou-me em silêncio por um instante, como se me sondasse, o que me incomodou um pouco, pois tive a impressão de que sabia que havia algo mais que uma simples dispensa por trás da minha ordem, como se fosse capaz de

enxergar através de mim. Depois, percorreu os olhos pelos cacos de vidro ainda espalhados pela metade no chão e quando esperei que contestasse, alegando que precisava terminar o trabalho, simplesmente juntou suas coisas e saiu, acatando prontamente a ordem.

Aparentemente se tratava de um ser humano nada previsível, o que era cada vez mais raro de se encontrar.

No instante em que a porta se fechou atrás dela, telefonei para Thomas, o chefe dos recursos humanos, pedindo sua ficha completa, que veio por e-mail vinte minutos depois.

De acordo com o documento, Fernanda veio trabalhar na *Increase* para substituir o pai, Francisco Vieira, que assinou um contrato de quatro anos com a companhia em troca do seu visto de permanência e de toda a família nos Estados Unidos, mas que após trabalhar dois anos e meio contraiu uma doença degenerativa na coluna, tornando-se inválido para o trabalho braçal, de modo que a filha veio cumprir o restante do contrato para não perderem o visto.

Além do pai, morava com a mãe e uma irmã de dezesseis anos; era solteira; tinha vinte e um anos; foi aprovada na Universidade Pública de Nova Iorque, embora não fizesse o curso de direito no qual se inscreveu; dava aulas de dança para um grupo de crianças em uma escola pública do Bronx, bairro onde morava.

Eu não podia imaginar uma criatura com uma aparência tão masculina e desprovida de charme dançando. Talvez se tratasse daquelas danças de rua, praticadas por adolescentes que usavam boné com a aba virada para trás. Com isto ela parecia combinar.

Eu não sabia que minha companhia fornecia visto de permanência a estrangeiros, nem me passava pela cabeça que se fazia esse tipo de contrato com funcionários por aqui. Era algo que eu precisava averiguar mais tarde, embora esse tipo de negociação parecesse útil para os meus planos agora, pois se a garota recusasse a minha proposta, o que eu duvidava muito, eu poderia coagi-la ameaçando tirar-lhes o visto de permanência.

Ótimo. Aquilo estava ficando perfeito. Eu mandaria meu advogado providenciar toda a documentação necessária e me casaria com Fernanda em menos de vinte e quatro horas.

Mal podia esperar para ver o cara do meu velho ao ser apresentado à minha esposa. Obviamente seria a melhor parte do meu casamento.

Assim, solicitei uma reunião com James, meu advogado particular, o coloquei a par de toda a situação e dos meus planos, sendo que este confirmou o quanto as

coisas seriam facilmente resolvidas. O casamento poderia ser realizado no dia seguinte, ali mesmo no escritório, com a presença de um juiz, para que quando meu pai soubesse quem era sua nora nós já estivéssemos casados, de modo que ele não poderia fazer nada a respeito e nem tirar o meu cargo, já que eu haveria cumprido sua única exigência.

No dia seguinte, estava tudo arranjado. Após o horário do almoço, James e um juiz de sua total confiança chegaram para a nossa reunião, trazendo todos os documentos necessários, sendo eles um termo de confidencialidade que Fernanda deveria assinar se comprometendo a jamais revelar o acordo que faríamos; um visto de permanência definitivo para ela e toda a sua família, sem que fosse necessário o cumprimento do trabalho na empresa e, o mais importante: minha certidão de casamento, devidamente legalizada e registrada, restando apenas nossa assinatura.

O juiz asseguraria que minha assinatura e da minha ilustre esposa, fosse devidamente reconhecida em cartório. O que garantiria que toda a transação fosse realizada ali, na sala de reuniões, como qualquer outra transação de negócios.

Alguns minutos depois, no horário combinado, chegaram Robert, o meu fiel motorista e David, meu segurança pessoal há anos, as únicas duas pessoas no mundo em que eu confiava cegamente. Ambos serviriam como testemunhas daquela bizarra união.

Restava apenas conversarmos com Fernanda.

Solicitei sua presença na sala, dando ordens à Jennifer de que, após a chegada dela, não fôssemos interrompidos em hipótese alguma.

Cinco minutos depois houve uma batida suave na porta e a criatura de aparência frágil e ao mesmo tempo grotesca entrou, usando seu macacão azul folgado, bastante masculino e botas de operário. O rosto pálido, sem maquiagem, continuava meio camuflado sob os fios de cabelo bagunçados que escapavam do penteado mal feito. Caminhava com hesitação, como se pisasse em cascas de ovos tentando não quebrá-las. Sua postura deixava evidente que estava nervosa e não se sentia à vontade no ambiente em que se encontrava.

— O senhor mandou me chamar? — Ela indagou, hesitantemente, alternando seu olhar entre meu rosto e dos demais presentes, como um coelhinho assustado que se sentia ameaçado.

— Sente-se. — Ordenei, gesticulando para a primeira cadeira da fileira, ao lado das testemunhas. Do lado oposto da mesa estavam James e o juiz, enquanto eu ocupava meu lugar na cabeceira.

Ela obedeceu, sentando-se, visivelmente desconfiada e desconfortável.

## CAPÍTULO II

— Olá Srta. Vieira, sou James Watson, advogado do Sr. Baker. — James começou, como o instruí a fazer. — Temos uma proposta a lhe fazer, mas antes de mais nada precisamos que assine isso. — Ele estendeu o documento diante dela. — É um termo de confidencialidade de acordo com o qual você manterá em sigilo cada palavra que for dita nesta sala hoje.

Ela arregalou seus olhos castanhos, alarmada e segurou o papel entre seus dedos frágeis, examinando-o.

— A Srta. sabe ler? — Perguntei e apenas depois que fechei a boca lembrei-me que ela foi aprovada na Universidade de Nova Iorque

— Sim, sei. — Ela não se deu ao trabalho de olhar para mim quando respondeu, mostrando que não se deixava abalar com uma atitude preconceituosa e ofensiva como a que tive.

Leu atentamente o termo de confidencialidade e o assinou sem hesitar.

— Muito bem. — James continuou, após pegar o documento de volta, examinando a assinatura. — A proposta é a seguinte: você se tornará esposa do Sr. Baker aqui, hoje, nesta sala, por um determinado período. — Vi o queixo dela cair, seus olhos arregalados, quase saltando da órbitas, expressando pura incredulidade. — Em troca disto, seu visto de permanência nos Estados Unidos, assim como de toda a sua família se tornará irrevogável e isento do contrato de serviços prestados pelo seu pai à companhia. Alguma pergunta?

— Isso é algum tipo de brincadeira? — Ela fitava James atônita.

— Claro que não...

— A realidade é a seguinte. — Interrompi meu advogado. — Meu querido pai e segundo maior acionista da companhia ameaçou doar suas ações ao incompetente de meu primo Derek caso eu não arranje uma esposa dentro de uma semana e lhe dê um neto, mas como não tenho interesse nenhum em constituir uma família, estou fazendo esse acordo com você, de modo que nós dois só teremos a ganhar, você terá uma vida mais confortável, não precisará mais limpar o chão, sua família vai morar numa casa boa, no bairro que escolher, seu pai terá um bom plano de saúde para cuidar do problema na coluna e ao mesmo tempo eu garanto meu lugar de direito na presidência. Devemos encarar a situação como um acordo de negócios, no qual fique bem claro que não haverá espaço para envolvimento românticos da nossa parte.

Ela ficou me encarando em silêncio por um longo momento, como se digerisse as minhas palavras com lentidão, seus olhos ainda expressando incredulidade.

— Mas isso é um absurdo! — Falou finalmente. — Não posso aceitar uma coisa dessas. Eu tenho um noivo, sem falar que isso é imoral. Não se pode comprar um relacionamento.

Suas palavras irritaram-me. Como ela podia ser estúpida a ponto de recusar uma proposta daquelas? Deixar de escolher viver em uma casa confortável, sendo servida por empregados, sem jamais precisar trabalhar, para continuar limpando o chão e vivendo no Bronx?

— Não estamos falando de relacionamento nenhum aqui. — Esbravejei, impaciente. — Isso será apenas um acordo, um negócio como qualquer outro, onde nós só teremos a ganhar.

Ela me olhava como se eu fosse um alienígena de duas cabeças que acabava de aterrissar na terra.

— Por que eu? Por que esse acordo? O senhor pode se casar com a mulher que desejar, na hora que quiser. Sem precisar barganhar por isso.

*“Porque você é tudo o que meu pai odeia e estou muito a fim de dar o troco nele.”* As palavras ecoaram em minha mente.

— Porque eu sei que você e sua família precisam de assistência e quero ajudar. Sem falar que está próxima e sabe que não há a mínima chance disso tudo passar de um simples acordo.

Um brilho furioso atravessou a expressão dos seus olhos.

— Acontece que eu não estou à venda. — Levantou-se determinada. — Eu posso trabalhar quanto tempo for necessário para pagar esse maldito visto sem precisar me vender para isto. Com licença.

E, sem mais nem menos, levantou-se e se dirigiu para a porta, enquanto meu sangue fervia de raiva. Como ela se atrevia a me confrontar daquela forma? Quem ela pensava que era?

— Acontece que não haverá visto algum se você se recusar a aceitar minha proposta. — Minha raiva era tanta que minha voz saiu alta, fazendo eco pela sala grande. — Vocês serão deportados de volta para o Brasil ainda hoje se você não assinar esses malditos documentos.

Ela estava quase alcançando a porta, quando por fim de deteve. Ficou imóvel por um instante, depois se virou e voltou a sentar-se em seu lugar, fitando-me com um ódio quase mortal, que eu não compreendia, se o que eu lhe oferecia era mais do que ela jamais poderia ter.

— Se é um acordo, acredito que eu tenha direito de fazer algumas exigências.  
— Falou, a voz mais mansa, embora a fisionomia continuasse carregada.

— E quais seriam suas exigências?

— Apenas uma. — Ela hesitou antes de continuar, como se estivesse embaraçada. — Nenhuma intimidade acontecerá entre nós. Podemos morar sob o mesmo teto, deixar todos acreditarem que somos marido e mulher, mas nada de sexo.

Processei suas palavras e não sabia se sorria ou se me enfurecia mais. As mulheres no geral estavam sempre tão à disposição para fazer sexo que chegava a ser engraçado ela dizer aquilo. Talvez fosse lésbica. Mas eu duvidava disso, devia ser uma romântica estúpida apaixonada pelo noivo que disse ter, provavelmente outro brasileiro fodido da vida, que veio para os Estados Unidos trabalhar como faxineiro.

— Isso não vai ser possível, porque meu velho quer um neto e eu não vejo uma forma mais convencional de engravidar você. — Eu ainda não tinha parado para pensar nessa parte do nosso acordo e subitamente comecei a imaginar como ela seria por debaixo daquele macacão horrível e daqueles cabelos desgrenhados. Pelo seu rostinho de menina inocente, era possível que não tivesse muita experiência sexual e ensiná-la podia até ser prazeroso. — Mas não fique aflita com isso. Te asseguro que você vai gostar.

Vi o rosto dela ficar vermelho como um pimentão, ao passo que seus olhos se arregalavam sobre os meus, antes de irem fixar o chão.

— Sem mais delongas, Srta. Vieira. — James interveio, firme, direto e persuasivo como o bom advogado que era. — Você tem uma decisão a tomar e precisamos que tome agora. Vai se casar com o Sr. Baker ou deixará o nosso país?

— Eu posso pensar a respeito? — A voz dela saiu num fio.

— Não há no que pensar. É uma decisão simples. Preferimos resolver as coisas ainda hoje.

— Posso pelo menos ir ao banheiro antes?

Merda! Aquilo estava se prolongando por demais. Eu não conseguia entender qual o problema com aquela garota. Qualquer outra no lugar dela já teria assinado os malditos documentos e estaria dando saltos de alegria. Seria tudo isso amor pelo tal noivo?

Mulheres! Tão iludidas pelo romantismo!

— Use o banheiro aqui da sala. — Gesticulei na direção da porta, apressado, temendo que ela fugisse ao descer para usar o banheiro dos funcionários.

Se ela recusasse a aceitar minha proposta, eu expulsaria toda a sua família do país e procuraria outra garota com a mesma origem, qualquer outra aceitaria aquilo sem hesitar, entretanto, quanto mais ela se fazia de difícil, mais eu queria que fosse ela. Simplesmente porque eu me recusava a perder um desafio.

Minha futura e pálida esposa deixou seu assento para ir ao banheiro, se demorando lá dentro muito mais que o necessário para qualquer coisa que pudesse estar fazendo, o que contribuiu para que a raiva me tomasse de novo.

Eu estava prestes a derrubar aquela porta e arrancá-la de lá, quando por fim ela saiu e voltou a ocupar seu lugar à mesa. Tinha os olhos avermelhados, como se estivesse chorando, o que não entendi, afinal, por que alguém choraria quando estava prestes a deixar uma vida miserável por uma de rainha?

— Eu não conseguiria fazer isso. — Ela falou cabisbaixa, fitando o tampo da mesa. — Não posso me vender desta forma. Ir para a cama com um homem que não amo em troca de favores. Isso não está certo. Não sou uma prostituta.

Fiquei furioso e ao mesmo tempo intrigado com tanto puritanismo. No meio em que eu vivia era tão comum ver mulheres se entregando a homens por interesse que ficava difícil acreditar que ainda existiam pessoas que pensavam como ela.

— Você passou esse tempo todo no banheiro e nem parou para pensar que isso pode ser agradável para você? — A frase escapuliu e novamente seu rosto ruborizou.

— Eu tenho meus princípios. — Balbuciou, sem desviar o olhar da mesa. Parecia um animalzinho acuado. Se eu não conhecesse bem as mulheres e seus truques, seria capaz até de sentir pena.

Apoiei meu queixo nas mãos, observando aquela criatura tão singular, perguntando-me o que deveria fazer com ela. Eu poderia dispensá-la agora mesmo e arranjar outra do mesmo nível em questão de horas, que assinasse o maldito contrato sem hesitar. Entretanto, havia uma parte de mim que insistia em exigir que fosse ela, talvez aquela parte aventureira, que se recusava a perder. Foi esse meu lado que me levou a propor-lhe um desafio.

— Fazemos assim Srta. Vieira. Você se casa comigo, se muda para minha casa, sem que eu encoste um dedo em você até que me peça para fazer isso. — Ela finalmente ergueu seu olhar, encarando-me com espanto. — Se dentro de três meses você não me pedir que a leve para a cama, eu não apenas lhe dou o divórcio, liberando-a de qualquer compromisso comigo, como também concedo seu visto de permanência e de toda a sua família em nosso país, sem que seu pai ou você precisem cumprir com o tempo de trabalho na companhia. O que acha?

- Um visto permanente? — Ela parecia incrédula.  
— E irrevogável.  
— E isso será acrescentado ao nosso acordo por escrito?  
— Claro que sim.  
— Nesse caso eu concordo.

Ela parecia tão segura de si que chegava a ser espantoso. Realmente acreditava que podia viver comigo sob o mesmo teto sem ser persuadida a se entregar a mim. Modéstia parte, eu conhecia muito bem as mulheres e sabia exatamente como seduzir uma delas. Não era algo difícil. Eu tinha certeza que em uma semana a Srta. Vieira estaria gemendo de prazer em meus braços e conceberia o filho que eu precisava.

— James, por favor redija o documento acrescentando o que acabamos de combinar.

Imediatamente, meu advogado obedeceu, abrindo seu notebook para digitar um novo documento, que imprimiu minutos depois, enquanto a Srta. Vieira voltava a fitar a mesa.

— Ótima decisão. — Fiz questão de falar, esperando que ela me lançasse novamente aquele olhar atônito, porém, ela sequer se moveu, ignorando-me totalmente.

Eu a faria pedir perdão por isto quando a tivesse debaixo de mim, gozando como uma alucinada, devorando meu pau com sua vagina e pedindo por mais. As mulheres sempre queriam mais e eu daria tudo a ela, até que seu noivinho não passasse de uma lembrança muito distante em sua mente.

James entregou a ela cada um dos papéis, indicando onde devia colocar sua assinatura. Para finalizar a cerimônia, nada solene, o juiz proferiu um pequeno discurso, nos fez trocar as alianças e nos declarou marido e mulher, meus empregados, que serviam de testemunhas daquela bizarra união, nos parabenizando como se realmente fôssemos um casal.

— Pronto. Agora você é minha. — Falei, com a intenção de provocá-la, mas não deu certo, ela me ignorou novamente, como se nutrisse um imenso desprezo por mim.

Caralho, não seria tão fácil conseguir trepar com aquela criatura até que ela concebesse a porra de um filho. Ainda assim, eu acreditava que tinha feito a escolha certa e me recusava a me arrepender. Até porque não havia mais como voltar atrás, tinha mesmo que ser ela.

— Sra. Baker, espero que tenhamos uma boa convivência. — Falei. — Em nome disso, espero que seja rápida em ir até o subúrbio onde mora em busca de

seus bens pessoais, embora eu acredite que não seja necessário trazer muita coisa já que vai precisar de um guarda roupas novo. Aproveite esse tempo também para terminar sua relação com seu noivo, pois embora o que há entre nós não seja exatamente uma relação, agora você é esposa do presidente de uma importante companhia e a fidelidade é primordial. — Finalmente consegui capturar a sua atenção e o olhar com que ela me encarou, continha um ódio feroz. — Este é meu motorista Robert, ele vai te levar onde precisar ir e depois te deixará no meu apartamento, seu lar de agora em diante.

— Por três meses apenas. — Ela fez questão de me desafiar, mas em vez de me irritar, achei seu jogo excitante.

— Não, até você colocar meu filho no mundo. — A tristeza atravessou seu olhar. — Não sei se você notou isso enquanto lia o contrato que assinou, mas essa criança não será tirada de você. Após o processo de divórcio, os dois poderão morar onde você quiser e terão toda a assistência de que necessitarem. Você poderá dedicar o resto dos seus dias a educar nosso filho e a voltar para o seu noivo, se ainda o desejar. — Coloquei um tom de malícia nas quatro últimas palavras e a vi corar mais uma vez.

Definitivamente a Sra. Baker era uma mulher de reações intensas, talvez nossa convivência não fosse tão maçante quanto eu imaginava.

— Não preciso que seu motorista me leve. Vou de metrô. Pego seu endereço com a sua secretária. — Levantou-se novamente pronta para sair, tentando me confrontar mais uma vez. Além de intensa, ela tinha também um temperamento difícil, mas nada que com o tempo eu não pudesse controlar.

— Eu insisto. Robert vai te levar.

— Não precisa. Eu sei o caminho.

Ela estava quase alcançando a porta e sua teimosia despertou novamente a fúria dentro de mim.

— Sra. Baker! Pare aí mesmo! — Gritei tão alto que todos à mesa se assustaram, fitando-me atônitos.

Minha esposa parou, hesitou e então se virou.

— Sr. Baker, entenda que não será bom para a minha segurança chegar no Bronx em uma limusine. Sem mencionar que eu pretendo esconder toda essa palhaçada dos meus pais.

— Do noivo? — Ergui uma sobrancelha, fazendo minha melhor expressão de ameaça.

Ela expirou fundo, soltando o ar dos pulmões, deixando os ombros caírem, derrotada.

— Na verdade sim. Ainda preciso pensar sobre o que dizer a todos eles.

— Então pense em algo que envolva uma limusine, pois Robert vai te levar e trazer. Já que você considera isso perigoso, arranjurei alguns seguranças para acompanhá-los. — Ela abriu a boca para protestar, mas a interrompi antes que tivesse a chance de falar. — Agora vá e não me faça mais perder meu tempo com essa discussão.

Robert caminhou até ela, gesticulando para que o seguisse e finalmente minha digníssima esposa decidiu obedecer, indo atrás dele.

— Me sinto na obrigação de te desejar boa sorte. — James falou, arrumando sua valise, depois de observar toda a cena em silêncio, ao lado do juiz e de David.

— Eu me viro bem com as mulheres e com essa não será diferente.

— Eu receio que essa garota não seja igual às mulheres que você está acostumado a lidar. — Ele levantou-se pronto para sair, o juiz imitando-o.

Ambos apertaram-me a mão em despedida, trocaram algumas palavras formais comigo e deixaram a sala, seguidos por David que voltava ao seu posto perto do elevador, onde ficava diariamente fazendo a minha segurança.

Eu sentia o gosto da vitória na boca quando atravessei a porta que ligava a sala de reuniões à minha, indo direto para o frigobar em busca de uma bebida. Para algumas pessoas era antiético beber no trabalho, mas para mim era relaxante e ao mesmo tempo útil, pois o uísque deixava meu raciocínio mais rápido, propício para as transações que realizava diariamente.

Servi-me da bebida e me coloquei diante da parede de vidro, observando o pico dos edifícios lá fora, uma verdadeira selva de pedras, dentro da qual minha esposa estava nesse momento, sob a recomendada vigilância de Robert e de dois seguranças, o que me garantiria que ela não fugiria do seu compromisso comigo.

Parecia cômico o que acontecia, afinal era eu quem costumava fugir de qualquer compromisso com as mulheres.

Tentei imaginar o que ela inventaria para dizer ao noivo e à família, já que deixou claro que não falaria a verdade, mas naquele instante eu só conseguia pensar na reação do meu pai quando a conhecesse e soubesse que o neto que me forçava a dá-lo teria o sangue de uma faxineira brasileira. Eu não podia ter pensado em nada melhor para fazer aquele velho pagar por me desafiar.

## CAPÍTULO III

Acomodada no confortável assento revestido com camurça da limusine do Sr. Baker, o meio de transporte mais luxuoso em que já estive, eu era conduzida pelas movimentadas ruas de Nova Iorque, com dois seguranças usando terno, gravata e óculos escuros sentados diante de mim, embora não conseguisse enxergá-los realmente, já que tinha minha mente absorta por pensamentos.

Eu ainda tentava processar o que acabara de acontecer. Arriscaria acreditar que tudo não passara de um devaneio se a aliança de ouro maciço não estivesse pesando em meu dedo, tão real quanto as roupas que eu vestia.

Como era possível que eu saí de casa para trabalhar esta manhã, sem esperar que nada de diferente acontecesse e agora estava casada com Patrick Baker? Um homem tão poderoso que poderia me esmagar como um inseto se assim desejasse. Como fui permitir que isso acontecesse? Eu devia ter fugido daquela sala quando tive a chance, mas agora era tarde, todos os documentos foram assinados, não havia mais como escapar. Eu precisaria viver com ele debaixo do mesmo teto por longos três meses. Sem mencionar que, se desse bobeira, ainda corria o risco de me tornar mãe de um filho dele e ficar presa ao seu lado por muito mais tempo.

Caramba! Como isso foi acontecer?

Logo agora que Jacob acabara de me pedir em casamento.

Eu conheci Jacob pouco tempo depois de me mudar com minha família para os Estados Unidos, há dez anos. Na época era apenas uma menina de onze anos e ele, apesar de ter somente cinco anos a mais, já era um perigoso traficante de drogas, arrastado àquele mundo pelas circunstâncias de uma vida marginalizada pela sociedade e pela ausência de assistência por parte de um governo negligente aos moradores dos bairros economicamente carentes. Para um garoto que nasceu e cresceu no Bronx, convivendo com o tráfico de drogas, em meio a tantos criminosos, compreendendo a violência como uma forma natural de vida, é muito fácil seguir o caminho que Jacob seguiu. Para algumas pessoas era a única escolha.

Mas por mim ele mudou. Por amor a mim, ele parou de se drogar, abandonou o mundo do crime, arranjou um emprego honesto e voltou a estudar. Nosso amor transformou a sua vida, fez dele um homem melhor. O homem que aprendi a amar com o passar dos anos. Aquele que dedicava tanto amor a mim, que jamais

tive olhos para outro. Que me protegia dos perigos do Bronx quando eu precisava ir à escola à noite, já que sempre trabalhei durante o dia. O homem que mudou radicalmente sua vida por mim, a quem jurei amor eterno, a quem prometi que jamais deixaria de pertencer e agora estava casada com outro, duas semanas depois de ter aceitado seu pedido de casamento.

Por, Deus! O que eu ia dizer a ele? Se falasse a verdade Jacob mataria o Sr. Baker sem pestanejar e isso seria o seu fim, pois jamais concederiam liberdade ao assassino de um homem tão importante.

Meu estômago revirava à medida que eu pensava nisso.

Por mais que eu tentasse me convencer de que não deveria ter assinado aqueles papéis, em meu íntimo sabia que seria pior se não tivesse cedido à chantagem do Sr. Baker, pois um homem como ele seria capaz de tirar nossos vistos sem pensar duas vezes e seríamos obrigados a voltar para o Brasil, passar fome como passávamos lá. Meu chefe acabara de provar o quanto era um homem sem escrúpulos, capaz de nos expulsar do país sem perder um minuto do seu sono com isto. Eu só esperava que ele cumprisse com a parte do acordo na qual se comprometeu a me liberar desse casamento em três meses. A partir de então todos nós estaríamos livres para vivermos nos Estados Unidos pelo resto de nossas vidas. Eu só precisava inventar um pretexto para me afastar durante esse tempo e não me permitir cair na lábia do Sr. Baker. O que eu não considerava uma tarefa tão difícil.

Estava ciente de que ele investiria pesado em me levar para a cama, mas se eu tinha conseguido resistir as investidas de Jacob, o homem que eu amava, durante tantos anos de namoro, imaginava a um homem sem escrúpulos como aquele, que precisava comprar uma mulher para ter uma, embora eu soubesse que não precisava de nada disso, já que tinha as mais lindas mulheres se jogando aos seus pés, não apenas pelo seu dinheiro, ou pela sua posição social, mas porque era realmente uma das criaturas mais irresistíveis da face da terra, tão lindo e charmoso que não passava despercebido a nenhuma mulher com sangue nas veias.

Apesar dos seus trinta e poucos anos, era dono de um corpo atlético tão bem definido que seus músculos podiam ser vistos através dos paletós caros que usava. Tinha a pele naturalmente bronzeada; os olhos castanhos esverdeados; os cabelos escuros cortados bem curtos; o rosto másculo e bem desenhado e a boca mais sexy que eu já vi, carnuda, gostosa, capaz de despertar as mais sujas fantasias na mente de qualquer mulher. Não era só isso, o Sr. Baker exalava uma masculinidade crua em cada gesto seu, no tom da sua voz, na forma como

caminhava.

Eu podia me lembrar o quanto fiquei fascinada quando o vi pela primeira vez, há sete meses, quando fui substituir meu pai no trabalho na companhia. Passei dias tendo fantasias eróticas com ele, imaginando aquela boca gostosa percorrendo meu corpo inteiro. Mas logo isso passou, não apenas porque ele estava muito longe de mim, inalcançável, mas porque tinha uma péssima reputação. Não era segredo para ninguém na companhia o fato de que tinha muitas mulheres. Era visto com uma diferente a cada semana, todas lindas e ricas como ele, entretanto, jamais assumiu um compromisso com nenhuma delas. Isso deixava claro que gostava de variar, que não se apegava a ninguém e que era incapaz de amar. Essa foi a razão pela qual se casou comigo, para se assegurar de que depois que eu lhe desse um filho, voltaria para sua vida de solteiro sem problema algum, afinal não tinha me prometido amor, mas apenas fez um acordo comigo.

Infelizmente para ele, o Sr. Baker precisaria arranjar outra cobaia, pois eu não estava preparada para me tornar mãe, tampouco estava pronta para me entregar a um homem que não me amava. Um homem tão pretensioso que realmente acreditava ter o poder de seduzir e possuir todas as mulheres, inclusive a mim.

Nesse ponto, eu só podia lamentar por ele, pois a sua aparência de homem irresistível me enganou por apenas poucos dias. Depois que o vi pela primeira vez, não demorei muito para enxergar o cafajeste por trás da máscara, a mesma que ele acabara de deixar cair diante de mim.

A limusine adentrou o Bronx por volta das quatro horas da tarde. Como o dia estava ensolarado, com a temperatura elevada e estávamos em meio às férias de verão, havia muitas crianças brincando nas ruas, assim como grupos de adolescentes passeando por ali.

Como eu já esperava, a limusine se tornou o centro de todas as atenções, todos parando para observar o veículo luxuoso demais. Ainda bem que os vidros eram escuros e ninguém saberia que eu era a passageira.

Entretanto, não houve mais como esconder-me quando estacionamos diante do prédio onde vivíamos, um edifício residencial de dois andares, típico do lugar, com suas paredes marrons avermelhadas e grandes janelas em formato colonial bege.

Desci evitando olhar para outra direção que não a porta de entrada, pois sabia que estava sendo observada de todos os lados e para piorar a situação, os seguranças se recusaram a esperar do lado de fora, seguindo-me até a entrada do pequeno apartamento de dois cômodos onde morávamos, como se estivessem ali

não para me manter segura e sim para garantir que eu voltaria com eles e cumpriria o compromisso que assumi com o Sr. Baker.

Obviamente meu chefe mandou que eles agissem assim. Bastardo!

Pelo menos ficaram de fora do apartamento, sem que minha família os visse.

Encontrei minha mãe assistindo televisão no primeiro cômodo. Um recinto amplo, dividido ao meio por um balcão de mármore, sendo um lado a cozinha e o outro a sala.

— Saiu mais cedo? — Perguntou sem desviar sua atenção da novela.

— Onde estão o pai e a Silvia?

— Seu pai está dormindo e Silvia saiu com os amigos da escola.

Sentei-me em uma poltrona diante dela, capturando sua atenção. Até aquele momento ainda não tinha pensado em como justificar minha ausência, mas a mentira saiu espontaneamente, como se meu cérebro funcionasse melhor sob pressão.

— Mãe, o departamento de recursos humanos da companhia me transferiu para uma filial da companhia em Chicago, então precisarei ficar lá por um tempo, por três meses, mais especificamente.

Finalmente ela me dirigiu toda a sua atenção, lamentando o ocorrido.

— Por que isso agora? Aconteceu alguma coisa?

— Não. Foi apenas um remanejamento periódico que eles fazem.

— Ah, minha filha, onde você vai morar lá?

— A companhia tem um alojamento para funcionários braçais.

— Precisamos acordar seu pai. Você não pode viajar sem se despedir dele.

Vou ligar pra Silvia.

Putá merda! Se Silvia viesse veria os dois seguranças na porta.

— Não dá tempo, mãe. Tenho que pegar o voo em vinte minutos. Preciso que a senhora me ajude a arrumar as malas. Na hora que chegar lá eu ligo para ela.

Foi muito fácil convencer minha mãe, assim como ao meu pai.

Como eu nunca tinha dado motivo para desconfiarem de mim, nem passou pela cabeça deles que eu estava mentindo. E, como bons pais que eram, me ajudaram a arrumar a bagagem, enquanto me orientavam sobre a viagem.

Embora o Sr. Baker me recomendou a não levar muita coisa, eu precisava encher uma mala para não despertar a desconfiança de ninguém. Fiz questão de guardar o macacão de faxineira no fundo da bagagem, só para ter o prazer de devolver a ele quando findasse o prazo de três meses e eu tivesse minha liberdade de volta. Aquele macacão seria o símbolo da minha vitória sobre ele, além do que, representaria a prova de que ele não podia ter todas as mulheres

que queria. Pelo menos a mim ele não teria.

Ao deixar minha casa, fui direto para a escola pública do bairro, me despedir das crianças a quem dava aulas de dança duas vezes por semana. Uma atividade que realizava para relaxar e ao mesmo tempo levar um pouco de esperança àquelas crianças de origem tão humilde quanto a minha. Eu não era uma profissional, apenas inventava os passos aeróbicos que amava e os passava adiante.

Depois, veio a parte difícil: conversar com Jacob.

Se o conhecia bem, ele tentaria me convencer a ficar, ou se ofereceria para ir comigo. Dificilmente me deixaria partir assim sem mais nem menos.

Tentei convencer os seguranças e o motorista da limusine a me esperarem na esquina enquanto eu ia falar com meu noivo, mas eles eram irredutíveis e só pararam a banheira quando estávamos diante do *Opera House*, o hotel onde ele trabalhava como segurança.

Não houve como esconder, pois Jacob se encontrava em pé, diante da entrada, onde era seu posto. Estava lindo como sempre, usando seu uniforme preto, deixando os braços musculosos à mostra.

Por ser filho de uma mexicana com um americano, tinha os traços dos dois, com a pele morena, os cabelos negros lisos e os olhos castanhos. Sua alta estatura e o físico atlético lhe conferiam um charme especial.

Quando o conheci, há dez anos, Jacob era uma pessoa perigosa, conhecido como um dos mais violentos traficantes da área, temido por todos no Bronx. Começou a demonstrar interesse por mim quando eu ainda era adolescente, mas durante muito tempo o desprezei, por ele ser quem era e por mim ele mudou, parando de se drogar, trocando o crime por um trabalho honesto.

Era magnífico olhar para ele hoje em dia e ver homem maravilhoso que se tornou e mais magnífico ainda era saber que eu fui responsável por esse processo. Como ele costumava dizer: o nosso amor salvou sua vida.

Antes mesmo que eu saltasse do veículo, os olhos perspicazes de Jacob o examinavam, não com curiosidade como todos os outros, mas com uma desconfiança impressionante, que se transformou em espanto quando me viu saindo pela porta de trás.

— Olá. Podemos conversar um instante? — Indaguei, forçando meus lábios a se curvarem em um sorriso, tentando ocultar o quanto estava nervosa.

— Por que você tá numa limusine?

— Eu vou viajar.

Ele cravou seu olhar feroz em meu rosto, uma ruga profunda se formando em

sua testa à medida que sua fisionomia contraía.

— Como assim?!

— Fui transferida para a filial de Chicago. Mas será por apenas três meses. Logo estarei de volta.

Ele deslocou o olhar novamente para a limusine, a desconfiança refletida na sua expressão.

— E vai de limusine?

— Não. Quer dizer, sim. — Eu já imaginava que não seria tão fácil enganá-lo como foi com meus pais. Minha vontade agora era de falar toda a verdade e deixar que ele arrancasse a cabeça de Patrick Baker, mas eu não podia fazer isso, pois essa seria a fora mais cruel e definitiva de perdê-lo. — Foi uma emergência. Eu não entendi direito. Parece que vamos pegar a mãe de um dos executivos da companhia no caminho para o aeroporto. Por isso a limusine.

Um frio se manifestou na boca do meu estômago, por temer que ele não acreditasse.

Jacob alternou seu olhar de mim para a limusine várias vezes, claramente desconfiado, até que por fim pareceu se convencer, quando então veio o segundo problema: sua possessividade.

— Eu não quero que você vá. Peça as contas.

— Você sabe que eu não posso fazer isso. Nosso visto de permanência nos Estados Unidos depende desse trabalho. Eu preciso cumprir o contato de quatro anos.

— Porcaria de contrato! Recuso-me a ficar três meses sem você.

— Passa rápido. Quando menos esperarmos já estarei de volta.

Nesse momento, alguém chamou a atenção dele lá de dentro do saguão, repreendendo-o por estar conversando comigo no horário do expediente.

Sem responder, ou mesmo olhar na direção do seu superior, Jacob segurou-me pelo braço e saiu me puxando, afastando-nos da porta do hotel.

Novamente um frio passeou pelo meu estômago, por temer que os seguranças vissem sua atitude como algo hostil, já que meu noivo tinha gestos naturalmente bruscos e saíssem do carro para vir em meu socorro. Aí sim, seria impossível convencer Jacob de que aquilo era só uma mudança de cidade.

Felizmente não aconteceu.

Jacob nos fez parar logo adiante e acendeu um cigarro, o único vício que não conseguiu abandonar.

— Isso não vai dar certo. Não posso permitir que fiquemos afastados tanto tempo. Vou pedir as contas e me mudar pra Chicago. Chegando lá dou um jeito

de me arranjar.

*“Caramba! Agora ferrou!”*

— Não cometa essa loucura. Lembre-se o quanto foi difícil pra você conseguir essa vaga aqui, onde pode ficar perto de casa e de mim. — Eu o abracei pela cintura, colando meu corpo no seu, pois conseguiria ser mais persuasiva se seus pensamentos fossem sabotados pelo desejo que o contato comigo lhe despertava. — Fique aqui e me espere, eu prometo que volto pra você. Segura esse trabalho porque é ele que vai garantir que você esteja sempre perto de mim.

Então, ele me abraçou de volta, me fazendo ficar pequena entre seus braços grossos. Enterrou seu rosto nos meus cabelos, aspirando fundo, para em seguida escorregar seus lábios até os meus, beijando-me apaixonadamente.

— Eu te amo tanto... — Sussurrou na minha boca.

— Eu também te amo.

— Promete que vai voltar pra mim. Que vai me ligar todos os dias e durante esses meses nenhum outro homem vai te tocar.

— Sim, eu prometo. Você sabe que sou só sua, meu amor.

E selamos a promessa com mais um beijo de tirar o fôlego.

Jacob demorou para me soltar. Mesmo quando meu corpo se afastou do seu, sua mão segurava a minha e continuou nela até que a distância não mais permitiu o contato e apressei os passos na direção da limusine.

A sensação que eu tinha era de que uma carga pesada acabava de se instalar sobre os meus ombros. Culpa, remorso, medo, tudo me corroendo por dentro ao mesmo tempo, num turbilhão insuportável, sem que eu soubesse o que era pior: ter mentido para o homem que eu amava, ou imaginar o que ele seria capaz de fazer se descobrisse a verdade.

Era a primeira vez na minha vida que eu mentia, pelo menos uma mentira grande como aquela e isso me incomodava. Duvidava que me permitisse dormir quando a noite chegasse.

Entrei de volta no luxuoso veículo e fiquei observando o rosto contraído de Jacob, sem que ele me enxergasse, até que desaparecemos ao dobrar uma esquina.

Fomos direto para o apartamento do Sr. Baker, localizado na cobertura de um suntuoso e moderno edifício em West Village, onde me senti pouco à vontade em meio às pessoas vestidas com elegância que entravam e saíam, situação agravada pelo fato de que um dos armários em forma de segurança insistiu em me acompanhar elevador acima, carregado minha bagagem.

Fui recebida por uma mulher com cerca de quarenta anos, alta e muito magra. Sua aparência chegava a ser estranha por causa da pele excessivamente clara, em contraste com os cabelos pretos, presos em um coque impecável, sem nenhum fio solto. Se vestia com elegância, tinha uma postura altiva e me examinou dos pés à cabeça, sem disfarçar o desdém pela minha aparência chula.

Não fiz questão de me produzir para ir àquele lugar, usava uma bermuda jeans surrada e folgada, camiseta de malha branca e tênis. Meus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo e não usava maquiagem alguma.

— Olá. Sou Fernanda Vieira. — Falei, desconcertada com aquela forma reprovadora como ela me estudava, como se eu fosse um verme pavoroso.

— Sei quem você é. O Sr. Baker me avisou que viria. — Fez um gesto delicado demais na direção da grande sala, como se desse passagem à mim e ao segurança que me seguia com as malas.

Ao deixar o elevador, fiquei impressionada com a suntuosidade do apartamento. A sala onde estávamos cabia uns dez apartamentos iguais ao que eu morava com minha família; era decorada com móveis caros e modernos; havia esculturas esquisitas pelos cantos e quadros abstratos nas paredes; o chão brilhava tanto que chegava a ser reluzente.

— Onde devo colocar a mala? — O segurança quis saber.

— Venham comigo. — A mulher falou, caminhando com altivez e muita delicadeza, com nós dois a seguindo. Subimos uma pequena escada, dando em uma porta que ela abriu para adentrarmos o quarto mais luxuoso que eu já vi. — Este é o quarto do Sr. Baker. Pode deixar a bagagem aqui.

Ela não podia estar falando sério.

— Deve haver algum engano. Não vou ficar hospedada no quarto do Sr. Baker. — Protestei. — Onde fica o quarto de hóspedes?

A mulher me encarou com olhos arregalados, claramente surpresa, o que me levou a supor que desconhecia a verdadeira situação. Mas sua reação foi rápida, logo seu rosto voltou a ficar inexpressivo. Virou-se para o segurança e com aquela sua irritante delicadeza, falou:

— Pode ir Michael.

— Sim. — O segurança saiu e a mulher fechou a porta pelo lado de dentro.

Afinal quem era ela?

— Sra. Baker, deixe eu me apresentar, sou Melanie, governanta e secretária pessoal do Sr. Baker. — Eu ia dizer que era um prazer conhecê-la, mas ainda estava refletindo sobre a forma como ela me chamou. — Ele me deu ordens de que eu deveria instalar a senhora neste quarto e costume cumprir minhas ordens.

— Foi até um closet enorme, retornando com um vestido elegantíssimo, brilhante, pendurado em um cabide. — Ordenou também que a senhora vista isto e o espere para o jantar às sete em ponto. Alguma preferência para a comida?

“*A cabeça do Sr. Baker fatiada com legumes?*”

— Não vou usar esse vestido, não é meu estilo. Também não vou ficar neste quarto. Onde fica o quarto de hóspedes?

— Não tenho permissão para lhe dar essa informação. Com licença.

Altiva e inabalável, ela deixou o quarto.

Apesar de me sentir aflita, foi impossível ignorar o luxo que me cercava. O quarto amplo tinha uma parede inteira de vidro, com um terraço e vista para Nova Iorque; havia poltronas estofadas brancas que pareciam saídas de um filme dos anos vinte; aparelhos eletrônicos de última geração ocupavam um estante enorme; a cama era gigantesca, forrada com lençóis de cetim creme.

Me perguntei porque uma pessoa que morava sozinha precisava de tanto espaço.

Olhei para o vestido que Melanie deixou estendido sobre a cama, era preto, longo, brilhante e bastante decotado, tão requintado quanto tudo mais ali, combinava com o cenário.

Se o Sr. Baker me mandou usá-lo, era porque tinha planejado um jantar romântico durante o qual pretendia tentar me seduzir. Pobre Sr. Baker, realmente não sabia com quem estava lidando. Obviamente outra garota qualquer se deslumbraria com tanto luxo e se deixaria cair na sua teia de sedução, mas eu não era uma garota facilmente impressionável e tinha planos diferentes para este jantar. Planos estes que talvez contribuíssem para a decisão do meu marido em aligeirar nosso processo de divórcio.

## CAPÍTULO IV

Se o Sr. Baker queria jantar com uma garota sensual e sofisticada, obviamente para criar uma atmosfera de romantismo e tentar me persuadir a quebrar o nosso pacto, eu lhe daria o oposto disso, o faria jantar com uma garota que não lhe inspirasse nem uma cantada ensaiada.

Pensando nisso, tomei um banho relaxante, no seu banheiro cujo espaço poderia ser ocupado por uma família inteira e fuzei minha mala em busca da roupa mais tosca e deselegante que havia nela, quase optei por vestir o macacão de faxineira, mas isso seria patético, então escolhi uma calça de moletom cinza desbotada, velha e folgada e joguei uma camisa de flanela com mangas compridas por cima. Fiquei parecendo uma das viciadas em craque do Bronx. Para completar, preendi os cabelos na altura da nuca e desorganizei alguns fios na frente. Estava pronta. Pouca coisa diferente de uma mendiga.

Alguns minutos depois, estava seriamente cogitando abrir a porta embutida naquela parede de vidro, para ir apreciar a vista da cidade da varanda, quando a porta do quarto se abriu e meu ilustríssimo marido entrou, carregando sua valise de couro cara, usando o mesmo terno com que estava esta tarde quando nos casamos.

Tentei ignorar o fato de que seu rosto estava ligeiramente cansado e abatido.

No instante que avançou pelo cômodo ele percorreu o olhar pelo meu corpo, de cima à baixo, para em seguida olhar o vestido lindo estendido sobre a cama.

— Boa noite. — Disse, pousando lentamente sua valise sobre uma poltrona.

— Boa noite. — Respondi, assumindo uma postura desafiadora, à espera de que ele me repreendesse por não estar usando o vestido.

— Como foi lá com seus pais e com seu noivo? — Sua voz era mansa e gentil, muito diferente de como se dirigia aos funcionários na companhia, o que despertou meu sinal de alerta para o fato de que ele já estava representando, a fim de me seduzir e me levar para a cama.

O Sr. Baker era um homem experiente, eu precisava estar sempre em alerta na presença dele.

— Não foi tão difícil. Disse a eles que fui transferida para a filial de Chicago e que estarei de volta em três meses.

O canto da boca dele se curvou em um meio sorriso cínico, como se debochasse de mim, o que atçou minha irritação.

— E o que você vai inventar quando se passarem três meses e você não estiver lá?

Foi a minha vez de sorrir, forçosamente, apenas para mostrar a ele que sua auto confiança não me abalava.

— Acontece que não há a mínima possibilidade disso acontecer. Em três meses eu estarei com as pessoas que me amam.

— Você é muito auto confiante.

— Não tanto quanto o senhor.

— Não me chame de senhor. Somos casados. — Ele me mostrou o dedo que carregava a aliança.

— Não é um casamento de verdade e é exatamente por isso que preciso dizer que sua governanta cometeu um grande equívoco ao trazer minha mala para o seu quarto. Por favor peça a ela que me mostre onde fica o quarto de hóspedes.

— Não há equívoco algum. Eu mandei ela instalar você aqui.

— Mas acontece que não posso ficar aqui com o senhor. Temos um acordo.

Ele reduziu a distância entre nós, colocando-se tão perto que o cheiro do seu perfume caro misturado com suor me alcançou, me parecendo espantosamente agradável.

— Sim, temos um acordo, no qual agora somos marido e mulher, portanto devemos dormir no mesmo quarto.

— Mas e os três meses?

— Essa parte continua de pé. Porém, ela não te concede o direito de dormir em outro quarto que não seja o meu. Eu te prometi que não vou transar com você até que você me peça e vou cumprir minha palavra, mas dormirmos juntos faz parte do matrimônio, você não pode se recusar a isso sem quebrar a sua parte do acordo. — Bufei, injuriada, com vontade de dizer-lhe um punhado de palavrões, mas ele não merecia que eu me rebaixasse. — Qual o problema, Fernanda? Não consegue passar a noite na mesma cama com um homem sem transar com ele?

Agora ele foi longe e não mais consegui conter minha raiva.

— Vai pro inferno, Sr. Baker.

Ele simulou uma expressão escandalizada, se mostrando sarcástico.

— Wow! Que boca suja Sra. Baker. O que devo fazer com você?

— Me deixar ir embora?

— Mas a porta não está trancada, você pode ir embora quando quiser, só não se esqueça de que precisará arcar com as consequências disso. — Engoli em seco. — E o vestido, não está ao seu gosto?

— Sr. Baker...

— Me chame de Patrick. — Ele me interrompeu.

— Sr. Baker, eu concordo em dormir no seu quarto, embora não garanta que seja na sua cama, mas marido algum nesse mundo tem o direito de obrigar a esposa a se vestir como ele quer.

Ele me observou em silêncio por um instante antes de falar.

— Você está certa, não posso te obrigar a mudar seu visual deplorável. Ainda assim, vou te dar um cartão de crédito e espero que você tenha o bom senso de usá-lo. — Ele estava sendo sincero demais, para um homem que pretendia seduzir uma mulher, definindo meu visual como realmente era. — Quanto a mim, vou tomar um banho. Estou precisando. — Ele afrouxou o nó da gravata e tirou o paletó. — Como prometi em nosso acordo, vou prestar assistência à sua família. Ainda não sei como. — Puxou a bainha da camisa de dentro da calça e abriu os botões, devagar, revelando o tórax rijo, coberto por músculos bem definidos, lindos! — Vou conversar com meu advogado para saber se existe um meio de inventarmos um tipo de seguro desemprego por curto prazo de serviços prestados, porque se eu começar a dar dinheiro a ele sem uma explicação aceitável, ele vai desconfiar que você não está em Chicago.

Ele continuava falando enquanto se despia, peça por peça, como se aquilo fosse totalmente natural. Quando tirou a camisa, vi a tatuagem que cobria todo o seu antebraço, do ombro até o cotovelo, o desenho de uma mulher nua, com cabelos negros esvoaçantes e asas de anjo, segurando um coração sangrando pendurado em uma corda, com um sol vermelho atrás. Era linda e ficava muito bem nele, combinava com seus braços fortes, tão musculosos quanto o resto do seu corpo malhado.

Definitivamente o Sr. Baker não parecia um homem com trinta e tantos anos de idade, mas sim um garoto de vinte. Seu corpo era perfeito, atraente como um oásis no deserto, com uma camada de pelos negros, muito espessa, cobrindo o peito musculoso e uma trilha de pelos da mesma cor partindo do seu umbigo, passando por seu abdômen achatado até sumir no cócs da calça que ele acabava de descer pelos quadris, revelando a cueca preta, muito colada, que ressaltava a silhueta de quadris estreitos, bem desenhados, um volume muito grande na frente e deixava à mostra as coxas grossas e firmes, também peludas.

Sem sombra de dúvida era o corpo mais glorioso que eu já vi e imaginei quantas mulheres gostariam de estar ali no meu lugar agora e quantas já estiveram.

Fiquei petrificada, sem conseguir desviar minha atenção daquele corpo, examinando cada detalhe, extasiada com a masculinidade crua e viril que

exalava, até que, subitamente, o ar se tornou mais difícil de puxar, ao passo que um formigamento estranho e gostoso acontecia na altura do meu ventre, sem eu que compreendesse porque estava reagindo assim, afinal ele não era o primeiro homem que eu via só de cueca.

O Sr. Baker continuava falando sobre uma forma de pagar um plano de saúde para o meu pai, até que sem mais nem menos, introduziu os dedos no cóis da cueca e a puxou para baixo, quando então, me virei de costas muito depressa, antes que desse tempo de ver tudo.

— Qual o seu problema? Nunca viu um homem pelado? — Havia um sarcasmo muito discreto no tom da sua voz. — Não vai me dizer que você ainda é virgem.

Porra! Como ele podia deduzir aquilo? Estava tão evidente assim?

Senti minha face corando, como se todo o meu sangue se concentrasse ali.

O Sr. Baker se referia à virgindade como se ela fosse um defeito grave. Quanto a mim, não pensava assim, era questão de esperar pela pessoa certa.

— Claro que não sou virgem, que bobagem. — Menti, ocultando meu nervosismo. — Apenas não acho descente ficar olhando a nudez de um homem com quem, na prática, não tenho nada. Sem mencionar que tenho um noivo me esperando. Isso não seria certo.

— Errado! Você é esposa de alguém e é a esse alguém que deve fidelidade, portanto, seria errado olhar para a nudez do seu ex noivo. — Ouvi o arrastar dos seus passos se aproximando de mim. “*Ai meu Deus!*”. Era embaraçoso saber que ele estava completamente nu logo às minhas costas. — Quanto a não termos nada na prática, podemos resolver isso agora mesmo, se você quiser.

Aproximou-se outro passo. Caramba! Estava quase me tocando!

Pigarreei antes de falar, só para me certificar de que as palavras saíam.

— Acontece que eu não quero. — Dei um passo à frente, quase batendo de cara na parede. — Portanto não me toque sem que eu peça. Esse é o nosso acordo.

Ouvi quando ele respirou fundo, derrotado.

— Tudo bem, eu posso esperar. Tenho pressa, mas nem tanta.

Com isto, afastou-se, entrando no banheiro e só então soltei o ar dos meus pulmões, voltando a respirar normalmente.

Sentei-me na cama completamente atônita e confusa com a forma como meu organismo reagiu à sua nudez. Isso era tesão, puro e simples e serviu como alerta para que eu tomasse muito cuidado com aquele homem, pois ele era tentadoramente irresistível, o que explicava porque havia tantas mulheres aos

seus pés.

Não esperei para ver meu marido nu novamente quando deixasse o banheiro e arrisquei a abrir as gigantescas portas de vidro que davam para a sacada. O espaço era grande, cercado por uma mureta de vidro com corrimão em madeira trabalhada, decorado com poltronas e mesas em estilo africano, confeccionadas com palha, forradas com almofadas grossas. Havia também vasos com plantas raras. Porém o que mais impressionava era a vista. Dali podia-se ver os picos dos edifícios residenciais de West Village até perder de vista, sendo que o plano de fundo era os picos dos grandes prédios comerciais de Manhattan e todo seu esplendor. Como era noite, tudo parecia se misturar e um imenso tapete de luzes brilhantes, embora fosse possível distinguir cada lugar.

Ouvi os passos do Sr. Baker quando deixou o banheiro e me senti perigosamente tentada a me virar para olhar, de modo que não consegui me conter por muito tempo e olhei. Pretendia lançar apenas um olhar rápido, contudo, como ele estava de costas, continuei observando-o, fascinada com sua beleza. Estava só de cueca, com as costas musculosas e largas à mostra, onde havia outra tatuagem, de uma cruz, o que me levou a me perguntar se aquelas imagens tinham algum significado para ele. Aproveitei para examiná-lo com mais atenção, constatando o quanto seus músculos pareciam duros, do tipo que dava vontade de tocar para ter certeza. A bunda era empinada, musculosa e tentadora. Era impossível não imaginar como seria por baixo da cueca.

Após percorrer os dedos pelos cabelos curtos e molhados, ele vestiu a calça de moletom e a camiseta de malha branca que já havia separado. Usou o telefone fixo para fazer uma rápida ligação, que não consegui ouvir devido à distância e se virou para mim, flagrando-me a observá-lo, o que me fez corar de vergonha.

— Podemos ir? — Indagou, aproximando-se.

— Claro. — Ele abriu a porta do quarto, cedendo-me passagem antes de se colocar a meu lado enquanto descíamos as escadas. — O senhor não pode reclamar tanto da minha aparência, pois a sua não está tão melhor.

— Na verdade, por ser um cavalheiro, não quis deixar você em desvantagem e decidi seguir seu estilo deplorável. — Atravessamos a grande sala, adentrando outra menor, decorada com uma mesa de jantar sob um imenso lustre oval. O Sr. Baker se acomodou na cabeceira do móvel, enquanto eu ocupava o lugar ao lado, que deduzi ser onde eu deveria me sentar já que era onde estava o outro prato. — Contratei uma cozinheira brasileira para servir melhor ao seu gosto, mas ela só vem amanhã. Por hora mandei que preparassem um prato típico do seu país, carne de sol com feijão verde e vinagrete. Gosta?

Por Deus! Quanto tempo eu não comia carne de sol! Um prato que adorava, mas que não se encontrava facilmente neste país, principalmente o feijão verde.

— Não preciso de nada disso. Estou acostumada a me adaptar ao ambiente onde me encontro. Como o que tiver. — Me recusei a deixá-lo saber que tinha acertado em cheio, na intenção de me agradar, para que não se sentisse encorajado a continuar.

Logo Melanie se aproximou com um largo sorriso nos lábios, muito diferente da carranca que demonstrou quando cheguei. Seus olhos perspicazes não deixaram de notar que eu não usava o vestido.

— Posso mandar servir o jantar, Sr. Baker?

— Sim Melanie. Não esqueça de perguntar à Sra. Baker o que ela deseja beber.

O sorriso dela murchou tão depressa que chegou a ser engraçado.

— O que a Sra. deseja beber, Sra. Baker?

— Água. — Limitei-me a dizer.

Eu não sabia se conseguiria viver três meses cercada por tanta paparicação. Não estava acostumada com isso.

— Fernanda, devo lhe dizer que temos um excelente estoque de vinhos. — Meu marido interveio.

— Não gosto de vinho. — Menti. — Só a água está bom.

Assim que ele assentiu, Melanie desapareceu para outro cômodo, para que em seguida, uma mulher parruda, vestida com um uniforme de empregada doméstica entrasse carregando a gigantesca bandeja com a comida. Parecia tão pesada que quase me levantei para ajudá-la.

Serviu a mesa com aquela delícia que há tanto tempo eu não experimentava, o aroma me dando água na boca.

— Fernanda, essa é nossa cozinheira Salie.

— Como vai Salie?

A mulher respondeu ao cumprimento com um amplo sorriso, parecendo-me muito mais simpática que Melanie.

— Foi ela que fez essa mágica de trazer um pedacinho do Brasil para nossa mesa.

— Obrigada Salie. Está tudo perfeito.

— Obrigada Sra. Baker. Não hesite em me dizer o que deseja comer. Com licença.

Retirou-se.

De repente lembrei-me que meu marido disse que arranjaría uma cozinheira

brasileira para mim, o que significava que aquela mulher podia perder seu emprego por minha causa.

Fingindo dar pouca importância ao fato, comecei a me servir da comida.

— Não precisa demitir Salie para me arranjar outra cozinheira. Pelo pouco que vi, deu pra deduzir que ela é muito competente. Não merece perder o emprego.

— Ela não vai perder o emprego. Você terá duas cozinheiras à sua disposição.

Caramba! Ele realmente estava a fim de ter esse filho comigo. Pena que eu não era tão influenciável assim.

A comida estava simplesmente divina, mas não deixaria que ele soubesse a minha opinião sobre isso.

— Eu não estou acostumada a viver sem fazer nada, será um problema para o senhor se arranjar um emprego?

— Isso não será possível. No sábado vou te levar pra conhecer meu pai e no domingo viajaremos em lua de mel por uma semana. Quando retornarmos, você pode voltar a estudar se quiser, mas trabalhar não.

Eu o fitei incrédula, sem saber se ficava chocada ou furiosa. Como ele se atrevia a programar uma viagem sem me consultar antes? Para onde raios pretendia me levar?

— Não acredito que seja necessário uma lua de mel considerando as circunstâncias que motivaram esse casamento. — Bebi um grande gole da água, me forçando a manter a calma.

— Pelo contrário, são exatamente as circunstâncias que pedem uma boa lua de mel. Sem mencionar que estou precisando tirar umas férias. Há anos não faço isso.

Ele jogaria todas as cartas para conseguir o que queria e até ali eu não podia fazer nada que não ser forte e rejeitá-lo sempre, não importando onde ou como estivéssemos.

## CAPÍTULO V

Assim, respirei fundo várias vezes e contei até dez mentalmente, acalmando a raiva nas minhas veias.

— Já que o senhor é um marido tão democrático a ponto de decidir tudo sozinho, posso pelo menos saber para onde vamos? — Eu estava sendo sarcástica.

Ele pousou seu garfo no prato e apoiou o queixo nos polegares, seus olhos castanhos esverdeados refletindo uma expressão reflexiva.

— Primeiro cogitei irmos para o Brasil, por causa das suas belas praias e pelo fato de que talvez você gostasse de rever algum parente, mas pensei melhor e concluí que se você se mudou para os Estados Unidos, foi porque não gosta de lá. Então decidi que vamos para Porto Cervo, na Itália. Já estive lá antes, é um lugar paradisíaco, com belas praias. Você é brasileira, gosta de praia, não é? — Parou para ouvir minha resposta e lhe lancei o melhor sorriso de “quanta consideração em perguntar”, com sarcasmo, claro, já que ele não teve a consideração de me consultar antes, ou sequer me dava a opção de escolher ir ou não. Mas ele ignorou minha insatisfação e continuou falando. — É um lugar perfeito para passeios de barcos. Já fiz as reservas no melhor hotel e aluguei um iate. acredite: você vai gostar. — Sua última frase possuía um sentido dúbio e um claro tom de malícia.

Obviamente o Sr. Baker já tinha levado suas amantes para fazer sexo selvagem nesse lugar e acreditava que todas se excitavam com o luxo, a distância de casa, a excentricidade e um homem como ele usando sunga de praia o tempo todo, a receita perfeita para levar uma mulher a perder a linha e pular na sua cama, mas infelizmente eu teria que desapontá-lo.

Após o delicioso jantar, meu marido me convidou para ir conhecer o restante do apartamento e quando eu pensei que a sacada do seu quarto era a parte mais encantadora do imóvel, ele me conduziu até o terraço, onde havia uma piscina a céu aberto, com plantas e espreguiçadeiras estofadas em volta. Porém, o que realmente me encantou foi o fundo, que ao clicar de um botão no controle remoto, podia ser aberto e ficar transparente, de modo que se podia ver o quarto dele através da água, ou enxergar a piscina enquanto se estava no quarto.

Dali, a vista da cidade era inda mais ampla e impressionante.

— Impressionante as coisas que o dinheiro pode comprar. — Falei, recostando-me na mureta de madeira, observando as luzes da cidade, com a brisa suave desgrenhando um pouco mais meus cabelos.

— E isso tudo pode ser seu, quando tiver nosso filho.

Suas palavras me irritaram profundamente, porque me fizeram ver que ele me mostrava tudo aquilo com a intenção de me comprar. Era mesmo um imbecil!

— Mas não compra tudo, Sr. Baker. Nem todo o dinheiro do mundo me fará te dar um filho. Isso não pode ser comprado.

— Você está aqui, não está?

Minha vontade foi de avançar para ele e arrancar seus olhos com minhas unhas.

— Não estaria se tivesse opção e isso não significa que estou me vendendo, mas apenas cedendo a uma chantagem barata de um homem inescrupuloso.

Vi a raiva se refletir na expressão dos seus olhos.

— Não haveria chantagem se não tivesse dinheiro envolvido. Não se ache no direito de me xingar por causa disso, pois vir para um país sem a permissão do seu governo não é menos inescrupuloso do que o que estou fazendo. Para falar a verdade acho minha proposta bastante vantajosa para uma moça como você.

Bastardo! Como podia pensar assim?

Minha raiva era tão grande que não consegui encontrar palavras para expressá-la.

— Vai pro inferno Sr. Baker! — Falei, entre dentes e tentei me afastar, quando então ele me deteve, segurando-me firmemente pelo pulso.

— Então é isso? Você vai me mandar ir pro inferno todas as vezes que eu disser algo que você não concorda?

— Sou capaz de te mandar ir pra lugar pior. Se não estiver satisfeito, arranje outra pra se casar! Tenho certeza que pretendentes não vão faltar.

— Acontece que eu não quero outra. Quero você.

— Por que?

Muito vagarosamente, a desconfiança me invadiu, me levando a acreditar que havia mais do que eu sabia por trás daquela história. Ele não me escolheu por acaso. Havia uma razão para isto, mas qual? O que um homem como ele podia querer de uma garota como eu?

Ele ficou me encarando em silêncio, como se não soubesse o que responder, o que serviu para atizar ainda mais minha desconfiança.

— Me diga Sr. Baker. — Exigi, puxando meu pulso da mão dele. — Por que eu e não uma grota que estivesse à sua altura?

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça de moletom, como se estivesse embaraçado.

— Eu já te falei isso. Porque sei que você e sua família precisam de mim e quis ajudar. Só você não enxerga que o que estou lhe oferecendo é o melhor para todos.

Realmente, ele já tinha me dado aquela justificativa antes, entretanto, eu já não sabia se devia acreditar. Provavelmente sim, pois não conseguia pensar em nada que ele pudesse querer de mim.

— Estou cansada. Se o senhor me der licença, gostaria de ir dormir.

— Claro. Eu também já vou.

Putá merda! Só então me lembrei que precisava dormir junto com ele. Merda! Merda! Merda!

Tensa, desci as escadas do terraço com ele me seguindo de perto e entramos no quarto. Vasculhei o cômodo amplo com o olhar e constatei que a poltrona maior me caberia, então seria ali que ia dormir.

— Se quiser usar o banheiro primeiro, fique à vontade. — Meu marido voltou a ser o cavalheiro galanteador de antes.

— Obrigada. — Soltei, com deboche e quando procurei minha mala pelo quarto, descobri que ela tinha desaparecido. — Onde estão minhas coisas?

— Mandei que Melanie jogasse fora. — Ele falou com uma naturalidade espantosa, para quem acabava de jogar fora todos os pertences de outra pessoa.

— O senhor está brincando, não é? — Eu estava incrédula.

— Na verdade não sou um homem que costuma brincar. Mas salvei seus documentos e objetos pessoais. Só as roupas foram para o lixo. — Eu estava tão perplexa que nem encontrava palavras para rebater aquilo. — Mas não se preocupe, você não ficará nua, como deve estar imaginando. Melanie é muito eficiente e foi às compras enquanto jantávamos. Não deu tempo de trazer muita coisa, mas aposto que você vai encontrar algo confortável suficiente para passar a noite. Está tudo no closet.

— O senhor é um homem desprezível. — Falei devagar, ainda incrédula.

— Por que? Por comprar roupas novas para minha esposa?

Ele começou a se despir e antes que ficasse completamente nu na minha frente de novo, fugi para o closet.

O espaço era enorme, abarrotado de ternos caríssimos, sapatos e acessórios, muitos deles.

Em um dos compartimentos vi as roupas femininas, aparentemente as que Melanie comprara. Tratava-se de meia dúzia de vestidos sofisticados, dois para a

noite, os outros mais leves para o dia; sandálias e scarpins de marcas renomadas e, como não podia deixar de ser, algumas roupas íntimas mais que sensuais. Notei que tudo tinha o meu tamanho. Na certa a mulher verificou o número nas roupas que eu trouxera e eu não podia nem amaldiçoá-la por isto, afinal estava apenas cumprindo as ordens do seu chefe. Mas ele estava me subestimando se realmente acreditava que eu usaria aquilo.

Não toquei em nada daquilo, voltando para o quarto vestida como estava.

Encontrei o Sr. Baker deitado, com o peito escandalosamente sexy, à mostra e o resto do corpo oculto sob os lençóis. Tinha sua atenção concentrada na tela de um computador e pareceu não notar, ou não se importou, quando peguei um travesseiro da cama e me acomodei na poltrona maior, deitando-me na posição fetal, como costumava dormir.

Era a primeira vez que dormia fora de casa e a tristeza que me tomou naquele momento foi dolorosa, a saudade da minha família pesando dentro de mim. Naquele instante minha mãe estava assistindo suas novelas, com meu pai ao seu lado e Silvia, como sempre, tinha saído. Se estivesse lá, eu estaria em meu quarto lendo, ou conversando com Jacob por telefone, já que era feira e costumávamos sair à noite apenas nos finais de semana.

Senti a saudade apertando em meu peito, quase me sufocando e cheguei à conclusão de que precisava ouvir a voz deles, ou não conseguiria dormir. Restava encontrar disposição para falar com o Sr. Baker e perguntar se meu celular foi salvo junto com meus documentos.

— Fernanda, querida, por que você está no sofá? — A voz do meu marido ressoou pelo cômodo, com tanto cinismo que chegava a ser inacreditável.

— Não me chame de querida, Sr. Baker. — Resmunguei, com tristeza.

— Só isso? Pensei que fosse me mandar ir pro inferno de novo. — Fiquei calada, remoendo minha tristeza e logo ouvi seus passos deixando a cama, aproximando-se de mim. — Qual o problema?

Sua voz estava muito perto, às minhas costas, como se ele estivesse agachado ao lado do sofá e temi me virar, por receio de me deparar com sua nudez a tão pouca distância.

— Preciso ligar para os meus pais. Onde está meu celular?

— Por que quer ligar pra eles?

— Por que estou com saudades.

— Mas você acabou de sair de casa.

— Eu nunca dormi fora de casa antes.

No momento que se seguiu, um silêncio profundo se instalou no quarto e

imaginei o que o Sr. Baker estaria pensando de mim depois de ouvir aquilo. Mas isso pouco me importava. Ele tinha me afastado das pessoas que eu amava e o odiava por isto.

— Venha cá. Vamos resolver essa sua carência afetiva agora mesmo.

Sem aviso prévio, ele enfiou seus braços por sob meu corpo e me ergueu do sofá, carregando-me com facilidade para a cama, meu rosto se aninhando no seu peito largo, o cheiro gostoso de sabonete masculino penetrando minhas narinas, perturbadoramente, o contato com seu corpo sólido despertando algo indefinível e gostoso dentro de mim, ao mesmo tempo em que eu entrava em pânico, imaginando o que ele planejava fazer.

— Lembre-se do nosso acordo Sr. Baker. Nada de sexo até que eu lhe peça.  
— O lembrei, alarmada.

— Não se preocupe com isso, sou um homem de palavra. Vou esperar até que me peça e sei que não será hoje. Mas não abro mão de que minha mulher durma na mesma cama que eu. — Estendeu-me sobre a cama, afastando-se para ir até o criado mudo, de onde tirou meu velho celular.

Usava apenas uma cueca, agraciando-me com a esplêndida visão do corpo másculo e lindo.

— Aqui está seu telefone. — Estendi a mão para receber o aparelho e já ia abrir a boca para agradecer, mas ele não me entregou, continuou segurando-o perto do seu rosto. — Podemos negociar. — “*Bastardo!*” — Você usa as roupas que Melanie te comprou, usa o cartão de crédito pra comprar outras que estejam à altura de uma dama e te devolvo o telefone.

— Isso não é justo. O telefone é meu.

— Não é justo que eu chegue cansado do trabalho e tenha que ver minha mulher usando roupas de mendiga.

Eu estava começando a odiar aquele homem. Eu ia mostrar a ele quem era mendiga.

— Combinado, mas não espere que eu use aqueles trajes de dormir de prostituta.

Ele soltou uma sonora gargalhada que ecoou pelo quarto.

— Não são de prostitutas. Mulheres casadas também podem ser sexy.

— Quando eu me casar com o homem que eu amo e escolhi para ser meu marido, ficarei sexy para ele. Por enquanto não preciso disso. — Vi a fisionomia dele se contrair. — Agora pode devolver meu telefone, por favor?

— Sem trocar de roupas, sem telefone. — Falou, determinado, depositando o aparelho modesto dentro da sua cueca, atijando as labaredas da raiva em mim.

— O senhor é um verme chantagista, Sr. Baker!

— E você uma garota de boca suja, Sra. Baker.

Tranquilamente, deitou-se ao meu lado, voltando a mexer no seu computador. Ainda bem que a cama era espaçosa o suficiente para que não nos tocássemos, embora sua proximidade não deixasse de ser perturbadora.

Se eu me lembrasse os números, poderia ligar para meus pais do telefone fixo, mas estavam todos gravados na agenda do celular, enfiado na cueca daquele bastardo.

Cogitei seriamente desistir de falar com eles, virar para o lado e dormir, mas tive uma ideia melhor e decidi mostrar ao Sr. Chantagista que eu também sabia ser ruim quando queria.

Assim, fui para o closet e escolhi uma das camisolas vulgares penduradas no cabide. Uma peça minúscula preta, com rendas transparentes, que deixava à mostra praticamente o meu corpo todo, além de ressaltar meus seios e minhas pernas. Fitei-me no grande espelho, constatando o quanto estava sexy e vulgar. Então decidi dar um pequeno castigo ao Sr. Chantagista e acrescentei um pouco mais de charme à minha aparência, escovando bem os cabelos longos, deixando-os soltos e passando um pouco de gloss labial. Estava pronta para mostrar-lhe aquilo que ele jamais teria.

Retornei ao quarto caminhando devagar, sensualmente, na direção da cama, sem desviar o olhar do rosto do meu marido e a reação dele foi ainda mais intensa do que eu esperava. Concentrou tanto a sua atenção no meu corpo quase nu, que se esqueceu do seu computador em seu colo, descuidando-se, deixando-o escorregar e espatifar-se o chão.

*“Bem feito!”*

Sem dar importância ao que aconteceu com o computador, continuou me observando com olhos famintos, o queixo caído, enquanto eu me sentava no lugar vazio ao seu lado na cama, apoiando as costas na cabeceira, encolhendo uma perna com o joelho para cima, sem fazer questão de me esconder com o lençol.

— Meu celular, por favor, Sr. Baker.

Estendi-lhe minha mão e esperei por outra das suas gracinhas, mas ele estava mudo. Finalmente eu descobri como deixar o meu marido sem voz.

Me recusei a manter os olhos abertos enquanto ele enfiava sua mão dentro da cueca para pegar meu aparelho e só os abri quando o recebi, arrepiando-me inteira ao notar o quanto estava quente.

Caramba! Aquilo me dava uma pista de como o meu marido estava por

debaixo da sua cueca.

Meu jogo ainda não tinha acabado. O Sr. Baker pediu por isso, agora que arcasse com as consequências. Assim, em vez de ligar para meus pais, decidi telefonar antes para Jacob, que atendeu no segundo toque.

— *Oi meu amor. Estava agora mesmo pensando em você. Tentei te ligar, mas não chamou.* — Ele disse, do outro lado da linha, sua voz me reconfortando. — *Como foi a viagem?*

— Oi querido. Estou com saudades também. A viagem foi cansativa. Acabei de chegar, por isso o telefone não chamava. — Eu estava me tornando uma mentirosa perita.

— *Como é aí? Você está bem instalada?*

— Aqui não é tão ruim, mas nenhum lugar será bom sem ter você por perto.

Senti o meu marido se mover sobre o colchão ao meu lado. Embora não olhasse para ele, que estava incomodado pelo fato de ter uma mulher na sua cama que trocava palavras românticas com outro homem. Qualquer um se chatearia e eu fazia deliberadamente para mostrar a ele que também sabia ser ruim quando queria. Ele escolheu a garota errada para se casar.

— *Basta uma palavra sua e eu largo tudo para ir ficar perto de você.*

— Não faça isso, meu amor. São apenas três meses. Isso passa depressa. Quando menos esperarmos estaremos juntos novamente e desta vez será para o resto de nossas vidas, sem ninguém para atrapalhar.

Por fim, o Sr. Baker perdeu as estribeiras e arrancou o telefone da minha mão, com brutalidade, desligando-o, fitando-me com os olhos carregados de raiva.

— Que putaria é essa?! — Esbravejou, rispidamente. — Deixei claro a você que apesar das circunstâncias a fidelidade é primordial na porra desse casamento.

Ele estava mesmo uma fera e isso era satisfatório.

— O senhor ficou louco? Tenho que ligar de volta, não posso desligar assim sem mais nem menos na cara dele.

— Você me disse que queria ligar para seus pais. Se eu soubesse que ia falar com outro homem não tinha te dado o telefone.

— Esse “outro homem” é meu noivo. Eu devo satisfação a ele.

— Errado! Você deve satisfação apenas a mim, que sou seu marido. Eu te disse pra terminar a merda desse noivado.

Agora ele estava exagerando, não havia necessidade de tanta raiva se na prática não éramos nada além de dois estranhos um para o outro.

O telefone começou a tocar, o toque especial, romântico, que indicava a

chamada de Jacob.

— Se eu não atender ele vai desconfiar. — Falei.

— Você tem cinco minutos. Apenas se despeça. — Ele me entregou o aparelho, furioso.

— A ligação caiu. — Menti, ao atender.

— *Me conta como é o lugar onde você está.*

— É horrível, um alojamento para empregados cheio de pessoas inescrupulosas. — Deliberadamente, fixei meu olhar no rosto do Sr. Baker, que entendeu a indireta e fez uma carranca ainda pior.

— *Acho que você devia conversar com o dono da companhia, explicar que tem um noivo aqui e pedir para voltar.*

— Não ia dar certo. O dono da companhia é o pior de todos.

Meu marido bufou ao meu lado, ameaçando, com um gesto de mão, me tomar o aparelho de novo.

— *Sinto a sua falta, Fernanda.*

— Também sinto a sua. Queria que você estivesse aqui, agora, deitado comigo, me beijando do jeito que só você sabe e como jamais outro vai beijar. — Estreitei meus olhos sobre os do meu marido, observando a fúria reluzindo em seu olhar. — Preciso desligar, meu amor. A chefia está enchendo o saco aqui.

— *Mas já?*

— Infelizmente sim, você sabe como essa gente que gosta de mandar nos outros é chata. Desculpa. Amanhã volto a te ligar.

— *Até amanhã. Vou passar a noite te beijando em meus sonhos.*

— Eu sonharei com essa boca gostosa. Tchau.

Desliguei e lancei um olhar vitorioso na direção de um Sr. Baker furioso, o canto da minha boca se curvando em um meio sorriso cínico.

— Nunca mais faça isso, entendeu?! — Ele grunhiu, puto da vida, arrancando o aparelho da minha mão, enquanto eu sorria por dentro, me sentindo vingada. — Onde já se viu, uma mulher casada agindo dessa forma ao lado do marido! Que absurdo!

— Não seja ridículo Sr. Baker, não somos casados de verdade.

— Claro que somos. Está vendo isso aqui? — Ele estendeu o dedo me mostrando a aliança de ouro. — Isso faz de nós marido e mulher.

— Não, não faz. Um relacionamento de verdade faria de nós marido e mulher.

— Isso é questão de tempo. Logo teremos um relacionamento de verdade.

— Nunca teremos um relacionamento de verdade! — Minha voz saiu mais

alta do que eu pretendia. — O senhor pode me devolver o telefone? Preciso ligar para minha mãe.

— Não! Vai dormir sem falar com ela. Esse é seu castigo por aprontar essa palhaçada toda.

Putá merda! Perdi a chance de ouvir a voz da minha mãe. Que bastardo filho da puta! Mas valeu à pena ver a cara de ódio dele. Não foi tão difícil enfurecê-lo, se continuasse assim, seria questão de tempo até que ele desistisse de mim e me desse o divórcio, eu só esperava não enfurecê-lo a ponto de me tirar o visto de permanência.

— O senhor é intolerável, Sr. Baker. — Soltei, deitando-me de lado, de costas para ele, cobrindo minha semi nudez com o lençol macio.

— Você é muito infantil, Sra. Baker.

Ele também se deitou e apesar de haver quase um metro de distância entre nós, era impossível ignorar sua proximidade perturbadora, não imaginar como seria tocar aquele corpo gostoso, ser beijada por aquela boca carnuda.

Cacete! Eu não podia acreditar que estava tomada por tais pensamentos. Precisava afastar esse homem de mim, não seria bom para os meus planos dormir na mesma cama que ele todas as noites. Em algum momento, eu poderia vacilar.

Pensando nisso, coloquei em prática outro plano, um tanto infantil, mas que poderia dar certo. Busquei lembranças da minha infância, no fundo da minha memória e comecei a fingir que estava roncando alto, como fazia quando brincava de dormir com a minha irmã.

A qualquer momento o Sr. Baker se encheria daquilo e deixaria a cama, ou me tiraria dela. Mas ele não se incomodou, sequer se moveu ao meu lado e quando o cansaço me venceu, adormeci, completamente silenciosa.

## CAPÍTULO VI

Em um sonho de imagens confusas, eu estava em Chicago, como menti a todos que estaria. Deitada em uma cama minúscula no alojamento abarrotado de funcionários. Jacob estava comigo, deitado ao meu lado, me abraçando tão forte que quase me machucava, me beijava com amor, devorando minha boca. Ele estava sem camisa, como não costumava ficar perto de mim e eu usava a camisolinha vulgar que Melanie me comprou.

Eu sempre me sentia invadida pelo calor do desejo quando Jacob me beijava daquela forma, mas desta vez era mais intenso, eu estava praticamente incendiando, queimando de dentro para fora, tão excitada que queria pedir a ele que esquecesse nosso pacto de nos entregarmos um ao outro apenas depois do casamento e me possuísse agora, ali, enquanto os outros funcionários dormiam. Entretanto, ele não me deixava falar, sua boca colada na minha, me silenciando.

Então, me comuniquei usando meu corpo, ao esfregar minha intimidade, muito molhada, na sua, por sob as barreiras das roupas. Ele respondeu interrompendo o beijo para erguer a face e me encarar, quando só então me dei conta de que não era Jacob e sim o Sr. Baker e um grito surdo me escapou.

Despertei com meu coração acelerado no peito, ainda invadida pela sensação tórrida de que meu corpo incendiava de tesão. Minha intimidade estava completamente molhada e meus mamilos doíam. Todo o meu corpo parecia suplicar por um alívio para aquelas sensações, mas eu não sabia como chegar lá, tampouco sabia porque me sentia assim. Talvez ainda estivesse sonhando, mas tudo parecia tão real e intenso que me assustava.

Pisquei várias vezes para me certificar de que realmente acordara e foi apenas quando me movi sobre a cama que percebi o corpo forte, masculino, colado ao meu, por trás, além do peso de um braço e de uma perna jogados sobre mim, fazendo peso, me esmagando e excitando ao mesmo tempo.

Por Deus! Era o Sr. Baker!

A constatação me causou um impacto tão grande que soltei um grito agudo e me remexi como uma louca na cama, me libertando do seu contato, pulando no chão, enquanto ele fazia o mesmo, se mostrando completamente atordoado, como se tivesse acabado de despertar.

Olhou para mim, de cima à baixo, como se procurasse por algo, depois varreu o quarto com o olhar.

— O que houve? — Perguntou alarmado.

Só então, vi o volume imenso na cueca dele e dei-lhe as costas, constrangida, quase certa de que ele tinha me molestado durante o sono.

— O senhor se aproveitou de mim. Como pôde? — Falei, horrorizada.

— Eu?! Você está doida?! Eu nem te toquei! — Ele realmente parecia surpreso.

— O senhor estava me agarrando quando acordei e está nesse estado.

— Que estado?

— Olha pra sua cueca.

— Você está dizendo que te molestei porque acordei de pau duro? — Recusei-me a responder àquilo. — Caramba Fernanda, você parece criança. Todo homem acorda assim, como você pode não saber disso?

— O senhor estava me agarrando.

— Eu por acaso estava me mexendo?

Refleti por um instante antes de responder.

— Não, mas...

— Mas nada. Eu não estava te agarrando, devo ter te abraçado dormindo. Eu sou um homem que tem o costume de dormir acompanhado e quando se dorme acompanhado é natural que se abrace a pessoa ao lado. Fiz isso involuntariamente durante o sono. — Ele estava certo. Não estava acordado quando despertei invadida por todas aquelas sensações. — Você me deu um susto. Devia pensar duas vezes antes de fazer uma acusação grave dessas. Eu tenho muitos defeitos, mas seria incapaz de tocar numa mulher sem a permissão dela. — Se ele fazia aquele discurso em busca de um pedido de desculpas, estava perdendo seu tempo. Embora eu soubesse que errei, não daria o braço a torcer. — Posso saber porque você está me dando as costas?

Se eu falasse o porquê, ele me acharia ainda mais infantil e ridícula.

Eu podia me virar, bastava não olhar para seu colo. Precisava fazer isso para mostrar-lhe que não era uma tola infantil, como me julgava, mas uma mulher segura e madura. Assim, o fiz, fitando diretamente seu rosto, tentando manter o queixo erguido, para não cair na tentação de olhar para baixo.

— Por nada. Apenas não estou acostumada a acordar na cama de um estranho. Julgue-me Sr. Baker.

— Eu não sou um estranho, sou seu marido e você precisa se acostumar com isso.

— Não é meu marido na prática. Nunca será.

Tentei a todo custo não olhar para a sua cueca, mas a tentação foi grande

demais e me derrotou, quando dei por mim, já estava descendo meus olhos através daquele corpo glorioso e, puta merda! Ele ainda estava ereto, o pênis, espantosamente grande, a ponto de furar o tecido da cueca.

O que havia de errado com aquele homem? Perguntei-me, lembrando o turbilhão de sensações que me tomavam quando acordei, minha face esquentando, como se ficasse vermelha e meu marido abriu um sorriso largo, observando minha reação.

— Sra. Baker, você é realmente uma mulher intrigante. Eu teria que passar umas vinte e quatro horas pensando para conseguir desvendá-la. — O sorriso, continuava brincando em seus lábios, à medida que minha face corava mais. — Mas vou deixar para pensar nisso em outro momento, por hora preciso trabalhar. Deixar tudo organizado na companhia antes da nossa viagem de lua de mel. Gostaria de tomar o café da manhã comigo?

Pedi com tanta educação que eu não poderia recusar sem parecer grosseira.

— Claro. — Falei.

Ele introduziu os dedos no cóis da cueca, pronto para despir-se dela, mas se deteve, dizendo:

— Tenho a impressão que não será bom para você que eu faça isso aqui. — Pegou sua toalha, pendurando-a no ombro. — Por outro lado, economizaremos tempo se tomarmos banho juntos, o que acha? — Ergueu uma sobrancelha maliciosa, com aquele sorriso safado estampado no rosto e não pude deixar de imaginar nós dois nus debaixo do chuveiro, envolvidos em uma camada de espuma e uma corrente de calor passeou pelas minhas veias, me fazendo puxar o ar pela boca.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Que pena. Você vai desejar que tivesse acontecido antes quando decidir tomar um banho comigo. — Esticou mais os lábios, esboçando um sorriso malicioso, enquanto observava meu rosto ficando cada vez mais vermelho e, por fim, entrou no banheiro.

Muito tempo depois, quando meu marido desocupou o banheiro, foi a minha vez de tomar banho e escolhi a água fria para acalmar os meus hormônios.

Sem opção, vesti um dos vestidos de grife que estavam no closet, um modelito branco, com bolinhas pretas, decote quadrado, um cinto marcando a cintura e uma saia rodada e muito curta. Deixei os cabelos soltos, caindo pelos ombros e estava pronta.

Quando deixei o closet, o Sr. Baker já estava pronto, esperando-me. Usava um dos seus ternos elegantes, de grife, que o faziam parecer a mais atraente das

criaturas.

Parecia injusto que um só ser fosse dono de tanto charme e de uma beleza tão inigualável.

Pude ver o brilho de cobiça em seu olhar quando o passeou pelo meu corpo e rosto, mas me recusei a me deixar acreditar que um homem como ele, que tinha as mulheres mais lindas e sofisticadas aos seus pés, cobiçaria a faxineira do seu prédio.

Não era uma questão de ter uma baixa autoestima, eu apenas era realista e não me deixava iludir facilmente.

— Você tem lindas pernas, Sra. Baker. — Disse.

Caramba! Então era assim que ele elogiava uma mulher? Não me admirava que ainda estivesse solteiro com quase quarenta anos.

— Obrigada Sr. Baker. O meu noivo também acha.

Ele fechou a cara e não disse mais nada.

Na sala de jantar, Melanie nos aguardava, elegantemente vestida, com sua postura altiva. Parecia um cão de guarda à espera das ordens do seu dono.

— Bom dia Melanie. — O Sr. Baker falou e nos acomodamos à mesa.

— Bom dia senhor. Teve uma boa noite?

— Entre um susto e outro, tive sim.

A mulher não expressou qualquer emoção com a declaração dele.

— A senhora, dormiu bem?

*“Teria dormido melhor se estivesse na minha casa.”*

— Sim Melanie, obrigada por perguntar e você, como foi sua noite?

Eu não estava nem um pouco interessada em saber como foi a noite dela, apenas entrava naquele jogo de frescurite que parecia fazer parte da rotina deles.

Gente esquisita!

— Muito boa. Obrigada. A senhora tem alguma preferência para o café da manhã?

*“Um documento de divórcio assinado pelo seu patrão?”*

— Não. O que você trouxe eu como.

A mulher fez uma cara de surpresa e meu marido sorriu da reação dela. Um riso tão espontâneo e genuíno que foi impossível não ficar fascinada.

— Sim senhora. Com licença. — Retirou-se.

Trocamos poucas palavras durante a refeição, meu marido parecendo concentrado no jornal da manhã. Quando ele saiu, fiquei mergulhada na mais maçante ociosidade, sem ter absolutamente nada para fazer, o que me incomodava, já que não estava acostumada a isto. Eu sempre trabalhei, desde

muito nova. Primeiro ajudava com os afazeres de casa, enquanto minha mãe trabalhava de empregada doméstica nas residências dos mais abastados. Ao nos mudarmos para os Estados Unidos, ainda com onze anos, fui lavar pratos em uma lanchonete, dividindo meu tempo com a escola. Depois trabalhei como garçonne nessa mesma lanchonete e então fui substituir meu pai na companhia, quando meu tempo ficou curto demais para ser dividido com a faculdade na qual fui aprovada e precisei abandonar os estudos.

Entretanto, eu tinha esperanças de um dia arranjar um emprego que consumisse pouco do meu tempo e me pagasse o suficiente para me manter enquanto estudava.

Antes do meio dia a cozinheira brasileira chegou e foi trazida por Melanie para se apresentar à mim. Era uma mulata alta, muito simpática, chamada Helena. Quando me disse que era da Bahia tive a impressão de que logo precisaria de uma academia para perder peso, pois era apaixonada pela culinária baiana.

À procura do que fazer, fui até o quarto onde dormimos e agradei aos céus por encontrar meu celular na gaveta do criado mudo, sobre o qual havia um cartão de crédito, ao lado de um bilhete escrito à mão que dizia: “*Use-o*”

Não me interessei, pois nunca gostei de fazer compras.

Passei grande parte da manhã conversando com minha mãe e com Silvia. Evitei falar muito com Jacob, por ser o único que desconfiaria que havia algo errado se eu me demorasse muito ao telefone.

Meu ilustríssimo marido não veio almoçar em casa, embora tivesse ligado para avisar que almoçaria no trabalho, como se eu me importasse com isso.

Durante a tarde, fui para a grande biblioteca que ele me apresentou na noite anterior, onde havia um acervo incrível, mas nem isso conseguiu dissipar o tédio que me acompanhou durante todo o dia.

Quando a noite começava a cair, tomei um relaxante banho quente, vesti outro modelito de grife, desta vez um tubinho preto que deixava as costas nuas, escovei bem os cabelos e me surpreendi ao me sentir ansiosa pela chegada do Sr. Baker, algo fora do normal, já que ele nada representava para mim.

Estava recostada na mureta da sacada, observando a magnitude do tapete de luzes que se estendia à minha frente, sentindo um pouco de inveja dos motoristas dos carros que circulavam pelas ruas, por causa da liberdade que eles tinham de ir e vir, pela certeza que voltariam para seus lares, onde suas famílias os esperavam, depois de um dia de trabalho. Eu tinha perdido isso e não teria de volta por longos três meses.

Quando o Sr. Baker chegou, depositou sua valise e uma caixa de papelão sobre uma poltrona e veio direto ao meu encontro, me devorando inteira com aqueles olhos pidões, que pareciam viajar por vontade própria pelo meu corpo e rosto.

— Então você está aqui. — Falou, demonstrando melancolia.

Notei que estava diferente, sem aquele sorriso cínico que sempre brincava em seus lábios, com uma ruga no meio da testa.

Tive a estranha sensação de que o conhecia há mais tempo, pois consegui perceber que ele não estava bem. Parecia nostálgico, triste e por alguma razão desconhecida, isso me inquietava.

— Aconteceu alguma coisa? — Indaguei e vi a surpresa se refletir na expressão dos seus olhos.

— Não. — Respondeu de imediato, para em seguida se curvar sobre a mureta, apoiando-se nela, observando a imensidão à nossa frente.

Respirou fundo, permanecendo em silêncio, pensativo e senti vontade de afagar seus cabelos só para lhe garantir que o que quer que estivesse lhe incomodando passaria e eu estava ali do seu lado, para lhe dar apoio.

O que estava acontecendo comigo afinal?

— O cretino do meu pai vai dar uma festa para anunciar meu casamento. Como se eu quisesse isto, ou pelo menos tivesse me casado por vontade própria. — Bufou, meneando a cabeça negativamente, como se estivesse resignado.

Naquele instante compreendi que ele era prisioneiro desse casamento tanto quanto eu.

— Vocês dois não se dão bem?

— Nunca convivemos muito um com o outro. — Deu de ombros, ainda fitando a cidade ilumina à sua frente. — Quando eu era criança ele vivia para o trabalho e para as amantes que sempre teve. Meninas mais jovens que ele. Mal nos víamos.

— E sua mãe?

— Ela se cansou de ser traída e tomou uma overdose de calmantes quando eu tinha nove anos.

— Meu Deus! Que coisa horrível.

— Depois disso ele me colocou no colégio interno, porque cuidar de um garotinho tomaria o tempo que ele podia dispensar com as amantes.

Sem pensar, pousei minha mão sobre seu ombro, fazendo uma leve pressão. Sua reação foi de susto, como se não esperasse por isso, ao mesmo tempo que o contato parecia trazê-lo de volta para o presente.

— Eu sinto muito. — Falei.

— E como todo velho babão sabe que garotas jovens só querem o dinheiro deles, foi cauteloso em fazer uma vasectomia. E agora decidiu que sua preciosa companhia tem que continuar na família. Por isso estamos aqui, tentando lhe dar um neto.

— Por que o senhor nunca se casou? Quer dizer, por que nunca se casou de verdade?

Ele me encarou com um brilho indecifrável no olhar e sorriu sem vontade, um riso meio bizarro que me fez tirar minha mão do seu ombro muito depressa.

— Porque nunca vi necessidade disso.

— Nunca amou ninguém a ponto de desejar ficar a vida inteira ao lado dessa pessoa?

Subitamente, sua fisionomia se contraiu, a ruga em sua testa ficando ainda mais visível, foi então que compreendi que o Sr. Baker já sofreu por amor, por isso não levava nenhuma mulher a sério.

Lembrei-me da imagem na tatuagem em seu braço e imaginei se tinha algo a ver com essa desilusão, a curiosidade me consumindo, embora não tivesse coragem de perguntar.

— Acho melhor descermos para o jantar. Não almocei direito, preciso comer.  
— Ele se afastou, indo para o quarto.

Para não correr o risco de vê-lo se despindo novamente, permaneci na varanda até que ele estivesse de banho tomado e vestido, quando veio novamente até mim.

— Você gostou mesmo dessa sacada. — Observou, aproximando-se tanto que o cheiro de sabonete me alcançou, inebriando-me.

Tinha os cabelos molhados, meio desalinhados e usava jeans e camiseta de malha, o que o deixava com um aspecto ainda mais jovial e absurdamente atraente.

— A cidade fica deslumbrante vista daqui.

— O seu dia como foi? — Ele quis saber.

— Um tédio total. Nunca me costumaria a ficar sem nada pra fazer.

— Acho então que acertei no presente que te trouxe. Vem cá. — Segurou-me a mão e saiu me puxando para o quarto. Abriu a caixa de papelão que deixara sobre a poltrona, de onde tirou um pequeno e moderno computador, entregando-me. — Para você encontrar uma forma de distração na internet, desde que essa forma não seja os sites de relacionamentos.

Fiquei estupefata segurando o aparelho em minhas mãos. Eu nunca tive

condições financeiras de comprar um computador e aquele era muito melhor do que o que eu um dia desejei.

— Desculpe, mas não posso aceitar. — Coloquei o computador sobre a poltrona.

Ele me fitou ofendido.

— Por que não?

— Não é certo.

— Ah, pelo amor de Deus, deixa de ser tão puritana. Somos marido e mulher de papel passado, não há nada de errado em um marido presentear a esposa. O computador é seu e não se fala mais nisso. Agora vamos jantar.

Sem deixar espaço para que eu retrucasse, se dirigiu para a porta, de modo que não vi outra opção que não segui-lo.

Na sala de jantar, fomos recebidos por Melanie, que sempre parecia mais sorridente na presença do Sr. Baker e depois servidos de uma deliciosa moqueca por Helena, a cozinheira baiana.

Trocamos poucas palavras durante a refeição, já que ele continuava naquele estado de melancolia. Calado, pensativo, com a ruga no centro da testa. Como se algo mais que a festa o incomodasse.

Se eu fosse sua esposa de verdade, lhe faria uma massagem relaxante depois do jantar e o induziria a falar abertamente sobre tudo, até que aquele peso que parecia dentro dele o deixasse, mas eu não era nada sua, nem mesmo podia me julgar uma amiga.

Após a refeição, fomos para o terraço, onde tomamos chá e conversamos um pouco, quando ele me disse que havia uma academia no prédio e decidi que esta seria uma boa maneira de passar tempo enquanto estivesse ali.

De volta ao quarto, prontos para mais uma noite de sono, novamente vesti uma camisolinha minúscula e vi meu marido devorar-me com o olhar antes de deitar-se só de cueca, com um novo computador sobre o colo, porém, desta vez, fui precavida e fiz uma parede com travesseiros e almofadas entre nós, alta o suficiente para impedi-lo de me abraçar durante o sono.

— Isso tudo é medo de mim, ou é medo de sexo? — Foram suas palavras em relação à barreira entre nós.

— Só não quero que o episódio de ontem se repita.

— Foi tão ruim assim acordar abraçada comigo?

O que eu ia dizer a ele? O que senti em seus braços estava longe de ter sido ruim, mas não podia permitir que ele soubesse disso, pois o encorajaria a me assediar.

— Digamos que apenas não estou pronta para ser mãe.

— Infelizmente isso não é uma escolha. Você será mãe do meu filho, está determinado. — Suas palavras me irritaram. Como era pretensioso! Se achando dono da minha vida! — É apenas questão de tempo.

— Não se iluda Sr. Baker, nunca serei sua mulher de verdade — Soltei um longo bocejo.

Ele desligou o computador e levantou-se para depositá-lo sobre uma das poltronas dando-me uma vista gloriosa do seu corpo magnífico, suas tatuagens atraindo meu interesse.

— Essas tatuagens, têm algum significado para o senhor?

Ele já estava deitado de volta, sem que eu pudesse vê-lo por causa do amontoado de travesseiros e demorou tanto para responder que eu comecei a me sentir mal, acreditando que não tinha o direito de invadir sua intimidade.

— Sim, têm.

— Quais? — Merda! Por que eu não conseguia ficar de boca fechada?

— Quando eu tinha vinte e um anos, deixei o colégio interno para ajudar meu pai na companhia. Eu era aquilo que as pessoas chamam de um homem inexperiente com mulheres, porque o colégio era só para rapazes. Era tão ingênuo que me apaixonei pela primeira namorada que tive. Suzan Finn. Eu me perdi por aquela mulher a tal ponto que seria capaz de morrer por ela. Um ano depois de conhecê-la fomos morar juntos, estávamos esperando eu me estabelecer para nos casarmos. Até que um belo dia, eu saí mais cedo do trabalho e quando cheguei em casa ela estava na cama com o cara com quem convivi durante anos no internato, aquele que se denominava meu melhor amigo a quem dei um ótimo cargo na companhia, mesmo sem que ele tivesse competência para isto. — Ele tirou um dos travesseiros da minha parede, na altura do seu rosto, deitou-se de lado, apoiando a cabeça no cotovelo e fitou-me diretamente nos olhos. — Fiz a tatuagem para nunca me esquecer do que as mulheres são capazes de fazer com o coração de um homem se ele o entregar. A imagem representa tudo o que Suzan é para mim e a cruz é um tipo de proteção contra essas armadilhas.

O ouvi atentamente e realmente senti compaixão. Suas feridas eram tão profundas que o impediam de amar de novo, isso explicava porque nunca se casou. Por outro lado, eu acreditava que existia uma linha tênue entre o amor e o ódio, portanto, se o Sr. Baker nunca se permitiu amar, durante todos esses anos, era porque ainda não tinha esquecido Suzan. Ele ainda amava essa mulher, embora não se desse conta disso.

— O que aconteceu depois que o senhor flagrou os dois?

— O que acontece sempre nessas situações: os dois pediram perdão, disseram que foi coisa de momento, que estavam arrependidos, que eu era importante na vida deles e toda essa baboseira. Mas nada do que eles dissessem me impediria de desprezá-los e expulsei os dois da minha vida, definitivamente.

— É uma história muito triste, mas...

— Mas nem todas as mulheres são iguais. — Ele me interrompeu para dizer.

— acredite, já ouvi isso tantas vezes que a frase chegou a perder o sentido. Agora vamos dormir e, por favor, não simule aquele barulho insuportável hoje de novo. Boa noite. — Colocou o travesseiro de volta no lugar.

— Boa noite.

Quando acordei na manhã seguinte, ele não estava mais na cama e me surpreendi com a sensação de desapontamento que me tomou. Talvez eu tivesse gostado mais do que podia admitir da forma como acordamos na manhã anterior, embora soubesse que era melhor assim.

Sobre o criado mudo havia um bilhete, escrito à mão, onde ele me pedia para usar o cartão de crédito se desejasse me produzir para a festa de hoje e que estaria de volta no final da tarde para me apanhar.

Pensei sobre tudo o que conversamos na noite anterior e cheguei à conclusão de que o pai do meu marido merecia que seu filho lhe apresentasse uma esposa que estivesse à sua altura, para que sentisse orgulho do homem que ele era. Então decidi que me vestiria como uma rainha para este evento, já que essa gente rica dava tanta importância à aparência, embora isto não mudasse minha decisão de deixá-lo dentro de três meses.

Assim, após o café da manhã, saí com o cartão de crédito, indo direto para o shopping, de limusine, onde passei a maior parte do dia, percorrendo as lojas das melhores grifes e no salão de cabeleireiro.

## CAPÍTULO VII

A sala estava abarrotada de executivos em torno da grande mesa, discutindo as decisões que acabaram de ser tomadas por mim. Era a última reunião daquele dia fatídico de trabalho, desta vez com os funcionários donos dos mais altos cargos da companhia, debatendo a forma como decidi que as coisas seriam dirigidas durante minha viagem de lua de mel.

Eu me sentia tão cansado e afadigado que já não conseguia prestar atenção em nada do que diziam, apenas a cara de ódio de Derek não me passava despercebida. Ele estava puto porque deixei Peter no comando de tudo e não ele, que se julgava merecedor de tal responsabilidade por ser meu primo e segundo maior acionista da *Increase*. Porém, o fato era que eu não confiava em Derek, na minha opinião ele só estava ali por ser da família, não por mérito próprio. Era um irresponsável, sem jeito para os negócios, além de levar uma vida de farras, traindo a esposa com dançarinas vulgares, exatamente como meu pai fazia com minha mãe quando ela era viva. Aquilo me enojava.

Agradei aos céus quando a reunião acabou e pude ficar sozinho.

De volta à minha sala, fui novamente tragado pelos pensamentos sombrios que me inquietavam desde ontem, quando vi o nome de Suzan na lista de convidados que estariam presentes na maldita recepção que meu pai realizaria esta noite.

O que aquela mulher queria aparecendo na minha frente de novo? Por que aquele velho maldito a convidou?

Há dois anos eu vinha evitando me deparar com ela e agora não teria como impedir esse encontro, porque não podia faltar àquela maldita festa, na qual, o momento crucial deixou de ser a reação do meu pai ao ficar sabendo que a mulher com quem me casei era a faxineira do prédio, mas ter que olhar para a cara de Suzan novamente.

Eu ainda não tinha apagado da minha memória as lembranças do nosso último encontro. Aconteceu há dois anos, em uma festa na casa de um amigo que tínhamos em comum. Como vinha fazendo desde que nos separamos, ela me pediu para voltar a viver comigo, implorou pelo meu perdão, disse que ainda me amava, que estava arrependida e embora eu não tivesse mudado minha decisão de mantê-la fora da minha vida, fui fraco o bastante para ceder às suas investidas e acabei passando a noite com ela, ali mesmo em um dos quartos da mansão onde a festa era realizada.

A noite foi quente e inesquecível, como sempre era com ela, já que meu tesão por aquela mulher era descomedido, entretanto, depois daquela noite, evitei vê-la novamente, para não voltar a cair em tentação e correr o risco de ceder ao seu pedido de perdão.

Eu precisava odiá-la por ter me traído de forma tão suja e não ir para a cama com ela todas as vezes que a encontrava.

Afrouxei o nó da minha gravata, me servi de uma dose de uísque e sentei-me em uma das poltronas, tentando relaxar. Fechei os olhos e a imagem da minha doce esposinha, usando roupas íntimas, voltou-me à mente, causando-me uma ereção. Eu jamais teria imaginado que por trás daquele macacão horroroso que ela usava para trabalhar aqui, podia haver uma mulher tão linda, sensual e intrigante, com um corpo que me deixava maluco, tão sequioso por sexo que estava ficando difícil me controlar na sua presença, embora soubesse que precisava esperar o momento certo, ou jamais a teria.

Durante aqueles dois dias eu descobri que Fernanda não era uma mulher como as outras, tinha pudores e princípios que eu nem sabia que ainda existiam. Era puritana demais, uma característica que sempre atribuí aos ignorantes que se recusavam a desfrutar dos prazeres da vida, entretanto, ela estava longe de ser uma ignorante, pelo contrário, era inteligente, sensível e intuitiva. Resumindo: minha esposa era um mistério a ser desvendado e a cada instante que passava ao lado dela eu queria mais desvendar esse mistério, entendê-la e, obviamente, levá-la para a minha cama.

Fiquei ali sentado imaginando como seria possuí-la, roubar aquela inocência que parecia fazer parte dela, invadir sua delicadeza, me apossar de sua fragilidade, ensiná-la a ser tão devassa quanto eu era na cama.

Meus pensamentos eram fervorosos e meu pau ficava cada vez mais duro, a ponto de doer dentro da calça.

Estava quase indo para o banheiro, me masturbar como um adolescente, quando houve uma batida na porta e Jennifer entrou, trazendo as atas das últimas reuniões para que eu assinasse.

Minha secretária estava elegante e linda como todos os dias, a saia justa ressaltando o traseiro firme, os cabelos loiros e sedosos balançando à medida que ela caminhava sobre os saltos altos. Porém, sua maior qualidade ainda era o que ela sabia fazer com aquela boca pintada de vermelho e neste momento eu precisava daquilo, com urgência.

— Aqui estão as atas, senhor. — Ela depositou os papéis sobre a minha mesa, girando nos saltos para me observar. — Precisa de mais alguma coisa?

— Sim, preciso. — Coloquei malícia no tom da minha voz e vi seus olhos brilharem de satisfação e luxúria. — Vem aqui.

Ela se aproximou devagar, caminhando com sensualidade, colocando-se em pé diante de mim.

— Sim?

— Mais perto.

Obediente, minha secretária chegou tão perto que pude sentir o cheiro do seu sexo pulsando dentro da calcinha.

Tarado, não exatamente por ela, abandonei meu copo de uísque pela metade na mesinha ao centro e coloquei minhas mãos dos dois lados dos seus quadris arredondados, levantando a saia justa e longa até sua cintura. Toquei meu nariz na sua calcinha minúscula e delicada, aspirando o cheiro da sua excitação e ela soltou um gemido muito suave.

Eu não estava com paciência para muitas delongas, então arranquei a peça frágil com uma mão e contemplei sua intimidade rosada, depilada.

— Abra as pernas. — Mandei e ela obedeceu sem hesitar.

Aproximei o meu rosto do seu sexo pequeno e dei uma lambida que foi da entrada sua vagina até seu clitóris intumescido e ela gemeu de novo, enterrando os dedos nos meus cabelos, lançando a cabeça para trás.

Abri seus grandes lábios com meus polegares e movi minha língua, freneticamente, sobre seu clitóris, sentindo-o ficar cada vez mais duro, à medida que ela gemia mais alto. Todavia, eu não tinha a intenção de presenteá-la com um orgasmo, eu apenas a queria excitada o suficiente para chupar meu pau como um animal no cio.

Assim, quando ela estava quase gozando, afastei minha boca e abri o zíper da minha calça, tirando meu pênis de dentro da cueca, duro como uma pedra, todo lambuzado, devido às horas com tesão.

— De joelhos, docinho.

Ela obedeceu, parecendo tão doida por aquilo quanto eu.

Com toda a sua experiência, abocanhou meu membro, enterrando-o inteiro na boca.

— Ah! Porra, que delícia! — Joguei minha cabeça pra trás, enchendo minha mão com seus cabelos loiros, forçando meu pau a ir mais fundo, até alcançar sua garganta. — Assim gostosa, engole tudo.

Jennifer fazia aquilo com maestria, sabia mover a cabeça no ritmo certo, lambia minhas bolas com ganância, me lambuzando todo com sua saliva e não pude deixar de imaginar minha doce esposinha me chupando daquele jeito. Algo

me dizia que ela não tinha toda aquela experiência, ainda assim eu queria experimentar sua boca em mim e queria demais.

Porra! Como eu queria afundar meu pau naquela boquinha inocente, tirar todo o seu puritanismo e transformá-la em uma putinha safada!

Pensar nisso me aproximou do orgasmo e me inclinei para enterrar meus dedos na vagina lambuzada de Jennifer, a fim de que ela gozasse junto comigo.

Minha secretária começou a rebolar na minha mão, gulosa, à medida que gemia mais alto e me chupava cada vez mais gostoso, como uma tarada.

Foi a receita perfeita para que eu explodisse no gozo e usei minha mão livre para segurar sua nuca, prendendo sua cabeça no lugar enquanto me enterrava inteiro nela e enchia sua garganta com meu esperma, meus espasmos se fazendo e mesmo depois que ejaculei até a última gota, ela continuou me mamando como uma bezerra faminta, gemendo dengosa, enquanto gozava na minha mão, banhando-a com seu líquido quente.

Mesmo depois que seu corpo ficou mole, ela continuou ali de joelho, plantando beijos na minha pélvis, quando então segurei firme em seus cabelos, puxando-os para trás, forçando-a a erguer o rosto e sem desviar meus olhos dos seus, retirei meus dedos do seu canal e os enterrei em sua boca, fazendo com que ela sugasse o próprio gosto e ela fez como uma cadelinha obediente, até que meus dedos estivessem completamente limpos.

Minha secretária era uma putinha safada e gostosa.

— Pode ir pra casa, docinho. Vamos aproveitar o final de semana. — Falei, fechando o zíper da minha calça.

Ela se levantou, ajeitando os cabelos e a saia de volta no lugar.

— É hoje a sua festa de casamento, não é? — Ela me encarava com olhos pidões e entendi que queria ser convidada.

— É sim. Meu pai faz questão dessas coisas bobas. Apareça por lá, se não tiver nada mais interessante para fazer.

Ela sorriu amplamente, sem que eu compreendesse qual a satisfação que encontraria em ver o homem para quem dava a boceta de vez em quando assumindo outra mulher como esposa.

Eu nunca ia entender as mulheres.

— Nos vemos lá então. Com licença, senhor. — Retirou-se, rebolando o belo traseiro dentro da saia justa.

Me demorei mais do que pretendia para ler todas as atas e assiná-las, tanto que já era noite quando deixei o escritório, teria tempo apenas de passar em casa rapidamente para trocar de roupas e pegar Fernanda, ainda assim chegaríamos

com atraso na tal festa. Mas isso pouco me importava, estava mais preocupado com o fato de que viajaria logo depois da recepção e demoraria dias para voltar ao escritório.

Era a primeira vez que eu deixava a companhia por tanto tempo, minhas férias costumavam durar no máximo um final de semana e desta vez eu ficaria fora por cinco dias. Entretanto, eu precisava ter em mente que Peter era uma pessoa de confiança, ou não conseguiria ficar tranquilo durante esses dias longe e realmente precisava desse tempo para relaxar, esquecer a raiva por meu pai ter me obrigado a me casar e, acima de tudo, eu precisava de todo esse ritual, além de muito jogo de cintura, para persuadir minha puritana esposa a esquecer seus preceitos morais e entregar-se a mim quantas vezes fossem necessárias para conceber um bebê e quem sabe um pouco mais.

Qualquer outra mulher no lugar dela já teria aberto as pernas, de olho nos milhões de dólares que nosso filho herdaria, mas Fernanda era diferente de qualquer uma e eu só não me arrependia por tê-la escolhido, porque achava o desafio de seduzi-la gostoso e extremamente excitante, como ela mesma era, apesar de toda a inocência que transmitia.

Ao chegar em casa fui direto para meu quarto e encontrei minha esposa na varanda, de costas para mim, observando a amplitude da cidade à sua frente, como se nunca se cansasse de olhar para aquela paisagem.

Parecia a mulher mais sofisticada e sensual sobre a qual já pousei os meus olhos, usando um vestido da cor da sua pele, cujo tecido delicado era coberto por bordados cor de prata, curto o suficiente para que se tivesse uma ideia do quanto suas pernas eram perfeitas, colado o bastante para emoldurar suas curvas magnificamente bem desenhadas, embora estivesse longe de parecer vulgar. Seus cabelos pareciam mais brilhantes e sedosos, com cachos generosos nas pontas.

Fiquei ali observando-a paralisado, sem qualquer reação, até que ela se virou de frente e o impacto foi ainda maior. A Sra. Baker estava simplesmente linda, usando maquiagem, com os cabelos bem escovados, brilhantes, o vestido sofisticado e ao mesmo tempo delicado, lhe conferindo tanta sensualidade que imediatamente tive uma ereção, imaginando como seria bom se ela já fosse minha e eu pudesse erguer a saia daquele vestido, sentá-la sobre a mureta da varanda, me enfiar entre suas pernas e fodê-la ali mesmo, até que ela não conseguisse pensar em mais nada que não em ter-me dentro de si a todo momento, tomando-a, tornando-a tão devassa e cheia de luxúria quanto eu era.

Novamente eu estava fervendo de tesão, como se não tivesse acabado de

gozar na garganta da minha secretária.

— Você está linda Sra. Baker. — Falei, meio embriagado com os pensamentos libidinosos.

Ela abriu um sorriso tão encantador que subitamente fui tomado por uma espantosa sensação de inferioridade, me sentindo sujo, culpado, pelo que acabara de acontecer entre mim e Jennifer no escritório, o que não fazia o menor sentido, afinal nosso casamento não era de verdade e nunca seria, mesmo depois que houvesse sexo entre nós ainda seríamos dois estranhos unidos por um matrimônio forçado.

— Obrigada Sr. Baker. — Sua face corou lindamente, daquela forma que me fascinava. — Achei que seu pai ficaria orgulhoso do senhor se lhe apresentasse uma nora à altura.

Por Deus! Agora sim eu me sentia um verme rastejante e desprezível. Imaginei como ela se sentiria quando soubesse que a única razão pela qual a escolhi para ser minha esposa foi usar a sua inferioridade para atacar e ofender meu pai, que ela podia se cobrir de ouro e mesmo assim nunca seria considerada à nossa altura por ele.

Naquele instante a culpa me tomou, aterradoramente, pesando tanto dentro de mim que cogitei seriamente desistir de irmos àquela recepção, o que seria em vão, pois a qualquer momento meu pai a conheceria e ela saberia o que representava para mim quando nos unimos em matrimônio e nada a faria acreditar que minha opinião ao seu respeito estivesse mudando à medida que eu conhecia a mulher intrigante escondida atrás daquele macacão de operária.

— Acho melhor me apressar, ou perderemos nossa festa. — Falei, desanimado.

— Algo errado? — Ela era admiravelmente perceptiva.

— Não.

Alguns minutos depois deixamos o prédio na limusine. Acomodados nos assentos traseiros, diante um do outro, eu não conseguia parar de admirar a beleza e a sensualidade da minha esposa, me perguntando como ela pôde ter trabalhado por sete meses na companhia sem que eu a notasse. Obviamente porque ela passara todo aquele tempo limpando o chão, vestida como um homem. Quem notaria uma garota assim?

Fomos direto para Manhasset, onde ficava a casa do meu pai.

Passava das nove horas da noite quando adentramos o pátio gigantesco, da imponente mansão de três andares, toda branca, rodeada por árvores centenárias, diante da qual havia uma fonte e várias estátuas esquisitas.

— Uau! — Fernanda falou, impressionada, observando tudo à sua volta. — Nunca me passou pela cabeça que pudesse haver lugares assim em Nova Iorque.

— Eu nunca entendi porque meu pai precisa de tanto espaço para acomodar a si mesmo, uma esposa e dois cachorros.

A limusine nos deixou diante da entrada da suntuosa construção, seguindo para o estacionamento, já abarrotado de carros, na lateral.

Atravessamos os vários salões, indo direto para o jardim dos fundos, onde acontecia a recepção. Um espaço enorme, que acomodava uma piscina gigantesca rodeada por árvores podadas em formatos de diferentes animais. Tudo estava enfeitado com flores brancas; havia mesas e cadeiras espalhadas por todos os lados; uma orquestra pequena tocando músicas clássicas a um canto e garçons uniformizados circulavam com bandejas.

Uma das festas típicas que a jovem esposa do meu pai costumava organizar, simplesmente para esfregar na cara da sociedade o fato de que dinheiro não lhe faltava.

Logo na entrada, fui abordado por Willian Thompson, o presidente da filial de Washington, que veio me falar sobre negócios ao lado da sua elegante esposa. Os apresentei a Fernanda e peguei duas taças de champanhe de um garçom que passava, dando uma à minha mulher, quando na verdade eu só queria alcançar uma das mesas onde pudéssemos nos acomodar e comer alguma coisa, afinal não tínhamos jantado e Fernanda me parecia frágil demais para passar fome.

Entretanto, quando dei por mim já estávamos rodeados por pessoas, a maioria delas motivadas pela curiosidade em conhecer a mulher que acreditavam finalmente ter laçado o meu pescoço e me levado ao matrimônio. A verdade nem lhes passava pela cabeça.

Havia também alguns jornalistas, certamente responsáveis pela atualização das colunas sociais, onde minha jovem madrastra fazia questão de aparecer sempre que tinha uma oportunidade.

Quando por fim consegui abrir passagem entre as pessoas e penetrar o lugar, de braços dados com Fernanda, nos dirigimos diretamente para a área onde ficavam as mesas. Eu precisava fazer com que ela se alimentasse, pois era naturalmente pálida e isso me preocupava. Entretanto, antes que pudéssemos nos sentar, o que eu temia aconteceu: Suzan tomou nosso caminho, como se surgisse do nada, fitando-me fixamente nos olhos, com aquele ar de carência afetiva que parecia fazer parte dela e fiquei paralisado, com dificuldade para respirar.

Ela estava deslumbrante como sempre, usando um vestido preto brilhante que se colava ao seu corpo, revelando suas curvas desejáveis; os cabelos loiros

dourados caíam-lhe sobre a testa e o batom vermelho destacava a pele rosada e os olhos profundamente azuis.

Não consegui evitar e tudo o que ela me despertava se fez presente em mim, um misto de raiva, humilhação, vergonha e uma paixão indesejada que parecia entranhada no fundo da minha alma, da qual nem os anos me fazia me livrar.

## CAPÍTULO VIII

— Olá Patrick. — Disse Suzan, com sua autoconfiança inabalável. — É bom te ver depois de tanto tempo.

Embora não olhasse para o lado, pude notar que Fernanda trocava o peso do seu corpo de um pé para o outro, como se estivesse nervosa.

Passou pela minha mente mandar Suzan ir para o inferno, dizer-lhe que não era um prazer revê-la, mas não deixaria que ela soubesse o quanto ainda me afetava, então, sufoquei todas as minhas emoções e, fingindo indiferença, indaguei educadamente:

— Como você está, Suzan?

— Melhor agora que estou olhando para você.

Sua voz saiu meio trêmula e fiquei impressionado com a capacidade do ser humano em ser dissimulado.

— Deixa eu te apresentar minha esposa, Fernanda. — Ela desviou o olhar para a Sra. Bake, examinando-a dos pés à cabeça, com cobiça e luxúria, me fazendo lembrar da sua bissexualidade, do quanto eu ficava loucamente excitado quando trazíamos outra mulher para a nossa cama e podia assistir as duas dando prazer uma à outra. Costumávamos fazer coisas como esta quando estávamos juntos, entre outras loucuras movidas pelo tesão, o que talvez fosse a razão que me tornara tão ligado àquela mulher no passado e me impedia de bani-la definitivamente do meu ser. — Fernanda, essa é Suzan. — Completei.

— Você é muito bonita, Fernanda. — Suzan disse, com toda a sua malícia.

— Obrigada, Suzan. Você também é. — Fernanda nem suspeitou de quantas sujeiras já deviam estar se passando na cabeça da outra e respondeu com tanta ingenuidade, com tanta pureza, que me despertou um estranho instinto de proteção. Meu desejo, naquele momento, foi de guardá-la em uma redoma que a impedisse de ser afetada pelo meu mundo de libertinagem.

— Pretendem continuar morando em Nova Iorque? — Suzan tentou engatar em uma conversa, mas a cortei de imediato.

— No momento pretendemos apenas encontrar uma mesa. Com licença.

E, com isto, afastei-me, levando Fernanda comigo.

Por fim, encontramos uma mesa desocupada, perto da piscina, no centro da festa e nos acomodamos, sem jamais deixarmos de ser alvo dos mais indiscretos

olhares, todos curiosos para saberem quem era a mulher que, aparentemente, conseguiu me fazer desistir da vida de solteiro convicto.

—O senhor ainda sente alguma coisa por ela. — Fernanda afirmou, com a voz carregada de irritação.

— Por quem?

— Suzan.

— Sim, sinto ódio.

—Também, mas não é só isso. O senhor ainda gosta dela.

— Não diga absurdos. Essa mulher me traiu.

— Eu vi a forma como olhou pra ela. A odeia, mas também a deseja. Nunca se casou porque o que ela fez ainda o magoa e acredita que todas as outras farão o mesmo.

— Se você quiser mudar de assunto, eu agradeço. — Gesticulei para um dos garçons que veio imediatamente nos atender. — O que você quer comer?

— Não estou com fome.

— Claro que está. Você saiu sem jantar.

— Todos aqui devem ter saído e não estou vendo ninguém comendo.

— Não se compare com essa gente. — Me virei para o jovem garçom. — O que tem para comer, rapaz?

— Na verdade tem um bufê com frutos do mar em um dos salões, mas posso trazer alguma coisa para vocês aqui.

— Então traga um pouco de cada coisa.

— Sim senhor.

— Sr. Baker, o senhor não pode ficar me tratando como se eu fosse uma criança. — Minha esposa protestou.

— Você não pode ficar me chamando de senhor na frente dessa gente fofoqueira.

— Achei que um homem na sua posição não se preocupasse com o que os outros pensam ao seu respeito.

— Não me preocupo, mas ele sim.

Gesticulei na direção do meu pai, que caminhava para nós de mãos dadas com sua mulher mais nova que eu.

Finalmente chegava o momento que tanto esperei, pelo qual escolhi Fernanda para me casar, quando eu teria o prazer de apreciar a reação do meu pai ao saber quem era a minha esposa, que seu neto tão desejado seria filho de uma simples faxineira. Seria o mesmo que devolver o soco no estômago que ele me deu quando me forçou a me casar. Apesar do quê, isso já não parecia tão importante

para mim, eu estava mais preocupado com o quanto Fernanda se sentiria magoada quando soubesse porque a escolhi, pois embora, para mim, sua origem humilde não a diferisse de qualquer outra pessoa, para o meu pai esta seria considerada o cúmulo do absurdo, um defeito irremediável, uma característica que a reduzia a nada.

— Finalmente te encontrei. Por que não veio falar comigo quando chegou? — Meu pai indagou, com entusiasmo.

Levantei-me para cumprimentá-lo e Fernanda, fez o mesmo, colocando-se ao meu lado, muito tensa, forçando uma postura altiva que não era inerente a si.

— Fui monopolizado pelos seus convidados logo na entrada. Como o senhor está? — Apertei a mão dele polidamente, como se fôssemos apenas dois conhecidos que se cumprimentavam. Depois cumprimentei sua esposa da mesma forma.

— Estaria melhor se meu único filho não tivesse se casado às escondidas. — Continuava com aquele entusiasmo, quando dirigiu seu olhar para Fernanda, examinando-a dos pés à cabeça, com evidente admiração. — Não vai me apresentar sua linda esposa?

— Claro. Fernanda esse é meu pai. Pai essa é Fernanda.

— É um prazer te conhecer Fernanda. — Ele segurou a mão dela, beijando-a com cavalheirismo à moda antiga. — Que nome diferente o seu. É de que origem?

— É de origem portuguesa. — Ela respondeu.

— Achei de muito bom gosto.

— Obrigada, senhor.

Estávamos indo bem e decidi que meu pai não precisava saber quem era ela de fato, pois isso já não tinha tanta importância. Preferia que Fernanda não saísse dali tão magoada como ficaria se a verdade fosse revelada.

Poderíamos ter passado a noite naquela festa, sem que meu desatento pai soubesse a verdade se não fosse pela interferência do meu primo Derek, que se aproximou de nós, arrastando sua esposa pela mão.

Porra! Eu sabia que ele ia estragar tudo.

— Reunião de família e ninguém me convida?! — Falou.

— Derek você já conhece a esposa de Patrick? — Meu pai perguntou e meu coração falhou uma batida.

*“Por favor, Derek, mantenha sua boca fechada.”*

— Claro que conheço. Ela era nossa funcionária.

Merda!

— Sérió? De qual setor? Não me recordo dela. — Meu pai indagou e vi o riso de satisfação se fazendo no rosto de Derek.

— Ela era faxineira do prédio. Trabalhava para substituir o pai que assinou um contrato de quatro anos em troca de um visto de permanência nos Estados Unidos, já que são brasileiros e estão ilegalmente em nosso país.

Como eu previ, a fisionomia do meu pai se contraiu de imediato, a mudança de humor me lembrando o surgimento repentino de uma camada de nuvens negras no céu em um dia de sol, anunciando a chegada de uma tempestade. O olhar com que ele fuzilou Fernanda foi do mais puro desprezo e desdém, como se olhasse para um inseto imundo, que merecia ser esmagado. Depois olhou para mim, a fúria cega refletida na sua expressão.

— Eu sabia que não podia esperar nada decente de você, seu moleque! — Gritou tão alto que atraiu a atenção dos convidados, todos cessando suas conversas para nos observar. — Como se atreve a se casar com uma faxineira e ainda por cima brasileira?! Fez isso para me afrontar?! Acha mesmo que vou deixar que o filho de uma mulherzinha dessas ponha as mãos sujas a minha companhia?

Pelo canto do olho, vi Fernanda levar a mão à boca, como se sufocasse o horror que a tomava.

Ergui o queixo, desafiadoramente e fixei meu olhar diretamente no dele.

— Vai deixar sim. O filho dela será o dono de tudo. O senhor me obrigou a casar contra a minha vontade, mas esqueceu de estipular como queria sua nora, então te dei aquela que o senhor merece e terá que aceitá-la!

Novamente pelo canto do olho, vi Fernanda se encolher e pude imaginar o quanto devia estar se sentindo humilhada, inferiorizada e magoada. Procurei coragem para olhar para ela, mas não encontrei.

— Você é um irresponsável. Fez isso de propósito para me afrontar. — Meu pai continuava gritando descontroladamente, com toda uma plateia assistindo seu escândalo. — Podia ter se casado com qualquer mulher, mas escolheu a mais baixa delas para me desafiar.

— Foi isso mesmo. — Admiti, furioso com a forma como ele insistia em me afrontar. — O senhor tentou me desafiar primeiro e fui buscar a mãe do seu neto no lixo pra te mostrar que não sou um homem que se deixa pisar tão facilmente.

Só depois que fechei a boca, me dei conta do quanto minhas palavras soavam ofensivas à mulher com quem me casei e quando busquei seu rosto com o olhar, me deparei com um par de olhos castanhos angustiados, marejados de lágrimas, fitando-me com dor.

Vasculhei minha mente transtornada de raiva em busca de algo que pudesse dizer para amenizar a situação, mas ela não esperou, antes que eu abrisse minha boca de novo, saiu correndo, desaparecendo para dentro da casa.

Não fui atrás porque sabia que ela não iria muito longe, já que tínhamos um acordo e ela teria muito a perder se o quebrasse.

— Está vendo o que o senhor fez? — Acusei.

— Não fui eu quem colocou essa mendiga entre nós.

— Ela não é uma mendiga, é apenas uma trabalhadora braçal.

— Não Patrick, ela é um pedaço de lixo que você foi buscar na sarjeta e jamais reconhecerei um neto que tenha uma origem tão ruim. Segunda-feira mesmo transferirei minhas ações para Derek e você estará fora da presidência.

— Nada disso! — Foi a minha vez de gritar. — Nós temos um acordo. O senhor me disse que se eu me casasse e lhe desse um neto a presidência continuaria sendo minha. Eu me casei, com a mulher que escolhi. Cumpri minha parte, agora cumpra a sua.

Por fim, ele se silenciou. Tinha muitos defeitos, mas era um homem que mantinha sua palavra. Eu não teria me arriscado tanto se não soubesse disso.

— Eu nunca vou te perdoar por isso, Patrick. Nunca!

Sem mais, ele se afastou, abrindo caminho entre os convidados que ainda nos observavam boquiabertos.

Enfim, eu tinha conseguido devolver o golpe baixo que aquele velho me deu quando me chantageou, forçando-me a casar, ameaçando tirar o meu cargo, entretanto, não me sentia tão bem com isso como esperava, pelo contrário, eu estava furioso e principalmente preocupado com Fernanda.

Assim, ignorando todos os olhares que me seguiam, esbarrei deliberadamente em Derek ao me afastar, indo para a casa procurar minha esposa. No caminho, peguei uma grande dose de uísque da bandeja de um garçom e bebi tudo de uma vez, o líquido forte queimando em minha garganta.

Na casa imensa, eu não sabia por onde começar a procurar, Fernanda podia estar em qualquer lugar.

Percorri todo o primeiro andar e não a vi. Me preparava para subir a larga escadaria, vasculhar os quartos, quando uma mão delicada puxou a manga do meu paletó e ao me virar, me deparei com Suzan, me fitando com aquele olhar profundo, carente, capaz de seduzir o mais resistente dos homens.

— O que você quer Suzan? — Indaguei impaciente, irritado pela interrupção.

— Podemos conversar?

Eu já imaginava qual seria o assunto, como sempre acontecia quando nos

encontrávamos, tentaria me persuadir a voltar para ela.

— Agora não. Estou procurando minha esposa.

— Eu sei onde ela está.

— Então me diga.

— Só depois que você me ouvir.

Respirei fundo, tentando impedir que a raiva agisse por mim e cheguei à conclusão de que encontraria Fernanda mais depressa se ela me dissesse onde procurar, que percorrendo a casa enorme.

— Fala. Mas seja rápida.

— Quero te pedir que me dê mais uma chance. — Eu sabia! — Eu te amo, sempre amei e nunca vou deixar de amar. — Seu tom de voz, assim como seu olhar, continham uma súplica desesperada. — Eu admito que errei e errei feio, por isso peço que me perdoe e me dê a chance de te provar que me redimi.

— Não, Suzan. O que você fez não tem perdão.

Ela sabia como me afetar e o fez, aproximando-se a ponto de colar seu corpo cheio de curvas no meu, pousando a mão muito delicada e feminina na minha nuca, aproximando sua boca da minha, de modo que fiquei paralisado, sem reação, um turbilhão de emoções conflitando-se no meu interior.

— Eu sei que você também não me esqueceu, sei que ainda sente algo por mim. — Desceu a outra mão pelo meu tórax e abdômen, massageando meu pênis por sobre a calça, deixando-o duro, enquanto plantava beijos no meu pescoço. — Pense em todos os momentos deliciosos que vivemos, como foi bom e pode ser ainda, basta você querer.

Por um breve instante, tive vontade de esquecer tudo, arrastá-la pelos cabelos até um dos quartos no segundo andar e fazer com ela todos os tipos de putarias que nós dois gostávamos. Começaria comendo aquela bundinha apertada que ela tinha, enquanto surrava seu traseiro gostoso com a palma da minha mão, até que ela estivesse tão dolorida que me imploraria para parar, embora soubesse que ela nunca pediria, pois era insaciável.

Precisei fechar os olhos e respirar fundo de novo para conseguir expulsar todos esses pensamentos sujos da minha mente e toda a luxúria que tomava meu corpo naquele instante, só assim encontrei forças para afastá-la.

— Acontece que eu não quero. — Tirei as mãos dela de mim. — Se era só isso que você tinha a dizer, já pode me falar onde está minha esposa.

Vi o lábio inferior dela tremer, a carência dando lugar à raiva em seus olhos azuis.

— Você não precisa dela. Ouvi tudo o que seu pai disse na festa. Ele te forçou

a se casar, mas nunca a reconhecerá como parte da família. Seria diferente se você se casasse comigo, pois pertencemos à mesma classe social. Nós seríamos felizes e teríamos os netos que seu pai quer.

— Eu não ligo para o que ele quer.

— Podíamos viver os três juntos. Eu, você e ela. Lembra como era bom quando íamos pra cama com outra mulher? Como você se sentia quando me via com outra fêmea? Ela é linda e juntas podemos te dar muito prazer.

Não pude deixar de projetar a cena em minha mente e a corrente de tesão que me percorreu foi inevitável, entretanto, minha decisão de manter aquela mulher fora da minha vida se sobressaía a qualquer outra coisa.

— Esquece Suzan. Isso nunca vai acontecer. Você pra mim é passado. Agora me diga onde está Fernanda.

Por fim, ela desviou seu olhar para o chão, mantendo-se cabisbaixa, derrotada.

— Ela está lá fora no pátio.

Saí quase correndo, deixando a casa pela porta da frente.

O pátio bem iluminado estava praticamente deserto. Procurei em meio às árvores e às estátuas esquisitas, sem encontrar Fernanda em parte alguma. Estava quase acreditando que Suzan tinha mentido, quando a enxerguei de longe, sentada sob um gazebo ornamentado com flores, na margem do lago, ao lado de Peter, o cara que deixei responsável pela *Increase* durante os dias que passaria fora.

Observei o quanto os dois pareciam próximos. Estavam tão perto um do outro que seus ombros quase se tocavam, o quanto conversavam com intimidade e fui tragado por um sentimento de posse nunca antes experimentado, tão ardente e avassalador que por pouco não perdi o controle e avancei sobre Peter.

Olhando os dois ali juntos, me senti um intruso, já que ambos tinham quase a mesma idade, possuíam um bom caráter, eram honestos e puros, enquanto que eu carregava uma bagagem bem grande nas costas, acumulada durante meus trinta e cinco anos de uma vida de devassidão e promiscuidade.

Entretanto, não consegui me manter longe e, sem compreender a intensidade dos meus sentimentos, aproximei-me dos dois com passos largos e apressados.

## CAPÍTULO IX

Quando cheguei perto o bastante para ser visto, os dois cessaram a conversa e Fernanda ergueu o olhar para me fitar, com ódio, desprezo e dor.

— Interrompo? Indaguei, uma veia pulsando forte no meu pescoço.

— Claro que não Sr. Baker. — Peter colocou-se de pé muito depressa, se mostrando meio desconcertado. Apesar da sua pouca idade, era um dos executivos mais dinâmicos, inteligentes e confiáveis entre os que trabalhavam para mim, por isso deixei a companhia sob sua responsabilidade enquanto viajava. — Vou deixar vocês dois sozinhos. Com licença senhor.

Afastou-se rapidamente, desaparecendo na direção da casa.

Sentei-me no banco de cimento ao lado da minha esposa, procurando em minha mente algo que pudesse dizer a ela que amenizasse a humilhação que acabei de fazê-la passar, mas não havia nada. Não existia um argumento minimamente aceitável para o que fiz.

— Eu não sabia que você e Peter eram amigos. — Foi o que saiu da minha boca.

— Não somos. Mas ele era o único funcionário com terno na sua companhia que falava comigo enquanto eu limpava o chão.

Eu teria me sentido menos baixo se ela expressasse toda a sua mágoa, se me xingasse como eu merecia, ao invés de falar comigo com toda aquela humildade.

— Sobre o que aconteceu, eu... — As palavras me faltaram e quando olhei novamente em seu rosto pude ver a dor, a raiva, refletidas na expressão dos seus olhos tão inocentes.

— Não precisa dizer nada. Pessoas como o senhor e seu pai nunca me enganaram. Eu sabia que havia uma razão para que tivesse me escolhido como esposa, sabia que não fez isso para ajudar minha família. Apenas constatei que sempre estive certa.

O desprezo contido nas suas palavras me doía como golpes físicos, sem que eu compreendesse porque me sentia tão afetado. Há dois dias, quando nos casamos, eu não me importava se a reação do meu pai a magoaria ou não, no entanto, agora, nada mais parecia importar que não o seu bem estar.

— As coisas não são bem assim.

— São sim, Sr. Baker. O mundo sempre funcionou desta forma. Mas não se

preocupe, vou continuar ao seu lado durante os três meses que me comprometi, depois volto para o lixo de onde o senhor disse ter me tirado. — Ela ficou em pé, abraçando o próprio corpo para se proteger do frio. — Se o senhor não se importa, eu gostaria de ir embora daqui, pois estou com frio e com fome.

— Vamos voltar pra festa. Está quente lá dentro e tem comida. — Levantei-me também, colocando-me ao seu lado.

— Não. Para aquela casa eu não volto. Não costumo entrar em lugares onde não sou bem vinda. — Havia dor e indignação no tom da sua voz. — Mas se o senhor quiser ficar, eu vou embora de taxi. Sem problemas. Tenho certeza que Suzan vai apreciar a sua companhia e o senhor a dela.

— Eu já disse que não quero aproximação com aquela mulher.

— O batom na gola da sua camisa se parece muito com o dela.

Inferno! Suzan fez aquilo de propósito.

— Isso não significa nada. Como sempre faz quando nos vemos, ela tentou se redimir, mas não conseguiu. Agora vamos entrar. Essa casa é minha também.

— Volte Sr. Baker. Eu vou para o apartamento, basta que mande seu motorista me levar ou me pague um taxi. Nessa casa eu não entro nem morta.

— Nós não vamos voltar pra casa hoje. Daqui vamos direto para o aeroporto. Nossas coisas já estão nos esperando no avião. Mas como pensei que ficaríamos aqui até mais tarde, o piloto e demais empregados só estarão lá depois da meia noite.

Ela fitou-me atônita.

— O senhor acreditou realmente que eu continuaria nessa festa mesmo sabendo o que ia acontecer? — Silenciou-se esperando por uma resposta, como não obteve, continuou. — Por favor, peça ao seu motorista para me tirar daqui. Fico esperando em algum restaurante perto do aeroporto.

Continuei observando-a em silêncio, sem saber o que dizer ou mesmo como agir. A sensação de culpa que me corroía a alma era completamente nova, inesperada e dolorosa. Eu não sabia como lidar com esse tipo de sentimento.

Ela se cansou de esperar por minha resposta e por fim deu-me as costas, afastando-se rapidamente. Tinha descido os dois lances da escadinha do gazebo e avançava pelo gramado, quando algo dentro de mim, muito mais forte do que eu pudesse controlar, me impulsionou a ir atrás dela e fiz algo que nunca tinha feito na vida: me desculpei.

Segurei-a pelos dois antebraços, virando-a de frente, imobilizando-a, forçando-a a me encarar.

— Por favor, me desculpe pelo que eu fiz. Quando comecei com isso não

tinha ideia de que por trás daquele macacão grotesco havia uma mulher incrível e linda como você e que podia te magoar. Acredite: eu não penso como meu pai, sua origem não importa. Para mim você é igual ou melhor que aquelas pessoas lá dentro. Mas eu sabia que meu pai se afetaria com isso. Por favor, me perdoa. — Eu praticamente implorei, pela primeira vez na minha existência.

O canto da boca dela se dobrou em um riso, com escárnio, sem que o olhar acompanhasse o gesto.

— Achou que alguém que vive de limpar o chão que os outros pisam não tem sentimentos? — Prosseguiu, com sarcasmo, sem esperar resposta. — Enganou-se Sr. Baker. Por dentro nós só não somos iguais porque temos valores completamente opostos.

— Não fala assim. Eu realmente sinto muito por tudo. Custa perdoar?

— Sim, custa! O senhor não apenas me humilhou e deixou que seu pai fizesse o mesmo, também me afastou da minha família e do meu noivo. Tirou tudo o que eu tinha.

— Eu posso te dar muitas coisas boas também.

— Como o quê?! Dinheiro? Conforto? Roupas caras? Um computador moderno? Entenda que isso nada significa para mim, Sr. Baker, portanto nunca deixe passar pela sua cabeça que pode me comprar com essas coisas. Eu não estou à venda.

— Eu não estou te pedindo desculpas por te dar uma vida melhor e mais confortável, porque disso não me arrependo. Estou te suplicando que me perdoe apenas pelo que aconteceu ali dentro.

Ela ficou em silêncio por um instante, observando-me com uma expressão indecifrável. Depois continuou:

— O senhor não precisa inventar esse teatrinho ridículo, se fazendo passar por um homem arrependido só porque tem medo que isso te impeça de me levar para a cama, porque de nenhuma outra forma o senhor conseguiria.

— Você pensa que estou representando? — Fiquei injuriado por ser acusado de algo que não merecia. — Eu não preciso disso. Se estou me desculpando é porque estou arrependido.

— Se é assim, eu não aceito as suas desculpas. O senhor continua sendo um homem inescrupuloso, chantagista e mentiroso. Agora será que pode me soltar?

A minha esposa era uma mulher pura, íntegra e tinha um caráter admirável, porém, sabia ser insuportável quando queria e estava sendo agora, o que atçou a raiva dentro de mim, os sentimentos se conflitando no meu interior em um turbilhão meio descontrolado. Eu precisava silenciá-la, fazê-la se arrepender

pelas acusações que me fazia e a forma que encontrei foi a mais arriscada possível, pois acarretava verdadeiramente o risco de jamais tê-la.

Guiado pelo impulso incontrollável de puni-la e ao mesmo tempo calar sua boca atrevida, a puxei para mim, segurando suas costas com uma mão e sua nunca com a outra, aprisionando-a, para em seguida tomar-lhe os lábios, impetuosamente, colocando toda a minha raiva, toda a minha culpa e todo o meu tesão acumulado naquele beijo.

A Sra. Baker lutou bravamente contra mim e contra si mesma, tentando resistir, mas seus instintos naturais de fêmea a derrotaram e ela me beijou de volta, a princípio timidamente, para depois permitir que minha língua invadissem sua boca, com lascívia e seu corpo parou de relutar, reagindo de outra forma, se tornando tão entregue, tão meu, que fui tomado pelo desejo quase descontrolado de possuí-la, ali mesmo, no meio do pátio deserto, em pé, ou deitados no gramado, como se não tivesse mais condições de esperar e de fato não tinha. Eu a queria, com uma urgência meio louca, meu corpo todo clamando pelo seu, como jamais clamou pelo de outra mulher, pelo menos nunca com tanta intensidade e quando mostrei uma parte disso a ela, empurrando minha ereção contra a fragilidade do seu ventre, ela se sobressaltou, como se a perspectiva do que poderia acontecer a apavorasse.

Assim, lutou novamente contra tudo o que sentia, até que conseguiu vencer seus sentimentos e empurrou-me de supetão, libertando-se dos meus braços, afastando seus lábios, os mais doces que já experimentei, deixando-me desnorteado, sem chão, pela intensidade de tudo o que sentia.

A Sra. Baker passou a me encarar com a mais absoluta incredulidade, como se desacreditasse no que acabara de acontecer. Mantinha sua boca entreaberta para puxar o ar, evidenciando que também estava excitada, que também me desejava, o que serviu apenas para intensificar o desejo dentro de mim.

Ficamos nos encarando em silêncio por um longo momento. Eu tinha a impressão de que, assim como eu, ela também tentava entender o significado de tudo aquilo, até que ela agiu da forma mais inesperada possível, desferindo-me uma bofetada o rosto.

— Nunca mais se atreva a me tocar, Sr. Baker. — Esbravejou.

Sua atitude desencadeou uma tempestade de fúria dentro de mim, o que não dava um bom resultado se misturado ao tesão que corria solto pelas minhas veias.

— Toco quantas vezes e quando eu quiser. Você é minha esposa e isso me dá o direito de te possuir.

— Errado! Somos casados no papel, mas na prática o senhor não é nada para mim e não tem o direito de me tocar até que eu peça, o que nunca vai acontecer. Esse é o acordo!

— Por que insiste em dizer que não me quer? Eu sei que você gostou!

Vi seu rosto lindo ficar muito vermelho, encantadoramente.

— Vou pedir a Peter que me tire daqui. Não preciso do senhor para nada!

Saiu caminhando com passos largos e pesados, a menção a Peter pelo primeiro nome, como se fossem íntimos, atizando ainda mais minha raiva e, agindo unicamente por instinto, fui atrás dela. A agarrei por trás, erguendo-a do chão, pendurando-a em meu ombro, carregando-a para o estacionamento, enquanto ela se debatia tentando se libertar.

Minha vontade era de dar umas palmadas naquela bunda, para que aprendesse a me respeitar.

— O senhor enlouqueceu?! — Ela estava atônita. — Me coloque agora mesmo no chão. Não sou sua propriedade.

— Mas claro que é. No instante que assinou aquele documento, você passou a ser minha e vai ter que aprender a aceitar isso.

— O fato de eu ter assinado aquele documento não lhe dá o direito de... ahhh. — Atirei-a no banco de trás da limusine entrando em seguida, travando as portas antes de chamar o motorista pelo celular. — O senhor é um troglodita, Sr, Baker!

Estava tão furiosa que seu rosto ficava cada vez mais vermelho, tentadoramente lindo, a ponto de me impulsionar a continuar enfurecendo-a apenas para apreciar aquele magnífico rubor.

— Ser um troglodita é o menor dos meus defeitos. Acostume-se com isso.

— Nunca! Não haverá tempo, pois não passarei mais que três meses ao seu lado.

— É o que veremos.

Apesar de demonstrar minha autoconfiança, já não estava tão certo dela. Eu não devia tê-la beijado ainda, me precipitei ao me deixar guiar pela porra dos meus impulsos, agora eu tinha colocado tudo em risco, já que minha esposa era uma mulher romântica e cheia de pudores. Seria necessário todo um ritual, composto por música lenta, uma bebida, palavras doces e um lugar paradisíaco para que se entregasse.

Mas que se fodesse tudo! Eu não era a porra de um homem romântico, nunca fui e ela teria que me aceitar assim.

— Para onde senhor? — O motorista perguntou, tomando seu lugar ao volante.

— Para o restaurante mais próximo. — Fechei o vidro que nos separava dele e voltei a observar o rosto vermelho, obscenamente tentador, da minha esposa, imaginando se sua pele delicada adquiria aquele tom enquanto ela tinha um orgasmo. — Aceita uma taça de champanhe? — Gesticulei para o pequeno frigobar.

— Vai pro inferno Sr. Baker.

Estava virando hábito ela me mandar para o inferno.

— Você sabia que em breve, vou te fazer pedir perdão por cada vez que você me mandou ir para esse lugar? — Ela virou a cara emburrada. — Na verdade vou te fazer implorar pelo meu perdão enquanto enfio meu pau inteiro em você.

Consegui atrair sua atenção, pelo menos pelos dois segundos em que se dispôs a me fuzilar com os olhos arregalados, atônitos, o rosto pegando fogo.

Depois, o silêncio completo se instalou entre nós.

Ainda na limusine, telefonei para que o piloto e as comissárias do avião estivessem prontos para partirmos imediatamente para a Itália. Embora uma das comissárias preparasse ótimas refeições durante os vôos, isso demoraria por demais e minha enfezada esposa precisava se alimentar com urgência, então fomos direto para um restaurante em Lower East Side, onde comemos mergulhados no mais absoluto silêncio, trocando apenas palavras necessárias.

Do restaurante, fomos direto para o aeroporto, onde encontramos a tripulação pronta para partirmos.

Diferente das outras garotas que nunca tinham entrado em um avião particular de grande porte, a Sra. Baker não se mostrava deslumbrada com o luxo e a sofisticação, apenas apreciava tudo com uma admiração natural.

— Estou sentindo um pouco de dor de cabeça, então, se o senhor não se importa, eu gostaria de trocar de roupas e me deitar. Onde posso fazer isso?

Ela evitava olhar-me diretamente no rosto enquanto falava e meu instinto aguçado de macho me dizia que não era exatamente de mim que fugia, mas de si mesma, daquilo que sentiu quando a beijei.

A Sra. Baker era uma mulher quente e ferosa, disso eu não tinha dúvidas, como também tinha certeza de que me desejava tanto quanto eu a queria, embora seus princípios morais unidos às circunstâncias em que nos casamos a impedissem de admitir isso. Mas um dia ela admitiria e então eu a teria nua em meus braços, entregue como esteve há poucas horas, quando a beijei.

Eu a queria não mais apenas para engravidá-la como me foi exigido, mas para saciar esse fogo que ela acendeu dentro de mim, que me consumia de dentro para fora cada vez que eu a olhava.

— Venha. Vou te mostrar a cabine. — Gesticulei para que me seguisse e parti pelo pequeno corredor com duas cabines de cada lado, entrando na última delas, onde nossas coisas já estavam bem organizadas por Melanie.

Ela percorreu o olhar pelo cômodo pequeno, decorado com armários embutidos, poltronas e a grande cama de casal.

— Suas roupas estão no armário e ali fica o banheiro. — Falei.

— E aposto como o senhor também vai dormir aqui. — Rebateu, com aspereza.

— Claro que sim. Somos casados. — Esperei por sua resposta malcriada, mas desta vez ela percebeu que discutir era em vão. — Mas não vou dormir agora. Preciso examinar alguns documentos antes. Precisa de alguma coisa mais?

— Não senhor. Boa noite.

Olhei mais uma vez para ela, estudando-a demoradamente, no corpo e no rosto, simplesmente porque me fascinava observá-la, principalmente quando ela corava, como fez agora, sob a intensidade do meu olhar.

— Boa noite, querida. — E deixei a cabine antes que ela rebatesse àquilo.

De volta ao compartimento onde ficava meia dúzia de poltronas de couro confortáveis, tirei meu paletó e a gravata, dobrei as mangas da camisa até os cotovelos, acomodei-me em uma delas e fui em busca dos documentos em minha valise, o resultado das investigações que mandei realizar sobre o noivo da minha esposa, afinal eu precisava saber com o que estava lidando.

Ainda nem tinha começado a ler o primeiro relatório quando Michelle, uma das comissárias, a garota ruiva de olhos verdes, que costumava me dar prazer em momentos de tédio durante viagens muito longas, veio perguntar se eu precisava de alguma coisa, batendo seus longos cílios para mim.

Até que não seria má ideia colocá-la de joelhos e mandá-la pagar um boquete enquanto eu examinava os papéis, seria até relaxante. Porém, antes que caísse em tentação, lembrei-me da mulher intrigante, puritana e ao mesmo tempo quente que me esperava na cabine e por alguma razão que parecia não fazer o menor sentido, já que ainda não tinha acontecido nada entre nós, eu soube que me sentiria culpado e sujo se fizesse aquilo ali tão perto dela.

Foi a primeira vez na vida que deixei de fazer algo prazeroso por julgar que não era certo. Definitivamente a Sra. Baker estava me mudando, eu só ainda não sabia se aquilo era bom ou se seria a minha ruína.

— Não Michelle, mas se precisar eu te chamo.

— Sim senhor. — A garota saiu visivelmente desapontada.

De volta aos documentos, li o longo relatório e descobri que o noivo de

Fernanda era um ex-traficante de drogas bastante conhecido e temido nas ruas do Bronx. Com várias passagens pela polícia, por tráfico de drogas, porte de arma, tentativa de homicídio e espancamento. Estava escrito ali que vivia se envolvendo em brigas entre gangues do Bronx, agindo com violência e crueldade.

Fiquei chocado que uma pessoa como Fernanda, tão certinha e puritana, fosse envolvida com alguém como ele.

Ainda de acordo com o relatório, o sujeito, chamado Jacob, era filho de uma mexicana com um americano, sendo que o pai jamais o reconheceu como filho. Atualmente trabalhava como segurança em um hotel três estrelas, lá mesmo no Bronx e há muito não se envolvia em confusão.

Talvez o fato de ter se afastado do mundo do crime prendesse Fernanda a ele. Romântica como era, eu podia apostar que ela atribuía essa mudança ao amor que sentiam um pelo outro e nem passava pela sua cabecinha sonhadora que pessoas com uma índole dessas nunca mudavam. Em algum momento aquele cara voltaria ao crime e à violência, podendo inclusive machucá-la gravemente com isso, o que exigia um cuidado redobrado da minha parte. Eu precisava impedir que ela se aproximasse dele novamente, em nome da sua segurança.

Mais tarde, quando o cansaço me venceu e fui para a cabine em busca de descanso, a encontrei mergulhada em um sono profundo e não consegui desviar meu olhar do seu rosto angelical completamente relaxado, os olhos fechados, os cílios naturalmente longos, a boca carnuda, o nariz pequeno, a pele aveludada. Meu desejo, naquele instante, era de que ela fosse verdadeiramente minha para que pudesse tocar aquela pele linda com a ponta dos meus dedos, depois me enfiar debaixo do lençol que a cobria e colar meu corpo no seu, de cima à baixo, sentindo seu calor gostoso, seu cheiro feminino e delicado.

Ah! Como eu queria poder tocá-la! Mas não podia fazer isso sem a sua permissão ou pareceria um tarado perverso.

Bem, talvez só um pouco.

Assim, despi-me e me deitei só de cueca, me enfiando debaixo do lençol que ela jogara sobre o corpo quase nu, já que usava uma camisolinha minúscula e transparente.

Com muito cuidado para não despertá-la, coleí meu corpo no seu, abraçando-a por trás, experimentando, extasiado, o calor do seu corpo, a sua incrível fragilidade e... porra eu fiquei muito duro dentro da cueca, tão esticado que minhas bolas doíam, de modo que dificilmente conseguiria dormir, mas ainda assim, me recusei a soltá-la.



## CAPÍTULO X

Acordei com a sensação de que meu corpo estava em chamas, minha pele ardia, meus mamilos doíam, me sentia derretendo de tesão, com o meio das minhas pernas tão molhado que escorria pelas laterais das coxas.

Abri os olhos devagar e me lembrei da última vez que acordei me sentindo assim, era o Sr. Baker, ele estava novamente abraçado comigo, por trás, com uma perna em torno dos meus quadris, o braço forte em volta do meu torso, um pouco acima da cintura, quase tocando meus seios.

Cogitei deixar a cama gritando e repreendê-lo por fazer aquilo novamente, entretanto, tive uma ideia melhor: certificar-me-ia de que ele realmente estava dormindo, como alegaria assim que o acordasse, ou se abusava de mim deliberadamente.

Com isto em mente, permaneci imóvel por um longo momento, fingindo que ainda dormia, esperando que ele se movesse, mas não aconteceu, ele estava petrificado, realmente adormecido.

Então, decidi sair da cama devagar para não acordá-lo, mas de repente me afastar do calor do seu corpo se tornou uma tarefa praticamente impossível. Estava tão bom ali, agarradinha com ele, tomada pelo seu delicioso calor, que talvez eu pudesse ficar mais um pouco, já que ele nunca saberia mesmo.

Isso me parecia absurdamente errado, por tantas razões que eu sequer conseguia enumerar. Aquele homem me humilhou, me tratou como se eu fosse um pedaço de lixo, me usou, mentiu para mim, afastou-me da minha família. Entre tantas outras coisas.

Fechei os meus olhos e tentei lembrar as palavras proferidas por ele e por seu pai naquela maldita festa, a forma cruel como me inferiorizaram, o desdém com que me trataram. Porém, tudo o que me veio à mente foi o momento em que ele me beijou, o sabor inesquecível dos seus lábios, sua língua atrevida penetrando minha boca.

Eu nunca tinha sido beijada com tanta intensidade antes. Jacob não era tão bom assim.

Pensar nisso intensificou o desejo ardente que parecia entranhado em mim e, discretamente, apertei meu sexo entre minhas pernas, na busca desesperada por um alívio, que não veio, mas o movimento me fez ter consciência da sua ereção pressionando minha bunda e fiquei ainda mais quente, tomada de luxúria, todo o

meu corpo suplicando para que ele acordasse e entrasse em mim.

Porra! Aquilo não era certo, mas era o que eu queria, sem entender o porquê, apenas o queria dentro de mim e queria demais.

Agindo por instinto, movi minha bunda muito devagar, buscando senti-lo um pouco mais, sufocando o gemido que ameaçou partir da minha garganta, quando algo estranho aconteceu: um líquido quente, viçoso, começou a partir dele, com abundância, atravessando o tecido da sua cueca e da minha camisola, banhando minha pele bem ali onde ele me tocava. A sensação que tive foi um misto de lascívia e medo. Ao mesmo tempo que gostei de senti-lo me banhando daquela forma, temi que estivesse acordado, fingindo que dormia e percebesse, pelo movimento que fiz, o quanto eu o queria. Isso seria ruim, pois o incentivaria a continuar tentando me levar para cama, de modo que em algum momento meu desejo descomedido pudesse falar mais alto e eu não tivesse mais forças para resistir.

Continuei imóvel, me deliciando com a forma como aquilo me excitava, esperando para ter certeza de que ele realmente dormia. Quando seus espasmos se cessaram e ele permaneceu imóvel, não tive mais dúvidas: ele realmente teve um orgasmo durante o sono. Então, muito devagar, desvencilhei-me dele e me levantei, o frio me golpeando ferozmente fora dos seus braços.

Ainda com dificuldade para puxar o ar, o observei dormindo, com o rosto totalmente relaxado, o corpo grande à mostra. Era realmente a criatura mais bela sobre a qual meus olhos já estiveram, com aquela boca carnuda, meio bicudinha, como se tivesse sido desenhada para beijar, o rosto era másculo, o maxilar quadrado, o nariz afilado, a sombra de uma barba por fazer dava-lhe um aspecto ainda mais masculino.

Seu corpo também era perfeito, com músculos bem definidos no tórax e abdômen, os braços grossos e firmes. Aquelas duas camadas de pelos ralos, no peito e na barriga, pareciam ter sido feitas com o objetivo único de enlouquecer uma mulher.

Por Deus! Como podia ser tão atraente?!

Ele ainda estava completamente duro, o tecido da cueca melado, esticado, dando-me uma visão realmente gloriosa da sua masculinidade.

Fiquei ali paralisada, sem conseguir parar de olhar para ele e naquele instante desejei ter coragem de descer o tecido da sua cueca e me sentar sobre o seu membro, deixando-o me preencher da forma como meu corpo pedia. Todavia, eu não podia me entregar a um homem que não me amava, isso seria loucura.

Tentando afastar os pensamentos, dei-lhe as costas e espantei-me ao constatar,

pela pequena janelinha do avião, que ainda era noite lá fora, o que dava a impressão de que não tinha dormido tanto, embora me sentisse totalmente descansada. Tentei entender e pouco a pouco me dei conta de que já devíamos estar perto da Europa e havia a questão do fuso horário.

A fim de tomar um banho frio que acalmasse meus ânimos, fui em busca de algo para vestir, enquanto ainda estivesse no banheiro, para que não precisasse trocar de roupas na frente do meu taradíssimo marido, quando então descobri que todas as roupas femininas no armário ou eram vestidos sensuais adequados para a noite, ou shortinhos minúsculos com regatas do mesmo tamanho, além de várias saídas de praia coloridas e biquínis de diversos modelos e estampas. Tive a impressão de que Melanie, quem certamente escolheu o vestuário, compactuava com seu chefe para que ele tivesse uma mulher seminua ao seu lado o tempo todo.

*“Que jogo sujo, Sra. Melanie! Não faria isto se conhecesse o tamanho do apetite sexual que seu patrão tem.”*

Optei por um vestido amarelo de costas nuas, com um laço em volta do pescoço, muito curto, com o decote generoso. Não era possível sequer usar um sutiã por baixo de uma roupa daquelas. Peguei uma calcinha limpa, pendurei a toalha no ombro e me tranquei no banheiro, deixando-o apenas depois do banho frio e demorado, já vestida, com os cabelos molhados.

Coloquei-me diante do grande espelho na porta do armário embutido, tentando tirar a água dos meus cabelos com a toalha, quando esbarrei acidentalmente em um cabide móvel e o Sr. Baker finalmente acordou, mostrando-se meio atarantado, também confuso com o fuso horário.

— Olá. — Ele falou, com sua voz grossa, meio rouca pelas horas de sono.

— Olá.

Fingi ignorá-lo, mas continuei observando-o através do espelho, curiosa para ver sua reação quando descobrisse o que andou acontecendo com sua libido enquanto dormia.

— Melhorou da dor de cabeça? — Ele se esticou na cama, espreguiçando-se, apoiando a cabeça sobre as duas mãos, expondo ainda mais o corpo gostoso.

— Sim. Agora estou meio confusa com o fuso horário. Que horas chegaremos?

— O voo dura de dez a doze horas. — Ele sentou-se para ver o relógio no seu celular sobre o criado mudo. — Considerando que deixamos os Estados Unidos à meia noite, estaremos lá ao meio dia, com a diferença de horário, será sete da noite. Ainda temos cinco horas de voo.

Ao ver o celular dele, lembrei-me que não via o meu desde que deixamos seu apartamento e não precisei pensar muito para ter certeza de que este não foi trazido junto com minhas coisas.

— Suponho que meu celular não esteja neste avião. Acertei?

— Não precisamos de celular para onde vamos.

— Mas o seu o senhor trouxe.

— Eu tenho negócios importantes.

— Minha família não é menos importante que seus malditos negócios.

— Não vamos discutir agora, ok?

Só então, percebeu que sua cueca e o lençol estavam banhados de sêmen e mostrou-se perplexo, como se ejacular durante o sono não fosse algo comum de acontecer.

Ainda sentado na beirada do colchão, parecendo meio confuso, olhou para mim e senti uma vontade enorme de cair na risada.

— Aconteceu algo de diferente durante a noite? — Indagou.

“*Tipo o senhor gozar na minha bunda?*”

— Diferente como? — Perguntei séria, embora sorrisse por dentro.

— Entre nós dois?

— Não. Por que, deveria?

— Não. Apenas quis saber.

Levantou-se, pendurou a toalha no ombro e foi para o chuveiro.

Deixei a cabine antes que meu marido saísse do banho, pois definitivamente vê-lo nu não era uma boa maneira de se começar um dia.

Logo ele se juntou a mim no compartimento principal do avião, onde fomos servidos de um farto café da manhã, por uma comissária de bordo que devorava seu patrão com o olhar, embora ele não correspondesse. Tentou puxar assunto comigo enquanto comíamos, mostrando-se interessado em saber sobre Jacob, entretanto, não lhe dei atenção, fingindo me concentrar em uma revista de moda que encontrei por ali, até que ele desistiu e foi manusear seu computador.

Eu tinha inúmeras razões para ignorar a existência do meu marido, a principal delas era o fato de que ele me humilhou, me inferiorizou, além de mentir para mim dizendo que tinha me escolhido para ser sua esposa com o intuito de ajudar minha família, quando na verdade queria apenas me usar para magoar seu pai. Isso era imperdoável.

Além disso, precisava mantê-lo longe também pelo perigo que aquela atração que ele exercia sobre mim representava. Por mais que o Sr. Baker fosse um sujeito desprezível, eu não podia negar que a cada instante ao seu lado eu o

desejava mais, principalmente depois que ele me beijou.

Eu o desejava tanto que chegava a ser doloroso saber que nunca seria sua, que ele me queria apenas para fazer um filho e garantir seu cargo na presidência. Doía-me saber que se eu cedesse, ele me usaria para me abandonar no instante que eu colocasse seu filho no mundo.

Por um breve instante, senti o que muitas das mulheres que passaram pela cama dele deviam ter sentido: inveja de Suzan, pois ela parecia ser a única que já conseguiu afetá-lo de verdade. Embora insistisse em dizer que a odiava, o Sr. Baker ainda gostava dela, pude ver isso em seus olhos quando a olhou. Sua expressão refletiu mágoa, mas havia paixão também. Qualquer mulher na face da Terra desejaria ser olhada daquela forma por um homem como ele e não seria eu, aquela que ele disse ter tirado do lixo, a conseguir seu amor.

Era início de noite quando aterrissamos no aeroporto Costa Smeralda, em Olbia, onde uma limusine nos esperava para nos conduzir a Porto Cervo.

Apesar de todo o conforto existente no luxuoso avião do meu marido, eu me sentia exausta quando chegamos ao nosso destino, um hotel sofisticado, cercado de praias e tive tempo apenas de comer um lanche rápido antes de me atirar na cama confortável, sem desta vez me esquecer de construir uma parede de travesseiros e almofadas entre mim e o lugar onde o Sr. Baker dormiria.

Acordei me sentindo revigorada, com o sol forte penetrando o quarto através de uma porta de vidro larga que parecia dar acesso a uma varanda.

Pelo som da água do chuveiro, constatei que meu marido já estava no banho e levantei-me, extasiada com a beleza do lugar.

O quarto não era tão grande, nem acomodava móveis caros, pelo contrário, era simples, com a mobília de palha bem trabalhada, o que lhe conferia um charme todo especial, além de tornar o ambiente aconchegante e romântico. Ali havia dois cômodos, um com armários, a cama, estante com alguns aparelhos eletrônicos e frigobar. O cômodo ao lado era um pouco menor e acomodava um lindo jogo de estofados em estilo africano. Porém, fiquei realmente fascinada foi quando atravessei a porta de vidro que dava acesso à sacada, onde descobri que não estávamos em um prédio fechado, como costumavam ser os hotéis, mas em um bangalô de luxo, construído no alto de um morro, de onde se podia avistar o mar, com suas águas cristalinas azul turquesa e a areia muito branca da praia quase deserta. De um lado havia árvores e algumas construções pitorescas, do outro lado podia-se ver o prédio, não muito alto, que sediava o hotel, onde havia uma imensa piscina e vários outros espaços recreativos, além de quartos menores. Nós tínhamos nossa própria piscina, a dois metros da varanda ampla

onde eu estava, na qual não havia mureta, mas apenas uma cobertura de telhas coloniais, algumas plantas e uma mesa fofíssima de dois lugares.

Era realmente o lugar mais belo e romântico que já vi.

— Então, gostou? — Meu marido perguntou, aproximando-se por trás, usando apenas uma toalha em torno dos quadris. Tinha os cabelos molhados, a barba bem feita e um delicioso cheiro de sabonete partia dele.

Virei-me para observá-lo, mas não me demorei muito olhando para ele, pois aquele corpo musculoso, sarado, com aquela tatuagem colorida lhe dando um ar de selvageria, era tentação demais e eu precisava resistir.

— Nossa! Isso aqui é lindo. — Falei.

Ele chegou tão perto que pude sentir o calor da sua respiração alcançando-me o ombro, causando-me arrepios por todo o corpo.

— Há muito mais para ver. Do outro lado daquele morro ficam os barcos, já aluguei um iate para nós dois. No hotel há shows à noite e a comida é fantástica. Sem falar no sossego que se tem aqui, porque há poucos turistas.

— Vejo que o senhor conhece bem o lugar. Veio aqui com muitas Suzans?

— Para falar a verdade vim sim. Gosto de apreciar os prazeres da vida.

Sua franqueza me surpreendeu, ao mesmo tempo que me irritou. Se ele estava tão determinado a me tornar mãe do seu filho, deveria pelo menos ter sido autêntico ao escolher o lugar onde pretendia me seduzir.

— Não posso lhe garantir que minha companhia lhe dará tanto prazer, mas acredite: em pouco tempo o senhor estará desfrutando com outra que lhe dê o que precisa.

Virei-me para ir tomar banho, quando ele me deteve, se colocando no meu caminho, perigosamente perto, seu corpo delicioso exalando tanta masculinidade que era impossível não ficar excitada olhando assim de perto.

Caramba! Eu tinha que ser muito forte.

— Não precisa transformar cada diálogo nosso em uma guerra, Sra. Baker. Vamos esquecer essa história toda de contrato e aproveitar o lugar. Quanto tempo faz que você não tira férias?

Para falar a verdade eu nunca tive férias, sempre trabalhei, mas seria impossível relaxar quando se estava na boca de um tubarão prestes a ser mastigada. Era assim que eu via o Sr. Baker: um grande tubarão com dentes afiados rodando sua presa, no caso eu, esperando um descuido para dar o bote.

— Nunca tirei férias. — Declarei.

— Então aproveite agora. — Ele aproximou-se mais, pousando suas mãos fortes e grandes em meus ombros, fazendo uma massagem ao mesmo tempo

relaxante e absurdamente excitante. — Esqueça o mundo lá fora, relaxe, divirta-se, pense em tudo o que podemos fazer de bom aqui. — Senti minha face pegando fogo. — Não fique sempre tão na defensiva. Pode ter certeza que eu jamais farei algo que você não queira.

Em parte ele estava certo, me faria bem relaxar e aproveitar aquele lugar maravilhoso. O problema era não querer beijar aquela boca linda, experimentar o toque daquelas mãos em lugares mais íntimos enquanto relaxava.

— Está bem. Vou tentar. Agora me dê licença. Preciso tomar banho.

Fugi depressa para o banheiro.

Quando eu era adolescente, uma amiga da escola me ensinou a dar prazer a mim mesma usando a ducha do chuveiro e naquela manhã precisei fazer aquilo, porque estava se tornando insuportável passar tanto tempo com tesão sem ter um alívio, além do mais aquilo me tornaria mais forte para resistir ao charme do meu marido. Então, imaginando que as mãos dele me tocavam intimamente, que a sua boca me beijava, induzi meu corpo ao orgasmo, algo que não fazia desde os meus quinze anos.

Quando deixei o banho, já vestida com uma saída de praia por sobre um biquíni colorido, não consegui evitar que minha face corasse ao olhar para o Sr. Baker, sabendo o que tinha acabado de fazer no banheiro, pensando nele e tive a impressão de que despertei sua desconfiança, afinal ele tinha muita experiência com mulheres.

Logo, o café da manhã foi servido por um garçom que falava inglês com muito sotaque italiano e fizemos a deliciosa refeição na mesinha da varanda, enquanto apreciávamos a bela vista, com o Sr. Baker falando mais sobre o lugar e sobre o roteiro que tinha traçado para nós naquele dia, o qual começaria com um banho de mar.

Assim, após a refeição, fomos direto para a praia, a pé, já que ficava pertinho e mais uma vez fiquei extasiada com a beleza à minha volta. De perto a água era ainda mais cristalina, quase transparente, com poucos banhistas, apenas alguns outros casais que pareciam estar numa verdadeira lua de mel.

Caminhamos por alguns metros, lado a lado, até que paramos em um local mais afastado dos demais.

— Eu vou cair na água. Você me acompanha? — Meu marido perguntou, tirando a camiseta e o short, ficando apenas com uma sunga preta muito colada, absurdamente sexy.

— Não. Vou ficar por aqui um pouco. Aproveite à vontade.

— Está bem.

Parei para observá-lo correndo para a água, o corpo glorioso à mostra, um espetáculo à parte naquele paraíso.

Estendi uma toalha sobre a areia, branca como neve, livre-me da saída de praia e deitei-me, fechando os olhos, deixando-me relaxar aos poucos.

## CAPÍTULO XI

O clima daquele lugar era perfeito, sem as temperaturas extremas de Nova Iorque e do Brasil, nem muito quente, nem muito frio. Devia estar fazendo uns vinte e seis graus, uma brisa muito suave acariciava-me, enquanto o sol aquecia minha pele, tão magnificamente relaxante que dava vontade de ficar ali para o resto da vida.

O silêncio foi outra característica que me fascinou. Nem parecia um ponto turístico, lembrava mais uma ilha deserta. Apenas o sopro do vento e o bater das ondas na enseada me alcançavam. Muito diferente das praias do Rio de Janeiro, sempre tão agitadas.

Eu estava completamente relaxada, quase adormecendo, quando ouvi o Sr. Baker se aproximando e optei por continuar com os olhos fechado, a fim de ignorá-lo. Entretanto, ele não era um homem que se permitia ser ignorado, sabia muito bem como fazer sua presença ser notada e o fez, quando sentou-se ao meu lado, tão perto que pude sentir o calor do seu corpo.

Ouvi quando mexeu em minha bolsa e, sem uma palavra sequer, derramou protetor solar sobre minha pele, na altura da barriga, espalhando o creme perfumado com a palma da sua mão, devagar, em movimentos circulares muito macios e, imediatamente, o calor do desejo se fez presente em mim, com uma força impressionante, deixando-me com a sensação de que meu corpo estava em chamas, a lubrificação acontecendo depressa entre minhas pernas, à medida que meu coração batia em um ritmo mais acelerado.

O que aquele homem tinha que conseguia aflorar tantas emoções com apenas o toque da sua mão?

Eu não podia permitir que ele percebesse como eu me sentia, então permaneci imóvel, fingindo que o ignorava, que aquele contato nada significava para mim, enquanto sua mão passeava livremente pelo meu corpo, subindo pelo colo, passando pelos ombros e braços. Quando desceu novamente para a barriga, roçou levemente a lateral do meu seio e quase deixei escapar um gemido de tesão.

A mão dele desceu para o meu ventre, me massageando muito perto do meu biquíni, devagar, enquanto eu só conseguia pensar no quanto seria bom se aquela massagem acontecesse um pouco mais em baixo.

Eu estava fervendo, tomada de pensamentos lascivos. Precisava fazer alguma coisa antes que perdesse a cabeça.

— Já chega, Sr. Baker. Está bom de protetor solar. — Fiquei constrangida quando minha voz saiu sussurrada, evidenciando o quanto minha respiração estava ofegante.

— Não posso permitir que uma pele tão perfeita seja prejudicada pelo sol. — A voz dele também estava diferente pela respiração pesada.

— Acontece que já é suficiente. Pode parar.

— Por que eu deveria? É uma delícia tocar sua pele e sei que você também está gostando disso.

Seu tom malicioso irritou-me e sentei depressa, encarando-o diretamente nos olhos, tentando transmitir-lhe uma frieza que não existia.

— Engano seu. Não gosto desse tipo de coisa. Não com outro homem que não seja o meu noivo. — Tentei ser firme, mas não fui muito bem sucedida.

— Ah, não? Então fecha a boca.

Merda! Só então me dei conta de que minha excitação obrigava-me a puxar o ar pela boca, com tanta dificuldade que se podia ver o meu peito subindo e descendo.

— Deixe-me em paz. — Foi tudo o que consegui dizer antes de fugir dele, indo para a água, surpreendendo-me ao descobrir o quanto era morna, deliciosa e calma como um lago, tão cristalina que era possível ver o fundo branco.

Mas o senhor Baker veio atrás de mim, alcançando-me depressa.

— Por que não para de tentar fugir de você mesma? — Indagou, às minhas costas.

— Não seja ridículo. Estou fugindo do seu assédio abusivo.

Continuei avançando mar a dentro. Estava com a água acima da minha cintura quando ele capturou-me pelo braço, forçando-me a virar de frente.

— Não vá tão longe. Pode ser perigoso.

— É mais perigoso ficar aqui.

Arrependi-me por ter aberto a boca no instante que vi o brilho de satisfação atravessando a expressão dos seus olhos, por ter me feito confessar o quanto conseguia me afetar.

— Parar de resistir é a melhor forma de você ficar segura.

— Não seja pretensioso Sr. Baker. Não estou resistindo a nada.

Tentei me desvencilhar da sua mão, mas ele não permitiu e com um supetão, me puxou para si, colando meu corpo no seu, nossa pele nua em contato direto de cima à baixo, sua mão forte me segurando pelas costas para garantir que eu

não escaparia.

— Mentirosa.

Com esta palavra, trouxe seu rosto até o meu e apossou-se dos meus lábios com tanta urgência, tanta sofreguidão, que tive a impressão de que pretendia me devorar.

Novamente o desejo dentro de mim foi ferozmente aflorado, se espalhando depressa pelas minhas veias, fazendo meu sexo pulsar, de modo que se tornou impossível resistir.

Ainda tentei lutar contra todo aquele turbilhão de emoções que me tomava, mas fui tragicamente derrotada e entreguei-me a beijo, abrindo a boca para que sua língua encontrasse a minha, ambas se unindo numa dança movida pela lascívia, a medida que a mão livre dele passeava pelo meu corpo, a luxúria me golpeando tão avassaladoramente que perdi o controle sobre mim mesma e me deixei guiar apenas por meus instintos, como um animal, quando então busquei por um contato mais íntimo e abracei seus quadris com as minhas pernas, encaixando meu sexo no dele, esfregando minha intimidade latejante na sua ereção, todo o meu corpo fervendo do mais incontrolável tesão.

Por Deus! Estávamos muito perto! Bastava que baixássemos um pouco sua sunga e afastássemos o tecido do meu biquíni para o lado para que o ato se consumasse e embora eu soubesse que não devia, que não podia, sabia também que aconteceria. Não tinha como evitar, eu estava louca por aquele homem, cega de uma paixão visceral que jamais experimentei nos braços de Jacob, a quem realmente pertencia.

O Sr. Baker continuava me beijando, hora chupando minha língua, hora exigindo que eu chupasse a sua, ao mesmo tempo que apertava meu corpo cada vez mais forte de encontro ao seu, esmagando meus seios contra seu peito musculoso, por sob a barreira da peça do biquíni.

A mão habilidosa dele escorregou das minhas costas para a minha bunda, fez uma excursão pelas minhas coxas antes de ir para o meio das minhas pernas e seus dedos se infiltraram no meu biquíni, tocando minha mais secreta intimidade, quando estremeci violentamente, o medo me golpeando, pois nunca tinha ido tão longe com um homem antes.

Percebendo a reação involuntária do meu corpo, ele tirou seus dedos do meu biquíni e interrompeu o beijo, afastando-se o suficiente para me fitar-me no rosto.

— Está tudo bem? — Indagou, sua voz arrastada, carregada de erotismo.

Claro que não estava tudo bem. Eu estava tomada por um medo tão aterrador

que meu corpo tremia descontroladamente. Sentia-me frágil e perdida nos braços de um homem tão poderoso, experiente e seguro de si, em um mundo tão grande, uma terra tão distante, dependendo totalmente dele, subjugada, a ponto de entregar-lhe a virtude que guardei para aquele que me amou desde o primeiro minuto que nos encontramos, que vinha me esperando por quase dez anos.

Nunca antes em minha vida me senti tão frágil, vulnerável, perdida e assustada.

— Eu não posso fazer isso. — Minha voz saiu num sussurro.

Vi a confusão se estampar na expressão dos seus olhos.

— Mas você quer?

— Sim. — Era perda de tempo negar algo que estava tão obvio. — Quero demais.

— E por que não pode?

— Isso não está certo. Eu tenho um noivo que me ama. O senhor só quer fazer um filho comigo.

Ele permaneceu em silêncio por um longo momento, seu olhar fervoroso preso ao meu. Depois, acariciou o meu rosto com a ponta dos dedos e falou:

— Vamos esquecer essa coisa de gravidez e filho. Voltamos para o hotel, arranjamos um preservativo, aí você vai saber que estou fazendo porque quero você de verdade e não apenas para te engravidar.

“*E depois?*” A pergunta se formou em minha mente, mas não havia necessidade de pronunciá-la, pois eu já conhecia a resposta. Depois eu estaria apaixonada e ele teria tudo o que quisesse de mim, primeiro um filho e depois um divórcio.

Embora o desejasse com toda a força do meu coração, eu não estava preparada para passar por isto.

Devagar, desmontei do seu colo, afastando meu corpo do seu, tirando suas mãos de mim, ainda muito trêmula.

— Não estou preparada. Por favor, respeite isso.

Deixando-o paralisado, visivelmente frustrado, afastei-me retornando para a areia.

Minutos depois, quando veio juntar-se a mim para um banho de sol, o Sr. Baker não voltou a me tocar, todavia, não conseguia disfarçar sua irritação, que se perdurou durante todo o dia, embora isso não o impedisse de se mostrar um constante cavalheiro.

Trocamos poucas palavras durante o almoço no restaurante do hotel, um lugar com uma decoração simples, ao mesmo tempo que era aconchegante, romântico

e tinha uma excelente comida. Durante a tarde, participamos de uma excursão coletiva pela pequena cidade e nas praias vizinhas, cada uma mais linda que a outra, algumas delas completamente desertas, intocadas, outras com poucos turistas, embora nenhuma fosse lotada como se via comumente em cidades turísticas.

À noite eu me sentia exausta, ainda assim escolhi que jantássemos no restaurante do hotel, quando o Sr. Baker perguntou o que eu preferia, para evitar um jantarzinho a dois durante o qual ele pudesse tentar se mostrar romântico e sedutor, como era e mais uma vez me colocar em risco de cair em tentação, como aconteceu pela manhã na praia.

Escolhi um dos vestidos de noite que encontrei no armário, um modelito azul céu, colado, com alças finas, um grande decote em V, cuja saia se estendia até a metade das minhas coxas. Era todo recoberto por uma renda transparente, que ultrapassava a saia, indo até meus tornozelos, deixando minhas pernas quase completamente a mostra. Escovei bem os cabelos, deixando-o soltos, cascadeando pelas costas e passei um pouco de maquiagem, me agradando do tom bronzeado que minha pele tinha adquirido.

— Você está realmente linda. — Meu marido exclamou, quando fui encontrá-lo na sacada.

— Mérito de Melanie. Foi ela quem escolheu o vestuário todo.

— Mas nada ficaria tão perfeito se não fosse usado por você. — Se demorou fitando minha face e varrendo o meu corpo com aquele brilho de malícia que quase sempre tinha no olhar e, como sempre, enrubesci, imaginando o que se passava na sua mente devassa enquanto me olhava daquela forma. — Podemos ir?

— Sim.

Não precisávamos de meio de transporte algum para nos locomovermos por ali, pois era tudo muito perto, com trilhas bem pavimentadas, cercadas por pedrinhas brancas dos dois lados.

O restaurante onde almoçamos estava à meia luz agora, com tochas acesas nas colunas que o separavam da vista ampla para o mar e uma música romântica tocava ao fundo.

Nos acomodamos a uma mesa e não pude deixar de notar o quanto o Sr. Baker ficava ainda mais atraente com seu rosto iluminado pelas tochas. Olhar para ele era tão fascinante que parecia impossível parar.

— Vou pedir uma garrafa de vinho, você me acompanha? — Ele perguntou, enquanto examinávamos o cardápio.

Ia abrir a boca para dizer que não, mas de súbito não vi uma razão para isto. Um pouco de vinho não me faria mal, pelo contrário, me ajudaria a amenizar o cansaço adquirido durante o dia.

— E por que não? — Respondi, sem conseguir evitar o sorriso de satisfação.

Ambos pedimos camarão ao molho com salada de legumes e macarrão.

Estávamos em silêncio, da forma como ficamos durante o almoço, com a diferença que desta vez ele observava atentamente o meu rosto.

— Me fale sobre seu noivo, Jacob. — Disse, subitamente.

A princípio fiquei surpresa que ele soubesse o nome do meu noivo, mas logo me ocorreu que um homem poderoso como ele não deixaria de investigar as pessoas que o cercavam e aquelas com quem estas se relacionavam.

— O que há para falar que os seus detetives ainda não lhe disseram?

— Eles não me falaram porque alguém como você se envolveria com alguém como ele.

— O fato é que temos valores diferentes. Alguém como ele pode representar algo para o senhor e outra coisa para mim.

— Fala sério, Fernanda! Um bandido não pode representar algo diferente para ninguém. Ele é só um bandido.

Suas palavras atiçaram minha raiva. Como ele se atrevia a julgar alguém que sequer conhecia? Bastardo!

— Ele não é mais um bandido. Agora é um trabalhador sério e honesto.

— E nem passa pela sua cabeça que ele pode ter uma recaída e se tornar violento com você?

Eu não entedia onde ele queria chegar com aquele papo.

— Não. O Jacob é incapaz de me machucar, porque me ama de verdade. O senhor já ouviu falar em amor?

Vi o brilho gélido atravessando rapidamente a expressão dos seus olhos castanhos esverdeados.

— Pessoas como ele nunca mudam, nem agem diferente do que manda sua índole. Eu vi a ficha policial desse cara. Ele tem um vasto histórico de violência, inclusive contra mulheres. Você sabia disso?

— Sim, eu sabia. E para sua informação, ele mudou, por amor a mim. É outro homem agora.

— Não acredito.

— Isso porque o senhor se acha muito perfeito e adora julgar os outros que não tiveram as mesmas oportunidades e nem nasceram ricos, além do quê, não sabe o que é amar de verdade, só teve aquela Suzan como exemplo e olha o que

ela fez? — No instante que mencionei o nome da mulher que partiu seu coração, pude ver a dor se fazer presente na expressão dos seus olhos e me arrependi por ter aberto a boca. — Desculpe, eu não devia ter falado desse jeito.

— Não precisa se desculpar, você está certa sobre Suzan, ela foi minha única referência de amor e mesmo sendo uma pessoa pacífica, quase conseguiu me destruir. Agora imagina o que esse cara pode fazer com você?

O fato de ele admitir que Suzan foi a única mulher que amou, me doeu mais que qualquer outra palavra que pudesse ter proferido. Isso significava claramente que não sentia absolutamente nada por mim. Mas o que eu esperava? Que ele se apaixonasse pela faxineira do prédio? Que um homem como ele, que tinha as mais lindas e sofisticadas mulheres aos seus pés, sentiria algo por uma suburbana que escolheu para se casar unicamente com o intuito de ferir o pai?

— Como eu já disse, Jacob me ama e é incapaz de me machucar. Da mesma forma que eu o amo e amo muito, a ponto de aceitá-lo apesar do seu passado obscuro.

O Sr. Baker fechou a cara e ficou em silêncio, como se seus argumentos tivessem esgotado.

Ótimo!

Não falamos mais sobre aquele assunto e trocamos poucas palavras durante o jantar, quando o vinho delicioso que ele escolheu para acompanhar a comida me deixou mais leve, embora não esquecesse a discussão sobre Jacob e Suzan. Eu não compreendia o interesse dele no meu noivado e não me iludiria achando que poderia ser ciúmes ou preocupação com meu bem estar.

Apesar de quase sempre se mostrar um cavalheiro, desde que nos casamos, eu não podia me deixar enganar pelo Sr. Baker, afinal alguém que foi capaz de escolher, entre todas as garotas da cidade aquela menos privilegiada, com o objetivo único de confrontar seu próprio pai, era capaz de qualquer coisa. A forma como ele agia comigo, se mostrando sempre gentil, humilde e absurdamente sexy, era apenas um teatro previamente elaborado com o intuito de conquistar-me e persuadir a me entregar, concluindo assim o seu plano de ferrar com seu pai. Eu não podia permitir que ele vencesse esse jogo, embora fosse quase impossível resistir a tanto charme.

Após a refeição, ele convidou-me para dançar e algo me impulsionou a aceitar, o efeito do vinho, talvez. Ou o desejo insano de sentir seu corpo grande e forte novamente colado ao meu.

Assim, fomos para a pista de dança quase totalmente tomada pela penumbra, onde alguns outros poucos casais se deliciavam ao som da música instrumental

romântica e nos juntamos num só, seus braços contornando minha cintura, apertando-me com firmeza, os meus circundando seu pescoço, minha cabeça descansando em seu ombro, deliciosamente cheiroso, seu calor gostoso me inebriando.

Fechei os meus olhos e deixei que ele nos embalasse lentamente pela pista, deliciando-me com as sensações que sua proximidade me despertavam, porque ali eu sabia que podia desfrutá-las sem correr o risco de me tornar sua.

Meu coração batia em um ritmo descompassado, sem que eu compreendesse o poder que aquele homem tinha de me deixar assim e tudo se intensificou quando ele, muito vagorosamente, afundou seu rosto em meus cabelos, para em seguida escorregar seus lábios para a minha face, plantando uma trilha de beijos que se estendeu até o meu pescoço.

— Ah, Fernanda, você não tem ideia do que está fazendo comigo, menina. — Sua voz era um sussurro rouco quase inaudível. — Estou completamente louco por você. Desde que a vi com aquela camisola minúscula no meu quarto, não há um só minuto que eu não pense em te possuir.

— E-eu sinto o mesmo. — Confessei, desarmada, já sem forças para camuflar meus sentimentos.

— Então porque torna as coisas tão difíceis?

— Tenho medo.

— De quê?

— Do senhor. De sair magoada. De me apaixonar e depois perder.

— Você devia pensar menos e se entregar mais ao que sente.

— O senhor sabe que eu sairia ainda mais magoada se ouvisse meus sentimentos.

Ele afastou-se alguns centímetros, o suficiente para fitar-me diretamente nos olhos, com uma expressão de calidez que mexia com cada uma das minhas terminações nervosas.

— A única coisa que sei nesse momento é que te quero e quero com todo o meu coração, como jamais quis outra mulher e essa sua relutância em me aceitar está me deixando louco.

Suas palavras, proferidas com aquele tom de súplica, conseguiram fazer com que meu coração batesse ainda mais depressa e instintivamente umedeci os lábios, em um convite silencioso para o beijo que veio com toda a sofreguidão que ele tinha quando me beijava e desta vez foi ainda mais intenso, apaixonado, tão faminto que me deixava sem fôlego, embora eu sempre quisesse mais.



## CAPÍTULO XII

Continuamos dançando devagar enquanto nos beijávamos, as batidas do meu coração tão aceleradas que temi que este saísse pela boca, todo o meu corpo fervendo do mais primitivo desejo, minha intimidade lubrificando, suplicando por tê-lo de forma íntima.

Sua ereção pressionava meu ventre com firmeza, deixando claro que queríamos aquilo igualmente, embora eu tivesse meus motivos para não permitir que acontecesse e ele tivesse os dele para que fosse ao contrário.

Ficamos ali dançando e nos beijando até tarde da noite, em um momento único, tão especial que eu guardaria para sempre em minha memória. Mesmo depois que estivesse casada com Jacob, que fosse mãe dos filhos dele, eu ainda guardaria a lembrança daquele momento na minha mente e no meu coração, além da certeza de que o gosto dos lábios e o calor do corpo daquele homem eram únicos e algum dia alguma mulher muito sortuda os teria verdadeiramente.

Aquela noite talvez tivesse terminado de forma diferente se o curto trajeto entre o restaurante e o bangalô não existisse para que o frio da madrugada me atingisse a ponto de me permitir voltar a pensar com clareza e ver como de fato eram as coisas, constatar que cada atitude, cada palavra saída da boca daquele homem podia facilmente fazer parte de um jogo de sedução previamente elaborado, que terminaria no instante que ele conseguisse o queria, ou seja, me engravidar.

Foi essa constatação que me impulsionou a voltar a ignorá-lo quando adentramos o quarto e a erguer uma alta barreira de travesseiros entre nós antes de me deitar, demorando para adormecer, meu corpo muito consciente da proximidade dele do outro lado da cama.

O nosso roteiro turístico do dia seguinte começaria com um passeio de iate, para o qual eu não me sentia nem um pouco estimulada, pelo contrário, acordei meio languida naquela manhã, com vontade de ficar na cama até mais tarde, talvez pelo efeito do vinho que consumi em grande quantidade durante a noite.

O Sr. Baker parecia tomado pelo mesmo estado de ânimo, ou pior, tinha a fisionomia contraída, o maxilar rijo, como se algo o incomodasse, mas não me dei ao trabalho de perguntar do que se tratava. Se quisesse se abrir comigo, que o fizesse espontaneamente.

Do lado de fora do bangalô, o sol escaldante me incomodava, mesmo usando óculos escuros, meus olhos eram ofuscados. Sem mencionar que meu corpo parecia mais pesado, cansado, como se não tivesse dormido o suficiente.

Desta vez precisamos deixar o hotel de carro, uma espécie de jipe sem capota conduzido por um simpático motorista italiano.

No atracadouro, constituído por um longo píer de madeira branco, havia centenas de barcos a maioria movidos a motor, embora fosse possível ver alguns veleiros entre eles. Não me surpreendi quando o maior deles, um iate luxuoso, foi trazido por um jovem marinheiro, que desembarcou no instante que entramos.

— O senhor sabe pilotar? — Perguntei apenas para me certificar de que ele não nos perderia na imensidão do mar.

— Não se fala pilotar, é conduzir, isso não é uma moto ou um avião. Barco se conduz. E sim, eu sei conduzir. — Seu tom de voz era áspero. Pelo visto não fui a única a acordar de mau humor.

— Pilotar ou conduzir, tanto faz! — Rebatí.

Ele não se deu ao trabalho de responder, continuou com a cara amarrada, a ruga se aprofundando no meio da sua testa, quando tomou o leme e nos conduziu mar à dentro, em alta velocidade, a cidade ficando mais distante e pequena a cada quilômetro percorrido.

Mesmo ao longe, a água do mar continuava com aquele tom azul turquesa lindo, dando-nos uma bela vista.

Entediada, fui à procura da minha bolsa que o garoto levou para o interior da embarcação e descobri que o iate era ainda maior visto pelo lado de dentro. Parecia uma casa de luxo, com cômodos bem divididos e mobiliados. Havia uma sala com estofados caros, sala de jogos, uma academia, compartimento de carga e uma cozinha muito bem equipada.

Eram tantas cabines que eu não sabia por onde começar a procurar. Tinha arriscado três delas quando o meu marido desceu para me encontrar.

— Está tudo bem por aqui? — Ele quis saber, agindo como se fosse o adulto e eu a criança que precisava de seus cuidados.

— Sim. Só queria encontrar minha bolsa para colocar um biquíni e aproveitar o sol.

— Por que não me perguntou antes de sair procurando sozinha?

— Porque não preciso do senhor pra nada. Sei muito bem e virar sozinha. — Rebatí com a mesma rispidez. Eu não era mais sua funcionária para ele me tratar daquele jeito.

— Estou vendo que você sabe. — Havia ironia no seu tom de voz, o que me irritou ainda mais. — Está na última cabine. Aposto como você ia olhar em todas as outras antes de chegar lá.

Por que ele estava sendo tão irritante? O que eu tinha feito para provocá-lo? Foi tão lindo entre nós ontem à noite, no restaurante, por que ele estava tão mudado?

— Obrigada, majestade. Fez um grande favor à sua súdita. — Falei, com sarcasmo, fazendo uma reverência antes de dar-lhe as costas e ir em busca da minha bolsa onde ele disse que estava.

Mas, para minha infelicidade, ou não, o meu marido não era um homem que levava desaforo para casa e veio atrás de mim, alcançando-me com alguns passos largos, segurando-me pelo braço para virar-me, antes de usar o seu corpo grande e forte para me encurralar na parede, imobilizando-me.

— Você pode empinar esse nariz para mim o quanto quiser, pode gritar aos quatro cantos do mundo que não me quer e nunca vai conseguir convencer ninguém disso. — Usou uma mão para aprisionar meus pulsos acima da minha cabeça, passando a explorar meu corpo com a outra, enfiando-a sob o vestido minúsculo, tocando diretamente minha pele, me despertando um misto de medo e desejo. — Eu sei que você me deseja, que está doida pra me dar essa bocetinha, mesmo quando finge me ignorar.

— Não seja pretensioso Sr. Baker.

— Não me afronte, Fernanda! — Ele esturrou, como um animal violento. — E chega dessa coisa de me chamar de Sr. Baker ou de senhor. Chega! Você é minha esposa e tem que me tratar como tal!

— Não sou sua de verdade!

Merda! Minha afronta só o enfurecia mais. Eu precisava aprender a ficar de boca fechada, afinal estava sozinha no meio do mar com um homem que mal conhecia. Mas, e se ele fosse um psicopata assassino?

O pensamento me fez estremecer de medo.

— Do que tanto você tem medo? É do sexo? Por acaso você é uma vítima de estupro traumatizada? Ou aquele bandidinho que você chama de noivo nunca soube te fazer gozar? Se ele não soube, eu saberei, posso te deixar tão viciada nisso que você não vai mais conseguir parar de dar pra mim. Basta experimentar uma vez. Posso te provar isso agora mesmo.

Ele não esperou pela minha recusa, antes que eu pudesse abrir a boca, tomou-a com a sua, com uma fome descontrolada, sugando meus lábios cerrados até que os entreabri para permitir a passagem da sua língua insolente e habilidosa,

que praticamente fodia a minha boca, entrando e saindo, eroticamente.

Por mais que eu lutasse contra aquilo, não consegui evitar o calor do desejo que tomou conta de todo o meu ser. Parecia loucura, mas mesmo quando se mostrava um doente mental, aquele homem conseguia me desestruturar, despertando-me um violento turbilhão de sensações que me impedia de pensar.

Ele continuava me beijando de forma selvagem, esfregando sua ereção em meu corpo, por sob nossas roupas, sua mão passeando pela minha pele, até que se enfiou na minha calcinha e tocou minha intimidade muito molhada, massageando meu clitóris, tão deliciosamente que quase gritei de prazer.

Entretanto, junto com o júbilo veio o medo aterrador de ser possuída pela primeira vez por um homem que não me amava, de entregar minha virtude a outro que não àquele que me esperava desde que nos conhecemos. Esse medo falou mais alto que tudo mais dentro de mim, me impulsionando a afastar minha boca da sua.

— Por favor, pare. — Eu praticamente supliquei, minha voz trêmula e ao mesmo tempo arrastada pela respiração ofegante.

Ele continuou massageando meu sexo, muito suavemente.

— Me dá só uma razão para que eu não continue fazendo isso até você gozar. Eu sei que você está muito perto.

— O senhor não tem esse direito.

— Sim, eu tenho. Sou seu marido.

— Eu ainda não pedi.

— E eu ainda não estou te fodendo, só te acariciando.

— Eu nunca... estive com um homem assim antes.

Ele continuou por mais um instante, até que de súbito ficou imóvel e então se afastou.

— Como é? — Indagou incrédulo.

Cacete! Eu queria que um buraco se abrisse sob mim e me engolisse.

— Eu sou virgem. — Não consegui olhar em rosto quando confessei.

Ele permaneceu em silêncio por um longo momento, depois disse:

— Você está inventando isso para me evitar?

— Claro que não. Eu conheci Jacob quando tinha onze anos. Ele foi meu primeiro e único namorado. Concordou em esperar até que estivéssemos casados.

O Sr. Baker ficou sem voz. Por um longo momento, permaneceu imóvel, encarando-me com incredulidade.

— Como isso é possível?

— É que acontece quando duas pessoas se respeitam, como eu e Jacob nos respeitamos.

— Para de falar no nome desse cara! — Esturrou, como uma fera selvagem. — Você devia ter terminado esse relacionamento quando nos casamos. Eu te disse pra fazer isto. Se há um homem a quem você deve fidelidade, esse homem sou eu.

— Não. Eu sou comprometida com ele.

— Leia sua certidão de casamento, Fernanda! Vai ver que é o meu nome que está lá, não o dele.

— Não é um casamento de ver...

— Não repita mais isso! — Ele me interrompeu, bruscamente. Passeou seus dedos pelos cabelos curtos, demonstrando nervosismo, então continuou: — Por acaso você tem medo da reação dele se terminar tudo?

— Claro que não. Jacob é incapaz de me machucar. Estou com ele porque o amo e porque ele soube me respeitar esse tempo todo.

Apoiou as mãos nos quadris e esticou os lábios em um riso de escárnio.

— Merda! E eu achando que esse tipo de coisa não existisse mais.

— Existe no meu mundo.

— Mas no meu não.

— O senhor pode me dar o divórcio e arranjar outra com menos... empecilhos.

— Não existe a menor possibilidade de eu te dar esse divórcio antes de conseguir o que quero. — Suas últimas palavras me doeram na alma. — Vá vestir o seu biquíni e aproveitar o sol, como pretendia antes de eu... Bem, você sabe.

Não esperei que ele mudasse de ideia e corri para a cabine onde estava minha bolsa, sentando-me na cama ampla de casal, tentando acalmar meu coração ainda acelerado no peito. Não havia dúvidas de que meus sentimentos por aquele homem eram mais intensos e avassaladores que por Jacob. Nos braços do meu noivo eu jamais fui tão arrebatada pelo desejo, como nos dele. Entretanto, eu tinha inúmeras razões para não ceder ao que sentia, a começar pelo que ele acabara de dizer, quando deixou claro que não me daria o divórcio antes de conseguir o que queria, ou seja, antes de continuar me usando para afrontar seu pai, dando-lhe um neto de origem baixa, como considerava a minha. Cabia a mim evitar que isso acontecesse, o que se tornava cada dia mais difícil.

Deitei-me, recostando a cabeça no travesseiro, perdendo-me em meu mar de pensamentos. Lembrei-me da noite anterior, quando dançamos no restaurante, o

quanto foi lindo, o quanto acreditei em suas palavras quando disse, ao seu modo, que sentia algo por mim e agora, deixava claro que seu objetivo continuava sendo me engravidar. Ele não sentia absolutamente nada, queria apenas me usar para desafiar seu pai, enquanto eu me apaixonava aos poucos.

Contudo, me recusava a ser tão fraca, buscava forças no amor que Jacob me dedicou durante todos aqueles anos que nos conhecíamos, para resistir ao Sr. Baker, a toda essa confusão de sentimentos que ele me despertava, até que tivesse se passado os três meses.

Perdi a noção de por quanto tempo estava ali deitada, vulnerável, fragilizada. Experimentando o balanço do barco se movimentando no mar, para depois ancorar, embora fosse difícil saber com precisão quando se movimentava ou não.

Meu estômago começava a reclamar por uma refeição, quando o cheiro forte de comida queimada partiu do lado de fora e saí curiosa para saber do que se tratava.

Por mais incrível que a cena pudesse parecer, realmente encontrei o Sr. Baker na cozinha, ao pé do fogão preparando, ou tentando preparar, a comida.

— Com fome? — Ele me lançou um olhar rápido, enquanto mexia o macarrão empapado e ao mesmo tempo queimado na panela, se mostrando tão desajeitado que não consegui evitar o riso.

— Aposto como nunca cozinhou nada na vida, Sr. Baker.

— Não. Mas nunca é tarde para aprender. Já chega dessa coisa de Sr. Baker. Me chame de Patrick. — Não pediu, ordenou.

— Onde está a cozinheira, Patrick?

— Era pra ser um passeio romântico, sem espaço para uma terceira pessoa.

— E as outras com que fez esses passeios românticos preparavam a comida?

— Sim. Elas preparavam. — Me encarou com os olhos carregados de malícia. — Elas faziam absolutamente tudo o que eu queria.

*“Então por que não escolheu uma delas para se casar, seu cachorro?”*. Pensei, irritada, mas não começaria de novo com essa discussão.

— Pode deixar que preparo alguma coisa. Isso aí está intragável. — Aproximei-me do fogão e ele roçou seu corpo no meu, deliberadamente, ao se afastar, o contato causando um formigamento gostoso na altura do meu ventre. — Vou ter que jogar fora. O macarrão cozinhou demais em cima e queimou no fundo.

— Faça como quiser. — Ele sentou-se à mesa, devagar, devorando meu corpo com seu olhar faminto.

Parti em busca de algo que pudesse preparar na cozinha bem equipada,

vasculhando armários e geladeira. Surpreendi-me ao constatar que estava bem abastecida de mantimentos.

Escolhi preparar apenas uma salada de frango desfiado com verduras, já que era o mais rápido e eu estava com fome demais para esperar algo mais elaborado. Meu marido abriu uma garrafa de vinho branco e serviu a nós dois, antes de voltar a sentar-se na mesa às minhas costas, tornando-me muito consciente do seu olhar seguindo cada um dos meus movimentos enquanto eu cozinhava.

Eu já me sentia mais relaxada e meio tonta pelo efeito do vinho quando servi a mesa.

Enquanto comíamos em silêncio, não pude deixar de notar o quanto ele estava bronzeado e como ficava ainda mais atraente assim. Irresistivelmente atraente. Comecei a imaginar como era os outros passeios românticos que ele fizera nesse mesmo iate. Na certa eram muito quentes, pois ele era um homem tentadoramente sexy, tinha uma libido impressionante e parecia insaciável. Que mulher resistiria?

Ah! Claro. Eu.

— Quantas? — O pensamento saiu em voz alta.

— Quantas quê?

— Quantas garotas já estiveram com o sen...

— Você. Me chame de você.

— Certo. Quantas garotas já estiveram com você neste iate?

Ele semicerrou os olhos, fazendo uma expressão pensativa, como se buscasse as lembranças em sua mente.

— Umas sete ou oito.

— Poxa. Muitas garotas.

— É que eu sou um homem que gosta muito de mulheres e tudo o que elas têm a oferecer. Principalmente do sexo. — Levou uma garfada à boca, antes de continuar. — Você também me parece uma pessoa que gosta muito do sexo. Como conseguiu permanecer virgem até os vinte e um anos?

Não pude evitar que minha face queimasse e supus que estava muito vermelha. Era impressionante a naturalidade com que ele tratava um assunto que sempre considerei um tabu.

Procurei a resposta para a sua pergunta e só havia uma: nunca, antes de conhecê-lo e experimentar o sabor dos seus lábios, o calor do seu corpo, o sexo tinha me interessado, pelo menos não com tanta intensidade. Era como se eu tivesse passado toda a minha vida esperando-o, embora jamais admitiria isso.

Eu gostava de ser beijada e tocada por Jacob, mas com ele jamais perdi o controle sobre minhas emoções como acontecia com o homem à minha frente e isso era espantoso.

— Está gostando da salada? — Tentei fugir do assunto.

— Está muito boa. Agora responda a minha pergunta.

— Quando tinha dezessete anos e concordei em assumir um namoro sério com Jacob, decidi que fazê-lo esperar até depois do casamento seria uma forma eficiente de fazê-lo mudar por mim. Deu certo.

— Você não quer esse cara de verdade, ou já teria se entregado. Você é apenas uma boa samaritana lutando em defesa de um marginalizado e está sacrificando sua vida em nome disso.

Dei de ombros, afinal a teoria dele não era tão defasada.

— Que seja. Mas ainda assim não acho que estou sacrificando minha vida. Estou muito feliz.

— Eu poderia te fazer muito mais feliz se você me deixasse.

— Como? Me dando uma grande casa para morar com o nosso filho desprezado pelo avô? — Não economizei no escárnio.

— Não apenas assim, eu também posso te dar muito prazer. — Fez uma pausa, esperando que eu retrucasse, mas ele estava cansado de saber que eu não queria aquilo, pelo menos não da forma como ele me oferecia, então não perderia meu tempo explicando pela milésima vez. — Mas posso te dar uma vida confortável também. Depois de se tornar mãe do meu filho, você nunca mais precisará trabalhar. Vai dedicar sua vida a educá-lo. Sabe quantas mulheres dariam tudo por uma oportunidade dessas?

— Acredito que muitas... Por isso me impressiona que o senh... Que você ainda esteja perdendo seu tempo comigo.

Sua fisionomia se contraiu, aquela ruga de insatisfação se aprofundando no meio da sua testa.

— Acredite, boneca, eu nunca entrei em um desafio para sair perdendo. Nunca.

Merda! Sua autoconfiança me abalava, ao mesmo tempo que me irritava.

— Para tudo nessa vida há uma primeira vez. — Fingi uma segurança que estava longe de existir.

Após a refeição, ele se declarou cansado e foi para a cabine onde estavam nossas coisas em busca de repouso, quando aproveitei para colocar o biquíni menos indecente que encontrei na minha mala e ir aproveitar o sol da tarde nas confortáveis espreguiçadeiras do convés do iate.

Estávamos ancorados em mar aberto, sem nada à nossa volta que não o céu e as águas azuis do oceano.

## CAPÍTULO XIII

Esperei que a minha linda e intrigante esposa deixasse a cabine, carregando seu minúsculo biquíni para ir se trocar longe dos meus olhos e me deixei espichar sobre a cama, preguiçosamente. Porém, apesar do cansaço, não conseguia relaxar, meus músculos doíam, a ansiedade me tomava.

Fitei fixamente o teto e não consegui desviar meus pensamentos dela, imaginando como ficaria atraente tirando aquele vestidinho pequeno e se enfiando no biquíni ainda menor. Devia ser uma visão realmente gloriosa, como uma joia rara na vitrine de um museu, que eu podia olhar, mas não podia tocar.

Merda! Eu já estava cansado disso! Não aguentava mais passar as noites e os dias desejando-a sem possuí-la. Meu corpo começava a reclamar, estava ficando difícil conter a tensão que tomava conta de mim.

Como vinha acontecendo nos últimos dias, o gosto da sua boca linda, a maciez delicada da sua pele, sua voz, seu cheiro, tudo nela me tomou inteiro, como se estivesse entranhada em minha alma, fazendo com que minha mente projetasse, mais uma vez, o momento que a tomaria e a faria definitivamente minha. Eu a queria de tantas formas, com tanta vontade, que não tê-la estava começando a se tornar uma tortura, estava me deixando louco.

Definitivamente a Sra. Baker estava me afetando muito mais do que eu gostaria ou esperava e isso me enfurecia, porque me deixava vulnerável, temendo por mim e por ela, pois se eu tinha certeza de alguma coisa nessa história, era de que ambos poderíamos sair machucados dela e para mim uma vez foi o suficiente. Eu não precisava passar de novo por tudo o que passei com Suzan, quando me permiti nutrir algum sentimento por uma mulher, entregar meu coração e minha confiança a ela. Aquilo me custou caro e eu não cairia nessa outra vez.

Para Fernanda seria ainda pior, pois eu a teria na minha cama, totalmente entregue, de modo que a despiria de todos os seus pudores e preceitos morais. A transformaria em um putinha e saciaria esse maldito tesão que tinha por ela, depois a faria conceber o meu filho e a deixaria. Esse era o roteiro e nada me faria mudá-lo, nem mesmo o fato de que eu me sentia um canalha por destruir sua vida desta forma. Sim, isso destruiria a frágil Sra. Baker, só agora, conhecendo-a melhor, sabendo o quanto era romântica, pura e o quanto se apaixonaria facilmente, eu percebia isso.

Ela não se entregaria a menos que estivesse apaixonada e eu me sentia quase um sádico por saber que a estava fazendo se apaixonar para depois deixá-la.

Eu poderia facilmente anular esse casamento, procurar uma prostituta qualquer nas ruas da cidade, que abrisse suas pernas por qualquer nota de cem dólares e dar o neto que meu pai merecia, mas o fato era que meu egoísmo não me permitia fazer isso. Eu queria Fernanda, queria a sua pureza, queria o seu amor e queria a sua virtude. Eu queria tudo dela e teria.

Nesse processo, eu só não me sentia culpado de roubá-la daquele seu noivo imprestável e perigoso, porque ela merecia coisa melhor. Entretanto, ainda assim, eu me negava a permitir-lhe ter esse melhor, eu me recusava a deixá-la livre para procurar alguém que a merecesse, o que não era o meu caso, nem do seu noivo bandido. Alguém com quem pudesse se casar pura como queria e com quem pudesse constituir uma família de verdade, porque eu a queria só para mim. Eu a queria tanto que mesmo depois de tê-la em meus braços e de fazê-la trazer meu filho ao mundo, eu não permitiria que outro a tocasse. Seria capaz de fazer dela a minha amante, mas não deixaria que arranjasse um marido e construísse uma família como sonhava ter.

Eu devia me odiar por ser egoísta a tal ponto, mas jamais permitiria que Fernanda tivesse uma vida com outro homem, embora não pretendesse fazer parte da vida dela, pelo menos não do jeito convencional.

Aquilo tudo parecia loucura, mas era como eu me sentia. Talvez depois que a tivesse possuído de todas as formas sujas e devassas que vinha fantasiando desde que a vi pela primeira vez sem aquele macacão ridículo, aquilo tudo mudasse e eu a deixasse em paz para se casar com outro e ter a vida certinha que planejou desde pequena. Todavia, por enquanto, eu estava decidido que ela seria só minha.

Me remexi ocioso na cama, minha mente ainda projetando sua imagem, o quanto devia estar linda agora, deitada no convés do iate, só de biquíni, provavelmente sem usar protetor solar. Eu podia usar essa desculpa novamente para tocá-la, ver o desejo, que ela insistia em negar, aflorando em seu corpo, causando as reações naturais de uma mulher excitada, embora nela tudo parecesse mais intenso, já que essas reações a assustavam e agora eu entendia a razão: ela era virgem. Pura como um anjo. O que só me fazia desejá-la mais.

Precisei de um esforço enorme para conter o impulso de subir até lá e beijar sua boca deliciosa, tocar o seu corpo tentador, pois sabia que ela me rejeitaria de novo e continuaria rejeitando até que se convencesse de que não podia lutar contra os próprios sentimentos. Isso levaria tempo. Uma viagem a Porto Cervo

era suficiente para virar a cabeça de qualquer mulher, mas Fernanda não era uma mulher qualquer, ela era rara, preciosa e só a tempo a faria me aceitar. Eu só esperava que esses três meses que cometi a sandice de dar a ela fossem suficientes.

Continuava mergulhado em pensamentos, quando meu celular tocou e me espantei que ainda houvesse sinal àquela altura do mar. Isso provava que não estávamos tão longe quanto eu imaginava da costa.

Era Peter e imediatamente eu soube que algo grave tinha acontecido na *Increase*, pois dei-lhe ordens expressas de que só me incomodasse se o assunto fosse urgente.

— Fala Peter. — Levantei-me, sentindo meu corpo ficar ainda mais tenso.

— *Desculpe incomodar, Sr. Baker, mas aconteceu algo grave esta manhã e achei que o senhor gostaria de saber.*

— Fala logo.

— *Há cerca de três horas um homem armado invadiu o prédio. Não sabemos como ele conseguiu passar pela segurança, mas foi parar na sua sala. —* Eu ficava mais apreensivo a cada palavra dele. — *Estava muito drogado e confessou que estava aqui par matá-lo. —* Ele fez uma breve pausa, como se hesitasse em continuar. — *Disse também que é noivo de Fernanda, quer dizer, da Sra. Baker.*

Merda! Era só o que me faltava! Ter que lidar com a revolta de um bandidinho de quinta categoria.

Eu já devia ter imaginado que algo assim aconteceria, com tantos jornalistas na festa na casa do meu pai o casamento não ficaria em segredo por muito tempo. Na certa a notícia saiu em todos os jornais da cidade e todos já sabiam, inclusive os pais dela.

— Ele foi preso?

— *Sim senhor, mas fui informado de que não ficará lá por muito tempo, pois alegou insanidade temporária.*

Merda! Se eu tinha certeza de uma coisa, era de que aquele marginal se viraria contra Fernanda também, portanto a segurança dela estaria em risco no instante que pisássemos nos Estados Unidos. Mas só passando por cima do meu cadáver ele chegaria perto dela.

Não contaria nada a ela por enquanto, para não preocupá-la durante nossa lua de mel, mas a cercaria de seguranças quando retornássemos.

— Mas alguma informação?

— *Sobre isso não.*

— Como estão os negócios?

Peter me fez um resumo detalhado de todas as transações que realizou durante a minha ausência, mas não consegui me concentrar em uma palavra do que ele dizia, meus pensamentos todos voltados para o risco que Fernanda corria, por minha causa. Eu jamais me perdoaria se algo lhe acontecesse. Não apenas porque a culpa seria minha, mas por algo muito maior que isso. Talvez o fato de ela ser tão frágil, inocente e correta, desmerecedora de qualquer mal.

Após falar com Peter, liguei para o meu advogado e ordenei que aligeirasse a mudança da família da minha esposa do Bronx para outro bairro, pois não seria seguro que ela voltasse ao bairro para vê-los. Além disso, ordenei que providenciasse uma moradia descente, afinal eu prometi isso à mulher com quem me casei.

Ao encerrar a ligação fui atraído como um ímã ao convés, ansioso por ter certeza de que ela estava bem e segura.

Como eu esperava, tudo rebuliu dentro de mim no instante em que meus olhos a encontraram, deitada sobre as almofadas na proa, adormecida sob o sol escaldante, totalmente relaxada, usando um biquíni amarelo, suas curvas perfeitas me parecendo desejáveis como água no deserto.

Definitivamente a proa daquele barco nunca esteve tão atraente.

Lutei contra mim mesmo, tentando não me aproximar, pois sabia que seria rejeitado mais uma vez, mas foi impossível resistir e quando me dei conta já estava sentado ao seu lado, acariciando seus cabelos castanhos, esvoaçados pelo vento.

Imaginei aquele marginal machucando-a, como fizera com tantas pessoas, de acordo com sua ficha na polícia, e todo o meu corpo estremeceu violentamente, um devastador sentimento de posse me tomando. Se ele a tocasse, eu o mataria sem pestanejar.

Continuei observando seu rosto lindo, relaxado, sereno, a pele bronzeada e fui tomado por uma necessidade absurda de tocá-la, mesmo que isso não fosse correto. Então, como se tivesse vontade própria, minha mão escorregou para seu colo, devagar, contornou a curva macia dos seus seios pequenos e foi para o seu ventre achatado, experimentando cada centímetro da sua pele aveludada.

Por Deus! Como ela era macia, delicada e feminina!

Mesmo dormindo, ela reagiu ao meu toque, sua pele arrepiando, sua boca linda se abrindo para puxar o ar, o que me deixou ainda mais doido de tesão, minha ereção a ponto de rasgar a minha bermuda, ao mesmo tempo em que eu me sentia um perverso, por me aproveitar de uma mulher durante o sono.

Jamais, durante os meus trinta e cinco anos de vida, imaginei que um dia me aproveitaria do sono de uma mulher para acariciá-la. Aquilo era mais uma prova de que Fernanda estava me deixando louco.

Descontrolado por todo o turbilhão de emoções que aquela mulher me despertava, fui ainda mais longe, afastando o pequeno tecido da parte superior do seu biquíni para o lado, desnudando o seio redondo, firme, com o mamilo rosado e coloquei minha boca nele, contornando-o com a ponta da minha língua, extasiado com seu sabor

Eu não pretendia passar dali, pois correria o risco de acordá-la, mas estava excitado demais, perdi completamente o controle e comecei a chupar seu peito com força, com aquela fome devastadora que vinha crescendo dentro de mim desde que me casei.

Enfiei a outra mão sob o tecido que cobria o outro peito e passei a massagear o mamilo entre meus dedos, sentindo-o fica deliciosamente duro.

Eu estava quase fora mim, tomado de luxúria, me acabando de tesão, me segurando para não transar com ela ali mesmo, quando de súbito ela acordou e para minha total satisfação e surpresa, não começou a gritar como eu esperava, mas enterrou seus dedos em meus cabelos e sibilou, antes de sussurrar o meu nome, puxando o ar pesadamente.

Eu não podia acreditar que por fim ela se entregava ao que sentia. Algo que um dia eu achei tão simples, partindo de uma mulher, agora parecia a realização de um sonho bom.

— Patrick... — Ela sussurrou de novo, seu peito subindo e descendo, sua voz sussurrada.

— Estou bem aqui, docinho.

Antes que ela pudesse me massacrar de novo com a sua rejeição, eu a montei, aprisionando-a nas almofadas com o meu corpo, para em seguida tomar-lhe os lábios, com aquela fome descontrolada pelo seu beijo. Desta vez ela não tentou evitar e permitiu que minha língua explorasse sua boca avidamente, enquanto meu peito, oculto pela camiseta, esmagava seus seios delicados.

Porra! Aquilo me deixava doido, sua fragilidade contra a minha força física.

— Sr. Bak... Patrick. O que você estava fazendo? — Ela sussurrou, lânguida, minha boca devorando cada palavra.

— Eu estava te saboreando e pretendo continuar.

— Não...

— Não me peça para parar. — Arrastei minha língua para sua orelha, depois pelo seu pescoço. — Eu estou louco por você, menina. Me sinto queimar por

dentro cada vez que te toco.

— Eu sinto o mesmo... — Pronunciou cada palavra devagar. — Mas...

— Não tem mas. — A interrompi e antes que ela pudesse me impedir, aprisionei seus pulsos acima da sua cabeça e levei minha boca novamente para seus seios, lambendo seu mamilo rosado antes de colocá-lo na boca e mamar com ganância.

Ela arquejou, se contorcendo sob mim, um gemido muito suave, dengoso, partindo da sua boca linda.

— Ah... Patrick... — Arfou, sem parar de se contorcer. — Não...

— Sim... — Passei a boca para o outro peito, brincando com o mamilo entre meus dentes antes de enterrá-lo na boca e sugar como um faminto.

— Ah... por favor... pare...

— Não. Eu não vou transar com você, apesar de desejar isso mais que qualquer coisa na vida. Só quero sentir o seu gosto. Deixa.

— Não...

— Sim... — Circudei seu mamilo com a ponta da minha língua, deixando-o cada vez mais duro, vendo-a ofegar, sibilando, muito excitada. — Diga que posso te saborear...

— Ah... sim...

Sua permissão me soou tão agradável, tão esperada, que meu corpo todo vibrou em expectativa.

— Eu vou te saborear inteira, meu bem.

Assim, escorreguei minha boca sequiosa pelo seu corpo, experimentando-a com a ponta da minha língua, cada célula do meu ser reagindo ao seu gosto.

Ela gemia com uma doçura que encantaria o mais resistente dos homens, ao mesmo tempo em que se contorcia, como se estivesse em chamas. Quando alcancei a parte inferior do seu biquíni, usei os dentes para afastá-lo e ela se assustou, como se não esperasse por isto. Tentou se levantar, mas não permitiu.

— Você me deu sua permissão. — Retruquei e a segurei firme pelos quadris, mantendo-a no lugar, enquanto alcançava seu clitóris inchado com a ponta da minha língua, fazendo movimentos circulares sobre ele.

— Ahhh

Ela soltou um gemido alto e pouco a pouco foi relaxando, cedendo ao desejo que a queimava, deixando seu corpo se esticar sobre as almofadas, enquanto abria mais as pernas para mim.

Putá merda! Eu tive muitas mulheres ao longo da minha vida, as mais lindas e experientes, porém, nunca nada do que fiz com elas me deu tanto prazer quanto

ver Fernanda finalmente se render a mim, espontaneamente, sucumbindo ao desejo que nutríamos um pelo outro. Aquilo era mais gostoso que ter um orgasmo.

Com a sua entrega, me senti livre para tirar seu biquíni e o fiz devagar, apreciando a beleza da sua intimidade delicada, com lábios carnudos, cobertos por uma espessa camada de pelos macios em torno do clitóris rosado, muito inchado.

Putá que pariu! Eu estava quase explodindo de tesão, quando encolhi suas pernas para cima, expondo-a para mim, contemplando, mais um pouco, sua intimidade, totalmente lubrificada, tentadora demais para manter minha boca longe e, doido de tesão, suguei seus grandes lábios, antes de afastá-los com meus polegares para mergulhar minha língua entre eles, experimentando seu clitóris de novo e me fartei com o seu sabor de fêmea excitada, lambendo-o com movimentos circulares, sentindo-a intumescer cada vez mais, enquanto ela gemia alto, se descontrolando aos poucos.

Ela estava muito próxima do orgasmo e para prolongar seu prazer deslizei minha língua para a porta da sua vagina intocada, muito molhada, depois para seu ânus pequeno, me deliciando. Quando voltei para seu clitóris, o segurei entre meus lábios, sugando-o, para deixá-la explodir em êxtase e gozar na minha boca, seus gemidos se tornando mais altos, todo o seu corpo sacudindo, até que não havia mais nada e ela ficou imóvel, toda mole.

Tarado, ergui o meu corpo e tirei o pênis, duro como uma pedra, de dentro da bermuda, masturbando-o entre suas pernas abertas, louco para me enterrar inteiro nela.

— Me peça... — Falei, com autoridade.

— Não...

Esfreguei a glândula na sua entrada lambuzada, nossos líquidos se misturando e ela se sacudiu toda, excitada.

— Me peça Fernanda. — Minha voz parecia o grunhido de um animal.

— Não... por favor... — Sua voz tremeu e quando busquei os seus olhos com os meus, vi uma única lágrima escorrer do canto do seu olho e foi como se eu recebesse um soco violento no estômago.

Ela me queria, todo o seu corpo me dizia isso, porém, também me rejeitava, com a mesma intensidade e isso me doía muito mais do que eu gostaria.

Assim, concentrei toda a minha mágoa, toda a minha raiva e meu tesão descontrolado nos movimentos da minha mão, masturbando-me, de modo que precisei de apenas duas socadas para explodir e gozei em cima dela, banhando

seu ventre liso com o meu sêmen, abundantemente.

Quando não havia mais nenhuma gota para sair, estendi o meu corpo sobre o dela, cobrindo-a inteira, espremendo meu membro entre nossos corpos e a beijei na boca, com toda a força das emoções que tomavam conta de mim, um misto de mágoa, desejo e paixão, até que a deixei sem fôlego e tive que parar, escorregando para o lado.

Uma amante qualquer, teria juntado seu corpo ao meu, jogado uma perna e um braço sobre mim, para se refestelar como o meu calor enquanto as batidas do coração se acalmavam, mas Fernanda era diferente de todas e em vez disso, levantou-se tensa, vestindo depressa seu biquíni, cobrindo-se com uma toalha.

— Não é seguro dormir perto de você, Sr. Baker. — Reclamou, sua atitude me irritando, ao mesmo tempo que me machucava.

— É Patrick! — Retruquei, irritado com sua atitude.

— Que seja. Que fique bem claro que não quero que isso se repita.

Suas palavras transformaram minha irritação em raiva e levantei-me para encará-la de frente.

— Você não passa de uma hipócrita, Fernanda! — Gritei mais alto do que pretendia. — Insiste em dizer que não me quer, quando todo o seu corpo diz o contrário.

Ela me encarou em silêncio por um longo momento, seus olhos expressando uma dor que não entendi e outra lágrima escorreu pelo canto do seu olho.

— Não vou negar que nunca desejei nada nem ninguém na minha vida, como desejo você. Mas não posso permitir que as coisas sejam assim.

— Assim como?!

— Não posso me entregar a um homem que não me ama, que não quer nada comigo que não me usar para dar um neto rejeitado ao pai.

— Eu não entendo porque tanto drama. É só sexo!

Vi a dor se intensificar em seus olhos, as lágrimas marejando-os.

— É esse o problema. Eu não quero só sexo. Eu quero amor. Isso você não pode me dar.

Era a minha vez de dizer alguma coisa, mas eu não tinha uma resposta para aquilo. Não podia confessar que ela estava certa, que eu jamais poderia dar o amor que ela queria. Admitir isso só a magoaria e afastaria mais.

Ela ficou em silêncio esperando a minha resposta, como não obteve, encolheu-se mais dentro da toalha e sumiu para o interior do barco correndo.

## CAPÍTULO XIV

Desci correndo para o interior do iate e me tranquei em uma das cabines. Como eram muitas eu teria algum tempo par ficar sozinha antes que Patrick me encontrasse.

Trêmula, sentei-me na cama, tentando pensar no que acabara de acontecer, mas meus neurônios pareciam desconectados, formando uma bagunça terrível em minha mente que me impedia de raciocinar com clareza. Naquele instante eu só conseguia sentir e estava invadida por um turbilhão de sensações antagônicas. Por um lado queria odiar o meu marido pelo que acabara de fazer, despertando o desejo insano que jazia dentro de mim durante o sono, abusivamente, se aproveitando da situação para conseguir o que queria. Porém, por outro lado, eu queria voltar lá e pedir a ele que terminasse o que começamos. Ah! Como eu queria! Como desejava ser sua! Essa era a parte de mim que falava mais alto, ao mesmo tempo em que era a que eu me recusava a ouvir.

Eu não podia me permitir ser usada desta maneira, como se não passasse de um pedaço de carne, sem alma e sem coração, escolhido para viabilizar o plano sórdido do homem com quem me casei, de afrontar o pai dando-lhe um neto de baixa origem. Eu me recusava a ser apenas isso. Eu queria ser amada, ter um casamento de verdade, ter filhos que seriam amados por mim e pelo pai, pertencer a um homem apenas.

Tracei esta meta para a minha vida muito cedo e não tinha dúvidas de que era o que eu queria, portanto, nada me faria tomar um caminho diferente, nem mesmo essa paixão descabida que crescia mais dentro de mim a cada dia perto daquele homem. Eu só precisava ser forte, três meses passariam depressa.

Levantei-me e fitei meu reflexo no espelho preso a um armário embutido, quando vi as lágrimas marejando meus olhos, mas me recusava a deixá-las cair. Não ia chorar por causa de um homem que só queria o meu corpo e apenas porque eu era pobre.

De súbito minha mente projetou o que aconteceu entre nós no convés, a forma como ele me fez sentir prazer e meu rosto ficou muito vermelho, ao mesmo tempo que uma corrente de calor passeava por mim.

Nada podia se comparar àquilo, foi inesquecivelmente bom, entretanto, seria também com Jacob, quando estivéssemos casados e meu atual marido não passaria de uma lembrança distante.

Passei o resto da tarde trancada na cabine, deixando-a apenas a noite, quando percebi que estávamos de volta à costa. No bangalô, evitei até mesmo olhar no rosto de Patrick, busquei forças dentro de mim, nos meus objetivos de vida, naquilo que realmente queria e consegui ignorá-lo completamente, embora não fosse nem um pouco fácil, pois eu o desejava agora ainda mais que antes. Ainda assim, o deixaria acreditar que me sentia violada por ele, pela forma como agiu no convés do iate, se aproveitando do meu sono, embora no fundo não me sentisse.

Só lhe dirigia a palavra quando precisava responder alguma pergunta que não podia ficar no ar. Entretanto, no restaurante, durante o jantar, foi diferente. Como estávamos em público e eu sabia que nenhuma intimidade aconteceria, voltei a entregar-me aos seus beijos apaixonantes, me inebriando com o calor do seu corpo, sempre querendo ir mais além, embora não permitisse que esses momentos tão incríveis se perdurasse até as quatro paredes do quarto, onde eu arranjava coisas bobas para me ocupar, como pretexto para ignorá-lo.

Não foi fácil, mas durante os três dias que ainda passamos em Porto Cervo consegui lutar contra mim mesma, contra tudo o que sentia e contra as investidas insistentes dele em me levar para a cama e não mais passamos dos beijos e amassos, embora eu quisesse demais.

Quando deixamos a pequena cidade, em seu avião particular, de volta para os Estados Unidos, percebi que ele já não estava tão confiante sobre consumarmos aquele casamento dentro do prazo de três meses e me senti vitoriosa pela possibilidade de voltar a ser livre, embora a expectativa de me distanciar dele me doesse muito mais do que me fazia feliz.

Era tarde da noite quando chegamos em Nova Iorque, a limusine que foi nos apanhar no aeroporto nos deixou em seu apartamento, para que Patrick saísse logo em seguida, sem dar a mínima explicação de para onde ia, sequer avisou se voltaria ainda aquela noite e meu coração apertou no peito, me sufocando de dor, quando imaginei que ele poderia ter ido em busca de satisfação sexual nos braços de outra mulher, depois de tantos dias sentindo tesão sem se satisfazer.

Os homens eram assim: não conseguiam viver sem sexo, principalmente na situação que ele estava há cinco dias, tendo ereções constantemente.

Mais uma vez as lágrimas brotaram em meus olhos, por ciúmes, por imaginá-lo com outra qualquer que lhe daria aquilo que eu lhe negava, mas me recusei a chorar. Não permitiria que aquele homem me afetasse de tal forma.

Após fazer o lanche rápido que Melanie fez questão de me preparar, fui direto para o quarto em busca do meu celular. Apesar do horário, precisava ouvir a voz

dos meus pais, dizer-lhes que estava bem e matar as saudades. Desde que viajei para aquela lua de mel, não falei mais com eles.

Tentei o número residencial, mas ninguém atendeu. Deviam estar dormindo. Então tentei o celular de Silvia, que sempre ia para a cama mais tarde.

— *Por Deus! Finalmente você deu notícias!* — Ela exclamou alarmada, ao atender. — *Estávamos loucos de preocupação. O pai chegou a ter uma crise de pressão alta.*

— Eu estou bem. Não precisam se preocupar. Como estão as coisas por aí? Deixa eu falar com eles.

— *Eles estão dormindo. Você já viu que horas são? As coisas não estão nada bem por aqui. Tivemos que nos mudar. O advogado do Sr. Baker apareceu com a chave e a documentação de um apartamento chique no Soho. O pai não queria aceitar, mas não tivemos opção depois que o Jacob pirou.*

Não entendi nada.

— Como é?! O Jacob pirou?!

— *Ele viu a notícia nos jornais. Todos vimos. Como você foi capaz de se casar sem avisar ninguém?! Por que fez isso com Jacob?!*

Processei suas palavras e senti o sangue fugir da minha face, um bolo se formando na boca do meu estômago.

— Não é um casamento de verdade. Eu posso explicar. Não contei nada porque não vai durar muito. São só três meses. — As explicações soavam ridículas saindo da minha boca.

— *Não tem como explicar isso, mana. Até porque você não pode chegar perto do Jacob no estado em que ele está.*

Meu sangue gelou nas veias. Apertei o aparelho celular com tanta força que as juntas dos meus dedos doeram.

— Como é que ele está?

— *Como você acha? Ele surtou. Teve uma recaída e voltou a se drogar, ainda mais que antes. Invadiu o prédio da Increase \_\_armado, decido a matar o Sr. Baker.*

— Meu Deus! — Eu ficava mais aturdida e preocupada a cada palavra.

— *Foi preso mas já está solto, jurando pra todo mundo que vai acabar com vocês dois. Nos mudamos pra fugir das ameaças dele.*

— Eu vou falar com ele. — Um nó se formava em minha garganta.

— *Pelo amor de Deus, não faz isso. Ele está doido. Fora de si.*

— Eu posso explicar ele vai me ouvir.

— *Não vai não. Na cabeça dele você o traiu e ninguém vai fazê-lo mudar de*

*ideia.*

— Mas eu não traí. — Engoli em seco, relembrando os momentos tórridos nos braços de Patrick, na praia, no restaurante, no convés do iate.

— *Fernanda, fica longe dele pelo menos por enquanto. Espera ele se acalmar, botar o juízo de volta no lugar. Depois você se aproxima. Com calma.*

— Não dá. Eu preciso ver ele agora. Vou explicar tudo. Ele vai me entender. Não posso deixar que ele fique se drogando ou faça besteira maior por minha causa.

— *Espera ele...*

Não esperei que ela completasse a frase e encerrei a ligação.

Quando fui para o closet em busca de algo mais comportado que o vestido de seda curto e colado que usava, mal sentia minhas pernas. A sensação que eu tinha era de que a terra me tragava aos poucos.

Como não deduzi que algo assim pudesse acontecer? Como acreditei que uma mentira tão grande não fosse descoberta? Havia jornalistas na festa na casa do pai de Patrick, eu os vi tirando nossa fotografia. Devia ter ido falar com Jacob antes de viajar e lhe contado toda a verdade. Agora ele estava de volta às drogas e prestes a matar uma pessoa por minha causa.

Ainda pior: a pessoa que ele planejava matar era Patrick.

Por Deus! Como fui permitir que as coisas chegassem a esse ponto? Se algo acontecesse a qualquer um dos dois, eu jamais me perdoaria.

Com meu corpo trêmulo, troquei o vestido curto por outro um pouco mais comportado. Escovei os cabelos, deixando-os soltos, peguei um suéter e corri para a saída.

Para minha total surpresa, havia um homem muito alto, vestido com terno e gravata, em pé na porta do elevador.

— Desculpe, Sra. Baker. Tenho ordens para não deixá-la sair. — Ele disse quando tentei passar.

Fitei-o perplexa.

— Isso é algum tipo de brincadeira?

— Não senhora. O Sr. Baker deu ordens expressas de que não a deixasse sair. É para a sua segurança.

Lentamente, a verdade foi se descortinando diante dos meus olhos: Patrick sabia que Jacob descobriu tudo. Ele foi avisado ainda na Itália e cometeu o erro de não me contar nada. Ainda se atrevia a tentar me impedir de sair.

Como se atrevia?

— Ou você sai da minha frente agora mesmo ou chamo a polícia e digo que

estou sendo mantida em cativeiro! — Concentrei toda a minha raiva em minhas palavras e vi o homem ficar aflito.

— Desculpe senhora, eu apenas cumpro ordens.

— É sério? — Tirei meu celular do bolso do casaco e fingi digitar alguns números. — Vamos ver o que a polícia vai achar disto. No mínimo você será indiciado por cúmplice de sequestro.

Ele ficou visivelmente nervoso. Trocou o peso do seu corpo de um pé para o outro, hesitou e por fim falou:

— Merda! Eu vou ser demitido por isso. — Mas, acabou saindo do meu caminho.

— Não vai. Eu falo para o seu chefe que a culpa foi minha. — Como se ele fosse me ouvir.

Deixei o prédio depressa, encontrando a rua pouco movimentada devido ao horário, o que me rendeu uma demora absurda para conseguir pegar um táxi e mais meia hora de argumentação para convencer o taxista a entrar no Bronx àquela hora da noite.

Com muita relutância ele me deixou em frente da casa de Jacob. Um apartamento de dois cômodos em um prédio simples, que ele dividia com o meio-irmão Willian. Toquei a campainha insistentemente e como não obtive resposta, tentei seu celular, mas não fui atendida pela segunda vez.

Merda! Ele não estava em casa, se estivesse não deixaria de abrir a porta. Devia estar em algum bar barulhento para que não ouvisse o celular, mas havia tantos que eu não sabia nem por onde começar a procurar.

Decidida a esperá-lo, sentei-me na calçada diante do prédio, tornando-me alvo de alguns olhares curiosos dos transeuntes, a maioria pessoas drogadas e bêbadas que perambulavam entre um bar e outro. Apenas aqueles que me conheciam e sabiam que eu era noiva de Jacob evitavam olhar muito, pois o temiam devido ao seu passado. O mesmo medo que os impedia de me dizer onde encontrá-lo quando eu indagava.

Enquanto aguardava, meu celular tocava incessantemente, um número desconhecido, que não atendi por desconfiar que fosse de Patrick.

O frio começava a se tornar insuportável quando por fim Willian apareceu, completamente bêbado, abraçado a uma garota de cabelos loiros.

Embora fosse mais velho que Jacob, Willian tinha uma estatura menor e a fisionomia latina o fazia parecer mais jovem que a do irmão.

— Oh, Willian! Graças a Deus. Preciso falar com Jacob e não adianta me dizer que não sabe onde ele está.

— Porra gata. Tua situação com ele não está muito boa não. — Sua língua enrolava devido ao efeito do álcool e das drogas.

— Pode deixar que eu me viro com ele. Só preciso que você me diga onde encontrá-lo.

— Acho melhor você não ir falar com ele hoje não.

— Ah, para de frescura. — A loira ao seu lado interveio. — Depois do que ela fez merece o Jacob do jeito que ele tá. — Fitou-me com hostilidade. — Ele tá \_no Coiote.

— Obrigada. — Agradei e saí quase correndo.

O Coiote era um dos bares mais movimentados do bairro, primeiro por causa do grande movimento do tráfico de drogas. Segundo, porque lá os usuários tinham liberdade em se drogar diante uns dos outros. Era onde Jacob traficava quando o conheci, antes de nos tornarmos namorados.

Ficava a duas quadras dali e fiz o percurso apressadamente, evitando olhar diretamente no rosto dos viciados que circulavam pelas calçadas, devido ao perigo que representavam.

Tomei o cuidado de desligar o celular para que não continuasse tocando antes de entrar no bar.

Do lado de dentro, o lugar estava lotado de pessoas dançando ao som da música agitada, outras ocupando as mesas nas laterais e algumas poucas sentadas no bar. O ambiente era escuro e havia uma fumaça branca espalhada por toda parte, o que tornaria impossível encontrar Jacob. Então, fui direto ao bar perguntar a Anthony, o balconista, meu antigo colega de escola.

— Oi Anthony. Onde o Jacob está? — Precisei gritar para que minha voz se elevasse ao som da música.

Anthony me encarou com piedade.

— Está lá atrás.

Ai meu Deus! Lá atrás era a sala onde ele costumava se drogar.

— Obrigada.

Atravessei a multidão alucinada com a música, as bebidas e as drogas, passando pela porta estreita, muito bem vigiada por Caruso, um dos traficantes do local, que me deixou passar apenas porque me conhecia e sabia sobre o meu envolvimento com Jacob. No longo e escuro corredor que se seguia, havia várias salas ocupadas pelos clientes que preferiam fazer o uso das drogas mais discretamente. Eu sabia que Jacob estava na última, a mais isolada de todas e foi para onde me dirigi.

Apesar de saber que ele me amava de verdade, que seria incapaz de me fazer

mal, como todos por quem passei até chegar aqui tentaram me alertar, não consegui evitar o nervosismo, o suor frio cobrindo-me a pele, um bolo se formando em meu estomago.

Ao constatar que a porta estava destrancada, abri e entrei, me deparando com uma cena que me deixou quase chocada.

Quando conheci Jacob e decidi assumir um compromisso com ele, eu sabia que usava drogas, exatamente naquele lugar, mas nunca tinha presenciado. Não fazia ideia de que podia ser tão horrível.

Jacob estava sem camisa, usando apenas um jeans que caia em seus quadris, sentado em uma poltrona de três lugares. Tinha o corpo salpicado de suor e os cabelos molhados, a fisionomia estava sombria, os olhos virados nas órbitas. Parecia um estranho e não o Jacob que aprendi a amar.

Ao seu lado, havia uma garota muito jovem, de cabelos ruivos, usando apenas uma calcinha minúscula, parecendo tão drogada quanto ele. Do outro lado, estava sentada uma mulher morena, mais velha, usando calcinha e sutiã. Os três trocavam carícias muito íntimas, o que não deixava dúvidas de que pretendiam ter, ou tiveram relações sexuais.

À frente deles, na mesinha de centro, estavam organizadas várias fileiras de cocaína, ao lado de um canudo de metal, uma garrafa pelo meio de vodka e uma pistola cromada.

Eles estavam tão loucos, que não notaram minha presença.

— Oi Jacob. — Falei, constrangida, embaraçada, muito arrependida de estar ali.

Ao ouvir o som da minha voz, ele ficou imediatamente em pé, sua fisionomia mudando de sombria para dura, os olhos esbugalhados brilhando de fúria. Parecia outra pessoa, suas feições lembrando as de um animal violento, quase irreconhecível.

## CAPÍTULO XV

— Está sozinha? — Indagou, sobressaltado, seus olhos procurando a porta atrás de mim.

— Sim.

Encarou-me em silêncio por um instante, os olhos reluzindo um brilho bestial, assustador.

— Eu tenho que admitir que você é muito corajosa por ainda aparecer na minha frente e aquele imbecil com quem se casou é um covarde por permitir isso.

— Eu não tenho nada com ele. Se vim foi porque confio em você, no amor que sentimos um pelo outro.

— Amor?! — Ele gritou tão alto que as duas mulheres se assustaram, atraindo sua atenção. — As duas, *pra* fora, agora! — Ordenou.

— Mas Jacob, a festa *tá* tão boa. Chama ela *pra* participar. — A ruiva falou, a voz embaraçada pelo efeito dos entorpecentes. — Com essa cara de santa, aposto que nunca gozou na boca de uma mulher e eu posso resolver isso rapidinho. — Ela fez um gesto muito obsceno com a língua.

— Saiam, agora! Não me esperem mandar de novo. — Gritou novamente e as duas juntaram algumas peças de roupas que estavam espalhadas pelo chão, antes de deixarem a sala, a morena visivelmente contrariada.

Jacob trancou a porta pelo lado de dentro, tirou a chave e enfiou no bolso do seu jeans, quando finalmente meus instintos me alertaram do perigo, um calafrio descendo pela minha espinha.

— Quer se sentar ou só em estofados de plumas agora? — Indagou, com escárnio.

— Não fala assim, meu amor...

— Meu amor é o caralho! — Interrompeu-me, bruscamente. — Essa pose de santinha me enganou por muito tempo, mas não me engana mais. Eu só não entendi porque esperar tanto tempo pra dar o bote. Por acaso o milionário deu trabalho pra cair na sua lábia?

Suas palavras me afligiam.

— Não é nada disso que você está pensando. Nosso casamento não é de verdade. Foi um contrato. Nunca aconteceu nada entre nós. — Minha voz

tremeu ao pronunciar a última frase, denunciando a mentira.

— Você chega a ser ridícula. Que tipo de contrato um ricoço faria com uma vagabunda que limpa o chão?

Olhei atentamente seu rosto, magoada e não mais encontrei o homem que eu tanto amava. Talvez ele sequer existisse. Em seu lugar em via apenas uma massa de crueldade.

— O pai dele ameaçou tirar o cargo se ele não se casasse e lhe desse um neto que pudesse herdar a companhia. Ele me escolheu porque queria magoar o pai, dando a ele uma nora de origem inferior. Eu só concordei porque ele ameaçou tirar nosso visto de permanência. Acredita em mim.

— Se ele te ameaçou, por que você não veio falar comigo? Eu dava um jeito nisso.

— Eu não tive chance. Ele e o advogado me colocaram contra a parede. Eu tive que assinar os documentos. Mas é só por três meses. Daqui uns dias eu estarei livre e voltarei pra você. Voltaremos a ser o que éramos antes. Só nós dois.

— E esse tempo todo, onde vocês estavam?

Senti minha face empalidecendo e não consegui sustentar seu olhar duro e sombrio.

— Em Porto Cervo, na Itália.

— Em uma romântica viagem de lua de mel. — Ele completou.

— Mas não aconteceu nada. Eu juro. — Falei, ainda fitando o chão.

— Você acha mesmo que sou idiota pra acreditar nessa história toda?! Pra acreditar que vocês passaram uma semana em uma cidade paradisíaca, certamente cercados de luxo e nada aconteceu? Pra começar, se a proposta era dar um herdeiro ao pai dele, o contrato não seria de apenas três meses!

— Era uma parte do...

— Cala a boca, vadia! — Gritou, rispidamente. — Você conseguiu me enganar por muito tempo, mas não me engana mais. Sua pose de santinha acabou. Pra mim você é igual àquelas piranhas que ficam rodando a bolsinha na calçada pra ganhar uns trocados. Não, você é pior. Elas pelo menos admitem que estão ali pra chupar paus por dinheiro. Você pagava de virgem e agora tá dando a boceta por dinheiro.

Suas palavras me feriam como golpes físicos. Talvez ele merecesse um crédito por estar drogado a ponto de se mostrar fora de si. Quem sabe quando o efeito passasse, ele pudesse me ouvir. Ainda assim doía ser acusada injustamente pelo homem a quem dediquei grande parte da minha vida.

— Acho que você não está em condições de conversar agora. Vamos pra casa. Você toma um banho, dorme um pouco...

— Não me diz o que fazer, vadia. — Interrompeu-me novamente e desta vez desferiu um soco do seu punho cerrado em meu rosto, na altura do queixo, com tanta brutalidade que não consegui me sustentar em pé e caí deitada no sofá, toda a sala girando diante dos meus olhos, o terror me tomando com mais ferocidade que a dor. — Eu devia enfiar uma bala na sua cara agora mesmo. Isso é o mínimo que você merece por me trair, sua puta. Mas não vou fazer isso sem antes ter o que eu mereço por te levar a sério durante todos esses anos. — Ele montou-me, uma perna de cada lado no estofado e rasgou meu vestido de cima à baixo.

Previ o que ele faria e o horror se intensificou dentro de mim, fazendo-me estremecer violentamente. Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Onde estava o homem que eu amei por quase toda a minha vida? Que me jurou amor eterno? Com quem planejei construir uma família? Não podia ser o monstro em cima de mim, disposto a me violentar.

— Jacob, não, por favor.

Eu não me lembrava de ter chorado depois de atingir a idade adulta, mas naquele momento não consegui segurar as lágrimas e estas começaram a banhar-me o rosto abundantemente, o pranto arrancando-me soluços.

— E por que não? Você só dá pra homem rico? — Ele segurou-me o queixo com muita força, machucando-me mais. Trouxe seu rosto até o meu e sugou meu lábio inferior, com violência. — Vou te mostrar que um Zé ninguém como eu sabe foder mais gostoso que ele. Piranha! — Segurou-me os cabelos e deu-me outro tapa no rosto, para em seguida arrancar meu sutiã, enquanto eu lutava bravamente, fazendo uso de todas as minhas forças físicas na fracassada tentativa de me defender.

Com brutalidade, Jacob virou-me de bruços no sofá, enroscou o que restava do meu vestido na minha cintura e afastou minha calcinha para o lado. Com uma mão, prendeu meus pulsos atrás das costas e no instante seguinte, seu membro pressionou meu sexo, por trás.

— Jacob não! — Gritei, desesperada, horrorizada, humilhada. — Pelo amor de Deus, não faz isso. Por favor! — Meus soluços saiam alto.

Ele continuou me segurando, me pressionando, por um tempo que me pareceu uma eternidade, aquele que classifiquei como o pior momento da minha vida, até que me soltou, afastando-se.

Desesperada, virei de frente, cobrindo meu corpo depressa, com o casaco e os

molambos do vestido.

— Você tem sorte que não sou um maldito estuprador. — Subiu seu jeans, deixando o fecho aberto, pegou a garrafa de vodka, encheu a boca com o líquido, direto do gargalo, para em seguida espirrá-lo sobre mim, o álcool fazendo meu rosto machucado queimar. — Não vou te matar porque já caí na besteira de gostar de você um dia. Mas de uma coisa você pode ter certeza: eu vou matar aquele cara. Isso já está decidido.

— Não faz isso. Você pode se complicar. — Falei, entre soluços, encolhida no sofá.

— Hipócrita! Finge que se preocupa comigo, mas está tentando proteger ele. — Pegou a pistola e gelei de cima à baixo. — Ele roubou a única coisa que cometi a burrice de amar um dia e vou fazê-lo pagar com a vida. Agora me diga a porra do endereço da casa dele. — Apontou o cano da arma direto para a minha cabeça.

Naquele instante, vi toda a minha vida se passar diante dos meus olhos e a expectativa da morte, tão próxima, me fez lamentar apenas de uma coisa: não ter me entregado a Patrick quando tive a chance. Agora eu partiria sem ter o que mais desejei.

— Não vou falar. Pode me matar se quiser.

A fúria se intensificou nos olhos de Jacob, seu maxilar contraindo ferozmente. Enfiou a pistola no cós da calça, veio até mim, segurou-me pelos cabelos com brutalidade e agarrou-me o pescoço com a outra mão, apertando com força, o ar me faltando aos poucos.

— Eu devia te matar agora mesmo. Falsa! Mentirosa! Tem a cara de pau de dizer que não há nada entre vocês dois para logo depois defendê-lo. Me fala onde aquele maldito mora!

— Vai pro inferno, Jacob.

Eu devia ter mantido a boca fechada, pois minha frase me rendeu outro tapa violento no rosto.

Jacob voltou a apertar meu pescoço com força, seu rosto muito perto do meu, sua fisionomia transformada, seus olhos refletindo um brilho demoníaco.

Debati-me sob ele tentando afastá-lo, até que minhas forças faltaram, pouco a pouco. Estava quase perdendo a consciência quando ele por fim me soltou e tive uma crise de tosse para conseguir voltar a respirar normalmente.

— Você também merece morrer, piranha! — Foi até a cocaína sobre a mesa e usou o canudo para cheirar duas carreiras da droga. Depois bebeu um grande gole da vodka e sentou-se no outro sofá, fixando seus olhos demoníacos em

mim. — Mas acho que tenho uma ideia melhor. Se você faz tanta questão de manter seu maridinho vivo, vai ter que me pagar pela vida dele. — Esperou que eu dissesse algo, mas minha voz não atravessou minha garganta dolorida. — Sabe... meu vício custa caro, só traficar não é suficiente. Considerando que você me fez voltar, acho justo que traga o dinheiro dele pra me ajudar.

— Você está louco?

— Sempre fui. Erro seu não perceber isso antes. — Bebeu outro gole de vodka. — O negócio é o seguinte. Ou você traz duzentos mil dólares pra mim, ou acabo com a raça do seu maridinho, nem que tenha que ir ao inferno atrás dele. O que você acha disso?

— Não tenho duzentos mil dólares e nem como tirar esse dinheiro dele.

— Isso não é problema meu. Você está montada em uma fortuna e eu quero a minha parte. Se vira. Ou me traz o dinheiro, ou ele morre.

Jacob me conhecia bem, sabia que eu jamais poria a vida de outra pessoa em risco, principalmente se eu fosse a causa desse risco. Por isso se mostrava tão confiante, certo de que eu faria qualquer coisa para evitar que o pior acontecesse.

— Eu trago. Posso ir embora agora?

Seus lábios se curvaram largamente em um riso de escárnio, sem que seu olhar furioso acompanhasse o gesto.

— E você ainda tem a cara de pau de me dizer que não tem nada com ele.

— Eu não tenho. Mas não posso deixar que você mate uma pessoa por minha causa.

— Vagabunda mentirosa do caralho.

— Por favor, me deixa ir embora.

— Não sei. Ainda estou decidindo se te bato até te deixar desfigurada ou se mando meus amigos te comerem enquanto eu assisto.

Ele cheirou mais duas carreiras da droga, bebendo a vodka em seguida.

O terror voltou a se intensificar dentro de mim, me fazendo tremer descontroladamente. Apesar de ter amado e confiado no homem à minha frente, depois do que ele acabou de fazer comigo, eu sabia que era capaz de tudo.

— Eu trago o dinheiro. Por favor, só me deixe ir. — A voz saiu trêmula.

— Você parece tão apavorada, Fernanda. Quem me garante que vai ter coragem de voltar aqui com o meu dinheiro?

— Eu garanto. Eu volto.

— Pessoas apavoradas dizem qualquer coisa pra se safar.

— Eu te dou a minha palavra.

— Você me deu a sua palavra de que se casaria comigo virgem e olha o que

aconteceu.

— Eu ia cumprir essa promessa.

Ele soltou uma gargalhada bizarra.

— Você não se cansa de ser ridícula. Me fala a verdade: com quantos anos perdeu sua virgindade? Doze?

*“Eu ainda sou virgem, seu verme! E você seria o primeiro homem da minha vida se não fosse um cretino!”*

— Isso não vem mais ao caso. — Com muito esforço, consegui me levantar do sofá, ainda tonta, sentindo meu corpo pesado, minha face e meu pescoço doloridos.

— Por favor. Me deixa ir. Eu prometo que te trago o dinheiro.

— Eu sei que traz. Você não ia herdar muita coisa se ele morresse agora, por isso eu sei que você vai trazer, pra não perder a mamata. — Para meu alívio, ele destrancou a porta. — Você tem três dias. Se passar disso ele morre. Pode ir.

Não esperei que mudasse de ideia e passei pela porta o mais depressa que consegui, atravessando o corredor e o bar quase correndo, com meu suéter jogado por cima do vestido rasgado.

Na rua, eu não sabia em que direção seguir. Meus pais não moravam mais naquele bairro e não encontraria um táxi àquela hora da madrugada, porém, não podia ficar ali perto, correndo o risco de ser apanhada por Jacob caso ele mudasse de ideia e decidisse acabar comigo.

Visualizei, mentalmente, tudo o que ele fez, o que disse e as lágrimas voltaram aos olhos. O homem que eu amei, com quem planejei constituir uma família, aquele que seria o único a quem realmente pertenceria, não passava de um monstro sem alma e sem coração. O Jacob romântico e apaixonado que eu conheci não existia. Nenhuma quantidade de drogas e álcool seria suficiente para justificar uma mudança tão brusca de personalidade. Ele sempre foi cruel assim, apenas não tinha exteriorizado esse seu lado comigo ainda.

A sensação que eu tinha era de que meu noivo acabava de morrer.

Deixei a rua principal e passei a caminhar depressa por uma rua secundária completamente deserta, silenciosa e escura, mas eu estava ciente que nenhum perigo poderia ser maior que aquele que deixava para trás. Logo o dia amanheceria e eu poderia encontrar um táxi. Ficaria escondida em algum canto por enquanto, ou procuraria abrigo na casa de algum conhecido, mas eu não conseguia parar de caminhar, minha mente entorpecida, tomada pela necessidade urgente de fugir dali e andar era a única forma de me afastar.

Eu já não sentia minhas pernas e o frio tinha entorpecido a dor em minhas

feridas quando finalmente o sol nasceu e voltei para a rua movimentada, onde logo consegui pegar um taxi, embora ainda não soubesse se ia para a casa dos meus pais ou para o apartamento de Patrick.

— Para onde moça? — O taxista perguntou e quando vi a expressão de choque em seu rosto, ao me observar pelo espelho retrovisor, busquei o outro espelho e também fiquei quase chocada.

Meu rosto estava completamente inchado, com um hematoma roxo no queixo, outro ao lado do olho e uma grande mancha vermelha em torno do pescoço, resultado da agressão de Jacob.

Eu não podia deixar que Patrick me visse nesse estado, seria humilhante e acarretava o risco de que chamasse a polícia, o que seria perigoso, pois a polícia não conseguiria prender um traficante experiente como Jacob, que, por sua vez, se sentiria acuado e reagiria da pior forma possível.

O pensamento causou-me um calafrio na espinha.

— Só um momento, por favor. — Pedi ao taxista.

Ao procurar meu celular em no bolso do meu suéter, fiquei surpresa que ainda estivesse lá, depois de tudo.

Liguei para Silvia, apenas ela podia me ajudar agora.

— Silvia eu preciso de você. — Falei quando ela atendeu, sufocando as lágrimas que ainda ameaçavam aflorar dos meus olhos, embora não conseguisse disfarçar a aflição na minha voz.

— *Por Deus, Fernanda. O Sr. Baker já veio aqui duas vezes te procurando. E não para de ligar. Você foi atrás do Jacob?*

— Fui. — Pigarreei para desfazer o nó que se formava em minha garganta. — Você disse ao Sr. Baker que eu pretendia ir?

— *Não. Desconfiei que se falasse o pior aconteceria. Fiz certo?*

— Sim, fez. — Pigarreei novamente, desta vez para sufocar a enxurrada de lágrimas que ameaçava descer. — Você estava certa, Jacob não é a mesma pessoa.

— *O que ele fez com você, minha irmã?* — Sua voz soava cada vez mais alarmada.

— Ele me bateu.

— *Meu Deus!*

— Por favor, não deixa nossos pais saberem disso, nem o Sr. Baker. Se ele aparecer ou ligar de novo não fala que conversamos. Me passa o endereço de vocês, quando chegar aí invento que fui assaltada pra justificar os hematomas.

— *Hematomas? Minha nossa!*

Ela me passou o endereço do apartamento no Soho e concordou em mentir para me ajudar.

Chegando lá, quase não consegui contar a mentira que elaborei durante o trajeto, tudo o que eu queria era chorar e abraçar minha família, da qual nunca antes havia me afastado e no entanto, estava longe por mais de uma semana.

Fui recebida com afetuosidade, carinho e a aflição que os hematomas em meu rosto causaram. Silvia me ajudou a mentir que fui assaltada durante o percurso até lá e já tinha dado queixa na delegacia. Felizmente meus pais eram facilmente enganáveis. Se soubessem a verdade, iriam tirar satisfação com Jacob, pondo suas vidas em risco.

Agora eu tinha certeza que o homem que amei por tanto tempo, que acreditei que realmente havia mudado, era um monstro, capaz de tudo, inclusive de tirar vidas, mas eu não deixaria que tirasse a de Patrick, faria qualquer coisa para protegê-lo, inclusive voltar àquele covil com o dinheiro.

O apartamento com o qual Patrick presenteou meus pais era quase tão luxuoso quanto o dele próprio. Tinha três quartos grandes, duas salas, uma de jantar e outra de estar, cozinha e biblioteca. Pela decoração moderna e sofisticada, deduzi que já veio montado.

Eu duvidava que meus pais estivessem à vontade em um lugar como aquele, pois sempre residiram em moradias humildes, como o barraco onde nasci em uma favela do Rio.

Toda a família queria ouvir minha explicação por ter me casado com o meu chefe em segredo, todavia, foram compreensivos e concordaram em esperar até que eu estivesse melhor antes de falar e fui instalada em um dos quartos, onde tomei um demorado banho quente que ajudou amenizar a dor em meu corpo, comi a canja de galinha que minha mãe trouxe, engoli o comprimido para dor que ela me deu e deitei-me, na grande cama de casal, adormecendo rapidamente.

## CAPÍTULO XVI

Quando acordei, Patrick estava sentado em uma cadeira ao lado da cama, observando-me muito sério. Usava seu impecável terno grafite, tinha os cabelos bem organizados e a barba bem feita.

O sol tórrido daquele mês de julho penetrava o quarto através da janela aberta, com as cortinas esvoaçantes, banhando seu semblante, deixando-o ainda mais lindo.

Por Deus! Ele era a criatura mais bela sobe a qual meus olhos já estiveram. Tinha a boca tão bem desenhada que parecia feita à mão; o queixo era másculo; o nariz do tamanho certo; os olhos castanhos esverdeados, brilhantes, eram sombreados por cílios longos e negros, que lhe caíam tão bem quanto as sobrancelhas grossas.

— Oi. — Falei, meio rouca devido às horas de sono e apalpei o meu corpo investigando se vestia algo minimamente apresentável, quando encontrei o velho moletom que Silvia me fez colocar antes de dormir.

Remexi-me na cama, buscando algum vestígio da dor que sentia quando adormeci, mas não a encontrei. Estava relaxada e aliviada, embora soubesse que os hematomas ainda marcavam a minha face e podiam ser uma das razões pelas quais o rosto de Patrick parecia tão sombrio.

— Oi — Ele respondeu, sucintamente, ainda muito sério. — Foi Jacob quem fez isso com você?

Seus olhos estavam cravados nos meus, alertando-me que não aceitaria nada além da verdade. Todavia, não me senti encorajada a falar, não porque acreditasse que Jacob merecesse proteção, pelo contrário, eu achava que ele tinha que pagar pelo que fez, mas por temer pela vida do homem com quem me casei.

— Não. De onde você tirou isso? Eu fui assaltada. — Desviei meu olhar para uma direção qualquer.

— Então é isso? Você vai proteger o cara que te agrediu? Só me diz o porquê.

— Não foi ele. Já disse. Eu fui a...

— Não subestime a minha inteligência! — Esbravejou, enfurecido. — Você não ia sair de casa no meio da noite se não para vê-lo.

— Eu vim ver meus pais. Quanto a você não se pode deduzir o mesmo.

— Está questionando onde fui ontem à noite?

— Isso não me interessa. — Menti, dando de ombros.

Patrick sentou-se na beirada da cama, acariciou meus cabelos com carinho, antes de me fazer erguer a face para encará-lo. Olhou dentro dos meus olhos para falar:

— Eu fui conversar com o chefe de polícia pessoalmente sobre o caso daquele maldito, tentar saber o que podia ser feito para colocá-lo de volta na prisão, antes que algo como isto acontecesse. Eu admito que foi um erro não ter te falado nada, mas acreditei que estava te protegendo. Eu não vou medir esforços para garantir a sua segurança. Consegui outro mandato contra ele, mas a polícia não o encontrou ainda. — Acariciou minha face, me deixando muito consciente dos meus ferimentos. — Me diz, Fernanda. Foi ele quem fez isso, não foi?

Busquei forças dentro de mim para mentir novamente, mas seu olhar parecia me penetrar, capaz de enxergar minha alma, me deixando sem opção que não confessar.

— Sim.

Uma palavra tão pequena, composta por apenas três letras, foi capaz de desencadear a mais tempestuosa reação no homem diante de mim.

A fisionomia dele se contraiu como a de um animal selvagem, seus olhos escureceram de fúria, sua mão se fechou com tanta força que pude ver as juntas dos seus dedos ficando vermelhas.

— Onde ele está? — Rosnou, entre dentes.

— Não posso falar.

— Não importa. Arranjo um detetive particular para encontrá-lo. Depois o matarei com minhas próprias mãos.

Como se estivesse possuído, levantou-se e foi na direção da porta, sua atitude me deixando em pânico, pois eu sabia que ele não era páreo para Jacob. Seria morto com facilidade se o encontrasse e tentasse confrontá-lo.

Embora a possibilidade de encontrá-lo nos fundos de um bar movimentado fosse remota, não podia ser descartada e seria o fim da vida de Patrick. Eu precisava fazer algo para impedi-lo.

Muito apressadamente, levantei-me e corri atrás dele, tomando-lhe o caminho, espalmando minhas mãos em seu peito largo para detê-lo.

— Para. Você não pode fazer isso. — Falei, meu coração acelerando no peito.

— Como você pode tentar protegê-lo depois de tudo?

— Não estou tentando proteger ele e sim você. — Vi a expressão de surpresa se refletir em seu olhar. — Ele é perigoso. Tive a prova disso. Pode te machucar.

Lembrei-me das ameaças de Jacob de acabar com a vida de Patrick e meu coração apertou no peito, dolorosamente, incompreensivelmente. Só então percebi que o que eu sentia por aquele homem estava muito além da atração. Ali, naquele instante, perto dele, sem mais Jacob e meu compromisso com ele entre nós, senti-me segura, confiante, certa de que embora não fôssemos feitos um para o outro, já que pertencíamos a mundos tão diferentes e por isso dificilmente ficaríamos juntos, era ele o homem que eu queria para ser o primeiro da minha vida. Estava claro com a luz do sol, eu queria ser sua e queria demais. Nunca antes estive tão segura de uma decisão.

— Eu também posso ser perigoso se a situação exigir. Essa exige. Vou acabar com aquele filho da puta com minhas próprias mãos.

Ele me contornou e seguiu adiante, meu coração a ponto de me sufocar e voltei a tomar seu caminho. Desta vez colei meu corpo no seu e levei minha boca até a sua, roçando suavemente seus lábios cerrados.

— Não vai. Fica. — Pedi.

— Por que eu deveria?

— Por isso.

Decidida, liberei-me da blusa e da calça de moletom, ficando só de calcinha diante dos seus olhos arregalados, que passeavam pelo meu corpo, examinando cada detalhe, com cobiça e luxúria

— Você não precisa fazer isso só pra me impedir de ir lá. — Voltou a fitar-me nos olhos.

— Eu sei. Não estou fazendo por isso e sim porque quero.

Com toda a certeza que jazia dentro de mim, sobre o que eu queria naquele instante, eu o abracei pelo pescoço, colando meu corpo no seu, de cima à baixo, levando minha boca à sua, suplicando pelo beijo.

A princípio Patrick hesitou, surpreendido demais, ou ainda acreditando que eu me oferecia em troca da sua desistência de ir ao Bronx atrás de um bandido perigoso. Mantinha os lábios cerrados, o corpo tenso, imóvel, embora eu pudesse sentir as batidas aceleradas do seu coração através das suas roupas.

— Faz amor comigo, Patrick. Estou te pedindo. — Sussurrei.

Como se minhas palavras servissem de estopim, ele cedeu e beijou-me com tanta fome, tanta ferocidade que me deixou sem fôlego, tomada pelo desejo que queimava em minhas entranhas, implorando por ser saciado.

Seus braços fortes contornaram minha cintura, me apertando com força, sua ereção empurrando meu ventre, me despertando uma nova onda de calor, que se intensificou quando suas mãos começaram a passear sobre minha pele nua,

explorando cada detalhe, trilhando caminhos das minhas costas para a curva lateral dos meus seios, depois pela minha silhueta e por fim se enterrando no meio das minhas pernas, massageando meu sexo por sobre o tecido delicado da calcinha.

Ah! Porra! Aquilo era muito gostoso. Minha vontade era de afastar a calcinha para o lado e pedir que me tocasse mais intimamente, afinal ele já conhecia meu corpo, não havia razão para me constranger.

— Você não pode imaginar o quanto desejei que esse momento chegasse. — Ele sussurrou, deslocando seus lábios para a pele do meu pescoço, onde plantou uma trilha de beijos. — Eu te quero tanto...

Expulsei da minha mente a lembrança de que ele pretendia plantar seu sêmen em mim, a fim de dar um neto ao pai e me entreguei somente ao que sentia, pois queria que fosse perfeito.

— Eu também te quero demais... — Sussurrei e levei minhas mãos ao único botão do seu paletó, abrindo-o, empurrando a peça para trás, até tirá-la do seu corpo. Depois desfiz o nó da sua gravata e a tirei, partindo para os botões da sua camisa branca, abrindo um por um, enquanto enterrava meu rosto em seu pescoço desnudo, deliciando-me com o cheiro gostoso do seu perfume misturado ao seu suor.

Não havia como resistir àquele homem, nenhuma mulher conseguiria, pois tudo nele exalava uma masculinidade crua, excitante, até seu cheiro delicioso. Ele era como um afrodisíaco em forma humana, uma verdadeira tentação.

Suas mãos deixaram meu corpo apenas quando precisou esticar os braços para que eu tirasse sua camisa, desnudando seu tórax musculoso, que logo se grudou aos meus seios quando ele voltou a me abraçar apertado, atacando novamente minha boca com um beijo muito erótico, sua língua entrando e saindo, para depois sugar a minha.

Minha nossa! Eu me sentia como se todo o meu corpo estivesse em chamas, o meio das minhas pernas latejava, ao passo que minha lubrificação aumentava a ponto de atravessar o tecido da calcinha.

Nada no mundo podia se comparar àquilo, nada podia ser mais prazeroso que ter minha pele nua em contato direto com a dele, seu peito rochoso esmagando meus seios pequenos.

Se eu pudesse, pararia o tempo ali, para que aquele momento jamais acabasse.

Patrick interrompeu o beijo e, sem desviar seus olhos lindo dos meus, ergueu-me em seus braços, carregando-me para a cama, estendendo-me sobre o colchão, afastando-se para contemplar, com olhos famintos, minha quase completa nudez.

— Você é verdadeiramente linda. — Sussurrou, para em seguida abrir o zíper da sua calça, exibindo o volume imenso na cueca branca.

Por fim havia chegado o momento, minha primeira vez de verdade e embora tivesse plena certeza de que escolhi o homem certo, de que não havia ninguém que eu pudesse desejar mais, fiquei meio nervosa, sem saber ao certo o que esperar.

— Fica calma, Fernanda. Vou fazer com que seja perfeito, como você merece.

Ele tirou a cueca e meus olhos se arregalaram com o seu tamanho. Era grosso, muito mais longo do que eu pude ver no iate, coberto por veias protuberantes, rodeados por pelos púbicos negros, aparados. O tamanho exagerado me assustava ao mesmo tempo que me excitava, loucamente.

— Já está sendo. — Minha voz saiu em um balbucio em meio à minha respiração muito pesada.

Meu marido tirou minha calcinha devagar, observando, demoradamente, minha intimidade. Depois, acomodou seu corpo sobre o meu, apoiando seu peso nos cotovelos e voltou a beijar-me na boca, arrancando-me de vez a sanidade. Devagar, usou próprio corpo para abrir minhas pernas e aconchegou seus quadris entre elas. Segurou seu membro com uma mão, esfregando-o sobre meu sexo lambuzado, espalhando meus líquidos por toda parte, principalmente sobre meu clitóris, onde fez uma massagem deliciosa com a glândula.

— Ahhh. — O gemido me escapou alto, contra sua boca gostosa.

Sem deixar de beijar-me, encaixou-se na entrada da minha vagina e com um gesto muito rápido entrou em mim, inteiro, penetrando minha carne intocada, com tanta pressão que tive a sensação de que era partida ao meio.

O golpe me causou um certo desconforto, uma dor que latejava e quando pensei que meu marido pararia para me perguntar se estava tudo bem, ele abandonou os meus lábios, erguendo-se o suficiente para fitar-me diretamente no rosto. Seus olhos estavam escuros, estranhos, muito intensos, como os de um animal que abatia sua presa e tive certeza de que ele não pararia.

Puxou os quadris e deu outro golpe violento, o som da sua pélvis se chocando contra a minha ecoando pelo quarto, a dor aguda se intensificando tanto que precisei morder o lábio para evitar o grito.

Logo veio a terceira estocada, tão brusca quanto as outras. Desta vez ele empurrou mais fundo, parando dentro de mim e girou seus quadris, me abrindo um pouco mais, se aninhando em mim, implacavelmente. Tive a sensação de que todo o meu ser era tomado por ele e me senti completamente dominada, fragilizada sob seu corpo grande, à sua disposição. Era algo meio animalesco,

irracional, mas que ao mesmo tempo me tornava parte dele.

Golpeada por tais sensações, que eu sequer cogitava existirem, enterrei meus dedos nos músculos dos seus ombros e me mexi sob ele, guiada unicamente por instintos, meus quadris buscando os seus e quando o quarto golpe veio já não existia mais dor, mas um prazer descontrolado, lascivo, que me fazia querer muito mais.

Patrick não me desapontou. Como se fosse capaz de adivinhar o que eu ensejava, passou a se mover cada vez mais depressa dentro de mim, com aquele movimento de vai e vem, me invadindo, me tomando, me fazendo sua como nunca fui de outro. Era assim que eu me sentia: completamente dele.

Sua boca voltou para a minha, enquanto ondas de prazer me percorriam inteira, tão intensas, incontroláveis que por pouco não me levaram às lágrimas.

Tudo naquele momento parecia de suma importância, tudo me excitava, a sua pele nua contra a minha, os pelos ralos do seu peito roçando meus mamilos, a força violenta com que ele se movia para entrar em mim, o roçar dos seus quadris no interior das minhas coxas. Tudo aquilo formava um conjunto de sensações que me enlouqueciam, mas era uma loucura deliciosa da qual eu jamais queria sair.

Passei a mover meus quadris no ritmo dos dele, seu pênis lambuzado entrando e saindo depressa, numa dança ensandecida, incomparável, até que pouco a pouco meu corpo todo se contraiu, implorando por um alívio que logo veio.

Patrick ergueu-se novamente para fitar-me nos olhos enquanto eu explodia, gozando no pau dele como uma alucinada, sem mais conseguir conter os gemidos que pareciam fugir do fundo da minha garganta, as lágrimas saltando dos meus olhos, meu corpo sacudindo por vontade própria, meus dedos apertando seus músculos com força.

Quando a tempestade passou e por fim consegui ficar imóvel, meus olhos ainda fixos nos dele, as lágrimas ainda banhando minha face, sem que eu compreendesse a razão, Patrick se retirou do meu interior e ejaculou sobre o meu ventre, seu rosto lindo contorcendo de prazer, seu corpo espasmando a cada jato de sêmen jorrado sobre a minha pele suada, até que não parecia haver mais nenhuma gota e ele se deitou sobre mim, voltando a devorar minha boca, seu pênis ainda duro espremido entre nossos corpos lambuzados e escorregadios.

Mais uma vez, desejei que o tempo parasse ali, para que aquele instante jamais acabasse.

Nunca, nos meus vinte e um anos de vida, imaginei que fosse assim, que

pudesse ser tão bom, o quanto uma mulher podia se sentir plena e realizada ao ser tomada por um homem. Nada podia se comparar àquilo.

O fato de ele ter optado por ejacular fora de mim deixava tudo ainda melhor, pois provava que tinha me possuído porque queria a mim e não apenas me engravidar. Eu não poderia estar mais feliz.

Meu marido escorregou para o lado e me puxou para me aninhar no seu peito forte.

— Puta merda! Eu sou mesmo um animal egoísta. Você aqui toda machucada, precisando de um médico e eu me aproveitando de você. — Falou.

Não pude conter o riso e meus lábios se abriram amplamente.

— Eu acho que precisava mais disso.

Virou o rosto para fitar-me nos olhos.

— Como você está se sentindo?

Procurei as palavras que pudessem descrever o mais perfeito júbilo que me envolvia, mas não encontrei.

— Feliz. — Falei e ele me abraçou apertado, sua coxa firme e peluda entrando no meio das minhas pernas, roçando meu sexo melado e uma nova onda de desejo me golpeou, violentamente.

Parecia loucura, mas desejei, com todas as minhas forças, que ele me possuísse de novo, imediatamente. Entretanto, ele se afastou, levantando-se.

— Precisamos ir pra casa. Lá é o seu lugar, não aqui. — Suas palavras soaram como um balde de água fria que me era jogado. Apenas ao vê-lo em pé, percebi a mancha de sangue misturada com sêmen grudada em seu abdômen, na sua trilha de pelos negros que levava ao paraíso, o sangue da minha virgindade, certamente grudado ali no instante que seu pênis estava entre nós dois. — Por que você veio pra cá? Sua casa não é mais aqui.

— Eu não queria que você me visse assim. — Foi o que consegui dizer.

— Ou não queria que eu te visse assim, me emputece e fosse atrás daquele covarde?

— As duas coisas.

Ele voltou para a cama, sentando-se perto de mim, espantosamente à vontade com sua nudez. Acariciou meus cabelos, com aquele jeito só seu e falou:

— Você precisa entender que faz parte da minha vida agora. Você é minha esposa e isso me faz responsável por você. O que te impede de me esconder uma coisa como essa.

— Eu estava assustada. Com medo do que ele pudesse te fazer.

— Me prometa que nunca mais vai me esconder nada.

Putá merda! Me lembrei da chantagem de Jacob. Aquele era o momento exato para contar tudo a Patrick, mas eu simplesmente não conseguia. Tinha muito medo que ele fosse machucado por minha causa e se Jacob decidisse, ele seria. A polícia jamais o encontraria no Bronx, pois o bairro inteiro o protegeria. Quanto a Patrick, era um homem de negócios que estava sempre em locais públicos, Jacob o encontraria com a mesma facilidade que invadiu a ~~Increase~~—Increase armado e seria capaz de matá-lo sem hesitar, sem que a polícia conseguisse apanhá-lo. Essa era mais uma certeza que eu tinha.

— Eu prometo. — Menti, para a sua proteção.

—Vamos tomar um banho. Vou te levar pra casa.

Obviamente eu devia ter protestado, todavia, visualizei mentalmente como seria tomar um banho com ele e de súbito esqueci o motivo da minha reclamação.

## CAPÍTULO XVII

Um dia após nosso casamento, meu marido me disse que quando eu tomasse banho com ele, desejaria que tivesse acontecido antes e ele estava certo.

Sob os jatos da água o chuveiro, Patrick usou suas mãos habilidosas, obviamente muito experientes com mulheres, para espalhar a espuma do sabonete por todo o meu corpo, seu toque despertando o temporal de sensações que tomava conta de todo o meu ser, a luxúria me engolfando, me tornando quase uma devassa louca por sexo. Queria tanto senti-lo novamente dentro de mim, que cheguei a montar em seus quadris quando ele me abraçou, apoiando minhas costas na parede para mover meu corpo em busca do seu, tentando encaixar meu sexo no dele. Mas eu estava muito inchada e dolorida entre as pernas, por causa do que acabamos de fazer na cama e ele sabia disso, então me satisfiz de outra forma, como fez no convés do iate na Itália.

Mostrando-se o amante habilidoso que era, colocou-me no chão com cuidado, buscou um dos meus peitos com sua boca deliciosa e mamou meu mamilo até deixá-lo duro, esticado. Foi para o outro peito e me provocou com os movimentos da sua língua antes de me mamar, deixando-me completamente doida de tesão, com a sensação de que estava em chamas.

Tentei segurar seu pau, muito duro, entre meus dedos, mas ele me virou de costas, com um movimento rápido e desceu sua boca pelas minhas costas, chupando minha pele com força, mordendo e lambendo, até alcançar minha bunda, quando usou as duas mãos para afastar minhas pernas. Me fez empinar meu traseiro e alcançou meu clitóris com a ponta da sua língua.

— Ahhh... caralho... — O gritou saiu rouco, partido do fundo do meu âmago.

Espalmei minhas mãos no azulejo da parede, a fim de ganhar equilíbrio e me empinei mais para ele, permitindo que se alimentasse de mim, me acabando com o prazer que me dava.

Putá merda! Que homem gostoso do caralho! Será que todos eram assim? Eu duvidava que algum dia outro me faria sentir o mesmo.

Enquanto suas duas mãos abriam minhas nádegas, seu rosto se enterrava em mim, por trás, sua língua se movendo depressa sobre meu clitóris inchado, escorregando para minha vagina, depois para o ânus, fazendo o percurso de volta, enlouquecendo-me.

Ah! Que delícia! Putá merda, eu estava toda quente, prestes a explodir de

novo.

Guiada unicamente por instintos, como se fosse um animal irracional, levei dois dedos à minha boca e comecei mamar, lascivamente, tudo em mim tomado de prazer e luxúria, sem espaço para qualquer pensamento racional. Quando tudo se concentrou na altura do meu vente, eu gozei novamente, meus espasmos se fazendo tão violentos que todo o meu corpo sacudia descontrolado, minha bunda se chocando contra Patrick, que continuava me lambendo por trás, com vontade, bebendo meu gozo, suas mãos me apertando com força, como se estivesse tão descontrolado quanto eu.

Quando tudo se foi e meu corpo ficou lânguido, precisei me apoiar mais na parede para não cair no chão, já que minhas pernas pareciam determinadas a me abandonarem. Contudo, logo Patrick veio ao meu socorro, virando-me de frente, segurando-me com firmeza contra seu corpo. Agarrou meus cabelos atrás da cabeça, com força, me forçando a erguer o rosto e beijou-me na boca até me deixar sem fôlego.

Em seus braços eu não apenas me sentia incendiando de desejo, mas também segura e protegida, o que era tão perigoso quanto estar à beira de um abismo.

— Tem tantas coisas que eu quero fazer com você, menina. — Suas palavras eram abafadas pela minha boca, entrecortadas pela sua respiração pesada. — Queria esperar até chegarmos em casa, mas não sou forte o bastante. — Enterrou sua língua na minha boca e tirou, várias vezes, repetidamente, como se me fodesse assim e o desejo voltou a me incendiar inteira, duramente. — De joelhos. — Não pediu, ordenou. “*Como é?*” Eu tentava entender. — Quero meu pau inteiro dentro dessa boquinha.

Antes que eu pudesse perguntar como se fazia aquilo, ou mesmo tentar me lembrar se tinha visto em algum lugar para poder imitar, ele me empurrou para baixo, me puxando pelos cabelos, até que meu rosto estivesse na altura do seu pau, gloriosamente grande e duro.

Fiquei ali parada, observando aquela maravilha, sem saber ao certo por onde começar.

— Vamos Fernanda, chupa meu pau. — Sua voz lembrava o grunhido de um animal.

Então, levei minha boca à ele, tocando a glândula com a ponta da minha língua, a princípio timidamente, pois era tudo tão novo, entretanto, aquele simples gesto foi suficiente para que sensações libidinosas me tomassem, a luxúria me golpeando ferozmente, me fazendo sentir meio devassa, suja, fervendo de tesão e, deixando-me guiar por meus instintos, o levei fundo na minha garganta,

extasiada com o quanto aquilo era bom, libertador. O trouxe de volta, circundei a glândula com a língua e o enterrei novamente na boca.

Ah! Que delícia. Eu podia facilmente me tornar viciada naquilo.

Continuei movendo-o dentro de mim, hora lambendo, hora sugando, me deliciando, me lambuzando. Quanto mais eu fazia aquilo, mais o meu corpo fervia de tesão.

Meu sexo latejava, suplicando por satisfação e quando isto se tornou insuportável, abri um pouco as pernas e o toquei, com a ponta dos dedos, no clitóris, massageando-o como Patrick fazia, tudo se tornando ainda mais intenso.

— Ah! — O gemido saiu alto e quando deslizei minha língua da raiz até a ponta do seu pau, por baixo, meus olhos buscaram os dele, motivados por uma necessidade urgente de mostrar-lhe o quanto aquilo me agradava.

A reação de Patrick foi intensa, seus olhos se tornando ainda mais escuros sobre os meus, sua boca se abrindo para puxar o ar, seu rosto contorcendo de prazer, tão lindamente que eu me sentia desencorajada a parar de olhar.

Continuei chupando seu pau com uma fome descontrolada enquanto me masturbava, até que ele ficou mais duro dentro de mim e meus instintos me avisaram o quanto estava próximo do êxtase. Ensandecida, me recusei a parar e no instante que ele gozou, enchendo minha boca com seu leite quente, delicioso, fui ao clímax mais uma vez, gozando junto com ele, na minha própria mão.

— Ah! Porra! — Ele grunhiu com aquele tom meio animalesco, se esvaindo na minha garganta até a última gota.

Desta vez minhas pernas me abandonaram e Patrick precisou se curvar para me erguer do chão, seus braços fortes me segurando contra seu corpo delicioso, molhado pela água do chuveiro.

Novamente buscou minha boca com a sua, sugando minha língua com fome e lascívia, exigindo que eu chupasse a sua e o fiz, extasiada.

Quando interrompeu o beijo notei que sua respiração estava tão ofegante quanto a minha, seu coração disparado contra meu corpo nu.

— Eu tenho a sensação de que passei toda a minha vida esperando por você. — Sussurrou, meio rouco, seus olhos muito intensos fixo nos meus e meu coração bateu ainda mais depressa à medida que minha mente buscava um significado para suas palavras.

Entretanto, eu não podia me permitir iludir acreditando que havia algo de significativo naquilo, talvez fosse apenas uma frase usual pós-foda que se dizia nesses momentos.

— Precisamos sair daqui antes que fiquemos gripados. — Falei e seus lábios

se curvaram em um sorriso de tirar o fôlego.

— Você está certa. Isso sem mencionar que estamos na casa dos seus pais, o que deixa as coisas meio estranhas.

Não consegui conter o riso. Quem diria que o poderoso Sr. Baker teria respeito por alguma coisa.

A menção aos meus pais me deixou tensa, sem saber o que diria a eles para justificar o fato de ter mentido e de ter me casado assim de repente, sem avisar ninguém. Eu não podia falar a verdade, pois tinha assinado o termo de confidencialidade.

— O que você disse a eles sobre o nosso casamento? Quer dizer, eles te perguntaram alguma coisa? — Indaguei.

— Perguntaram. Falei que me apaixonei por você.

De súbito meu coração disparou no peito. Isso significava que eu tinha um tolo coração.

— Mentiu assim na maior cara de pau?

— Eu tinha que inventar alguma coisa.

Algo dentro de mim me impediu de manter o sorriso nos lábios.

— E eles acreditaram nesse absurdo?

— Isso não é um absurdo. Agora vamos. Quero você na minha cama.

Quando por fim conseguimos nos desgrudar, o que não foi fácil, já que existia uma energia surreal que parecia nos puxar um para o outro, terminei de me lavar, enrolei-me na toalha e busquei minha imagem no espelho sobre a pia. Fiquei aliviada ao constatar que os hematomas não estavam mais tão horríveis quanto antes. O inchaço tinha desaparecido, havia apenas uma mancha roxa ao lado do olho e outra no queixo.

De volta ao quarto, não tinha o que vestir, já que levava todas as minhas roupas para a casa do meu marido, para que ele as jogasse no lixo, então coloquei o velho moletom de Silvia, sequei os cabelos e estava pronta.

— Vou te levar ao hospital para ter certeza de que está tudo bem. — Patrick falou, enquanto ajustava o nó da sua gravata. — Depois vou chamar o inspetor de polícia para que você diga a ele onde encontrar aquele maldito. — Um brilho gélido atravessou rapidamente seus olhos quando se referiu a Jacob.

— Se você não se importa, eu gostaria de ficar com meus pais um pouco.

— Sim, eu me importo. Você é minha agora, não pode ficar com seus pais.

Malditos costumes americanos, quando a pessoa atingia a idade adulta era obrigada a se desgarrar dos pais, definitivamente, tratando-os como se fossem estranhos. Mas eu não era americana.

— No país de onde eu vim as coisas não funcionam assim. Eles são a minha família e quero passar um tempo com eles. — Fui firme em minhas palavras, mas Patrick era irritantemente irredutível e teimoso. Tudo tinha que ser do jeito que ele queria.

— Sua família agora sou eu, baby. Agora vamos, quanto antes você conversar com o inspetor, antes ele prende aquele covarde.

Segurou-me a mão e saiu me puxando quarto a fora.

Na sala, encontramos toda a família reunida, meus pais e Silvia e todos se levantaram para nos observar, como se estivessem ali nos esperando e ao mesmo tempo como se observassem um casal de alienígenas.

Ocorreu-me que, pelo nosso cabelo molhado, eles estavam deduzindo o que estávamos fazendo lá dentro e desejei que um buraco se abrisse sob os meus pés e me engolissem. Minha face queimou, enrubescendo violentamente.

— Finalmente vocês acordaram. — Foi meu pai quem falou, tentando manter o riso forçado claramente para amenizar a atmosfera constrangedora que parecia ter se instalado no ambiente.

— E infelizmente já precisamos ir. Foi um prazer ver todos vocês. — Patrick disse, com aquele tom seco e autoritário que usava para se dirigir aos seus funcionários.

Meu pai teria concordado sem protestar, pois sempre foi um sujeito submisso, com um grande complexo de inferioridade. Mas a minha mãe era diferente.

— Nem passando por cima do meu cadáver você vai tirar minha filha daqui agora, rapaz. — Ela falou, vindo ao nosso encontro. — Ter nos dado um apartamento bonito e nos pagar um bom plano de saúde, não faz de você nosso dono. A Fernanda fica. — Cruzou seu braço no meu, afastando-me de Patrick. — Como você está se sentindo, meu amor?

— Eu estou ótima, mãe.

— Mãe, para com isso. — Silvia a alertou, sem disfarçar o olhar de cobiça que dirigia a Patrick.

Mas quem podia culpá-la? Aquele homem tinha atributos suficientes para abalar as estruturas de qualquer mulher com sangue nas veias. Era alto, charmoso, lindo, enigmático, irresistível como um oásis no deserto.

— Lamento Sra. Vieira, nós realmente precisamos ir. Fernanda precisa dizer ao chefe de polícia onde aquele mal... Jacob está.

— Ele está certo. Deixe que vão. — Meu pai insistiu.

— De jeito nenhum. O senhor se casou com o meu bebê sem ao menos nos avisar ou nos convidar, agora quer tirar ela de vez de nós. Pelo menos almoçar

conosco ela vai. Se o senhor quiser ficar será bem-vindo, se não volte mais tarde. — Ela saiu me puxando pelo braço na direção da outra sala. — Fiz galinha ao molho pardo como você gosta, meu amor.

Houve um longo momento de silêncio às nossas costas, como se os outros esperassem pela decisão de Patrick, até que por fim ele declarou:

— Acho que um almoço em família pode fazer bem a ela agora. Eu fico, mas depois vamos embora.

Enquanto minha mãe servia a grande mesa, Silvia me convidou para ir ao seu quarto, discretamente.

— Menina, que homem é esse?! Parece um modelo de revista! — Falou, quando estávamos a sós.

— Você me chamou aqui só pra dizer isso?

— Claro que não. Eu teria falado na frente dele. Te chamei pra dar um jeito na sua aparência. Você não pode usar um moletom velho na frente de um pedaço de mal caminho daquele. — Ela fuçou seu guarda-roupas, de onde tirou um vestidinho curto e folgadinho amarelo. Sempre teve bom gosto para se vestir. — Veste isso e me conta essa história de casamento porque ainda não caiu a ficha.

— Ele pediu minha mão e não tive como recusar. — *“Literalmente”*

— Minha nossa! Você tirou a sorte grande. — Ela se jogou sobre a cama, enquanto eu trocava de roupa. — Vai ter uma vida de rainha com empregadas te servindo de todos os lados.

*“E um neto bastardo desprezado pelo avô”* Completei, mentalmente.

De volta à sala de jantar, foi cômico ver meu pai sentado na cabeceira da mesa, tentando estabelecer o diálogo com Patrick, que ocupava a primeira cadeira do lado, com minha mãe acomodada diante dele, fulminando-o com olhos hostis.

Seus instintos de mãe a alertavam de que, de alguma forma, eu tinha sido forçada àquele casamento.

Eu e Silvia nos sentamos, eu ao lado do meu marido, ela do de nossa mãe.

— Então, qual dos dois vai me contar porque se casaram tão depressa e porque Fernanda mentiu dizendo que havia sido transferida? — Minha mãe falou, firmemente, depois de nos servirmos. — Por acaso há uma gravidez envolvida nisso?

Tive um breve ataque de tosse.

Vasculhei minha mente, em busca de uma explicação, mas Patrick falou primeiro.

— Na verdade meu pai exigiu que eu me casasse, ou tiraria meu cargo. Foi

uma coisa de última hora.

Todos fitaram-no chocados.

— Por que escolheu minha filha? O senhor podia ter qualquer uma. — Foi minha boquiaberta mãe quem perguntou. — E você, Fernanda, por que concordou com uma coisa dessas?

— Bem, eu...

— Eu não dei escolha a ela. Ou se casava ou eu tiraria o visto de vocês. Mas vou tratá-la sempre como uma rainha, não se preocupem.

— Acho que isso explica o apartamento e toda a ajuda que tem nos dado. — Meu pai falou.

— Eu ainda não entendi. Vocês vão ficar casados pra sempre ou há um período determinado? — Foi Silvia quem indagou.

Então, Patrick falou toda a verdade. Sobre o filho que eu precisava lhe dar, sobre como eu lutei exigindo o prazo de três meses e por fim falou sobre o fato de Jacob ter me agredido. Por mais incrível que pudesse parecer, no final do almoço ele tinha conquistado a todos. Inclusive minha mãe já gostava dele. Talvez no fundo, o romantismo dela a fizesse acreditar que aquilo se perduraria para além da maternidade. Ledo engano. Ela não sabia que havia uma pedra de gelo no lugar do coração de Patrick.

Foi espantoso também como ele pareceu se afeiçoar a todos, mostrando-se totalmente relaxado e à vontade. Eu podia arriscar inclusive dizer que ele parecia feliz, em meio a uma família de verdade, algo que nunca teve.

Fomos embora no meio da tarde, deixando a promessa de que voltaríamos no final de semana para outro almoço juntos.

Por insistência do meu marido, passamos no hospital, onde o médico lhe garantiu que estava tudo bem comigo. Depois fomos direto para a delegacia, onde Patrick me fez dar queixa de agressão contra Jacob e dizer à polícia onde ele estava escondido. Mas eu tinha certeza que a polícia não o apanharia. O Bronx era um lugar repleto de viciados e bandidos, todos tinham ódio da polícia e protegiam uns aos outros. Como nasceu e cresceu no bairro, Jacob era um dos mais protegidos. Havia quem seria preso no lugar dele para protegê-lo.

Não contei a eles sobre sua chantagem, pois outra certeza que eu tinha, era de que Jacob acabaria com Patrick se eu não desse os duzentos mil dólares que ele exigiu. Ainda assim, eu esperaria pelo trabalho da polícia, quem sabe com um golpe de sorte, conseguissem prendê-lo.

Era quase noite quando chegamos ao seu apartamento e fiquei desolada, desapontada, quando Patrick teve que sair para resolver alguns negócios

pendentes na companhia, deixando-me sozinha com as empregadas e a horrível sensação de que o que aconteceu entre nós não foi importante para ele tanto quanto foi para mim. Mas o que eu esperava afinal? Que ele se apaixonasse por mim de repente? Desde o início eu estava ciente de que isso não aconteceria, ele queria apenas dar o neto ao seu pai, não plantara seu sêmen em mim quando teve a chance, porque era a minha primeira vez e quis me agradar com a ilusão de que me desejava verdadeiramente. O mais doloroso nisso, era que eu tinha acreditado.

## CAPÍTULO XVIII

Passava das dez horas da noite quando fui me deitar e Patrick ainda não tinha chegado. Eu queria realmente ter a capacidade de expulsar de dentro de mim aquela sensação de abandono, aquele medo de que ele estivesse nos braços de Suzan ou de outra mulher mais experiente que eu, mas o fato era que eu só conseguia pensar nessa possibilidade e isso me machucava muito mais do que eu gostaria.

Rolei de um lado para o outro da cama durante um longo tempo, até que por fim consegui relaxar. Estava quase adormecendo quando o ruído da porta se abrindo me atraiu e me virei para ver o rosto do homem que me fez tanta falta durante as últimas horas, todavia, não foi ele quem vi.

Em meio à penumbra do quarto, reconheci os traços de Jacob e antes que tivesse tempo de gritar por socorro, ou mesmo me mover do lugar, ele pulou sobre mim, aprisionando-me na cama com seu corpo grande, cobrindo minha boca com uma mão enquanto empunhava uma pistola com a outra.

O pânico que tomou conta de mim foi tão aterrador que comecei a tremer descontroladamente, meu coração disparado por causa da adrenalina. Eu não temia por mim, mas por Patrick. Pelo que aquele monstro podia fazer a ele.

— Se gritar enfio uma bala na sua cabeça agora mesmo. — Ameaçou, para em seguida, tirar a mão da minha boca.

— Como você entrou aqui? — Perguntei, invadida pelo pavor.

Eu só conseguia imaginar o pior. Podia ver claramente o corpo de Patrick estendido no chão da sala, com um buraco de bala na testa.

— Com as chaves. — *“Ah meu Deus! Patrick está morto!”* — Eu te avisei que não devia brincar comigo, vagabunda. Você não me conhece! Não sabe do que sou capaz! Se soubesse não teria dado queixa de mim na delegacia e nem falado onde eu estava. Eu devia te matar agora mesmo por isto! — Sua voz era baixa, mas ao mesmo tempo mortalmente ameaçadora. Seus olhos estavam saltando nas órbitas pelo efeito das drogas e expressavam um brilho demoníaco pavoroso.

Por Deus! Aquele não podia ser o mesmo homem que eu amei por tantos anos!

— Onde está Patrick? — Murmurei, minha voz muito trêmula.

— Você devia estar mais preocupada com você mesma, vadia! — Encostou o

cano da arma na lateral da minha cabeça e fechei os olhos esperando pelo tiro.

Os minutos que se seguiram foram os mais longos da minha vida.

Por fim, Jacob guardou a arma no cós do seu jeans e saiu de cima de mim, levantando-se. Caminhou pelo quarto, examinando tudo à sua volta.

— Parece que a fortuna na qual você está montada é maior do que eu esperava.

— Por favor, me diz o que você fez com ele. — Meu coração apertava mais a cada instante.

Tranquilamente, Jacob se sentou na poltrona estofada, observando-me com seus olhos diabólicos brilhantes, carregados de uma fúria bestial.

— Você dorme quase nua na cama desse cara, está toda preocupadinha com ele e ainda tem a cara de pau de vir me dizer que não tem nada entre vocês?!

Sentei-me, recostando na cabeceira da cama, arredia, mantendo o lençol sobre meu corpo para ocultar minha semi nudez.

— O que você veio fazer aqui? — Tentei ser firme, mas a angustia me deixava à beira das lágrimas.

— Você *tá* me devendo muito dinheiro.

— Eu vou arranjar os duzentos mil se ele ficar bem. Eu juro.

— Duzentos mil é pouco depois do que você fez. Meu preço subiu para trezentos depois que você teve a ousadia de ir na polícia falar de mim e se aprontar outra dessas, ele morre.

Meu coração deu um salto no peito, pela confirmação de que Patrick ainda estava vivo, ao mesmo tempo em que o sangue fugia da minha face, por temer não arranjar os trezentos mil que ele queria.

— Eu te dou os trezentos mil. Eu juro. Agora me diz onde Patrick está.

— Ele foi assaltado. Levaram o carro, documentos, dinheiro e a chave deste apartamento. — Ele mostrou-me o molho de chaves que tinha pendurado no cós do jeans. — Foram uns moleques amigos meus. Só pra você saber que tenho muitos amigos e são capazes de qualquer coisa. Deixaram ele em uma estrada meio deserta. Ele vai demorar pra chegar, mas ainda *tá* inteiro. A.I.N.D.A. E pra continuar assim, só depende de você.

— Eu faço tudo o que você quiser. Só não o machuque.

Tudo rebulia dentro de mim, um misto de alívio por Patrick estar vivo e agonia por ter sido assaltado e deixado tão longe, sozinho, correndo risco daquele louco mudar de ideia a qualquer momento e tirar sua vida.

Jacob encarou-me em silêncio por um longo momento. Mesmo em meio à penumbra, eu podia ver o brilho de ódio reluzindo em seu olhar.

— Por que, Fernanda?

— O que?

— Por que ficou comigo por quase seis anos se nunca sentiu nada por mim?

— Mas eu senti. Eu te amava. E amava muito.

— Mentirosa! Falsa, filha da puta! Quem ama não deixa de amar da noite pro dia. Quem ama não se casa com outro mesmo sob ameaças. Quem ama não trai.

— Eu não podia permitir que minha família fosse deportada.

— E vai continuar me dizendo que tudo não passou de um acordo e que não tem nada com ele?

— Eu não tinha. Estava me guardando pra você. Até hoje.

Vi todo o corpo dele estremecer e me arrependi por ter aberto a boca.

— Eu devia te pegar agora mesmo, te comer tanto de tantas formas que não ia restar nada pra ele. Você tem muita sorte por eu não ser um maldito estuprador.

— Foi a minha vez de estremecer, de pânico. — Eu espero que minha visita tenha sido útil para que você saiba do que sou capaz. Aquele imbecil pode se cercar de seguranças e mesmo assim sou capaz de matá-lo no instante que eu decidir, cabe a você evitar que isso aconteça. E nem pense em ir à polícia de novo, porque se for, nenhum dinheiro do mundo vai me impedir de acabar com a vida daquele imbecil. — Levantou-se e aproximou-se da cama, empunhando novamente a arma, apontando-a direto para mim, meu sangue gelando nas veias. — Está vendo como é fácil? Eu posso entrar aqui e acabar com ele a hora que eu quiser. Talvez acabe com você também.

— Não precisa fazer isso. Eu vou te dar o dinheiro. — Empurrei as palavras através da minha garganta seca.

— Eu sei que vai. E espero sinceramente que não envolva mais a polícia nisso. Eu não ia gostar de matar a mulher que seria a mãe dos meus filhos. — Guardou a pistola de volta no jeans. — Você ainda tem dois dias. Eu te ligo pra dizer onde deve vir me encontrar. Mantenha seu número antigo ativo.

Com isto, abriu a porta e saiu, seus passos silenciosos como os de um felino.

Sozinha, fiquei quase em estado de choque, imaginando onde Patrick estaria agora, se estava machucado, com frio, com fome, perdido em algum lugar deserto. Corri para o telefone determinada a ligar para a polícia, mas as ameaças de Jacob não me permitiram digitar os números. Se eu chamasse a polícia seria pior, Patrick não teria a mínima chance de escapar.

Jacob acabara de deixar claro que era realmente capaz de tudo, que podia matá-lo com a mesma facilidade com que entrou no apartamento, sem que a polícia jamais o apanhasse. Ele era mortalmente perigoso e eu não sabia como

fui capaz de viver na sua companhia por tanto tempo sem me dar conta disso.

Comecei a andar de um lado para o outro, agoniada, me sentindo de mãos atadas, sem poder fazer nada para ajudar Patrick mesmo sabendo que estava em perigo. Desesperada, liguei para Silvia e contei tudo a ela, sobre a chantagem, o assalto, a invasão de Jacob ao apartamento.

— *Pelo amor de Deus, Fernanda, deixa a polícia fora disso. Se Jacob se sentir acuado vai matar o Patrick com a mesma facilidade com que entrou no apartamento.* — Foi o que ela disse.

— Eu acredito nisso também. Mas estou agoniada sem saber onde Patrick está. Se ele estiver perdido, machucado? — Minha voz soava trêmula.

— *Não está. Jacob é perigoso, mas não é burro. Ele quis que parecesse apenas um assalto, não ia danificar o cara. Fica calma.*

— Se eu não arranjar trezentos mil, Jacob vai matá-lo.

— *Vou te ajudar com isso. A gente pensa em alguma coisa pra tirar esse dinheiro do Patrick sem ele perceber nada. Pra ele essa quantia é quase nada. Respira fundo e volta pra cama. Porque se ele entrar aí e te pegar no telefone a essa hora, vai desconfiar no mesmo instante.*

— Você tem razão.

— *Vou pensar num jeito da gente arrancar esse dinheiro dele, assim você tira Jacob do caminho de vocês. Eu vou até aí para conversarmos pessoalmente depois que ele sair. Me passa o endereço.* — Passei o endereço a ela. — *Quando ele sair você me liga pra avisar e eu subo.* — Tá bom. Obrigada.

— *Imagina. Irmã é pra essas coisas. Vai pra cama.*

Encerramos a ligação.

Deitei-me com meu corpo completamente contraído de tensão, minha alma mergulhada no mais escuro abismo da angustia, enquanto minha mente projetava as mais terríveis situações em que Patrick poderia estar.

Apenas nesse instante fui capaz de perceber que ele significava muito mais para mim do que eu sabia. Ele era tão essencial, que a ideia de perdê-lo me parecia mais dolorosa que qualquer outra coisa já me pareceu.

Eu rolava de um lado para outro da cama, sobressaltada, com a terrível sensação de impotência, quando o telefone tocou e o alcancei com um pulo, para atender.

— Alô. — Falei.

— *Fernanda, sou eu Patrick.* — Sua voz estava calma, meio abafada e me despertou tantas emoções que eu sequer era capaz de defini-las. De súbito as lágrimas encheram meus olhos, meu coração bateu num ritmo descompassado, o

alívio me tomou, mas eu nada podia deixar transparecer, ou ele saberia que além de estar envolvido no que aconteceu, Jacob também esteve aqui e isso pioraria as coisas, pois o colocaria ainda mais em perigo.

— Está tudo bem? — Me esforcei para manter o tom firme e casual.

Ele demorou mais que o necessário para responder.

— *Sim. Eu fui assaltado, mas estou bem.*

— Nossa! Como isso aconteceu? — Precisei representar a surpresa.

— *Uns moleques me cercaram na auto estrada. Levaram tudo.*

— Machucaram você?

— *Não. Estou intacto. Só cansado. Liguei pra avisar porque vou chegar tarde. Estou na delegacia prestando queixa. Daqui a pouco estarei aí.*

— Estou te esperando. Se cuida.

— *Ok até já.*

Quando ele desligou, deixei-me cair sentada na beirada da cama, sentindo-me exausta, como se tivesse acabado de me livrar de uma carga emocional muito pesada. Por fim, as lágrimas escorreram livres pelos meus olhos, até que ficassem inchados.

Eu estava deitada na mesma posição por um período de tempo que me pareceu a eternidade, quando por fim a porta se abriu e Patrick entrou. Levantei-me muito emocionada, com meu coração disparado no peito. Minha vontade era de correr para ele e abraçá-lo apertado, cobri-lo de beijos e dizer-lhe o quanto sua ausência me deixou angustiada. Mas eu não podia fazer isso. O receio em parecer patética, ou mesmo em ser magoada com a falta de correspondência, me forçava a esconder meus verdadeiros sentimentos.

Fiquei lá parada observando-o e quando ele acendeu a luz pude ver que estava muito sujo, com as pernas das calças cheias de lama; tinha os cabelos desorganizados; o paletó pendurado em um braço e o rosto muito cansado, mas pelo menos não parecia machucado.

— Você está bem? — Perguntei, meu mar particular de emoções exposto nas três palavras.

— Sim. Só muito cansado.

— Como uma coisa dessas foi acontecer? Você não estava na limusine?

— Sim. Os garotos estavam em quatro carros e fecharam a estrada. Depois renderam o motorista, nos algemaram e saíram da cidade conosco. Nos deixaram no meio do nada e levaram tudo. Tivemos que caminhar quase dez quilômetros para encontrarmos um orelhão.

Levei as duas mãos à boca, horrorizada, imaginando a cena.

— A polícia tem ideia de quem são eles?

— Não e você, tem?

Senti o sangue fugir da minha face.

— Não. Por que eu saberia?

Ele examinou-me em silêncio por um momento antes de responder.

— Foi uma pergunta idiota. Estamos cogitando a hipótese de que seu ex-namorado esteja por trás disso. Mas como você poderia saber de uma coisa dessas, não é mesmo?

Meu sangue gelava nas veias enquanto ele fazia a sua insinuação muito discreta de que eu pudesse ter armado aquilo para ele junto com Jacob. Eu sequer podia culpá-lo por pensar assim, afinal pouco me conhecia e sabia que fui noiva de Jacob durante anos. No seu lugar, talvez eu pensasse o mesmo.

— Sim, foi uma pergunta bem idiota.

— Eu estou muito cansado e perdi documentos importantíssimos. Não estou pensando direito. — Caminhou para mim. — Vem cá, me deixa sentir algo de bom esta noite.

Tomou-me em seus braços, apertando-me com força, buscando conforto ao mesmo tempo que me confortava.

Por Deus! Como era bom ser abraçada por ele, senti-lo tão perto, tão íntimo, tão meu, ter certeza de que estava bem e não machucado como passei a noite inteira imaginando que estaria.

Senti-lo perto de mim era tão essencial que subitamente fui tomada pelo medo aterrador de perdê-lo de uma hora para a outra, pela crueldade de Jacob, ou mesmo quando colocasse nosso filho no mundo e fosse abandonada, o que certamente aconteceria. Entretanto, preferia não pensar nisso agora e aproveitar enquanto ainda o tinha por perto.

— Fiquei tão preocupada com sua demora. — Foi tudo o que os limites impostos pela chantagem de Jacob me permitiu confessar, quando descansei minha cabeça em seu peito largo.

— Não se preocupe mais. Estou aqui agora. — Ele segurou meu queixo para erguer minha face e tomou-me os lábios com um beijo urgente, sua boca quase devorando a minha e a corrente de calor passou por todo o meu corpo como uma descarga elétrica, se instalando no meio das minhas pernas. — Senti falta da sua boca esta noite. — Sussurrou contra mim. — O pior momento que passei foi quando pensei que seria morto sem sentir você pelo menos mais uma vez.

Suas palavras alimentavam a paixão visceral que crescia cada dia mais em meu peito. O que era assustador.

— Você está aqui, agora e sou toda sua.

Abracei-o pelo pescoço, colando mais meu corpo no seu e ele voltou a saquear minha boca, com aquela selvageria erótica que me deixava perdida em sensações libidinosas.

Suas mãos percorreram meu corpo coberto apenas pela camisola minúscula e delicada, passando pelas minhas costas, descendo pela cintura, se infiltrando entre minhas pernas.

— Eu te desejo tanto... — Sussurrou. — Mas preciso de um banho urgentemente. — E para meu desapontamento, afastou-se, deixando um vazio desolador em seu lugar.

— Você jantou? — Perguntei, minha voz arrastada pela respiração pesada.

— Não.

— Vou te preparar um sanduíche enquanto você toma banho.

— Não precisa. A cozinheira faz isso.

— E acordar a coitada uma hora dessas? Nem pensar. Por favor, me deixe cuidar de você um pouco. Eu quero. — *“Pelo menos para fazer de conta que você é meu de verdade e esse casamento não é apenas um acordo passageiro.”*

— Eu preferia que você me ajudasse no banho.

Suas palavras, proferidas com malícia, intensificaram a corrente de calor que passeava dentro de mim.

— Não posso te deixar morrer de fome. Já volto.

Sai do quarto, antes que ele me convencesse a mudar de ideia e deixá-lo dormir de estômago vazio, o que não seria nada difícil.

Eu estava morando ali há dias e ainda não tinha entrado na cozinha ampla e bem equipada para mais nada que não tomar um copo d'água, por isso tive dificuldade em encontrar utensílios para preparar uma refeição minimamente descente para meu marido. Estava tudo muito bem organizado e escondido. Melanie realmente realizava um bom trabalho supervisionando as demais empregadas.

Encontrei frango desfiado congelado e preparei um risoto rápido e bem caprichado. Completei a bandeja com o vinho branco que Patrick tanto apreciava e voltei ao quarto.

Mas demorei demais na cozinha. Tanto que ele desistiu de esperar e pegou no sono. Estava tão lindo e parecia tão confortável, espalhado sobre a cama, só de cueca, com o corpo glorioso à mostra me dando água na boca. Tinha a fisionomia tão relaxada, com os olhos fechados, os cabelos ainda molhados, que não tive coragem de acordá-lo. Ele merecia e precisava daquele descanso.

Encantada e atraída pela sua beleza máscula, incomparavelmente viril, abandonei a bandeja sobre o criado mudo e deitei-me ao seu lado, colando meu corpo no seu, com cuidado pra não acordá-lo. Descansei minha cabeça em seu peito largo, o abracei com minha perna e meu braço e finalmente, depois de horas mergulhada no inferno de não tê-lo ali do meu lado, de saber que se encontrava em perigo, consegui relaxar e pegar no sono.

## CAPÍTULO XIX

Meu corpo estava quente como se estivesse em chamas. Minha pele ardia, meus mamilos doíam, o meio das minhas pernas estava lambuzado. Era como se eu me afogasse em um tentador mar de luxúria, do qual nunca mais queria sair.

Abri os meus olhos, completamente acordada e só então me dei conta de que Patrick estava abraçado a mim, por trás, uma perna e um braço jogados sobre o meu corpo, fazendo peso, seminu, sua pele gostosa em contato com a minha me excitando loucamente.

Recordei-me das outras vezes que acordei assim, da vez que ele ejaculou na minha bunda enquanto ainda dormia e não contive o riso, lembrando minhas reações.

Eu não tinha o direito de reclamar da vida, pelo contrário, queria agradecer, porque agora podia saciar esse tesão louco que sentia ao acordar nos braços daquele homem. A sensação era libertadora.

Seguindo a um impulso, mexi minha bunda devagar, roçando minhas nádegas na sua ereção, mordendo o lábio para conter o gemido de puro prazer.

Esperei que ele reagisse, despertando do seu sono, ou ejaculando como da outra vez, mas não aconteceu. Então, me deixei guiar pelos meus instintos de fêmea e levei minha mão ao cóis da sua cueca, puxando-a para baixo, desnudando o pênis grande, muito duro e grosso, tentadoramente melado. O masturbei devagar e fechei os olhos lembrando o momento em que o coloquei inteiro na boca, o pensamento me excitando um pouco mais.

Tomada pela luxúria, subi o tecido transparente da camisola, afastei a calcinha minúscula para o lado, encaixei sua glândula na entrada da minha vagina e me movi para baixo, fazendo-o entrar em mim, lentamente.

— Ahhh... — Não consegui segurar o gemido.

Porra! Como aquilo era bom! Não podia existir prazer maior.

Continuei movendo-me devagar, como uma devassa louca por sexo, o pênis do meu marido deslizando para fora e para dentro do meu canal, pressionando minha carne escorregadia, enquanto meu corpo inteiro suplicava por movimentos mais fortes, mais apressados, que iniciaram no instante que Patrick acordou.

— Ahhh... cara -lho... você quer me deixar louco? — Ele sussurrou, levando sua boca gostosa à minha orelha, mordiscando o lóbulo, lambendo-a, ao mesmo

tempo que sua mão ia direto para o meu sexo, massagear meu clitóris enquanto ele estocava duro e firme dentro de mim, por trás. — Ah! Gostosa! Eu quero acordar assim todos os dias... dentro de você.

Suas estocadas se tornavam cada vez mais bruscas, fortes, tão deliciosas que ergui uma perna para recebê-lo mais fundo, enlouquecida, fervendo de tesão.

Sua mão livre se enfiou no tecido da camisola para segurar o meu peito, seus dedos esfregando o mamilo dolorido, deliciosamente.

Putá merda! Eu podia facilmente me viciar naquilo.

Seus dedos deixaram meu clitóris para virem se enterrar na minha boca e os mamei duro, como uma bezerra, ao passo que as sensações se intensificavam dentro de mim, a ponto de quase me levarem à insanidade. Pouco a pouco, meu corpo foi enrijecendo até que não consegui mais me segurar e me entreguei ao gozo pelo qual meu organismo implorava desde que acordei.

Com Patrick enterrado em mim até a raiz, eu gozei e gozei de novo, orgasmos múltiplos, que pareciam me estilhaçar em mil pedaços, meus gemidos altos ecoando pelo quarto, meu corpo se contorcendo até ficar imóvel, sem forças para mais nada.

— Ainda não acabou, bezerrinha. Pra falar a verdade só estamos começando.  
— A voz de Patrick lembrava o grunhido de um animal e até isso eu gostava nele.

Parecia não haver nada naquele homem que me desagradasse.

Com um gesto muito rápido e inesperado, ele me levantou, sem sair de dentro de mim, deitando-se de barriga para cima, comigo sentada em seu colo, de costas para sua face. Usou as duas mãos para abrir minhas nádegas e sibilou excitado, ainda muito duro no meu interior.

— Agora rebola no meu pau gostosa, quero ver essa bocetinha carnuda me engolindo.

Ele desferiu uma palmada na minha bunda e aquilo foi o combustível para que eu começasse os movimentos, subindo e descendo meus quadris, seu pau entrando e saindo, escorregando nas minhas paredes muito molhadas.

Patrick me deu outro tapa na bunda, na outra nádega e me movi mais depressa, para cima e para baixo, em círculos, até que, pouco a pouco, a tempestade de desejo se fez novamente em mim e eu estava mais uma vez com aquela sensação de que incendiava de dentro para fora, todo o meu corpo tomado de luxúria, louca pelo prazer de tê-lo no meu interior.

Caralho! Aquilo não tinha fim? Até onde iríamos? Quando pararíamos?

Definitivamente, eu não queria parar. Só queria senti-lo, me enchendo toda,

me possuindo, como fazia agora.

Espalmei minhas mãos nas suas coxas firmes para descansar o peso do meu corpo e me movi ainda mais depressa, meus quadris dançando freneticamente, naquele ritmo alucinante, que me fazia senti-lo inteiro.

Patrick continuava segurando minhas nádegas abertas. Soltou-as para levar os seus dedos até a entrada da minha vagina, banhando-os com a minha lubrificação, para em seguida enterrar um deles no meu ânus, a princípio devagar, abrindo passagem no meu canal mais estreito, até que estava todo lá dentro, se movendo mais depressa em vai e vem.

— Ahhh! — Gritei de prazer, com a sensação de estar toda preenchida por ele, tomada, completa.

— Gostosa... eu preciso comer esse cuzinho.

Seus dedos voltaram a se lambuzar na minha entrada e desta vez dois deles foram introduzidos no meu canal.

Ai! Porra! Aquilo doía. Mas era ao mesmo tempo incrivelmente prazeroso e continuei cavalgando-o, enquanto ele metia e tirava os dedos de mim, sibilando de vez em quando, o que servia para intensificar ainda mais a minha loucura.

— Você me quer aqui atrás? — Sua voz saiu na forma daquele grunhido que me excitava.

— Ah! Sim! — Respondi sem pensar, porque definitivamente eu não estava em condições de raciocinar. Tudo em mim transformado em sensações e sentidos.

Com agilidade, Patrick saiu de baixo de mim, virou-me de frente, de modo que ficamos ambos ajoelhados na cama e saqueou minha boca, beijando-me com uma urgência meio louca, roubando-me o fôlego e a pouca sanidade que me restava, enquanto suas mãos passeavam pelo meu corpo, rasgando a camisola frágil, arrancando a calcinha.

Louca de tesão, segurei seu membro entre meus dedos, masturbando-o, meu sexo pulsando numa súplica silenciosa por senti-lo novamente, todo enterrado em mim.

— Onde você estava durante toda a minha vida? — Ele sussurrou de encontro à minha boca, sua respiração muito pesada.

— Sempre estive aqui. — *“Mas você nunca me enxergaria.”*

Ele me beijou de novo, sempre com aquela urgência, com sofreguidão. Depois me fez ficar de quatro sobre o colchão e se posicionou atrás de mim. Estremeci com a expectativa do que aconteceria em seguida.

Sem levantar-se, ele se livrou da sua cueca ainda enroscada nas pernas e no

instante seguinte sua boca estava em mim, atrás, no meu ânus, sua língua se movendo sobre ele, abrindo passagem.

— Ahh — Gemi alto e sua boca gostosa foi para o meu clitóris, sugando-o lentamente, ondas de prazer me percorrendo inteira.

Eu estava a ponto de explodir, enlouquecida de prazer, o êxtase ameaçando chegar, mas Patrick não me deixaria gozar enquanto não tivesse o que queria. Ele sabia como ter tudo de uma mulher e teria.

Depois foi a vez dos seus dedos virem para mim. Primeiro os enterrou na minha vagina, devagar, movendo-os num vai e vem quase torturante, para em seguida irem para meu ânus, levando junto minha lubrificação, lambuzando-o antes de penetrá-lo, dois dedos ao mesmo tempo, fazendo muita pressão no espaço reduzido, ampliando-o.

— Caralho! Que cuzinho apertado...

Então, segurou seu pau pelo meio e o esfregou ali na minha entrada, me lambuzando um pouco mais, a glândula passeando por toda a minha intimidade, me deixando mais doida a cada instante. Até que, devagar, fez pressão na entrada do meu canal, deslizando para dentro, aos poucos, centímetro por centímetro, até a raiz.

Ah! Porra! Patrick estava todo enterrado em mim, ali atrás e eu só queria que ele me desse mais, muito mais. Ele o fez, com uma estocada violenta, brusca e repentina, que pareceu sacudir tudo dentro de mim.

Dor e prazer me invadiram com a mesma intensidade e eu gritei alto, sem saber se pedia por socorro, ou pedia por mais.

Ele estocou de novo, tirando tudo e enterrando com força, indo fundo, seus pelos púbicos acariciando minha bunda e porra! Definitivamente eu queria mais.

Patrick me deu o que eu queria, fodendo-me com força ali atrás, seu tamanho me dando a sensação de que meu corpo era partido ao meio, embora cada metida se tornasse mais gostosa e prazerosa que a anterior.

— Ah... Patrick... Patrick... — Seu nome saía da minha boca sem que eu tivesse controle algum.

— Estou bem aqui gostosa... ahhhh

Sua mão foi para os meus cabelos, atrás da cabeça, me puxando para cima, até que sua boca faminta alcançasse minha orelha, mordendo e lambendo, enquanto a outra mão ia para meu clitóris, seus dedos habilidosos massageando-o em círculos, o que tornou tudo tão intenso a ponto de me fazer perder o controle e meu corpo todo se contraiu, prestes a explodir.

— Assim gostosa... goza *pro* seu marido... — Disse no meu ouvido.

Suas palavras foram o estopim, logo mergulhei no mais profundo êxtase, gozando na mão dele, enquanto meu corpo sacudia descontrolado, seu nome escapando da minha garganta, incessantemente.

Eu estava quase amolecendo, quando ele agarrou meus quadris dos dois lados, apertando com muita força, se enterrando muito fundo em mim para se esvair em gozo, um palavrão escapando da sua boca, enquanto seus espasmos se faziam de encontro às paredes do meu canal, o leite quente jorrando dentro de mim, tão deliciosamente, que eu quase tive outro orgasmo.

Caímos juntos na cama, ele por cima, nossa respiração tão ofegante que o som ecoava pelo quarto, se misturando às batidas aceleradas do nosso coração agitado.

Ficamos ali imóveis, nos recuperando por um momento, até que ele saiu de mim e deitou-se ao meu lado, me puxando para seu peito largo.

— Tenho a impressão de que você não vai conseguir se sentar por uns dias.  
— Ele disse, acariciando meus cabelos com a ponta dos dedos.

— Mas valeu à pena. — Falei, lânguida, saciada.

Ele segurou meu queixo para erguer-me a face e seus olhos buscaram os meus. Estavam mais escuros, intensos, lindos!

— Você é a pessoa mais incrível e surpreendente que eu já conheci. — Falou, rouco.

— E isso é bom?

— Isso é maravilhoso.

Sorri largamente e ele me beijou na boca, com força, roubando-me o fôlego, me despertando uma nova onda de tesão.

Levei minhas mãos ao seu peito forte, acariciando seus músculos com a ponta dos dedos, fascinada com sua virilidade, espantada com a intensidade com que o queria.

— Você que é maravilhoso. — Deixei escapar e imediatamente, ele ficou tenso, embora tentasse disfarçar.

— Eu adoraria passar o dia inteiro nessa cama com você, mas realmente preciso trabalhar. — Levantou-se, dando-me uma vista gloriosa da sua bunda gostosa.

— Você foi assaltado. Devia tirar o dia de folga para acalmar o trauma. — Mentira, eu só queria que ele ficasse comigo.

— Aquela companhia afundaria sem mim. Derek cismou que tem que tomar a frente de tudo porque é meu parente e tem muitas ações. Mas não passa de um incompetente.

Droga, ele realmente sairia. Mas ainda podíamos tomar banho juntos e eu não perderia isso por nada.

Então, entrei no banheiro antes dele, completamente nua, como quem não queria nada além de um banho matinal. O resto ficou por conta dele.

Meu marido parecia uma miragem, usando seu terno caro impecável, com os cabelos bem penteados, a barba feita e aquele delicioso cheiro de homem sofisticado que emanava dele, enquanto tomávamos o café da manhã na cozinha, servidos por Melanie.

Com o canto do olho, eu percebia que ele não desviava seus olhos de mim e, depois de toda a nossa loucura na cama e no banheiro, eu tinha dificuldade em encará-lo diretamente, a chantagem de Jacob causando-me uma sensação ruim de que eu mentia. O fato era que esconder a verdade, sobre meu ex-noivo ter estado aqui, me incomodava, entretanto, era necessário que as coisas fossem assim, para a proteção de Patrick.

— Você não acha melhor trocar as chaves do apartamento e do edifício? —  
Falei, receosa que Jacob pudesse voltar.

— Por que?

— Você não disse que os ladrões levaram tudo? Eles podem tentar entrar aqui usando as chaves.

— Isso seria impossível. Eles não sabem onde moro. A não ser que viessem a mando de alguém.

Mais uma vez, ele insinuava que Jacob estava por trás daquele assalto e que de alguma forma eu sabia disto. Porém, o que mais me irritava era o fato de ele ficar jogando indiretas a invés de falar abertamente.

— Você disse que havia documentos no carro. Pode ter seu endereço neles. —  
Falei, desviando meu olhar para o prato de cereais com leite diante de mim.

— Você também acha que seu noivo está por trás disso, não é?

Por fim, um pouco de sinceridade.

— Ele não é mais meu noivo. E não tem motivos pra te assaltar.

— Claro que tem. Eu estou com a mulher que ele queria. Admita! — A última palavra foi proferida com um evidente tom de acusação que atçou a raiva dentro de mim.

Que merda! Como podia passar pela cabeça dele que eu me juntaria a Jacob para lhe fazer mal, depois do que Jacob me fez e depois de tudo o que aconteceu entre nós? Pior ainda, como podia transar comigo de uma forma tão intensa, mesmo desconfiando que eu fosse capaz de uma coisa como essa?

— Estou farta disso! — Esbravejei. — Se quer me acusar de alguma coisa,

fala diretamente!

Ele estudou-me em silêncio por um instante.

— Eu não quero acusar. — Sua voz estava calma. — Mas se ponha no meu lugar, o que você pensaria?

Sinceramente, senti vontade de chorar.

O que acontecia com ele era puro preconceito. Acreditava que eu podia ser como Jacob porque passei tantos anos com ele, porque eu tinha uma origem humilde, porque morava no Bronx.

— Eu nunca pensaria que uma pessoa que se entrega, como nos entregamos um ao outro, possa estar fingindo. Se você acha mesmo que eu sou capaz de coisas tão horríveis, me dá o divórcio. Eu ainda não estou grávida. Dá tempo de você acabar com esse casamento e arranjar outra melhor.

Seus olhos se tornaram mais duros e escuros sobre os meus.

— Nunca. Ponha de uma vez na sua cabeça que agora você é minha e se for necessário eu dou um jeito de tirar esse bandidinho do meu caminho. — Levantou-se e pagou sua valise, pronto para sair. — Tem outro segurança na porta do elevador. Não quero que você se sinta uma prisioneira, mas se for sair, ele vai te acompanhar.

Eu não me incomodava em sair por aí com um segurança me seguindo, embora isso pudesse me atrapalhar quando fosse levar o dinheiro a Jacob. O que realmente me irritava, era ele ter tomado essa decisão sem me consultar antes.

— E se eu não quiser companhia?

— Isso não é uma opção.

— Nossa! Que marido democrático eu tenho! — Ele ignorou a minha ironia. — Por que outro segurança e não o mesmo de antes?

— Ele foi demitido por incompetência quando te deixou sair sozinha.

Putá merda! Eu tinha sido responsável pela demissão de uma pessoa! Se ele fosse um pai de família? Eu precisava consertar aquilo.

— Preciso ir ao shopping e não vou aceitar um segurança atrás de mim, a menos que seja o de antes. — Impus, com firmeza.

Ele fitou-me muito desconfiado.

— Por que? Qual a razão disto?

— Não quero ser responsável pela demissão dele. Não foi sua culpa eu ter me recusado a ficar.

— Ele devia ter ido com você.

— Eu não deixaria! Se não o recontratar vou fazer o mesmo com esse outro.

Por fim ele se calou, me observou por um instante e então tirou o celular do

bolso do paletó, derrotado.

— Oi, aqui é Patrick Baker. Gostaria de solicitar a readmissão de Roger Willian e que volte ao seu posto no meu apartamento imediatamente. — Calou para ouvir. — Ok, está tudo certo. — Desligou. — Satisfeita?

— Mais ou menos.

Ele meneou a cabeça e um meio sorriso brincou em seus lábios.

— Você é realmente uma mulher intrigante.

— E isso é ruim?

— Não sei. Ainda estou decidindo.

Com isto, deu-me as costas e se foi, deixando-me com tantas perguntas na cabeça que eu sequer sabia qual me fazer primeiro. Contudo, não tinha tempo para pensar nisso agora, eu precisava conversar com Silvia, saber se ela arranjava uma forma de arrancarmos de Patrick os trezentos mil que Jacob exigiu em troca da sua vida.

Cacete, isso ia dar merda, se Patrick já estava desconfiado de mim, sem que eu lhe desse motivos para isto, podia imaginar o que pensaria quando lhe pedisse a grana. Não seria fácil, mas eu ainda preferia arriscar, preferia ser acusada injustamente, que permitir que Jacob lhe fizesse mal. Eu jamais me perdoaria se algo lhe acontecesse por minha causa e jamais seria a mesma se o perdesse desta forma.

Patrick era um homem cheio de defeitos, era mulherengo, arrogante, autoritário e frio, mas tinha razões para isto, sua vida não foi fácil. Primeiro ele perdeu a mãe quando ainda era criança, depois foi traído pela primeira e única mulher que amou, sem mencionar que sempre foi desprezado pelo pai. Algumas pessoas tinham facilidade em superar coisas como essas, outras não e Patrick estava nesse segundo grupo, só nunca se dera conta disto.

Por tudo isto, ele merecia ser amado e merecia demais.

Com meu coração pesado no peito, fui para o quarto a fim de falar com minha irmã longe do alcance do ouvido das empregadas. Usei o meu celular para ligar para ela.

## CAPÍTULO XX

— Oi Silvia, onde você está? Patrick já saiu. — Falei, quando minha irmã atendeu.

— *Estou em frente ao prédio. Vi quando ele saiu. Uau! Esse homem é uma perdição!*

— Não brinca mana, a situação é grave. Estou aflita com tudo isso.

— *Eu sei, desculpa. Vou subir.*

— Tá.

Em poucos minutos o elevador se abriu e corri para encontrá-la, procurando conforto para a minha aflição em um abraço apertado.

— Calma mana. Vai acabar tudo bem.

Apesar de ser mais nova que eu, Silvia sempre foi mais segura e decidida, tinha puxado à nossa mãe, enquanto eu herdara a mansidão e o medo de viver do meu pai.

— Ainda bem que você veio.

— Eu não ia te abandonar numa hora dessas. — Ela varreu a grande sala com olhos perplexos. — Uau! Aqui é lindo! Quanto luxo. É mesmo muito bom ser rica.

Melanie nos ouviu e veio xeretar.

— Vejo que está com visitas, Sra. Baker. Desejam beber alguma coisa?

Silvia tapou a boca com a mão para sufocar uma gargalhada.

— Não precisa. Obrigada. — Falei, segurando a mão da minha irmã para puxá-la até o quarto, onde poderíamos conversar longe dos ouvidos de Melanie.

— Caraca! “Sra. Baker, deseja beber alguma coisa?” — Ela imitou Melanie, fazendo um tom de debochado de solenidade. No quarto, ficou impressionada com tanto luxo e riqueza. — Minha nossa! Isso é que é viver com estilo.

— Tem uma piscina no terraço. É ainda mais impressionante. Depois eu te mostro. Agora preciso saber se você pensou em alguma coisa.

Ela se jogou bastante à vontade na cama.

— Primeiro me conta como Jacob conseguiu entrar nessa fortaleza.

— Ele roubou as chaves junto com o carro. Quer dizer, ele mandou roubar.

— O assalto está em todos os jornais. Você já viu?

— Não. Os repórteres mencionaram o Jacob?

— Não. Estão todos boiando.

— Menos mal. Agora me fala a sua ideia. Estou aflita.

— Podemos dizer a ele que perdi essa bolada no poker e estou sendo ameaçada por um traficante do Bronx se não pagar. Eu sou sua irmã. Ele não vai negar.

A ideia dela me desanimou. Não convenceríamos Patrick com isto.

— Isso não vai convencê-lo. Ele já está desconfiado de mim, se falarmos uma coisa dessas vai pensar ainda pior. Você não imagina como me dói quando ele me acusa injustamente. — A última frase saiu trêmula e os olhos de Silvia se arregalaram sobre os meus.

— Fala sério, Fernanda. Você *tá* gostando desse cara de verdade?

— Claro que não. De onde você tirou isso?

— Eu te conheço. Se você não gostasse dele, não estaria dando a menor importância pra essa desconfiança e nem teria ficado tão desesperada ontem à noite.

Pensei no quanto era bom estar nos braços dele, sentir seus lábios nos meus, experimentar o calor do seu corpo. Lembrei do quanto fiquei angustiada quando Jacob armou aquele assalto, colocando sua vida em perigo e não tive dúvidas de que sentia algo por aquele homem, o que me pareceu terrivelmente assustador, pois sabia que ele nunca seria meu de verdade.

— É, talvez eu esteja gostando dele. Mas isso não tem nada a ver.

Vi a piedade se estampar os olhos da minha irmã.

— Como você foi deixar que uma coisa dessas acontecesse? Na hora que você colocar o filho dele no mundo ele vai te descartar. Homens como ele não ficam com garotas como nós.

— E você acha que eu não sei disso? Eu penso nisso todos os dias desde que ele me beijou pela primeira vez. Mas eu sou forte. Vou superar.

— Tomara. Não quero ver você sofrendo.

Eu já estava sofrendo. A certeza de que seria abandonada, já me atormentava, terrivelmente. Alimentar a ideia de que ele pudesse se interessar em ficar comigo depois que tivéssemos nosso filho, seria apenas aumentar esse sofrimento.

— Vamos ao que interessa. Você não teve uma ideia melhor que essa?

— Acabei de ter. Podemos tirar trezentos mil dólares desta casa. Olhe a sua volta. Só tem coisa cara aqui. Escolha um dos quadros da parede e venda.

— Isso seria roubo.

— E daí? A causa é nobre.

— Espera um pouco. Você está certa, esse apartamento é cheio de riqueza, então deve ter um cofre com dinheiro por aí.

— Mas nós teríamos que saber a senha.

— Não custa tentar. Temos o dia todo pra isso. Patrick só volta à noite.

— Ok, vamos procurar o tal cofre, mas se não encontrarmos roubamos alguma coisa e vendemos. Só temos até amanhã pra dar esse dinheiro àquele malandro.

— Certo. — Concordei.

Não foi difícil encontrarmos o cofre, mal escondido atrás de algumas estantes com livros na biblioteca, difícil seria adivinharmos a senha.

Fomos em busca de documentos pessoais de Patrick no fundo das gavetas em seu quarto e escritório, até que encontramos a certidão de nascimento, o óbito de sua mãe e fizemos várias combinações com as datas de aniversário de todos, com a data que sua mãe faleceu e nada deu certo.

Em uma das pastas com documentos pessoais, havia uma fotografia em preto e branco de Patrick, muito jovem, ao lado de Suzan, abraçados, muito sorridentes, em uma animada festa de aniversário, o aniversário dela e atrás da fotografia, com a caligrafia dele, estava a frase “*Te amarei por toda a minha vida, Patrick*”.

Ler aquilo doeu no fundo da minha alma. Sem que eu compreendesse a razão, senti uma vontade absurda de chorar, meu coração apertando no peito, a ponto de me sufocar. Patrick jamais amaria outra mulher porque seu coração ainda pertencia à Suzan, eu pude ver isso em seus olhos quando os plantou sobre ela na festa na casa do seu pai. Ao mesmo tempo em que era burra, por tê-lo traído, ela era uma mulher de muita sorte, por ser dona do amor de um homem como ele.

Ao lado da dedicatória havia uma data, obviamente a do aniversário dela, quando a fotografia foi tirada.

Ditei os números à Silvia, que observava minha tristeza, mas a combinação não funcionou. Então fizemos uma combinação com a data do aniversário dos dois e o cofre se abriu, sem que eu soubesse se sorria por termos conseguido, ou se chorava por saber que ele ainda mantinha algo de Suzan em sua vida.

Dentro do cofre havia muitos documentos, um revólver calibre trinta e oito e nenhum dinheiro.

— Porra! Porque um milionário teria um cofre em casa e não guardaria dinheiro nele? — Silvia indagou, indignada.

— Eu não faço ideia. Estou me perguntando é porque ele teria uma arma — Falei, com tristeza.

— *Pra* proteção pessoal. Todo rico tem uma. — Depois de fuçar os documentos a procura de algum dinheiro, ela trancou o cofre novamente. — Não

tem outro jeito, você vai ter que pedir. Não vai dá pra sair daqui levando algo valioso com aquele segurança vigiando a saída e aquela Melanie nos cercando por todos os lados.

— Você está certa.

— Você diz que é pra me tirar de uma encrenca. Ele não vai negar.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

— Ele é um filho da puta, mas é generoso. Está ajudando nossos pais financeiramente. Não esquece que ele tem que dar esse dinheiro antes de ir trabalhar amanhã. Jacob não vai esperar por mais um dia.

Suas palavras causaram-me um calafrio na espinha.

— Eu não posso nem pensar no que pode acontecer a ele.

— Pense positivo e tudo vai dar certo. Quando estiver perto da hora que ele costuma chegar, coloque o vestido mais sensual que tiver naquele closet, faz uma maquiagem bonita e jogue todo o seu charme. Você é linda e os homens ficam meio bobos perto de mulheres bonitas. Você vai conseguir.

Eu a abracei, buscando as forças de que precisaria para mentir de forma tão descarada.

Silvia passou a dia comigo. Almoçamos juntas, sob o olhar especulativo de Melanie e no meio da tarde ela se foi.

Seguindo o seu conselho, ao findar do entardecer, quando meu marido retornaria para casa depois de um dia de trabalho, tomei um banho quente demorado, escovei bem os cabelos, cacheando as pontas e fiz uma maquiagem escura nos olhos e clara nos lábios, já que era a mais sedutora. O vestido mais sensual que encontrei, foi um dos que Melanie comprara para a minha lua de mel, era de seda preto, curto, folgadinho, com um cinto marcando bem a cintura, detalhes em renda no decote quadrado e na grande fenda em V nas costas. Completei o traje com uma sandália de saltos altos e fiquei satisfeita ao fitar meu reflexo no espelho, estava bonita e sensual, sem parecer vulgar. Agora me restava apenas sufocar meu nervosismo, engolir minha culpa por mentir e ir em frente.

Encontrava-me na sacada, observando as luzes da cidade que começavam a se acender, anunciando a chegada da noite, quando a porta do quarto se abriu e Patrick entrou, seus passos vagarosos e pesados aproximando-se de mim.

Quando o ouvi parar, há pouca distância, lembrei-me de ser sensual, como Silvia me aconselhou e virei-me devagar. Não foi difícil abrir o sorriso largo quando meus olhos o encontraram, sua imagem era simplesmente fascinante, seu corpo grande, glorioso, tinha a postura altiva, imponente, sustentando o terno

caro impecável. Ele carregava um buquê de rosas vermelhas em uma mão e uma caixinha preta na outra.

— Você está verdadeiramente linda. — Falou, sua voz grossa soando como melodia aos meus ouvidos, enquanto seus olhos, reluzentes de cobiça, passeavam pelo meu corpo.

— Obrigada. É pra você.

— E isso é pra você. — Ele eliminou a distância entre nós, para me entregar as rosas e a caixinha.

Aspirei o perfume das flores, inebriada, sem conseguir desviar meus olhos dos dele, como se estivesse sob alguma espécie de hipnose.

Era a primeira vez na minha vida que eu recebia flores de um homem.

— São lindas. Obrigada.

— Abra. — Gesticulou para a caixinha na minha mão.

Acomodei as flores sobre a mesa para abri-la e fiquei estupefata com a beleza do pequeno relógio de pulso todo em diamantes, cujo preço possivelmente poderia sustentar uma família de quatro membros por um ano.

— Uau! É lindo. Mas não posso aceitar.

— Por que não? Eu sou seu marido. Tenho o direito de presentear minha esposa.

Sem esperar por mais contestação, tirou o relógio da caixa e colocou em meu pulso, com cuidado, o roçar dos seus dedos na minha pele fazendo-me arrepiar inteira.

— Por que tudo isso, alguma comemoração especial? — Indaguei desconfiada.

— Prenderam dois dos garotos que me assaltaram. São integrantes de uma quadrilha organizada do Brooklin. Não têm nada a ver com Jacob. — Ele acariciou meus cabelos longos. — Eu quero que você me desculpe pelas asneiras que falei esta manhã, por ter desconfiado de você. Será que isso é possível?

Em outras circunstâncias eu teria devolvido as flores e o relógio, além de dizer a ele que desculpas não se compravam, mas naquele instante senti meu coração sangrar de dor, o remorso me remoendo por dentro, por vê-lo isentando Jacob da culpa pelo assalto, por me inocentar sem que eu merecesse, afinal eu sabia que foi Jacob e escondia isso dele, sem mencionar que trouxe esse problema para sua vida.

Como Patrick mencionara na noite em que seu pai me humilhou na sua casa, ele nunca tinha se desculpado com alguém antes, o fez ali comigo e fazia agora novamente, o que merecia um certo crédito da minha parte.

— Não há do que se desculpar. — Eu o abracei apertado.

Ele me abraçou de volta, apertando meu corpo contra o seu e aquela energia sexual que existia entre nós, se fez presente em forma de um calor gostoso que me percorria inteira.

— Como foi o seu dia? — Sussurrou, no meu ouvido.

— Maravilhoso. Silvia veio ficar comigo.

Ele não demonstrou surpresa alguma e tive a impressão de que já recebera aquela informação.

— Isso é bom.

Com isto, trouxe seus lábios aos meus, beijando-me de forma ávida, apaixonada, até que meu fôlego deixou de existir e ele parou.

— Tenho mais uma surpresa pra você. — Falou. — Espere um instante, vou só tomar um banho e trocar de roupas.

— Huumm adoro surpresas.

— E alguma coisa me diz que você vai gostar muito desta.

Com relutância, ele deixou os meus braços e foi tomar seu banho.

Enchi um vaso de porcelana com a água da torneira para colocar as flores, deixando o arranjo lindo na mesa da sacada, já que era o lugar da casa que eu mais gostava de estar, depois da cama, obviamente.

Continuei apreciando a paisagem urbana, enquanto Patrick tomava banho, mas já não conseguia relaxar, a necessidade de mentir para ele, afim de arranjar o dinheiro que precisava dar a Jacob, me afligia. Ocorreu-me que talvez fosse melhor lhe revelar toda a verdade de uma vez, falar sobre a chantagem, as ameaças de Jacob, assim ele se cercaria de seguranças e evitaria o pior. Entretanto, lembrei-me da facilidade com que meu ex-noivo armou aquele assalto, de modo que mesmo sendo presos os bandidos não o delataram e como entrou no apartamento no meio da noite, mesmo estando na mira da polícia.

Se o desafiássemos, se eu não cumprisse suas exigências, ele mataria Patrick com essa mesma facilidade, era arriscado demais tentar enfrentá-lo.

Para proteger o homem com quem me casei, eu estava disposta a tudo. Buscaria forças nessa certeza para mentir e convencê-lo a me dar o dinheiro.

Logo Patrick veio me encontrar na varanda, de banho tomado, com os cabelos molhados, usando jeans e camiseta de malha, o traje despojado dando-lhe um aspecto muito jovial, parecia um garoto de vinte anos, com a elegância de um homem de trinta e cinco.

— Com fome? — Perguntou ao meu ouvido, abraçando-me.

— Bastante. — Precisei forçar o sorriso, os pensamentos me atormentando.

— Vamos.

No primeiro andar, fiquei encantada com o que encontrei na sala de jantar. A mesa estava lindamente posta, com a comida, uma garrafa de vinho tinto, um lindo arranjo de flores do campo e velas acesas que iluminavam o ambiente.

— Uau! Que lindo.

— Essa é a sua outra surpresa.

— Adorei.

Ele puxou a cadeira para que eu me acomodasse e me surpreendi que Melanie não estivesse ali, como um cão de guarda.

— Onde está Melanie? — Perguntei, sentando-me.

— Dispensei. — Ele se acomodou na cabeceira da mesa. — Dispensei todos.

— Por que?

— Para que o apartamento seja só nosso esta noite.

Seu tom de voz, assim como seu olhar estavam carregados de promessas de uma noite quente, o que foi suficiente para que um formigamento se formasse na altura do meu ventre.

Comemos o pato ao tucupi preparado por Helena, saboreando o vinho gelado, mergulhados em uma conversa gostosa, desprovida de assuntos relevantes, mas ao mesmo tempo interessante, como tudo o que se referia a ele.

Patrick era um homem tão carismático, que eu podia apostar que mesmo em meio ao deserto do Sudão, com fome e com sede, ele ainda seria capaz de tornar tudo muito agradável. Era impossível ficar entediada na sua presença. Eu realmente nunca entenderia porque uma mulher trairia um homem como ele.

Perguntei-me se seria o momento certo de pedir o dinheiro, mas não me senti encorajada, pois sabia que isso estragaria o momento e queria aproveitá-lo.

Após a refeição, fomos para a sala de estar, onde ele colocou um CD com música romântica, em volume baixo, a voz doce de Lara Fabian preenchendo o ambiente em Love By Grace.

— É um CD com os melhores hits dos anos oitenta e noventa. — Explicou.  
— Talvez você não conheça.

— Conheço. É Lara Fabian. Adoro as músicas antigas.

Um sorriso estonteante brincou em seus lábios lindos.

— Então dança comigo.

Havia como recusar?

Bebi mais um gole do meu vinho e abandonei a taça sobre a mesinha de centro para me juntar a ele, nossos corpos se unindo, seus braços fortes me envolvendo, embalando-me ao sabor da melodia lenta.

Enlacei seu pescoço com os meus braços, recostei minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos, entregando-me à deliciosa sensação de sentir o corpo quente, forte, de encontro ao meu, a paixão visceral explodindo em meu peito com uma força descomedida, descompassando as batidas do meu coração.

Mais uma vez eu desejei ter o poder de parar o tempo, para que aquele momento jamais acabasse e ele nunca deixasse de me abraçar.

## CAPÍTULO XXI

— Eu soube que você passou na Universidade pública, mas não cursou, por quê? — Ele perguntou, a voz abafada, sussurrada no meu ouvido.

— Eu ficaria sem tempo para trabalhar e minha família precisava de mim.

— Agora você tem tempo. Eu ficaria muito feliz se fizesse o curso.

Suas palavras trouxeram à tona minha dor mais persistente, aquela causada pela certeza de que logo que eu trouxesse seu filho ao mundo, seria abandonada e voltaria para minha vida de antes, sem ele.

— Não dá tempo de terminar o curso antes de nos separarmos. Aí voltarei a não ter tempo de novo.

Seu corpo estremeceu de encontro ao meu e ele ergueu sua face para fitar-me diretamente nos olhos.

— Você acha mesmo que vou te abandonar depois que tivermos nosso filho? — Meu coração falhou uma batida. Uma esperança sem sentido me tomando. — Mesmo que estejamos separados e você não viva mais aqui, sempre farei parte da sua vida. — Ele fez uma pausa, como se escolhesse as palavras, enquanto eu me afogava, vagorosamente, em um mar de decepção. — De uma forma ou de outra, eu estarei sempre com você. Sempre darei assistência aos dois. Você nunca mais vai precisar voltar a trabalhar.

O entendimento veio junto com o desapontamento. Por uma fração de segundos cheguei a acreditar que ele dizia que estaria de fato comigo, ao meu lado, como meu marido, mas apenas me prestaria assistência, ou seja, depositaria uma certa quantia na minha conta bancária todo mês para sustentar a criança e pronto. Voltaria para a sua vida de antes, com muitas mulheres do seu nível à sua volta e eu o veria apenas nas manchetes das colunas sociais.

Eu sempre soube que seria assim. Não entendia porque essa verdade se tornava cada dia mais dolorosa.

— Eu entendo. —Falei.

— Vai se matricular?

— Sim. Faço isso amanhã mesmo.

— Ótimo.

Abraçou-me ainda mais apertado, colando-se todo em mim, seu rosto se afundando em meus cabelos, para que em seguida escorregar para a minha face, lentamente, plantando uma trilha de beijos que se estendeu até o meu pescoço e

foi o suficiente para que eu estivesse em chamas, ardendo de desejo.

— Adoro sentir sua pele gostosa. — Murmurou e tomou-me os lábios, com aquela urgência que me enlouquecia, sua língua se infiltrando na minha boca, dançando freneticamente lá dentro, me fazendo sugá-la com volúpia, para depois sugar a minha.

Ah... como aquilo me excitava, era como se ele estivesse fodendo a minha boca com sua língua e todo o meu corpo passou a implorar pelo mesmo.

Enterrei meus dedos nos seus cabelos curtos, na altura da nuca, puxando-o mais para mim e em retribuição, suas mãos percorreram todo o meu corpo, começando pelas costas, passando pela lateral dos meus seios, apertou minha bunda, empurrando-a mais para si, pressionando meu ventre na sua firme ereção, o que me arrancou um gemido de prazer. Acariciou minhas coxas e por fim se enterrou sob minha saia curta, tocando meu sexo por sobre a calcinha, uma corrente violenta de tesão me percorrendo inteira.

— Eu te quero tanto... — Sussurrei, tomada pela luxúria que me cegava para tudo mais à minha volta, que me entorpecia para qualquer pensamento que não tê-lo dentro de mim.

— Não tanto quanto eu a você. — Sua voz estava com aquele tom rouco, meio animalesco que me excitava ainda mais.

Ao som melodioso de Mariah Carey, em Hero, Patrick usou seu corpo grande para me conduzir até o sofá e deitou-me de frente, se inclinando sobre mim para que seus lábios não deixassem os meus. Devagar, escorregou as alças do vestido sobre minha pele até abaixo dos ombros, desnudando meus seios, erguendo-se para contemplá-los.

— Linda... — Sussurrou.

Trouxe novamente sua boca gostosa para mim, a ponta da sua língua se movendo freneticamente sobre meu mamilo, antes de chupá-lo com força, fazendo-me arquejar, incendiando de desejo.

Enfiei minhas mãos sob sua camiseta para tocar os músculos bem definidos do seu peito, extasiada com tanta masculinidade, enquanto ele partia para o outro peito, mamando gostoso.

— Ahhh ... que delícia... — Gemi.

— Eu adoro sentir seu gosto...

Seus olhos se tornaram mais escuros sobre os meus quando ergueu minha saia até a cintura e tirou minha calcinha devagar, para em seguida abrir minhas pernas, pendurando uma sobre o encosto do sofá, a outra para baixo, o salto da sandália se apoiando no chão de modo que fiquei completamente arreganhada,

com o vestido enroscado na cintura, meu sexo e meus seios à mostra, diante do seu olhar faminto, que me varria inteira, enquanto sua boca se abria para puxar o ar.

— Não pode existir uma visão mais gloriosa que esta. — Murmurou.

Presenteou-me com sua boca novamente, desta vez entre minhas pernas. Sugou meus lábios vaginais, com força, antes de mergulhar sua língua quente e úmida entre eles, lambendo diretamente meu clitóris, com movimentos frenéticos, ritmados.

— Ahhh... — Lancei minha cabeça para trás, alucinada de prazer, correntes de calor me percorrendo, a luxúria me dominando.

Mas eu queria vê-lo fazendo aquilo, então ergui-me para olhar e porra! Sua língua dançava sobre meu clitóris inchado, sua fisionomia contraída de prazer.

Era tudo tão erótico, tão gostoso, que me deixava a ponto de perder o juízo.

Assim, movi-me contra ele, esfregando-me na sua boca, ensandecida, prestes a explodir, quando então ele levou sua língua para a minha vagina muito lambuzada e a introduziu ali, movendo-a lá dentro, me fodendo desta forma e as sensações se tornaram tão intensas que meu corpo inteiro suplicou pelo alívio.

— Ah... Patrick... — As palavras me escaparam, com tom de súplica.

Ele me atendeu, voltando a lambar meu clitóris, deliciosamente, ao mesmo tempo que introduzia dois dedos na minha vagina, movendo-os em vai e vem, massageando meu ponto mais sensível e aquilo foi a minha realização, logo todo o meu corpo se contraiu para em seguida explodir no gozo, meus gemidos se misturando ao som da música, meu corpo se contorcendo como se tivesse vontade própria, até que fiquei imóvel, lânguida.

Sua boca veio novamente para a minha e chupei sua língua com uma fome descontrolada, experimentando meu gosto, em um pedido silencioso por mais.

— Que bocetinha deliciosa essa sua. Acho que amanhã vou te levar pro escritório, pra te comer nas horas vagas. — Não pude deixar de sorrir. — Pensa que estou brincando, Sra. Baker?

— A ideia não é ruim, mas se eu fosse para o seu escritório, exigiria uma remuneração pelos serviços prestados, como todos os outros funcionários.

Foi a vez dele sorrir, exibido a fileira de dentes brancos e perfeitos.

— Eu pago quanto você quiser, gostosa. — Abriu o zíper do seu jeans, puxando-o para baixo. Estava sem cueca e o pau enorme, grosso e muito duro saltou para fora, a visão gloriosa fazendo minha vagina palpitar. — Vem cá, eu preciso fazer o teste de função com todos os novos funcionários antes de contratar. — Sentou-se, com o jeans enroscado nas pernas, as costas apoiadas no

espaldar do sofá.

Tirou a camiseta e me puxou para ele, ajudando-me a montá-lo, com uma perna de cada lado.

Ainda usando as sandálias e o vestido enroscado no torso, me encaixei sobre ele e o roçar da sua glândula na entrada na minha vagina foi o suficiente para que o turbilhão de sensações lascivas me tomasse de novo.

Suas mãos foram direto para minha bunda, uma delas acariciando a fenda entre os glúteos, a outra apertando uma nádega, com força, ao passo em que sua boca chupava meus peitos, deixando-me cada vez mais doida.

Seguindo os meus instintos, apoiei-me em seus ombros para ganhar equilíbrio e movi meus quadris para baixo, fazendo-o entrar em mim, seu pau muito grosso escorregando devagar para dentro do meu canal, me abrindo até os meus limites, tão deliciosamente que um gemido alto me escapou.

— Ahhh... Patrick...

— Estou bem aqui, gostosa... assim tesuda... engole meu pau com essa bocetinha gostosa...

Voltou a chupar um dos meus peitos, sua mão ainda me acariciando por trás, me excitando loucamente e comecei a me mover sobre ele, para cima e para baixo, em círculos, seu pau dançando dentro de mim, esticando-me, dando-me um prazer enlouquecedor, sem o qual eu já me considerava incapaz de viver.

Eu me movia cada vez mais depressa, levando-o cada vez mais fundo, enterrando-o inteiro em mim e tirando, da forma que me enlouquecia, todo o meu corpo muito consciente do dele, meus peitos doloridos da sua boca gostosa.

Sem cessar os movimentos, enterrei meus dedos em seus cabelos curtos, atrás da sua cabeça e os puxei descontrolada, fazendo sua face erguer e levei minha boca até a dele, enfiando minha língua e tirando, com lascívia, da forma como seu membro entrava e saía de mim.

Aquilo pareceu tirar seu controle por completo, pois fez uso de muita agilidade e força física para inverter as posições. Sem sair de mim, deitou-me no sofá e pendurou minhas pernas em seus ombros, seus olhos escurecidos, meio animais, fixos nos meus. Com movimentos rápidos e violentos dos seus quadris me penetrou impiedosamente, com força, indo muito fundo, empurrando tudo dentro de mim e eu gritei, tomada pelo mais insano prazer, as lágrimas fugindo dos meus olhos, minhas unhas se enterrando na pele das suas costas.

Continuou estocando com força, entrando e saindo, até que o senti endurecendo ainda mais, lá dentro e tudo se perdeu no êxtase arrebatador no qual mergulhei, trazendo-o comigo, nossos corpos ondulando juntos, nossos

espasmos prolongando toda aquela loucura, seu esperma me enchendo abundantemente. Até que ficamos moles ao mesmo tempo e quando se deixava cair sobre mim, ele perdeu o equilíbrio por causa do jeans enroscado nas pernas e ambos fomos parar no chão, seu corpo grande amortecendo minha queda.

Depois do susto, só nos restou sorrirmos juntos da nossa própria estupidez, o júbilo nos tomando de forma tão perfeita que se um terremoto acontecesse e engolisse o prédio, ainda continuaríamos sorrindo.

Por fim, ele saiu do meu interior, esticando-se no carpete, me puxando para me aninhar em seu peito, quando então me dei conta de que ele havia plantado se sêmen em mim. As cartas estavam lançadas, eu podia estar grávida e isso me deprimia, porque reduzia meu tempo ao lado dele.

Patrick pareceu fazer a mesma constatação, pois ficou em silêncio por um longo momento, seus olhos fixos no vazio à sua frente, mas não disse nada a respeito. Talvez, assim como eu, se recusasse a falar sobre o assunto, para que a tensão daquele acordo não estragasse a nossa noite.

Agora o ambiente era preenchido pela voz de Debie Gibson, em *Lost In Your Eyes*.

— Essa aí eu aposto como você não conhece. É muito antiga. — Ele fava sobre a música.

— Quem não conhece Debbie Gbson? Ela arrasa.

Meu marido se colocou sobre mim, prendendo meus pulsos no chão, acima da minha cabeça, como o macho alfa que subjugava sua fêmea, seus olhos lindos fixos nos meus.

— Como você pode conhecer todas essas músicas se você nasceu um dia desses?

— Um dia desses?! — Fingi que estava muito ofendida. — Eu tenho vinte e um anos.

— É praticamente um bebê. Eu diria que está no máximo para Justin Bieber. Abri a boca, encenando uma expressão horrorizada.

— Está me ofendendo Sr. Baker. — Brinquei. — Na verdade não tenho nada contra as músicas da atualidade, até gosto de algumas, mas sou apaixonada pelos hits dos anos oitenta. Tenho alguns deles, mas nada perto de uma coleção.

— Você é realmente surpreendente, Sra. Baker. Não fique abrindo essa boca gostosa toda hora, porque posso perder o controle muito facilmente.

Assim, ele descansou seu peso nos cotovelos e me cobriu com seu corpo, tomando-me os lábios em um beijo que me deixou sem fôlego, fervendo dos pés à cabeça.

— Que tal um banho de piscina? — Propôs

— Eu não sei. Está frio lá fora.

— A água pode ser aquecida para qualquer temperatura.

Minha mente projetou nossos corpos nus, na água azul clara da piscina e minha excitação aumentou a ponto de me fazer precisar abrir a boca para puxar o ar.

— Está bem... — Sussurrei, ansiosa.

— Você abriu a boca de novo. Não vai dar tempo de chagarmos lá.

Ele voltou a me beijar, roubando-me a sanidade, o controle, a compostura, possuindo-me ali no chão, como se fôssemos dois animais no cio.

Transamos praticamente durante toda a noite, na cozinha, na piscina, no terraço e por fim na cama. Por mais de uma vez ele ejaculou dentro de mim, mas isso já não me importava, eu só queria aproveitar os momentos em seus braços, os melhores da minha vida e me recusava a pensar que um dia teriam fim, afinal a vida dava muitas voltas, nem sempre as coisas saiam como esperávamos.

*“Não se iluda acreditando que ele não vai te deixar, idiota.”*

No meio da madrugada, quando a exaustão nos tomou por completo, ficamos imóveis, abraçados na cama, apenas as batidas aceleradas do nosso coração quebrava o silêncio profundo que os gemidos altos deixaram.

O júbilo que me tomava era perfeito, como se estivéssemos dentro de uma redoma que nos protegia do mundo lá fora, vivendo em um mundinho só nosso. Mas isso não durou muito tempo, pois eu precisava lhe pedir o dinheiro para dar a Jacob e o momento certo era aquele.

Hesitei várias vezes antes de falar.

— Preciso te pedir uma coisa.

— Claro. O que você quiser.

Merda! Por que ele tinha que ser tão gentil? Isso só dificultava as coisas.

— Minha irmã é viciada em jogos de cartas e andou perdendo uma grana preta em um cassino clandestino no Bronx. Os caras estão ameaçando lhe fazer mal se ela não pagar. Você pode me emprestar esse dinheiro?

— Nossa que situação horrível. Claro que posso. De quanto ela precisa?

— Trezentos mil dólares.

Ele virou-se para fitar-me atônito e meu sangue gelou de medo de que me negasse por ser uma quantia tão alta.

— Empréstimo sim. Faço um cheque amanhã antes de sair.

— Não sei se eles aceitam cheque. Esse tipo de gente não é de confiança.

— Faço um cheque ao portador. Ela pode trocar e pagar em dinheiro.

— Obrigada. — A culpa que me corria por dentro era desoladora, insuportavelmente dolorosa.

— Agora é a minha vez de te pedir uma coisa.

— O que estiver ao meu alcance.

Olhou no fundo dos meus olhos.

— Me prometa que não vai com ela ao Bronx pagar essa conta.

— Prometo. — Falei depressa, antes que tivesse tempo de pensar demais e desistir de tudo.

Ele me apertou mais forte contra seu corpo.

— Não hesite em pedir o que você ou sua família precisarem. Não há nada nesse mundo que eu não possa te dar.

*“Sim, há, o que eu mais queria: o seu amor”.*

Joguei uma perna sobre e um braço sobre ele, aconcheguei-me mais no seu peito largo, inalando seu cheiro gostoso de macho, forcei o sentimento de culpa a me deixar e pouco a pouco adormeci.

Quando acordei Patrick não estava mais na cama e me levantei com um pulo, sobressaltada. Era o último dia para cumprir a chantagem de Jacob, se eu não tivesse o dinheiro, Patrick estaria condenado.

Ainda meio desnorteadada, pelas horas de sono e com meu corpo muito dolorido pela noite agitada, o procurei no banheiro e no closet, me desesperando ao constatar que não se encontrava em parte alguma.

Foi apenas quando meus olhos buscaram o relógio sobre o criado mudo, constatando que já era quase dez horas, que vi o cheque ao lado de um bilhete escrito à mão. Corri para ver a quantia e respirei aliviada ao checar que se tratava de trezentos mil dólares e estava destinado ao portador. Só então li o bilhete:

*“Não esqueça a promessa que me fez. Não vá ao Bronx com sua irmã. Isso é para a sua segurança. Pensarei em você. Patrick.”*

Minha mente captou apenas o *“pensarei em você”* naquele bilhete. Mas eu não podia ficar pensando em romantismos agora, pois o momento era decisivo. Jacob podia telefonar a qualquer momento, como prometeu que faria. Eu precisava estar preparada.

Para começar precisava de Silvia aqui para que fôssemos juntas trocar o cheque. Então telefonei para ela, que reclamou por estar há horas na frente do prédio esperando minha ligação, já que eu não atendia o celular.

— Eu esqueci de tirar do silencioso. Estava dormindo e não ouvi. Desculpe.

— *Você dorme demais para quem está prestes a entregar trezentos mil dólares a um cretino que te espancou.*

— Minha noite foi cansativa

— *Cansativa como?*

— Esquece, Silvia. Sobe.

Fui recebê-la no elevador e apenas quando vi o segurança em pé diante da entrada, me dei conta de que precisávamos elaborar uma forma de nos livrarmos dele antes de irmos ao Bronx, pois Patrick não podia saber que eu iria lá. Não seria tão difícil assim convencê-lo a manter a boca fechada, afinal fui responsável pela sua readmissão. Entretanto, havia o motorista e esse não ficaria de boca fechada.

Tomei um banho rápido, amaldiçoando o fato de não ter feito minhas próprias compras ainda, de modo que precisei vestir um dos trajes minúsculos comprados por Melanie: um vestidinho branco tomara que caia, muito curto, colado na cintura.

O que aquela mulher tinha com vestidos? Não sabia o que era uma calça ou uma bermuda?

Com os nervos à flor da pele, comi apenas uma maçã e deixamos o apartamento, na limusine conduzida pelo motorista, com o segurança ao seu lado, indo direto para o banco trocar o cheque.

## CAPÍTULO XXII

— Como você vai levar esse dinheiro pro Jacob com esses dois na sua cola?  
— Silvia indagou, gesticulando com seu polegar para a cabine da limusine.

— Esse segurança me deve um favor, mas o motorista é como um cãozinho adestrado de Patrick. Não há como me livrar dele. — Certifiquei-me de que o vidro que nos separava dos dois estava bem fechado. — Mas acabei de ter uma ideia.

— Então fala logo, porque estou começando a ficar nervosa.

— Vamos precisar parar em algum lugar pra comprar uma maleta. Quando sairmos do banco, peço ao motorista para te deixarmos perto do Bronx com essa maleta, então ele vai acreditar que você está indo pagar sua dívida e falará isso a Patrick.

— E você?

— O dinheiro todo cabe na sua bolsa. — Gesticulei para a bolsa a tiracolo que ela sempre carregava. — Vou ficar com ela. Depois que te deixarmos lá, peço para me levarem ao shopping. Espero o telefonema de Jacob e depois dou um jeito de escapular sem que eles percebam.

— Como?

— No dia que o pai de Patrick deu uma festa, eu fui ao shopping me produzir em um salão que parece um mini spa. Não vão deixar o segurança entrar lá atrás de mim e uma vez lá dentro, procuro outra saída. Posso ir ao Bronx e voltar sem que ele ou o motorista percebam, porque vão pensar que ainda estou no salão.

— E se não tiver outra saída do salão?

— Temos que pensar positivo.

— É um plano arriscado.

— Mas é um bom plano.

Seguindo o roteiro, paramos em uma loja e compramos a maleta pequena, depois fomos direto para o banco, trocamos o cheque, colocamos os trezentos mil na bolsa de Silvia e saímos. Ela carregando a maleta vazia, eu com sua bolsa cheia de dinheiro.

Passava do meio-dia quando a deixados nas mediações do Bronx \_\_e Jacob ainda não tinha telefonado. Eu mantinha o celular em minha mão, ansiosa, tomada pela adrenalina, minhas mãos suando frio.

Pedi ao motorista que me deixasse no shopping e como eu já esperava, o

segurança foi atrás de mim quando entrei.

Dirigi-me para a praça de alimentação, pedi um sanduíche para mim e outro para ele, mas não consegui fazer a comida descer pela minha garganta seca, enquanto esperava Jacob ligar.

Por fim, depois de quase duas horas sentada ali, o telefone tocou, meu sangue gelando nas veias ao ver o úmero dele na tela do aparelho.

— *Está com o meu dinheiro?* — Ele perguntou quando atendi.

— Sim.

— *Boa garota.*

— Onde devo te encontrar?

— *Em frente ao hotel onde eu trabalhava no Bronx. Vem de táxi e sozinha. Não tenta nenhuma gracinha, como trazer a polícia, pois tenho uma turminha doida pra dar uns tiros na cara de um engravatado bem na entrada do edifício da empresa do seu marido. Qualquer deslize da sua parte e ele não passa da porta de saída.*

Processei suas palavras e um bolo se formou na boca do meu estômago, meu copo tremendo de pavor.

— Entendi. Estou indo. Estarei aí em quarenta minutos.

— *Estou esperando.*

Com dedos trêmulos, encerrei a ligação.

Havia chegado o momento crucial para o sucesso daquele plano: a hora de me livrar do segurança e deixar o shopping sem que ele e o motorista percebessem.

Assim, fui para o salão onde me produzi na outra ocasião, o segurança me seguindo. Como da outra vez, fui recebida pela simpática recepcionista loira, sofisticada e certinha demais para quebrar as regras e me ajudar, então disse a ela que precisava de uma depilação para biquíni e fui conduzida para os fundos do estabelecimento, sem que o meu guarda-costas passasse da sala de espera. Foi lá atrás, em uma sala meio escura, que pedi para falar com a proprietária. Em poucos minutos a mulher alta, elegante, afro-descendente veio falar comigo, sustentando um amplo sorriso.

— Preciso da sua ajuda para sair daqui sem que meu segurança veja e para voltar depois. — Cochichei para que as outras clientes não ouvissem e vi o sorriso dela se desfazer. Mas antes que recusasse, lhe entreguei o cartão de crédito que Patrick me deu. — Pode ficar com isso até eu voltar. Cobre os serviços que podem ser feitos nesse período de tempo, como uma massagem, depilação completa, implante, qualquer coisa e cobre também uma gorjeta que você achar justa pela ajuda.

Ela segurou o cartão entre seus dedos e me encarou muito séria.

— Em que tipo de encrenca você se meteu, criança?

— Chantagem de ex-namorado. Só estou cedendo para salvar uma vida.

Ela refletiu por um longo momento.

— O salão tem outra saída, mas fica na frente também. Você vai ter que se disfarçar para o caso de seu segurança decidir dar uma olhadinha do lado de fora na hora que você sair.

— Muito obrigada.

— Vem comigo.

Ela me conduziu por um longo corredor que dava em uma espécie de closet. Lá me deu um sobretudo preto, me ajudou a prender os cabelos e os cobriu com chapéu sofisticado.

— Assim ele não vai te reconhecer. Saia de cabeça baixa. — Eu a segui de volta, passamos por algumas salas repletas de mulheres em meio aos serviços oferecidos e demos em uma porta fechada. — É uma saída de emergência. Não fica muito longe da entrada. Tem uma campainha muito discreta logo abaixo da maçaneta. Toque-a quando voltar que venho abrir. O cartão fica comigo até você voltar.

— Obrigada mais uma vez.

— Boa sorte.

— Ela abriu a porta e imediatamente me misturei à multidão que perambulava pelos corredores do shopping, seguindo na direção oposta ao salão.

Como o motorista podia estar no estacionamento, deixei o prédio pela saída de pedestres e peguei um táxi logo adiante, instruindo o motorista a me levar para o Bronx.

Durante todo o percurso, a adrenalina se recusava a me deixar, a sensação de perigo constante me abalando, me fazendo suar frio. Náuseas me incomodando.

Fui deixada diante do hotel onde Jacob trabalhava quando éramos noivos, o mesmo lugar onde nos beijamos pela última vez, quando vim me despedir dele com a mentira de que estava indo para Chicago, quando na verdade tinha acabado de me casar.

Ali, a rua parecia estranhamente calma e deserta, se comparada ao resto de Nova Iorque, sempre muito agitada, o que deixava o lugar com um aspecto meio fantasmagórico, assustador, apesar do sol escaldante banhar as ruas e os prédios.

Olhei para os dois lados, esperando que Jacob surgisse a qualquer momento. Esperava que ele viesse em um carro, me apanhasse e me levasse para um lugar discreto, onde eu poderia lhe entregar a grana longe dos olhos dos curiosos, mas

os minutos se passaram e nada aconteceu. Cada carro que passava por mim, eu achava que era ele, mas sempre estava enganada.

Eu começava a me desesperar com a possibilidade de que chegara tarde demais e ele tivesse ido cumprir sua ameaça, quando por fim meu celular tocou e vi o seu número na tela.

— *Você está realmente sozinha?* — Sua voz partiu do outro lado da linha, quando atendi.

— Sim, vim de táxi como você disse e já estou na frente do hotel, com o dinheiro.

— *Eu sei. Estou observando você daqui de cima.* — Num impulso, me virei para observar o prédio, mas não o vi. — *Fale com o recepcionista, ele já está avisado. Estou no quarto quatrocentos e dois.*

E encerrou a ligação.

Desde que Jacob me agrediu, nos fundos daquele bar, eu tomei verdadeiro pavor dele, passei a esperar sempre o pior da sua parte e foi com todo esse receio que obriguei minhas pernas a me levarem para dentro do hotel, onde me dirigi ao jovem recepcionista do lado de lá do balcão, sem enxergar mais nada à minha volta.

— Vim ver Jacob. — Falei.

— Pode subir. — O garoto me encarou com julgamento e discriminação, obviamente achando que eu era mais uma das putas que Jacob levava para se drogar com ele.

— Obrigada.

Ao entrar no elevador, tirei o sobretudo e o chapéu. Dirigi-me para o quarto indicado. Toquei a campainha e a porta foi aberta no segundo toque.

— Olá. — Falei, tensa, sobressaltada.

— Entra. — Depois que entrei, ele trancou a porta e tirou a chave, o que me deixou ainda mais apavorada.

— Aqui está seu dinheiro. — Falei depressa, estendendo-lhe a bolsa.

Me surpreendi com o quanto ele estava abatido, muito mais magro, com os cabelos crescidos, os olhos virados nas órbitas, tudo consequência do efeito das drogas.

— Eu sabia que você não ia me desapontar. — Chegou muito perto para receber a bolsa da minha mão, sorrindo para mim, embora seus olhos não imitassem o gesto. Devagar, sentou-se na beirada da cama, tirou o dinheiro da bolsa e contou as notas. — É, está tudo aqui.

— Estamos quites agora?

— Sim.

Virei-me para fitá-lo nos olhos.

— Vai deixar Patrick em paz, não é?

— Claro que vou. Eu tenho muitos defeitos, mas sou um homem de palavra, bem diferente de você.

Suas palavras me soaram como uma ameaça e todo o meu corpo estremeceu.

— Posso ir embora agora?

— Calma, por que a pressa? Senta aí. Toma um vinho comigo. — Ele sentou-se na cama, pegou um cardápio de restaurante com a capa preta, sobre o qual havia várias fileiras de cocaína e aspirou duas delas. — Está a fim de dar um teco?

— Não, obrigada. Eu preciso voltar. Saí escondida. Não posso demorar.

Vi o brilho gélido atravessar seu olhar.

— Ou o imbecil pode te dar o divórcio e você perde a mamata?

— Não é nada disso. Ele não pode desconfiar de nada disso.

— Ou o quê? Ele vem aqui me encarar? — Soltou um riso diabolicamente bizarro.

— Jacob, por favor. Eu já fiz o que você queria. Te dei trezentos mil. Você disse que me deixaria em paz depois disso.

— Eu nunca disse isso. — Droga! O que ele queria dizer com aquilo? — Mas vou deixar. Tenho só mais um pedido. — Ele se levantou, colocando-se diante de mim, muito perto. — Quero um beijo de despedida.

— Não vai ser possível. — Tentei me afastar, ele me segurou pelos braços, prendendo-me.

— O que tem de mais? Não estou te pedindo pra transar comigo. É só um beijo, pelos velhos tempos. A despedida que eu não tive. Depois disso eu prometo sair da sua vida de uma vez por todas.

Era uma proposta tentadora, um beijo em troca de tê-lo fora da minha vida e principalmente da vida de Patrick. Mas como eu conseguiria beijar o cara que me machucou com tanta violência? Que me chantageava, que tentou me violentar? Eu precisava tentar.

— Você me promete que deixará Patrick em paz?

— Sim. Me dá um beijo e nunca mais vocês vão ouvir falar de mim.

— Está bem.

Sufoquei o meu medo, a minha repulsa e fechei os olhos, esperando pelos seus lábios. Quando sua boca cobriu a minha, sua língua forçando passagem entre meus lábios, a repulsa violenta me invadiu, de forma deprimente. Tentei

relembrar a época em que o beijava com paixão, mas tudo o que me veio à mente foi o rosto de Patrick, o sabor incomparável da sua boca, o som gostoso da sua voz. Só assim consegui corresponder àquele beijo, permitindo que seus braços circundassem meu corpo.

Os segundos que se seguiram, pareceram se transformar em horas. Esperei que ele parasse, mas em vez disso ele me empurrou para a cama e me fez deitar, caindo sobre mim, o pânico se intensificando em meu íntimo.

— Para com isso Jacob! — Gritei, me debatendo, tentando me libertar.

Ele continuou me imobilizando sob seu corpo grande.

— Qual o seu problema. Por que tem dificuldade em fazer amor comigo e com ele não?

— Por favor, me solta.

— Responde a minha pergunta.

— Eu seria sua. Eu me guardei. Queria me casar virgem. Mas você me bateu, me humilhou.

— Ah, então agora a culpa é minha?

Ele empurrou seus quadris contra mim, sua ereção me pressionando na coxa, uma terrível sensação de nojo me tomando, se misturando ao medo, levando lágrimas aos meus olhos.

— A culpa é do destino. Por favor me perdoa se te fiz algum mal. Não faz isso comigo. Me deixa ir embora. — Eu implorava, as lágrimas escorrendo dos meus olhos.

Ele me observou em silêncio por um instante, seus olhos totalmente inexpressivos e então me soltou, levantando-se.

— Eu não ia te violentar, se é isso que você está pensando. — Tirou a chave do bolso e destrancou a porta. — Pode ir embora. Mas isso ainda não acabou.

Como não?! Eu trouxe o dinheiro que ele queria, dei o beijo que me pediu! Mas não retrucaria, precisava partir antes que ele mudasse de ideia e assim fiz, saindo dali quase correndo, sem dizer uma palavra.

Era fim de tarde quando cheguei de volta ao shopping, precisava me apressar, para chegar em casa antes de Patrick. Apenas ao me aproximar da porta por onde saí do salão, me dei conta de que deixara o sobretudo e o chapéu para trás, mas era tarde, se o segurança estivesse olhando, já teria me visto.

Nervosa, toquei a campainha e logo a porta foi aberta pela proprietária.

— Onde estão o casaco e o chapéu? — Indagou.

— Deixei pra trás.

— Vou ter que descontar isso do cartão também.

— Sem problemas. Apenas se apresse, por favor, preciso chegar em casa antes do meu marido. — Ela encarou-me com espanto. Depois tirou o cartão do bolso do seu terninho e me devolveu. — Quer saber, esquece isso. Pega seu cartão e some daqui. Quando passar na recepção pegue um kit de depilação para fazer em casa, para o caso do seu marido perguntar o que você fez por tanto tempo aqui.

— Obrigada, de verdade.

— De nada. Quando precisar dos nossos serviços, pode voltar. Agora vai.

Dei-lhe as costas e saí apressada. Quando parei na recepção para pegar o tal kit, a recepcionista me encarou confusa, certamente se perguntando porque eu passaria horas dentro de um salão e sairia sem me depilar.

— É pra outro dia. — Falei, sem graça, enfiando o kit no decote.

Encontrei meu segurança sentado no mesmo lugar, como se não tivesse se movido durante todo esse tempo. Parecia totalmente entediado e torci intimamente para que não percebesse que eu estava sem a minha bolsa. Mas ele era homem, não se atentaria a esses detalhes.

Não precisei chamá-lo para que viesse atrás de mim quando deixei o salão com passos largos e apressados, indo para o estacionamento.

Faltava mais ou menos uma hora para o horário que Patrick costumava chegar e aproveitei esse tempo para fazer a tortuosa depilação com cera quente. Depois tomei um banho relaxante, sequei os cabelos, fiz uma maquiagem bonita e escolhi um dos vestidos comprados por Melanie, um modelito azul claro, curto, colado, com alças finas e um grande decote. Lamentei não ter tido tempo de comprar mais alguns deles quando estava no shopping, pois tinha chegado à conclusão de que meu marido merecia chegar em casa e encontrar uma mulher sensual e bem arrumada à sua espera, afinal ele tinha me dado duzentos mil dólares para ajudar minha irmã. Embora para ele essa quantia fosse pouca, muitos homens no seu lugar não teria feito o mesmo.

Mas não era só isso que me fazia querer agradá-lo, eu estava me afeiçoando àquele homem de verdade, de forma irremediável, visceral e isso me assustava.

Produzida, fui até a cozinha, onde me servi de uma taça de vinho gelado, apreciando o cheiro gostoso da comida que Helena preparava para o jantar, um prato com camarão e voltei para o quarto, indo para a sacada observar a noite caindo sobre a cidade.

Pouco tempo depois, ouvi a porta se abrindo e meu coração bateu descompassado no peito, as borboletas levantando voo em meu estômago, pela simples perspectiva de olhar para ele. Quando seus passos silenciaram às minhas

costas me virei e olhar para ele, com a certeza de que não corria mais risco de vida, foi tão magnífico que o sorriso se fez genuinamente em meus lábios.

Como sempre Patrick parecia uma miragem, parado na porta da varanda, usando seu terno impecável, com seus cabelos bem arrumados, os olhos brilhante me percorrendo. Não havia como conviver com aquele homem, olhar para ele todos os dias e não se apaixonar. Essa era uma possibilidade que não existia. Estava acontecendo comigo: eu estava irremediavelmente, loucamente, apaixonada por ele, o que me custaria um alto preço mais tarde.

— Oi. — Falei.

— Oi. — Ele chegou mais perto, seu cheiro gostoso me alcançando. — Você está linda.

— Para você.

— Eu sou um cara de muita sorte.

Veio até mim e me tomou em seus braços fortes, me apertando contra seu corpo rijo, afundando o rosto em meus cabelos.

— Como foi o seu dia? — Quis saber.

— Meio cansativo e o seu?

— Normal. Nada de novo. Sua irmã levou o dinheiro à pessoa que a estava ameaçando?

Subitamente, meus músculos enrijeceram, denunciando minha tensão.

— Sim. Está tudo certo. Ela me mandou te agradecer.

— Fiz por você, porque por você eu faço tudo.

Respirei fundo, relaxando, me apaixonando um pouco mais e ergui o rosto para fitá-lo nos olhos, fascinada com tudo nele, quando então sua boca atacou a minha, em um beijo tão faminto e selvagem que me fez esquecer até o meu próprio nome.

A nossa noite foi quente e perfeita. Mais uma vez jantamos à luz de velas, sem a presença das empregadas, depois fomos para a piscina e fizemos sexo ao ar livre até a madrugada, quando por fim a exaustão nos tomou e fomos para o quarto.

Antes de adormecer, aconchegada em seus braços fortes, eu não tinha mais nenhuma dúvida de que amava aquele homem muito mais do que já amei Jacob um dia. Antes de conhecê-lo eu não sabia o que era amor, descobria ali em seus braços e mesmo me sentindo infinitamente feliz por isto, sabia que se tratava de uma felicidade momentânea, pela qual eu pagaria um preço alto mais adiante, quando trouxesse o nosso filho ao mundo.

Na manhã seguinte, como era sábado e Patrick não foi para a companhia,

ficamos na cama até mais tarde. A sua primeira surpresa do dia foi me levar para almoçarmos na casa dos meus pais, quando tive a chance de falar a sós com Silvia e presenteá-la com a notícia de que nosso plano dera certo.

A segunda surpresa do meu marido, foi me levar para sua casa no lago Owasco, o lugar mais bonito em que estive nos Estados Unidos, com a construção imponente, luxuosa em meio à selva, em frente ao lago de águas tranquilas, onde havia um barco a motor, ideal para a pesca. Contudo, não tivemos tempo para esta atividade, passamos os dois dias sem conseguirmos nos desgrudar, como se aquela energia que nos puxava um para o outro nunca tivesse fim.

Ali, andávamos quase nus pela casa, para facilitar as coisas quando o tesão chegava, sem nos importarmos com mais nada, como se o mundo lá fora não existisse, mas apenas a redoma de júbilo e prazer que se formou a nossa volta.

Foram os dois dias mais perfeitos da minha existência e quando voltamos para a cidade na segunda feira, eu estava ainda mais apaixonada.

## CAPÍTULO XXIII

Todos os acionista majoritários da ~~I-ncrease~~ *Increase* se encontravam em torno da grande mesa na sala de reuniões, enquanto eu ocupava meu lugar de presidente na cabeceira. Era segunda-feira, o primeiro dia de trabalho depois do final de semana na casa do lago com Fernanda e eu só conseguia pensar em voltar para casa e tomá-la novamente em meus braços. Porém, ainda havia aquela fatídica reunião entre nós. Tratava-se do momento de ouvirmos a proposta de novas empresas, possíveis candidatas a serem geridas pela nossa companhia.

A maioria delas já tinha se apresentado e eu não ouvi metade do que disseram, todos os meus pensamentos voltados para a mulher com quem me casei. Seu cheiro gostoso parecia impregnado em mim, seu gosto estava na minha boca, sua voz doce soava como uma melodia suave em meus ouvidos.

Definitivamente minha esposa estava virando a minha cabeça. Aquele seu jeitinho de garota virtuosa fora da cama, unido ao comportamento de uma putinha tarada quando estava em meus braços, deixava-me louco e isso não era bom, pois a paixão era capaz de cegar um homem, eu tive prova disso há alguns anos, quando Suzan me traiu. Embora o que eu sentisse por Suzan, na época, não se comparasse à paixão que explodia em meu peito por Fernanda, aquilo quase me destruiu, de modo que eu podia ter uma ideia de como me sentira se acontecesse de novo.

Durante todos esses dias eu lutei contra mim mesmo, me recusando a deixar enganar mais uma vez, com a ilusão de que uma garota humilde, virtuosa e pura como Fernanda não me trairia também, afinal quando conheci Suzan ela também era virgem e pura e mesmo jurando amor a mim foi capaz de transar com o meu melhor amigo. Uma punhalada que deixou uma cicatriz profunda demais para ser ignorada ou exposta ao risco de ser aprofundada por outro golpe.

Definitivamente, eu não podia me permitir confiar outra vez.

Entretanto, o fato era que eu me tornei incapaz de tirar Fernanda da minha vida, ela se tornou importante demais, essencial para mim. Eu estava perdido de paixão e precisava dela como um sedento necessitava de água, não apenas para saciar o tesão descomedido que seu corpo me despertava, mas para senti-la todas as noites depois de um dia de trabalho. Adormecer e acordar com seu corpo frágil e lindo entre meus braços.

Era espantosa a rapidez com que isto aconteceu, mas eu já não conseguia me ver sem ela em meus braços todas as noites.

Portanto, por mais arriscada que fosse, a decisão estava tomada: eu não a deixaria partir jamais. Mesmo depois que trouxesse o nosso filho ao mundo, como meu pai exigiu, eu não lhe daria o divórcio como planejei, continuaria casado com ela, ficaria com a nossa família.

Pensei nisso durante os últimos dias, tentei me convencer de que seria mais seguro deixá-la ir, mas eu não conseguiria. Cogitei torná-la minha amante, mantendo-a em outro apartamento e continuar minha vida agitada de solteiro, mas nenhum de nós dois seria feliz assim, além do que isso sim, poderia acarretar uma traição da sua parte e só em imaginar outro homem a tocando meu mundo parecia desmoronar.

Ainda esta noite, eu pediria sua mão em casamento, da forma correta, como um homem apaixonado que de fato eu era. Sabia que ela sentia o mesmo, podia ver isso em cada um dos seus gestos e olhares quando estávamos juntos.

— Qual a sua opinião, Sr. Baker? — A voz de Peter, responsável pela organização das apresentações despertou-me dos meus pensamentos e não soube ao certo como responder, pois não ouvi uma palavra do que foi dito nas últimas horas.

Rapidamente passei meu olhar pelos slides e, levando e conta as imagens, constatei que se tratava de uma agencia publicitária em busca de patrocínio. Mas já tínhamos agencias publicitárias demais sob nossa gestão.

— Por enquanto não vai ser possível. — Ocorreu-me que eu poderia estar sendo injusto, já que não prestei atenção no produto do cara. — Vamos marcar outra reunião para duas semanas, ok?

Vi o desapontamento se estampar nos olhos do jovem publicitário, mas aquele era o mundo dos negócios, se desapontar fazia parte dele.

Ansioso, examinei o relógio em meu pulso, satisfeito por ser fim de tarde.

— Mais alguma apresentação, Peter?

— Não senhor.

Ele ajudava a equipe a recolher seu material de apresentação, enquanto os demais executivos, cerca de meia dúzia deles, inclusive meu maldito primo Derek, cochichavam entre si, obviamente se queixando porque não pedi a opinião deles antes de dispensar o publicitário.

Que se fodessem todos, eu era o presidente naquela porra e não tinha tempo para ouvi-los, precisava sair para comprar um anel de noivado.

— Senhores, estão dispensados. — Declarei sem ao menos olhar para eles. —

Jennifer, termine de digitar as atas e traga para eu assinar o mais depressa possível. Preciso sair mais cedo hoje.

— Sim senhor. — Ela me lançou um olhar maligno antes de deixar a sala junto com os outros. Estava zangada porque escolhi Fernanda para me casar e não a ela.

Todas estavam. Depois do escândalo na festa que meu pai organizou, foi impossível esconder a verdade e a razão pela qual me casei veio à tona, despertando a raiva de todas as mulheres com quem eu fodia de vez em quando, já que todas se consideravam mais merecedoras daquele casamento que a mulher que escolhi, embora nenhuma chegasse perto de ser a mulher quente e maravilhosa que Fernanda era.

De todas elas, Suzan era a que mais incomodava. Desde que voltei da Itália não parava de telefonar, aparecia se marcar hora e me cercava em lugares públicos, de modo que aquilo já estava começando a ficar cansativo.

Ela fazia uso da certeza de que ainda mexia comigo unicamente para conseguir aquela maldita aliança e a herança milionária que meu herdeiro teria. Suas intenções eram tão evidentes que chegava a ser ridículo.

Até o número do meu celular ela tinha descoberto e eu podia apostar que meu pai estava por trás disto.

Antes daquele velho estúpido me obrigar a casar, ela me procurava, mas não com tanta frequência. A chantagem dele tinha me tornado uma verdadeira caça ao tesouro. Eu era o caçado e o filho que eu deveria ter e sua herança eram o tesouro.

Uma situação lamentavelmente ridícula.

Eu estava pronto para sair quando Jennifer retornou com os documentos que precisavam ser assinados e um grande envelope amarelo.

— Senhor, acabaram de entregar essa correspondência em caráter de emergência. — Falou, se referindo ao envelope.

— O que é? — Perguntei, com pouco interesse, pegando os documentos que precisavam ser assinados.

— É confidencial, por isso não abri.

— Quem é o remetente? — Eu perguntava automaticamente, enquanto lia depressa os papéis.

— Não tem sobrenome. Está escrito Jacob aqui.

Putá merda! Ela disse Jacob?

Abandonei os papéis sobre a mesa, imediatamente, dirigindo toda a minha atenção ao envelope.

O observei por um instante, me perguntando se não seria uma carta bomba, mas acreditei que se fosse não teria passado pela segurança do prédio. Apesar do quê, aquele maldito tinha seus truques, era esperto, tanto que a polícia o procurava há dias e ainda não tinha conseguido apanhá-lo.

Depois do susto, fui tomado pela curiosidade e me ocorreu que talvez naquele envelope pudesse haver uma pista do seu esconderijo.

— Pode ir, Jennifer. — Falei, tirando o envelope das mãos dela.

Esperei que ela saísse antes de abrir e quando o fiz, meu coração quase parou de bater, a dor lancinante tomando conta de cada célula do meu corpo, ferrenhamente.

Dentro do envelope havia várias fotografias de Fernanda aos beijos com aquele marginal, em um quarto de hotel. Eu sabia que eram fotos recentes porque ela estava usando o relógio com o qual a presenteei.

Não era apenas isso. Havia fotos dela sozinha chegando ao hotel, de táxi, com uma bolsa grande a tiracolo, depois entregando a bolsa cheia de dinheiro a ele, que contava as notas enquanto sustentava um sorriso de deboche.

Imediatamente lembrei-me dos trezentos mil que ela me pediu para ajudar irmã, era aquele dinheiro que ela tinha levado para ele.

Olhei várias vezes as fotografias, procurando algo que negasse a verdade que se revelava diante de mim, pois era cruel demais para que eu acreditasse. Apesar de a verdade estar ali, diante dos meus olhos, eu me recusava a aceitá-la. Recusava-me a acreditar que mais uma vez amei e fui traído, que acreditei ter meus sentimentos correspondidos, quando na verdade Fernanda só se entregava a mim para me agradar e conseguir tirar meu dinheiro para dar àquele marginal.

Recordei-me com detalhes da noite em que ela me pediu os trezentos mil, estava linda e sensual quando cheguei em casa, pronta para me seduzir e caí como um imbecil na sua armadilha. Fiz exatamente o que ela queria, enquanto ela ria com ele às minhas costas.

— Maldição! — Esbravejei, tomado pela dor e pela fúria que me cegavam.

Num impulso, desferi um soco do meu punho cerrado na mesa, descontrolado, quando só então vi o bilhete dentro do envelope e o peguei para ler.

*“Você acreditou mesmo que minha mulher ia deixar de ficar comigo por sua causa? Ela só está aí por falta de opção, porque não quer que a família perca o visto e porque está gostando*

*da vida de riquinha, mas o cara que ela quer e sempre vai querer de verdade sou eu. Pode comer ela por enquanto. Eu também gosto do teu dinheiro, otário. Só não se acostuma.”*

Descontrolado de fúria, impulsionado pela dor, derrubei tudo de sobre a mesa no chão, depois fui para os armários e destruí tudo o que minhas forças físicas permitiram, de modo que restou pouca coisa inteira.

Minha vontade naquele momento era de dirigir até o Bronx e acabar com a vida daquele desgraçado e depois com a vida dela.

Como ela pôde ser tão falsa? Tão simulada? Por Deus! Como me deixei enganar mais uma vez?

Eu já devia saber, a culpa foi minha. As mulheres são assim, eu que fui o idiota em acreditar que havia uma que prestasse. Imaginar que eu estava prestes a pedir sua mão em casamento, a entregar de vez meu coração.

Eu era mesmo um imbecil patético por acreditar que podia ser amado. Até meu pai me desprezava, minha mãe não pensou em mim quando se matou, por que outra pessoa me amaria?

Cego de ódio, ferido demais, lembrei-me do revólver que guardava em casa e cogitei seriamente ir matar aquele maldito, mas eu precisava desenevoar a mente e tentar pensar com clareza. Para começar não o encontraria se fosse ao Bronx, pois nem a polícia foi capaz de encontrar. Em segundo lugar, se eu fosse para casa agora, no estado em que me encontrava, eu mataria Fernanda e ela já tinha tirado tudo de mim, mais uma vez, não podia permitir que tirasse também minha liberdade.

Assim, peguei apenas minha carteira e deixei a sala, passando direto por Jennifer sem vê-la ou ouvir o que dizia. Na rua, dispensei o motorista, peguei um táxi e fui para um bar movimentado de Manhattan. Sentei-me ao balcão e pedi uísque puro, lutando como um louco contra a vontade de chorar. Eu era um homem não me permitiria derrubar uma lágrima, já tinha sido ridicularizado demais, no passado por Suzan, no presente por Fernanda, a criatura mais dissimulada que podia existir na face da terra, fingida a ponto de realmente me fazer acreditar que era pura, boa e inocente, quando na verdade me traía pelas costas.

Eu podia inclusive arriscar que aqueles hematomas em seu rosto, que ela alegou terem sido resultado da agressão do ex-noivo, foram feitos intencionalmente, para me ludibriar ainda mais, me fazer sentir pena e me

apegar, como de fato me apeguei.

*Inferno! Como me permiti ser tão estúpido?! Como me deixei cair na mesma armadilha por duas vezes?!*

As mulheres faziam qualquer coisa por dinheiro, inclusive fingir, desta vez eu tinha aprendido a lição e nunca mais esqueceria.

Eu tinha afrouxado o nó da gravata e estava na minha terceira dose de uísque quando Suzan apareceu na minha frente, como se surgisse do nada e minha vontade foi de socar a cara dela até que perdesse os sentidos.

Ela foi a primeira mulher a me apresentar a dor que me tomava agora e eu permitia que as coisas se repetissem.

— Olá. — Ela falou, com aquela doçura que me soou falsa como nunca.

Usava um vestido vermelho curto que lhe marcava a cintura, tinha os cabelos soltos e a boca da cor do vestido. Como sempre acontecia por onde passava, era alvo de vários olhares desejosos masculinos.

— Se você quiser me deixar em paz eu agradeço. — Falei, seco e ríspido.

— Minha nossa Patrick. Você está péssimo. — Como se não tivesse me ouvido, ela pousou a mão em meu ombro e sentou-se na cadeira ao lado. — Não posso te deixar sozinho nesse estado. Conte-me o que aconteceu. Talvez eu possa ajudar.

Era impressionante a capacidade que as mulheres tinham de representar, por dinheiro, unicamente o que elas queriam.

Olhei para ela, enxergando claramente sua falsidade e senti nojo, uma repulsa descontrolada. Aquela mulher representava tudo o que eu sentia agora. Por causa dela, eu passei pela mesma dor que atravessava nesse momento, embora desta vez me doesse em dobro, porque meus sentimentos por Fernanda de fato foram em dobro.

— O que você quer de mim? É dinheiro? — Tirei minha carteira do bolso, assinei um cheque em branco e entreguei a ela. — Se é dinheiro, está aí. Pode levar tudo.

Ela fitou-me com sua melhor expressão de ofendida.

— Como pode pensar uma coisa dessas Patrick. Estou aqui por você, meu amor. Por que te amo demais. Sempre amei. — Tirou o cheque da minha mão e o fez em pedaços. — Nunca consegui esquecer tudo o que vivemos juntos e jamais esqueceria. — Quanto mais ela falava, mais nojo eu sentia.

— Acho melhor esquecer. Vocês mulheres não me convencem mais.

Minhas palavras lhe despertaram uma reação de surpresa.

— Então quer dizer que a empregadinha sacaneou você?

— Cuidado como fala dela! — Porra! Eu ainda a defendia! Eu era mesmo um filho da puta fodido.

— Desculpa. Não está mais aqui quem falou. — Pedi outra dose e bebi um gole grande, o líquido descendo macio na minha garganta. — Falar vai te fazer bem. Conte o que foi que ela fez.

— Nada que seja da sua conta.

— Porra Patrick, dá uma trégua está bem? Estou aqui te oferecendo minha amizade, meu amor e você me trata tão mal.

— Você quer o quê de mim? Saber o que ela fez? — Esvaziei meu corpo e pedi outra dose. — Ela fez o que você e todas as mulheres fazem. Ela me traiu, deu a boceta pra outro cara.

Ela levou a mão à boca, encenando perplexidade.

— Nossa, eu sinto muito.

— Sente nada. No fundo você deve estar comemorando.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e senti remorsos, subitamente.

— Não precisa ser tão grosso. Eu só quero ficar perto de você um pouco.

— Ok, eu reconheço que fui grosso. Se era só isso, pode ir embora.

— Me paga uma bebida. Só uma e depois eu vou. Eu prometo.

— Só uma. O que você vai querer beber?

— Sim, uma vodka. — Ela abriu um sorriso amplo e me arrependi por ter acreditado na sua promessa de me deixar em paz aquela noite.

Suzan continuou ali do meu lado falando e flertando, enquanto bebia sua vodka, entretanto, eu não ouvia uma palavra que saía da boca dela, quando então percebi que aquela mulher não me afetava mais, eu já não sentia nada por ela, nem mesmo atração física, tudo o que me perseguiu durante anos estava acabado.

Ali sentando, bebendo uma dose de uísque atrás da outra, eu só conseguia pensar em Fernanda, a minha menina, tão doce, tão querida, que eu acreditei ser pura, inocente e verdadeira, mas que não passava de uma vadia, como eram todas as mulheres.

Putá merda! Por que ela não podia ser de verdade? Por que tinha que ser só mais uma ilusão? Eu me senti tão feliz em nossa redoma de amor, que na verdade nunca existiu.

Quando a vi pela primeira vez, sem aquele macacão ridículo, algo mudou dentro de mim e agora isso era destruído pela certeza de que ela nunca passou de uma ilusão.

Mas eu superaria aquilo. Com o tempo ela não passaria de uma lembrança

distante, como Suzan era gora. Eu esperaria apenas que colocasse meu filho no mundo, porque havia a possibilidade de que já estivesse grávida e então a excluiria definitivamente da minha vida, me reergueria, como me reergui no passado e recomeçaria, sem jamais me permitir acreditar em uma mulher novamente. Desta vez era definitivo.

Como era esperado, Suzan não foi embora depois de beber só uma vodka, pediu outra e depois mais outra. Continuou ali do meu lado, insistindo em puxar conversa, em representar que me apoiava, enquanto eu enchia a cara a ponto de perder a noção de tudo à minha volta.

Estava totalmente embriagado quando deixamos o bar e ela chamou um táxi. No qual perdi os sentidos no instante que o motorista deu a partida.

Nos meus últimos segundos de consciências, cometi o erro de acreditar que Suzan dera ordens ao motorista de me levar para meu apartamento, mas foi no dela acordei, ao seu lado, na sua cama.

Putá merda! Como fui cair nessa?

Quando me movi sobre a cama, uma fisgada violenta na cabeça me arrancou um gemido e quase e deitei novamente, mas eu precisava sair dali, o lugar onde vivi com aquela mulher, onde ela me traiu.

Assim que me levantei, usando apenas a cueca, à procura das minhas roupas, ela acordou e ficou de joelhos na cama, usando apenas calcinha e sutiã, rendados e minúsculos.

— Por acaso aconteceu alguma coisa entre nós? — Perguntei, vestindo minha camisa.

— Infelizmente não. Você estava tão bêbado que não acordou. — Ela escorregou a alça do sutiã, desnudando um peito. — Mas ainda está em tempo.

Varri seu corpo com o olhar e aquele tesão louco que ela me despertava antes já não existia. Olhar para a sua nudez, era como olhar para uma torta de cebola coberta com chantili: bonita por fora, nociva quando saboreada.

— Não estou interessado. — Encontrei minha calça no chão e a vesti, minha cabeça latejando de dor a cada movimento.

Como se não tivesse me ouvido, Suzan deixou a cama, livrou-se da calcinha e do sutiã, colocando-se completamente nua diante de mim, tentando alcançar o meu corpo com o seu, sem que eu permitisse.

— Faz amor comigo Patrick. Da forma como fazíamos antes. Lembra o quanto era bom?

Depois de todos aqueles anos, finalmente eu consegui estar diante da sua completa nudez, da sua entrega e não me sentir tentado a tocá-la. Pelo contrário,

eu sentia repulsa por aquela mulher. Ela não significava mais absolutamente nada para mim.

— Ponha uma coisa na sua cabeça: nunca mais vai acontecer nada entre nós. Nunca!

Eu tinha vestido apenas a calça e a camisa amarrotadas e mesmo assim parti, deixando o paletó para trás.

Era hora de jogar a verdade na cara de Fernanda, mas eu precisava das fotografias para que ela não tivesse espaço para negar. Então passei antes no escritório para apanhá-las, quando fui alvo dos olhares indiscretos dos funcionários, devido ao péssimo estado da minha aparência. Mas que se fodessem todos, era eu que pagava o salário deles, se me aborrecesse os demitiria.

Na minha sala, tive a impressão de que faltavam algumas das fotos, mas isso não importava, as provas de que eu precisava estavam ali. Então as recolhi e voltei pra o meu apartamento.

## CAPÍTULO XXIV

Eu já tinha roído todas as minhas unhas, nervosa, preocupada com o sumiço de Patrick. De acordo com sua secretária, ele tinha deixado o escritório ainda ontem à tarde, no final do expediente, entretanto, não apareceu em casa, não deu sinal de vida. Tentei seu celular, mas estava desligado ou fora de área.

De todas as possibilidades eu só conseguia pensar que Jacob descumpriu sua promessa de deixá-lo em paz e o pegara.

Por Deus! Isso não podia ter acontecido, eu não podia perdê-lo assim. Ele não podia ser morto por minha causa.

Por várias vezes durante a noite em claro, esperando por ele, cogitei telefonar para a polícia e contar sobre a chantagem e as ameaças de Jacob, mas a polícia não podia fazer muita coisa, desde que voltamos da Itália e Patrick mexeu seus pauzinhos para que outro mandato de prisão fosse expedido contra ele, a polícia o procurava e não conseguia encontrá-lo. Isso sem mencionar que Patrick podia não ter aparecido em casa por outro motivo, talvez estivesse na farra com outra mulher.

Eu não sabia qual das duas possibilidades me doía mais. Certamente a primeira.

Passava das oito horas da manhã e Patrick ainda não tinha chegado. Aflita, eu caminhava de um lado para o outro da sala, ainda usando o vestido de seda preto e curto que escolhi para aguardá-lo durante a noite.

Por fim a porta do elevador se abriu e ele entrou. Meu primeiro impulso foi correr para me atirar em seus braços queridos, todavia, me contive ao observar sua aparência. Não usava o paletó nem a gravata; tinha os cabelos desorganizados; a barba por fazer e a camisa muito amarrotada. Apesar disso, ainda carregava sua valise e não tinha nenhum hematoma, provando que não foi vítima de qualquer violência.

— Onde você estava? — Indaguei, a ponto de liberar as lágrimas que insistiam em se formar em meus olhos.

Ele deu ordens ao segurança de que se retirasse e se aproximou de mim devagar, fuzilando-me com olhos furiosos, sem que eu compreendesse a razão.

— Preocupada? — Indagou, com escárnio. Tirou algumas fotografias da valise para depois pousá-la sobre a mesinha de centro. — Com medo de ficar sem o dinheiro que pode dividir com seu amante?

Seus olhar, sua voz, sua postura, seu maxilar contraído, tudo expressava uma fúria violenta.

— Que amante? Do que você está falando?

— Impressionante a capacidade que vocês mulheres têm de representar. Talvez o problema seja comigo, com a minha tolice em acreditar.

— Eu não sei do que você está falando.

— É disso que estou falando, vagabunda! — Ele gritou, jogando as fotografias no chão.

As recolhi e fiquei atônita. Eram fotos minhas e de Jacob nos beijando, tiradas na tarde em que fui ao Bronx levar o dinheiro para ele. Havia fotos do dinheiro também. Pela posição que foram tiradas, o fotógrafo estava escondido no banheiro do quarto do hotel. Havia outro fotógrafo do lado de fora e registrou o momento que cheguei de taxi.

Aquilo se tratava de uma armação de Jacob. Eu não podia acreditar no quanto fui tola em acreditar que ele deixaria as coisas como estavam, que se contentaria com o dinheiro apenas. Ele foi mais além, quis destruir o que Patrick e eu tínhamos e pelo visto tinha conseguido.

— Eu posso explicar. Isso não é o que parece. — Falei, ciente de que minhas palavras soavam ridículas e falsas diante de evidências tão claras como aquelas fotos.

— Isso não tem explicação Fernanda. Eu estou vendo vocês dois se beijando em um quarto de hotel. — Sua voz estava alterada. — Ele não deixou que fotografassem o resto pra preservar a própria intimidade. Não tenho nem como cogitar que são fotografias antigas, porque o relógio que te dei está aí no seu braço. — Seu olhar refletia uma mágoa tão dolorosa que minha vontade de chorar se intensificou. — Eu sei que o que tínhamos era um contrato, mas as coisas mudaram pra mim. Eu... — Ele se deteve. — Mesmo que nada tivesse mudado, eu deixei claro que fidelidade é primordial e você não respeitou isso.

— As coisas mudaram pra mim também. Tudo mudou. Eu jamais trairia você, jamais! Isso aí não é o que parece. Jacob me chantageou. Disse que se eu não levasse o dinheiro mataria você. Eu não podia nem imaginar ele te machucando.

— Para com a porra dessa falsidade. Seja sincera pelo menos uma vez na vida!

— Eu estou sendo sincera. Fui lá pra pagar uma chantagem.

— Certo, agora vai me dizer que ele te beijou à força. Você não parece estar sendo nem um pouco forçada nas fotos.

— E-ele me pediu um beijo de despedida. Disse que se eu desse te deixaria

em paz.

— Inventa outra. Essa não colou. Você não passa de uma maldita vadia desgraçada que fode com um em um dia e no outro dia está dando a boceta pra outro. É um puta, interesseira, capaz de ir pra cama com um homem pelo dinheiro. Para dar dinheiro ao amante.

Eu reconhecia que ele tinha o direito de se sentir magoado e perder a cabeça, afinal era difícil de se duvidar de algo tão concreto quanto pareciam as imagens naquelas fotografias. Entretanto, ele estava pegando pesado demais em suas palavras, sem mencionar que sequer me deu a chance da dúvida.

— Como você pode sequer me dar a chance da dúvida depois de tudo o que aconteceu entre nós? — Indaguei, ressentida. — Está tão certo de que isso é verdade. Como não percebe que é uma armação de Jacob? Acha que estive fingindo com você?

— Sim, eu acho. Vocês mulheres têm essa capacidade. Eu tive provas disso há anos com Suzan. O que você fez só confirmou aquilo em que eu passei a acreditar. Que vocês não valem nada.

— Seu problema é essa mulher! — A raiva ferveu em minhas veias. — Você julga todas por causa dela. Mas nem todas são iguais.

— Você é ainda pior. Ela pelo menos não pagava o cara pra comê-la.

Suas palavras foram o estopim, eu estava fervendo de raiva. Como ele podia pensar aquilo de mim?!

— Vai pro inferno babaca! Você é tão tapado que não enxerga um palmo adiante do nariz! — Tentando manter a calma, corri para o quarto, determinada a arrumar minhas malas e ir embora. — Se é isso que você pensa de mim, não tenho mais nada pra fazer aqui.

Patrick veio atrás de mim, alcançando-me no amplo cômodo.

— Você não vai a lugar nenhum. Nós temos um acordo assinado e registrado. Fitei-o incrédula.

— Depois de tudo o que você me falou, acredita mesmo que voltará a me tocar?!

— Quem falou em te tocar?! — Rebateu, com escárnio. — De você eu só quero um filho. Você já pode estar grávida. Você sabe disso. Se não estiver faremos uma inseminação artificial. Mas esse apartamento você não deixa até me dar um filho!

Então nada tinha mudado como ele insinuou, eu ainda era apenas a dona do útero que daria um neto de origem inferior ao seu pai. Nada além de um objeto para ser usado e depois descartado. Todo aquele ataque de fúria não era ciúmes e

sim orgulho ferido típico dos homens.

Eu estava cheia daquilo.

— Quer saber, seu imbecil? Se quer tirar nosso visto, vá em frente! Mas aqui não fico mais nenhum minuto!

Fui para o closet, escolhi a maior bolsa que tinha lá e comecei a depositar algumas roupas, apenas o suficiente para me vestir até ter condições de comprar outras.

Ele veio atrás de mim novamente.

— Você não vai a lugar nenhum e ponto final! — Arrancou a bolsa da minha mão, rasgando-a ao meio, bruscamente, enfurecendo-me mais. — Eu sei que você está louca pra ir se encontrar com aquele marginal, mas enquanto vigorar nosso acordo, ele não chega perto de você!

— Vai pro inferno seu cretino, filho da puta!

Dirigi-me apressadamente para a saída, bufando de raiva. Ele me seguiu.

— Vai pra onde? Acha mesmo que se quebrar nosso acordo sua família terá direito ao apartamento onde estão morando?! Acha mesmo que sem emprego vão conseguir alugar alguma coisa no Bronx?

Estava quase alcançando a porta, quando suas palavras me fizeram parar. Ela estava certo: se eu quebrasse aquele maldito acordo, toda a minha família ficaria na pior. Para começar se voltássemos para o Bronx Jacob acabaria com todos nós antes que tivéssemos tempo de sermos deportados.

— Você é um homem desprezível. — Falei, entre dentes, virando-me.

— Melhor ser desprezível que ser uma prostituta.

Seguindo a um impulso movido pela raiva, corri até o abajur sobre o criado mudo e joguei o objeto pesado sobre ele. Mas Patrick conseguiu se esquivar à tempo e o abajur se estilhaçou na parede.

— Eu vou te mostrar quem é prostituta! — Gritei e peguei o próximo objeto que minhas mãos alcançaram: o computador que ele me dera, mas antes que tivesse tempo de atirá-lo, Patrick me alcançou, segurou-me e me tomou o aparelho.

— Você está louca?

— Eu te odeio! — Gritei e esmurrei-lhe o peito com os punhos cerrados.

— Para com isso. Você pode estar grávida!

— Como se uma pessoa egoísta como você se preocupasse com uma criança.

Continuei desferindo-lhe murros, possessa, descontrolada, meu sangue fervendo nas veias, da mais completa fúria, até que, na débil tentativa de me fazer parar, ele me empurrou, de modo que tropecei em meus próprios

calcanhares e desabei sobre a cama, ele caindo sobre mim.

Como flashes de um filme que assisti, o momento em que Jacob me agrediu, nos fundos do bar, voltou-me à mente, nitidamente, o terror me tomando com violência, pois temia que se repetisse. Então, seguindo a um impulso, cruzei meus dois braços sobre o meu rosto, tentando me proteger, esperando que Patrick fizesse o mesmo.

— Está pensando que vou te bater?! — Ele parecia perplexo e rapidamente recuou, levantando-se. — Eu jamais bateria em uma mulher, embora acredite que você mereça e até goste disso.

Permaneci imóvel, espichada na cama, ofegante pela nossa luta, observando-o andar de um lado para o outro, como um animal enjaulado, percorrendo os dedos pelos cabelos bagunçados.

— Pode ficar com quarto. Vou dormir no de hóspedes. — Falou, a voz mais branda, embora a fisionomia ainda lembrasse a de uma fera raivosa. — Vamos esperar uns dias para ter certeza de que você não está grávida. O exame de sangue pode confirmar uma gravidez com vinte e quatro horas, mas se esperarmos alguns dias o resultado será mais seguro. Se daqui a uma semana essa gravidez não se confirmar, faremos uma inseminação artificial. Até lá não me dirija a palavra, não me olhe nos olhos e tente não aparecer na minha frente. Se voltar a encontrar aquele bandido, o acordo está quebrado, irrevogavelmente e você e sua família perdem tudo. Quando a criança nascer faremos um teste de DNA, se for minha, você recebe o divórcio, um lugar pra morar com a criança e uma pensão, como foi combinado e acordado. Alguma pergunta?

*“Onde está o homem carinhoso e gentil por quem me apaixonei?”*

— Não. Nenhuma.

— Ótimo. Espero que tenha entendido tudo e não volte a fazer merda, pois não te darei uma terceira chance. Vou mandar Melanie levar minhas coisas para o outro quarto.

Com isto, ele saiu, batendo a porta com força.

Continuei ali deitada, quase em estado de choque, sem poder acreditar no quanto as coisas mudaram no curto espaço de tempo entre ele sair de casa na manhã anterior e chegar vinte e quatro horas depois. Aquelas malditas fotografias transformaram o homem apaixonante que ele vinha se mostrando em um verdadeiro monstro, sem que eu soubesse qual dos dois era o verdadeiro Patrick Baker. Obviamente era o troglodita, pois o homem por quem me apaixonei me daria a chance de explicar, me ouviria, acreditaria em mim, saberia que eu não seria capaz de fazer aquilo, trair de maneira tão vil, voltar para os

braços do homem que me agrediu. Como ele pôde pensar que eu faria isto? Como pôde me acusar tão ofensivamente? Será que tudo o que aconteceu entre nós não significou nada para ele? Será que esteve fingindo esse tempo todo para que as coisas se tornassem mais agradáveis e até divertidas enquanto plantava seu sêmen em mim com a intenção única de me engravidar? Como alguém podia ser tão vil?

Eu entendia que ele tinha cicatrizes pelo passado vivido com Suzan e aquelas malditas fotografias podiam tê-lo machucado onde era mais sensível, mas nada justificava suas palavras duras e suas atitudes.

De qualquer forma, nada doía mais em mim que tê-lo perdido tão mais cedo do que eu esperava. Mas talvez fosse melhor assim, afinal se continuássemos eu teria me apaixonado mais e tudo se tornaria ainda mais doloroso quando acabasse, mas ainda assim estava doendo e muito.

As lágrimas se recusaram a ficar presas e rolaram pelo meu rosto, abundantemente.

Quando Melanie entrou no quarto, carregando uma mala, para levar as roupas de Patrick, afundei meu rosto o travesseiro para sufocar meus soluços e ainda assim percebi que ela me olhava de cima, com superioridade e julgamento.

Sem uma palavra, ela entrou, fez as malas e saiu.

Eu pretendia passar o dia inteiro no quarto, só para não ter o desprazer de olhar para a cara de Melanie, mas a fome falou mais alto e no meio da tarde tive que sair em busca de comida. Meu carrasco dera ordens de que eu não devia encontrar com ele no apartamento e nem eu mesma queria isto, então precisava a aproveitar que ele estaria no trabalho a essa hora.

Assim, tomei um banho rápido e revigorante, me amaldiçoei pela milésima vez por ainda não ter ido às compras, adquirir roupas mais comportadas que aquelas que me foram dadas e vesti um conjuntinho de saia e blusa curto e colado.

Ao atravessar a sala de estar, quase tive um ataque cardíaco ao me deparar com Patrick, sentado no sofá, só de bermuda, comendo sorvete de um grande pote que tinha no colo, enquanto assistia futebol americano na TV.

Eu nunca o vira tão à vontade, com a barba sem fazer, descalço, com os cabelos desalinhados, sentado daquele jeito, parecendo um garoto displicente e não o executivo mandão que costumava ser.

Minhas pernas teimosas insistiram em ficar trêmulas ao passarem por ele, meu coração batendo em ritmo descompassado. Tentei ignorá-lo, mas não consegui, seu corpo era gostoso demais para ficar assim à mostra sem ser

admirado, então, dei uma boa olhada apreciando seus músculos bem feitos, a tatuagem da mulher anjo no braço, a camada espessa de pêlos no peito, a outra trilha que partia do seu umbigo e desaparecia no cós da bermuda.

Por Deus! Ele era simplesmente lindo, tão tentador que meu corpo reagiu de imediato, o formigamento se fazendo na altura do meu ventre.

Para minha tristeza, fui totalmente ignorada por ele, que sequer olhou na minha direção, como se eu não existisse mais para si e a dor que me tomou, quase me levou às lágrimas de novo.

Apressei-me em chegar à cozinha, onde respirei fundo tentando me acalmar. Agradei aos céus que apenas Helena estava lá.

— Você sabe porque Patrick não foi trabalhar? — Perguntei, cochichando, pois me sentia meio inibida a falar correndo risco de Melanie ouvir. Aquela mulher sempre me passava a impressão de que o apartamento era dela e eu uma intrusa indesejada.

— Acho que ele está de ressaca. — Helena respondeu em português. — De manhã, depois de briga de vocês, ele pediu remédio pra dor de cabeça a se trancou no quarto. Acordou tem mais ou menos uma hora.

Senti um aperto forte no coração ao imaginar onde e com quem ele passara a noite. Por mais que eu tentasse, não conseguia me manter indiferente àquele homem, não conseguiria enquanto estivesse naquele apartamento, pois a paixão que sentia por ele era intensa demais.

— Onde será que ele passou a noite? — Indaguei, quase que para mim mesma.

Mas como toda boa brasileira, Helena não dispensava a oportunidade de fazer um bom fuxico e olhou para os dois lados, certificando-se de que ninguém a ouvia antes de falar:

— A Rose disse que antes de casar, ele vivia chegando em casa assim. Era rotina.

Definitivamente, eu não queria nem precisava ouvir aquilo.

— O que tem aí pra comer, Helena?

— Frango e salada. A senhora quer que esquente.

— Quero sim e por favor, não me chame de senhora.

Sentei-me na mesa da cozinha, lânguida, cansada pela noite em claro, desanimada pelas lágrimas derramadas, deprimida pelo conceito que Patrick tinha de mim, por se recusar a me ouvir, por me acusar com palavras tão cruéis, sem me dar a chance defesa, enfim, por tudo eu não tinha motivo para mais nada que não ficar desanimada e triste.

Helena me serviu a refeição ali mesmo. Estava comendo quando Patrick me agraciou com a sua entrada na cozinha, o corpo grande e lindo à mostra. Caminhava devagar, como se também estivesse cansado. Foi até a geladeira, bebeu o suco de laranja direto da caixa e apenas quando ia se retirando, virou-se para olhar para mim, sua fisionomia muito fechada, o maxilar contraído os olhos carregados de raiva.

— Não é bom que uma mulher que possa estar grávida se alimente fora de hora. Espero que esse tipo de irresponsabilidade não se repita.

— Se eu tivesse certeza de que estou grávida certamente estaria me cuidando. Pelo bem estar do meu filho e não apenas para garantir que ele nasça para afrontar um avô que sempre o rejeitará. — Retruquei, mas ele me ignorou totalmente, deixando a cozinha antes mesmo que eu tivesse concluído minha fala.

Eu ainda estava comendo, quando ouvi o som do interfone partindo da sala e a voz de Patrick dando autorização para que alguém subisse. Minutos depois a voz feminina partiu de lá, junto com a dele e a curiosidade em saber de quem se tratava me apressou em terminar.

Após a refeição, me coloquei no pequeno corredor que havia entre a porta da cozinha e sala, de modo que pude ouvir sem ser vista.

A mulher que acabara de chegar era Suzan. Com aquela voz de “foda-me, por favor”, afirmava ter vindo deixar o paletó e a gravata que Patrick esqueceu no apartamento dela quando saiu de lá esta manhã.

Putá merda! Então ele passou a noite com ela! Desgraçado! Filho da puta! Como podia me acusar de adultério quando na verdade era ele o adúltero?

A dor que me tomou foi estarrecedora, meu coração apertou no peito, quase me sufocando, meu estômago revirou por pouco não coloquei o almoço para fora.

## CAPÍTULO XXV

— Fiquei preocupada com você. Melhorou de ontem para hoje? — A vadia falou.

— Sim. Não é tão desesperador quando já se passou por isto.

Putá merda! Ele contou tudo a ela. Canalha!

— Por que você não foi trabalhar? Jennifer disse que você telefonou avisando que está doente.

— Não é nada. Só estou de ressaca. — A voz dele era seca e ríspida.

— Eu nunca tinha visto você bebendo como ontem. Essa garota deve ter sido mesmo muito importante pra você.

— Isso não é da sua conta. Se você veio só devolver o paletó, já pode ir embora. — Uau! Adorei.

— Não fale assim Patrick. Deixe-me ficar do seu lado nesse momento difícil, mesmo que seja como amiga. Eu me preocupo com você. Quero te ajudar. Além do mais você já percebeu que essa menina não serve pra você.

— E quem serve, você? — Ele estava sendo sarcástico.

— Apesar dos meus defeitos. Eu te amo de verdade. Ela só queria o seu dinheiro.

Cansei de ficar ouvindo calada e num impulso, entrei na sala, dirigindo-lhe minha melhor carranca.

— Olá, Suzan. — Falei, com firmeza.

Ela estava sentada no sofá ao lado de Patrick, que parecia ignorá-la, concentrando sua atenção em um jogo no vídeo game. Surpreendeu-se tanto ao me ver, que quase caiu do estofado. Obviamente acreditava que Patrick tinha me mandado embora depois do que aconteceu.

— Oh! O-olá Fernanda. Você está aqui? — Levantou-se, fitando-me confusa.

— E por que razão não estaria? Esse é o apartamento do meu marido.

Ela fez um breve momento de silêncio, como se digerisse a nova informação, depois alinhou sua postura, ajeitou os cabelos e veio me cumprimentar com a mão estendida. Ao chegar perto, devorou-me de cima à baixo com o olhar, desejosamente, como um homem olhava para uma mulher.

— Desculpe a minha falta de jeito. Como você está?

Ignorei a mão estendida dela.

— Muito bem.

Ficou sem graça, sem saber como prosseguir diante da minha hostilidade.

— Você continua linda como quando a via. — Chegou ainda mais perto, insinuando-se, exibindo o belo corpo dentro do vestido branco pequeno. — Talvez possamos sair para beber alguma coisa qualquer hora dessas. Ou ficamos por aqui mesmo, para levantarmos o astral de Patrick. O que acha? — Umedeceu os lábios, sensualmente.

Era muito cara de pau! Passou a noite com meu marido, depois vinha com uma conversa daquelas!

— Quer saber mesmo o que eu acho?! Que você está sendo inconveniente e sem noção vindo aqui depois de passar a noite com meu marido. Como ele mesmo disse: se veio só deixar o paletó, já o fez, agora pode ir embora! — “Vaca”.

Patrick deu pause no jogo, mas foi apenas por alguns segundos, quando me lançou um rápido olhar, totalmente desprovido de expressão.

Suzan se fez de ofendida, mas logo deixou a máscara cair.

— Eu não mereço que você fale assim comigo. — Engoliu em seco, fez cara de coitadinha, como não esbocei qualquer reação, mostrou quem realmente era. — Você fala como se ele fosse seu marido de verdade, mas acontece que ele não é. Você só está aqui porque foi tirada do lixo pra dar um neto do lixo ao pai dele, depois...

Não esperei ela completar a frase, com toda a fúria que passeava solta dentro de mim, dei-lhe uma bofetada estalada no rosto.

— Sai daqui agora! — Esbravejei. — Enquanto existir um documento provando que eu e Patrick somos casados ele é meu marido, então também sou dona deste apartamento. Agora saia!

Ela pousou a mão sobre a face enrubescida pelo tapa e me fuzilou com olhos diabólicos.

— Você vai me pagar por isso! — Falou entre dentes. Olhou para Patrick, que tinha cessado o jogo para nos observar em silêncio, como se esperasse que ele a defendesse, mas não aconteceu. — Os dois vão! — Pegou sua bolsa de sobre a mesinha de centro e foi para o elevador. Antes de partir, fez a última ameaça. — Você mexeu com a mulher errada, sua empregadinha de merda! — Com isto, foi embora.

Houve uma breve troca de olhares entre mim e Patrick antes que ele retornasse para o jogo e eu fosse para o quarto, sentindo-me emocionalmente esgotada.

Espiciei-me na cama, cansada, abalada com tudo. Rolei de um lado para o outro por um bom tempo, sem conseguir adormecer. Meu corpo tenso, minha alma dolorida.

Em algum momento a porta se abriu a Patrick apareceu, ficando com a metade do corpo para fora e a outra para dentro do quarto.

— Só para constar, não aconteceu nada entre nós, como Suzan insinuou. Eu apenas bebi demais e ela mandou o taxista me levar para o seu apartamento. — Sem esperar resposta, saiu fechando a porta devagar.

Eu nem sabia o que pensar sobre aquilo. Não sabia se acreditava e se acreditasse não entenderia porque não aconteceu nada se ela se oferecia como uma cadela no cio e ele achava que tinha sido traído por mim e podia querer dar o troco.

Mas isso não tinha tanta importância quanto o fato de ele ter se dado ao trabalho de ter vindo me dar aquela simples satisfação, aquilo trouxe um pouco de conforto para os meus tormentos e por fim consegui pegar no sono.

Acordei no meio da madrugada, com uma fome descomunal. Sozinha, atravessei o apartamento escuro, que parecia silencioso demais sem as empregadas circulando por toda parte e fui para a cozinha em busca de comida. Preparei um gigantesco sanduíche de frango com salada e devorei com suco de laranja, saciando o apetite. Após a refeição tive tempo apenas de chegar no quarto e colocar tudo para fora do estômago. Quando então não tive dúvidas: eu estava grávida, aquele enjoo era suficiente para que eu soubesse. No dia seguinte faria o exame apenas para ter certeza.

Putá merda! Como eu ia dar essa notícia a Patrick se ele mal olhava para mim? Como ia enfrentar uma gravidez em meio a tanta tensão? Eu precisava ser forte.

Na manhã seguinte fui às compras com um novo segurança me seguindo. Desta vez não tive condições de pedir a readmissão do pobre coitado que, por duas vezes, perdeu o emprego por minha causa.

Usei o cartão de crédito que Patrick me dera e comprei as roupas que eu gostava, como jeans e camisetas de malha. Comprei também vários testes de gravidez e tive a gestação confirmada por todos eles, de modo que não restava dúvida de que eu estava realmente esperando um filho do homem com quem me casei, uma criança que já nasceria rejeitada pelo avô, com a incumbência de assumir a presidência de uma grande companhia, mas que seria compensada com todo o amor que eu lhe daria. Aliás eu já a amava e amava muito.

Eu não entendi porque Patrick mandou que naquela tarde o quarto onde eu

dormia tivesse suas paredes pintadas. O cheiro forte da tinta me causava enjoos terríveis.

Durante toda a semana, tentei contar a ele sobre a gravidez, mas sua indiferença, o desprezo com o qual passou a me tratar, me desencorajava a falar. Ele sequer olhava mais para mim nos raros momentos que nos víamos. Fazíamos as refeições na mesma mesa, mas durante esses momentos ele sempre estava mexendo em seu tablet ou lendo um jornal, com a clara intenção de me evitar. O resto da noite passava trancado no quarto de hóspedes e os dias no trabalho, de modo pouco nos víamos.

Esperaria que ele me levasse para fazer o exame de sangue como prometera, mas não falaria nada. Não ia ficar atrás dele enquanto me rejeitava. Ele que se fodesse.

A cada dia que passava, aquele tratamento que ele me atribuía me deixava mais deprimida, tão arrasada que mal conseguia comer ou dormir e quando pegava no sono tinha sonhos ruins.

Cogitei me matricular na faculdade, para ocupar minha mente com alguma coisa, mas o desânimo não me deixou fazer isto, eu não me sentia encorajada a nada, passava o dia deitada na cama ou assistindo televisão no sofá da sala. Os enjoos cada dia mais terríveis.

Como sempre fazia em momentos de dificuldades, busquei socorro em Silvia, que após ouvir meu relato sobre tudo por telefone, vinha passar os dias comigo. Ela me aconselhou a procurar Jacob e oferecer mais dinheiro a ele para que falasse a verdade a Patrick, que não aconteceu nada entre nós e aquele beijo foi apenas uma despedida, porém, achei uma péssima ideia. Primeiro porque eu tinha medo de Jacob, do que ele pudesse fazer comigo se voltasse a procurá-lo. Segundo porque além de não acreditar que ele falaria a verdade, ainda poderia armar algo pior. Terceiro: se Patrick não acreditava em mim era porque não merecia o meu amor, então não valia à pena lutar por ele.

Não trocamos sequer uma palavra durante toda a semana. Na manhã de sábado, eu estava espichada no sofá da sala, com enjoos, assistindo televisão, quando ele veio falar comigo e o demente do meu coração quase saltou do peito com sua simples proximidade.

— Temos uma festa esta noite. Uma cerimônia ridícula de inauguração de mais uma filial em Boston. Somos todos obrigados a comparecer, principalmente o presidente. O motorista está à sua disposição caso queira sair para comprar um vestido novo.

— Não estou a fim de ir a uma festa.

— Eu também não, mas somos obrigados a ir. É de praxi que os executivos estejam acompanhados com as esposas e no momento você é a esposa que eu tenho. — Ele se virou, pronto para se afastar, quando então se deteve. — Você está muito abatida. Está doente?

*“Como se você se preocupasse comigo.”*

— Estou perfeitamente bem. — Menti.

Ele fitou-me desconfiado por um instante, depois falou com uma irritante autoridade:

— Segunda-feira te levarei para fazer o exame de sangue. Sairemos às oito esta noite. Esteja pronta.

Sem mais, deu-me as costas e saiu.

Como eu estaria presa àquele homem durante os próximos nove meses, faria a minha parte para tornar a nossa convivência minimamente suportável, esperava que ele reconhecesse isso e fizesse a parte dele. Assim, peguei seu cartão de crédito sem limites e fui para o shopping. Dirigi-me ao mesmo salão de cabeleireiro por onde fugi para ir levar o dinheiro a Jacob, sem que desta vez segurança saísse do meu lado para nada. Na hora da depilação, apenas virou-se de costas.

Fiz algumas luzes nos cabelos, arrumei as unhas, hidratei a pele e tudo o mais que tinha direito. Depois comprei um vestido de noite caro e deslumbrante, um modelito preto, longo, com um decote em V profundo e uma grande fenda na saia. Completei com as sandálias cor de prata delicadas.

Às oito em ponto, estava pronta na sala, quando Patrik surgiu do corredor que levava ao seu quarto, usado um terno preto impecável. Tinha os cabelos bem penteados lambuzados com gel e seus olhos pareciam brilhar como duas jóias preciosas. Examinou-me dos pés à cabeça, sem conseguir disfarçar a cobiça e me dei conta de que ele não era tão indiferente à mim quanto me fez acreditar durante todos aqueles dias.

— Pronta? — Indagou, voltando a assumir aquele ar de indiferença.

— Sim.

— A recepção é em Boston. Vamos de helicóptero. — Avisou.

— Por mim tudo bem.

Fomos de limusine até o heliporto da companhia e de lá voamos por sobre as cidades iluminadas, a vista mais esplendorosa que já tive dos Estados Unidos, até enxergarmos o mar.

Durante todo o tempo, Patrick se manteve concentrado no seu computador, sem sequer olhar para mim, como se eu não mais existisse para ele.

Pousamos em um heliporto particular, em uma mansão suntuosa à beira-mar, localizada em cima de um morro, em algum ponto isolado da cidade. O lugar era enorme, cercado de luxo e riqueza. Tinha todas as paredes de vidro, de modo que era possível enxergar a recepção acontecendo do lado de dentro, em um salão imenso iluminado por luzes douradas.

Do lado da casa por onde passamos durante o percurso entre o heliporto e a entrada, havia uma piscina tão grande que cercava toda a área.

Ao entrarmos, fomos recebidos por um criado que ficou com nossos casacos, para que logo um homem afro-descendente, com cerca de quarenta anos, acompanhado por uma mulher muito elegante viesse nos cumprimentar afetuosamente.

— Fernanda esse é Noah, o presidente da filial que está sendo inaugurada aqui e esta é sua esposa. Noah, essa é Fernanda. — Patrick fez a apresentação com polidez, sem sequer olhar para mim.

— Olá. É um prazer conhecer vocês. Boa sorte com a nova empresa.

— O prazer é todo meu. — O homem falou, com simpatia.

— É realmente um prazer conhecer a garota que fisgou o coração de Patrick. — A mulher cometeu a sandice de dizer.

Um garçom veio nos servir com champanhe gelado, quando Patrick me surpreendeu ao tirar a taça da minha mão, impedindo de beber. Os três engataram em uma conversa sobre negócios da qual eu não tinha conhecimentos necessários para participar e quando outras pessoas se juntaram ao grupo, me senti ainda mais excluída e deslocada.

Assim, afastei-me discretamente, peguei outra taça de um garçom que passava e beberiquei o champanhe gelado, aos poucos, para que o álcool não prejudicasse o bebê. Tentei me enturmar com algumas garotas da minha idade que conversavam em uma rodinha, mas não consegui me encaixar na conversa sobre as casas noturnas mais badaladas da cidade, pois eu nunca estive em uma casa noturna, que dirá badalada. Parecia não haver lugar para mim ali naquele mundo tão diferente do meu, onde as pessoas pareciam dar importância demais ao dinheiro que tinham e àquilo que ele podia lhes proporcionar.

Então, encontrei uma mesinha de chá com duas cadeiras em um canto meio isolado e me acomodei ali, sentindo-me menos desconfortável com a solidão.

Para minha total satisfação, logo Peter surgiu de em meio aos convidados e veio falar comigo. Peter era mesmo muito especial, sempre esboçando aquele sorriso sincero, sempre com palavras gentis. Quando eu trabalhava na companhia, limpando o chão, pouquíssimas pessoas me dirigiam a palavra, entre

os executivos ele era o único que falava comigo, sempre me cumprimentando com simpatia, por vezes até pausando seu trabalho para uma conversa rápida.

Vê-lo ali era como encontrar uma rosa em meio a um emaranhado de espinhos.

— Que solidão é essa? Não está gostando da festa? — Ele indagou, com descontração.

— Pra falar a verdade não consegui me encaixar em lugar nenhum. — Respondi com um sorriso e o dele se ampliou.

— Acho que tem entendo. Sentia-me assim quando meu pais me mandavam para os acampamentos de verão. — Ele gesticulou para a cadeira do outro lado da mesa. — Posso?

— Claro, fica à vontade.

Ele sentou-se.

— A vida de casada, como está?

— Não é uma vida de casada verdadeira. Você ouviu tudo aquela noite na casa do pai de Patrick. Está de acordo como esperado.

Ele observou-me em silêncio por um instante.

— E vejo que isso está acabando com você.

— É, está. — Admiti, com o desânimo que vinha me acompanhando nos últimos dias. — Mas não vamos falar de coisas tristes. Isso aqui é uma festa, não um enterro. Conte-me alguma coisa boa sobre você.

— Não tenho muitas coisas boas para falar.

— A vida está te torturado também?

— Acho que sim. Duas namoradas em seis meses e as duas só falavam em casamento.

— E isso é ruim?

— Quando se é filho e herdeiro único de um empresário bem sucedido, isso é uma maldição.

Sorri, sem graça.

— Você tem problemas por ser rico e eu por ser pobre. Irônico, não?

Estendeu-me sua taça para um brinde.

— Um brinde à nossa desgraça.

Brindamos e sorrimos de nós mesmos.

Como se sentisse o peso do seu olhar, virei meu rosto para o lado e vi Patrick nos fuzilando com o olhar furioso, fixamente. Lembrei-me da forma como ele reagiu quando me flagrou conversando com Peter em outra ocasião, o quanto aquelas fotografias com Jacob feriram seu orgulho e cogitei tornas as coisas mais

íntimas entre mim e Peter, apenas para provocá-lo e ensinar-lhe uma lição, entretanto, Peter era uma pessoa íntegra e boa, não merecia ser usado desta forma. Então, apenas ignorei meu marido e continuei a conversa com meu amigo.

Era muito fácil conversar com Peter, ele era espontâneo, jovial e inteligente. Consegui realmente me fazer sentir que estava em uma festa.

Imaginei o quanto minha vida seria mais fácil se Patrick fosse como ele.

Quando a elegante organizador do evento colocou uma música romântica e convidou os casais a dançarem, Peter me convidou e aceitei. Então fomos para o centro da sala, junto com os demais, nos unindo para nos movermos ao som de Halo, da Beyonce.

Ele me apertou com seu braço em torno da minha cintura e descansei minha cabeça em seu ombro amigo, fechando os olhos, encontrando o conforto de que precisava para amenizar minhas dores.

A música ainda não estava nem perto da metade, quando a mão forte me agarrou pelo braço, assustando-me e rapidamente me virei para ver o rosto furioso de Patrick nos encarando de perto.

— Posso saber o que significa isso?! — Ele esbravejou, entre dentes, o maxilar contraído.

Peter se afastou, mas continuou com o braço em torno da minha cintura, os olhos de Patrick registrando tudo.

— Significa que estamos dançando. — Peter respondeu antes de mim, encarando Patrick desafiadoramente.

— Eu não estou falando com você! — Patrick rebateu. — Mas já que interferiu, devo te avisar que fique longe da minha mulher.

Fitei-o aturdida com a sua insinuação inescrupulosa.

— O que você está...

Sem esperar que eu concluísse a pergunta, puxou-me pelo braço, agindo como um troglodita, arrancando-me de Peter, arrastando-me para os fundos da casa, como se eu fosse sua propriedade, alguns dos convidados observando a cena, me envergonhando.

Fomos parar no único cômodo que havia paredes que não eram de vidro, uma espécie de lavanderia, onde meu marido troglodita me encurralou na parede, apoiando suas mãos dos dois lados, como se me aprisionasse.

Fitava-me com uma fúria bestial estampada nos olhos.

— Eu sei que não somos casados de verdade, agora ainda menos que antes, mas mesmo assim eu exijo que você me respeite! — Esbravejou, como um

animal selvagem rosnando para sua presa.

Sua atitude só serviu para atizar a raiva que pipocava em minhas veias.

— Eu não tenho culpa se a sua mente é doentia a acha que se um casal dançar significa que estão tendo um caso.

Sem que eu esperasse, ele esmurrou a parede com brutalidade, bem ao lado do meu rosto, o que me fez tremer de pavor.

— Peter não queria só uma dança e você sabe disso! — Gritou e meu sangue gelou de medo, a agressão de Jacob projetando-se em minha mente. — Não é a primeira vez que ele dá em cima de você e você dá moral para ele.

— Nós somos apenas amigos. Você sabe o que é isso? — Apesar do medo, me recusei a baixar a cabeça.

— Foda—se! Eu quero você longe dele e ponto final.

— Acontece que não vou me afastar de uma pessoa que não merece por causa do seu orgulho de bosta. — Rebati no mesmo tom.

Ele grunhiu furioso e me segurou pelos cabelos.

*“Ai meu Deus! É agora que ele vai quebrar o meu pescoço.”* Fechei os olhos e esperei pelo pior, entretanto, ele me surpreendeu ao tomar-me os lábios em um beijo urgente, faminto, roubando-me o fôlego, tirando-me a sanidade.

Eu sabia que era impossível resistir, por isso nem tentei, logo abri a boca para receber sua língua ávida que se movia dentro de mim com eroticamente, exigindo que eu a chupasse e o fiz, com gana, com saudade, todo o meu corpo reagindo violentamente, suplicando pelo dele, implorando silenciosamente por um contato mais íntimo.

Contornei seu pescoço com meus braços, puxando-o mais para mim, desejando intimamente que o tempo parasse para que eu jamais deixasse seus braços novamente.

Mas o tempo não parou e Patrick interrompeu o beijo, afastando-se alguns centímetros, ainda me aprisionando na parede, seu rosto tão próximo que eu podia sentir o calor da sua respiração ofegante acariciando minha face, enquanto meu coração batia como um louco no peito.

— Eu te amo Fernanda. — Meu coração deu um salto violento, fogos de artifício se fazendo dentro de mim. — Amo demais. Mas não vou viver esse amor e não preciso te dizer o motivo. Mesmo assim ainda vamos ficar juntos por um longo tempo e só espero que você não me deixe ver outro homem te tocando de novo, porque isso desperta o que há de pior em mim. Você pode me entender?

Eu digeriria suas palavras com a dor de mil facas perfurando minha pele. Eu também o amava, loucamente e em nome desse amor seria capaz de confiar e

acreditar, por que ele não podia fazer o mesmo? Por que não acreditava em mim quando disse que não tive nada com Jacob? Que fui vítima de uma chantagem?

— Se você me ama de verdade, acredita em mim.

— Eu não posso. — Minha vontade era de esmurrá-lo com todas as minhas forças, ao mesmo tempo que queria chorar, por tê-lo tão perto e ao mesmo tempo tão distante. No entanto, fiquei quieta, apenas suportando a minha dor. — Vamos embora daqui. A festa acabou pra mim.

## CAPÍTULO XXVI

Patrick me segurou pelo braço e nos conduziu de volta para a festa, caminhando depressa. Despediu-se de alguns dos convidados, polidamente, enquanto Peter nos observava boquiaberto, sem que eu tivesse coragem de olhar diretamente para ele, tamanho era meu constrangimento. Em seguida, fomos para o helicóptero.

Durante o percurso de volta ao seu apartamento, meu marido não disse sequer uma palavra, mantinha a fisionomia contraída, o cenho cerrado, uma ruga profunda no centro da testa, o que me desencorajava a falar ou mesmo a entender alguma coisa do que estava acontecendo.

Como ele podia dizer que me amava e me tratar daquela forma? Se era mentira, por que mentia? Nada parecia fazer sentido.

Tentei pensar no assunto, enquanto estávamos sentados lado a lado no pequeno transporte, mas sua proximidade não me permitia raciocinar com clareza.

Uma chuva fina começava a cair quando finalmente chegamos ao seu apartamento. O calor gostoso da sala nos acolhendo ao entrarmos, quando então ele abriu a boca pela primeira vez desde que deixamos o local da festa.

— Vou mandar que Helena prepare alguma coisa pra você comer antes de ir para a cama.

— Não estou com fome. — Empinei meu nariz e tentei ir para o quarto, quando ele tomou-me o caminho para me deter.

— Você pode estar grávida e ainda não jantou. Não pode ir dormir assim.

— Cacete! É uma hora da madrugada. Se eu fizer uma refeição agora vou ter uma indigestão.

Ele suspirou derrotado.

— Você não vai me esperar acordá-la, não é?

— Não mesmo.

Sem que eu esperasse, suspendeu-me no ar, pendurando-me em seu ombro, com a cabeça para baixo, carregando-me para a cozinha.

— O que você está fazendo seu doido?! — Eu estava escandalizada. Como um sujeito que nasceu rico, foi educado em um colégio interno, podia agir como um homem das cavernas?

— Eu vou te preparar alguma coisa. Você é muito pálida, não pode passar

tanto tempo sem comer.

Como se ele se preocupasse. Falso!

Sentou-me à mesa da cozinha e foi fuçar a geladeira.

Livre das suas mãos, eu poderia fugir para o quarto, apenas para afrontá-lo, mas me senti tentada a vê-lo cozinhando. Devia ser no mínimo cômico.

Meu marido, o CEO de uma das maiores companhias dos Estados Unidos, tirou uma cartela de ovos da geladeira e ficou olhando para ela meio confuso, talvez tentando adivinhar como se preparava uma omelete e tive que levar uma mão à boca para conter a gargalhada.

Colocou a cartela sobre o balcão, voltando para sua busca na geladeira. Desta vez tirou uma tigela com frango desfiado, leite, manteiga e finalmente pão. Quando pensei que tentaria preparar um sanduíche, jogou tudo em uma frigideira, umedeceu com o leite e levou ao fogo.

Achei melhor correr para ajudá-lo, antes que ele me obrigasse a comer aquilo e eu não sobrevivesse.

— Me deixa fazer isso. Você não tem o mínimo talento pra cozinha.

Ele afastou-se, dando-me passagem.

— Eu estava indo bem. Fiz isso uma vez em um acampamento para escoteiros.

— As pessoas que comeram sobreviveram? — Joguei fora a mistura que ele fez e me empenhei em montar alguns sanduíches com o frango e o pão.

— Claro. Apesar do que meu primo Derek não teria feito muita falta. — Ele ocupou o lugar que eu estava antes na mesa.

— Vou fazer sanduíches, você quer?

— Sim. Por favor.

— O que tem entre você e esse Derek? Ouvi alguns bochichos na empresa de que vocês não se davam bem, mas nunca soube a razão.

Ali na cozinha, ele me contou o quanto seu primo Derek era nocivo, com sua inveja descomedida. Filho único da irmã do seu pai, seria o presidente da companhia se Patrick não existisse, assim como seus filhos se tornariam os herdeiros futuramente.

Conversamos bastante enquanto comíamos, pela primeira vez sem a interferência do tesão descomedido que tínhamos um pelo outro ou das brigas, quando tivemos a oportunidade falar com seriedade e nos conhecermos um pouco melhor. Porém, ao final da refeição, cada um foi para o seu quarto, com um simples boa noite, sem sequer uma troca de olhares, como se fôssemos dois estranhos dividindo o mesmo teto.

Demorei para pegar no sono, sentindo sua falta, pensando em tudo o que ele disse na cozinha, na festa, na forma como agiu com relação à Peter, em como me beijou com paixão. Quanto mais pensava nele, mais me apaixonava e se Patrick também me amava, como dissera na festa, eu estava disposta a lutar por esse amor, nos dar uma chance de sermos felizes e se Jacob era o único empecilho para que essa felicidade se concretizasse, eu me livraria dele, seguiria o conselho de Silvia e o pagaria para falar a verdade, confessar que nada aconteceu entre nós, que o beijei por chantagem.

Eu tinha um cartão de crédito ilimitado podia comprar algo de valor para Jacob. Ele não recusaria, Patrick se desculparia por ter desacreditado em mim e viveríamos felizes com nosso filho.

Quando acordei na manhã seguinte, eu não sabia se ficava desapontada ou se comemorava sua ausência quando soube que ela tinha saído para um jogo de golfe. Se era para agir como vinha fazendo nos últimos dias, eu preferi comemorar que não estivesse e eu pudesse chamar Silvia para elaborarmos uma forma de falarmos com Jacob sem levantarmos suspeitas.

Ainda ao telefone, disse a ela que concordava com aquilo e pedi que viesse. Ela chegou pouco tempo depois e fomos nos trancar no quarto, longe dos olhos e dos ouvidos de Melanie, que não me dava folga nem aos domingos.

— O mais difícil vai ser me livrar do segurança. — Falei. — Esse aí está avisado de que posso tentar escapar, tanto que entrou junto comigo até quando fui fazer depilação.

Estávamos sentadas na cama, de frente uma para a outra.

— A gente dá um jeito. Você sai do carro e faz um escândalo na rua. Diz que ele está tentando te seqüestrar. As pessoas vão afastá-lo de você.

— Menina, você tem a mente fértil, devia tentar se tornar uma escritora.

— Não teria paciência par ficar horas parada na frente de um computador escrevendo.

— Isso é para quem gosta de ficar parada, o que não é o seu caso. Mas voltado ao assunto, o que devo oferecer a Jacob em troca da verdade?

— O que ele quiser. Você tem um cartão ilimitado. Diga isso a ele e o mande escolher o que quiser. Depois peça para confessar a verdade e grave um vídeo. Você pode usar meu celular, ele tem câmera.

— Onde você arranjou um celular com câmera?

— O Sr. Baker está sendo muito generoso conosco. Nossa vida nunca esteve melhor. Ele é um bom homem, só é errado em não acreditar em você e isso só acontece porque ainda está ressentido com o que passou na mão de Suzan.

Quando você mostrar a confissão de Jacob, ele vai se arrepender de ter te acusado e vocês vão ser felizes.

— Assim espero. — Respirei fundo tentando conter o nervosismo. Eu estava apavorada com o que Jacob pudesse fazer comigo. Ele armou tudo isso para me separar de Patrick e obviamente estava puto da vida por não ter conseguido. — Eu estou com medo, Silvia.

— Não fica. Coloca o número da polícia como atalho no seu celular. Qualquer coisa é só dar um clique. Mesmo que ele exija que você vá sozinha, como fez da última vez, eu vou estar por perto com alguns amigos da escola. Vai dar tudo certo. Relaxa.

— Ok. Vou ligar pra ele então.

— Certo. Respira fundo, não deixa ele perceber que você está com medo.

Minhas mãos estavam trêmulas, cobertas por um suor frio, havia um bolo em meu estômago e meu sangue fugira da minha face quando peguei meu celular antigo e liguei para Jacob.

Ele demorou, mas atendeu.

— *Oi gatinha. Quanto tempo.* — Disse do outro lado da linha com uma jovialidade falsa, sarcástica.

— Preciso te pedir um favor. É muito importante pra mim. — Consegui falar sem que minha voz tremesse.

— *O que vossa majestade quer do proletariado?*

— Preciso que você diga a verdade a Patrick sobre aquelas fotografias, que não tivemos nada, que foi apenas um beijo que você exigiu, que você me chantageou. Eu te dou qualquer coisa que você quiser. Eu tenho um cartão de crédito sem limites, posso te comprar um carro caro se você fizer isso por mim.

Seguiu-se um longo momento durante o qual sua respiração pesada foi o único som a partir do outro lado da linha. A expectativa crescendo dentro de mim.

— *A única coisa que eu queria de você, você me negou e deu a ele.* — Falou, com ódio evidente. — *Você se entregou pra esse cara só porque ele é rico. Me traiu e me enganou. Eu devia ter te comido à força quando tive a chance. Essa sua bocetinha deve ser muito gostosa mesmo, para esse otário ainda te manter ao lado dele depois das fotografias que mandei.*

Senti meu sangue gelar nas veias. Raiva e medo se misturando dentro de mim. Como fui cega a ponto de conviver por mais de cinco anos com Jacob sem perceber como ele era de fato?

— Por favor, Jacob. Em nome do que tivemos um dia, me deixa ser feliz. Eu

amo Patrick, isso não tem nada a ver com dinheiro. Eu amei você também e nunca fui infiel, até você me agredir.

— *Piranha! Quer me culpar pela sua falta de caráter? Vá em frente! Eu sou um fodido mesmo.*

— Não é nada disso, eu só...

Silvia tomou o telefone da minha mão.

— É o seguinte, cara, quem está falando agora é a Silvia. Você não foi homem suficiente pra segurar a mulher incrível que minha irmã é, mas o Baker está sendo. Enfia na sua cabeça que nada do que você fez ou vier a fazer vai separar eles dois, porque existe amor de verdade. De todos os ângulos possíveis, você saiu perdendo nessa história, porque trezentos mil dólares *pro* Baker é esmola. — Eu a encarava escandalizada com sua segurança ao falar naquele tom com a pessoa perigosa que agora sabíamos que Jacob era. — Porém, você ainda pode sair lucrando nessa história, encara como uma indenização por danos afetivos e morais. Fica com o carro, ou outra coisa do mesmo valor e grava a porra do vídeo. Isso não vai levar mais que cinco minutos do seu tempo e todos saem ganhando. — Ela silenciou-se para ouvir e me entregou o aparelho. — Ele quer falar com você.

Recebi o parelho.

— Fala Jacob.

— *É o seguinte, gata. Carro precisa de documento e os meus estão enrolados. Me traz uma joia cara, diamante ou coisa assim, aí eu vendo e defendo um trocado.*

— Se eu levar você grava o vídeo?

Silvia começou a acenar negativamente com a mão.

— *Vamos ver o tamanho dessa joia primeiro.*

— Não. Você grava e depois te dou a jóia.

Silvia sorriu, fazendo sinal de ok enquanto Jacob soltava uma gargalhada bizarra.

— *Está ficado mais esperta, gatinha?*

— Só quero me garantir.

— *Sei... faz assim. Me encontra amanhã a tarde em frente ao hotel. Vem de táxi e vem sozinha. Minha rapaziada vai estar de olho em você quando chegar.*

— Certo. Estarei aí.

Desliguei o aparelho e aquela sensação de adrenalina, de medo, de que eu fazia alguma coisa errada se intensificou dentro de mim, tão perturbadoramente que busquei conforto em um abraço de Silvia.

— Fica calma. Você fez a coisa certa. No final tudo se resolve.

— Assim espero.

Silvia passou o dia comigo, comendo pipoca e assistindo filmes de comédia romântica no DVD. Tinha acabado de sair quando Patrick chegou, todo suado, usando bermuda e camiseta. Lançou-me um olhar demorado, aflito, como se tentasse me dizer algo, mas nenhuma palavra saiu da sua boca.

Retomando sua indiferença, foi se trancar no quarto sem falar comigo, saindo apenas para o jantar, quando novamente me ignorou.

Aquela noite quase não consegui dormir e no dia seguinte estava uma pilha de nervos.

Saí logo após o almoço, na limusine, com o segurança ao lado do motorista. Parei na joalheria e comprei um conjunto de brincos e colar de diamantes que custou meio milhão de dólares. Agora eu precisava me livrar do segurança.

Pedi que o motorista parasse no centro de Manhattan, em uma das ruas mais movimentadas e saltei, caminhando depressa pela calçada abarrotada de pedestres, o segurança me seguindo de perto. Foi quando passava em frente a um bar, diante do qual havia alguns motoqueiros tatuados, que coloquei o plano em prática. Primeiro parei um táxi e quando o segurança tentou entrar atrás de mim, comecei a gritar com uma louca, encenando que estava sendo atacada por ele. Não deu outra. Logo os motoqueiros estavam cercando o segurança, ameaçadoramente e aproveitei para entrar no táxi e fugir.

— Pisa fundo. Para o Bronx. — Disse ao motorista, respirando fundo para tentar me acalmar, olhando para trás para ter certeza de que a limusine não me seguia, junto com o segurança. Mas ele ainda estava enrolado com os motoqueiros e conseguimos nos afastar rapidamente.

## CAPÍTULO XXVII

Logo meu celular tocou com uma chamada de Silvia.

— *Estou logo atrás de vocês, em um Corola branco, com dois amigos.* — Falou, quando atendi. — *Foi brilhante a ideia com os motoqueiros.*

— Foi só no que consegui pensar. Já estou indo para o hotel.

— *Eu sei onde fica. Vamos parar a uma certa distância pra não despertar a suspeita dele. Fica com o celular no bolso da calça. Quando vibrar é porque já estaremos lá.*

— Ok.

Encerramos a ligação.

Eu tentava parar de tremer, mas o pânico não deixava. Talvez se tratasse de um mau presságio, mas eu tinha a impressão de que Jacob não gravaria aquele vídeo tão facilmente e ainda por cima descontaria em mim sua fúria por não ter conseguido separar-me de Patrick como pretendia.

Rezei do centro até o Bronx. Quando o taxista me deixou diante do hotel três estrelas, liguei para ele.

— Já estou aqui. — Falei.

— *Eu sei. Estou vendo. Está sozinha?*

— Sim.

— *Espera alguns minutos e sobe. Estou no mesmo quarto.* — Desligou.

No instante em que enfiei o celular de volta no bolso do jeans, ele vibrou, com o aviso de que Silvia e seus amigos já estavam por perto. Senti-me tentada a olhar para os lados a procura do Corola, mas não podia cometer uma tolice dessas, isso despertaria a desconfiança de Jacob que me observava do quarto andar, assim como a dos seus amigos que obviamente se encontravam por perto.

Fiquei ali paralisada por cerca de cinco minutos e entrei, nervosa, sobressaltada. Apenas cumprimentei o garoto da recepção com um aceno de cabeça e subi.

Quase não reconheci Jacob quando ele abriu a porta do quarto. Estava muito mais magro, com os cabelos crescidos, despenteados, a barba sem fazer, o rosto muito abatido, os olhos saltando das órbitas.

— Oi. — Ele disse, estudando-me de cima à baixo, olhando para os dois lados do corredor antes de fechar a porta novamente, trancando-a, enfiando a

chave no bolso do jeans desbotado.

— Como você está? — Perguntei, após percorrer o olhar pela bagunça à nossa volta.

Havia latinhas de cerveja espalhadas por toda a parte, maços de cigarros vazios jogados no chão, a cama transformada em um emaranhado de lençóis encardidos e a cocaína organizada, pronta para ser consumida, sobre o cardápio de capa preta.

— Como você está vendo. — Deu de ombros, com dificuldade motora.

Apesar de tudo, senti muita pena dele, por se deixar afundar nas drogas de forma tão autodestrutiva, o que no fundo era culpa minha.

— Oh Jacob. Eu sinto tanto que as coisas tenham que ser assim. — Falei, com piedade.

— Contemple sua obra, Fernanda. — Ergueu os braços ao longo do corpo, deixando-os cair, me torturando um pouco mais, com a certeza de que eu me sentia culpada.

— Eu queria poder fazer alguma coisa por você.

— Mas não pode. Vai ter que viver o resto da vida com a certeza de que me destruiu.

Meu coração apertou no peito, as lágrimas ameaçando cair dos meus olhos.

— Desculpe-me por tudo.

Ele ficou me encarando em silêncio e por uma fração de segundos, o Jacob apaixonado e humano que um dia conheci se mostrou na expressão dos seus olhos, para logo a fúria diabólica voltar a tomar seu lugar.

— Chega dessa conversa mole. Cadê minhas joias?

— Você prometeu gravar o vídeo primeiro.

— Porra nenhuma! Promessa desfeita. Acho que disso você entende. — Puxou minha bolsa com um safanão e a abriu, jogando tudo sobre a cama, pegando a caixa de veludo com as joias.

Merda! Eu estava encrocada. Ele não gravaria vídeo nenhum e o pior era que no fundo eu sabia disto, minha intuição estava me avisando.

— Puta merda! Vou tirar uns cem mil nisso. — Disse, olhando os diamantes com apreciação.

— Custou meio milhão. Você pode tirar mais que cem mil.

— Você está mesmo montada em uma mina de ouro, gatinha. — Abandonou as joias sobre o colchão e se aproximou de mim, devagar, ameaçadoramente, enquanto meu sangue gelava nas veias, o pavor me tomando com tudo. — O que você fez pra ele te dar tudo isso? Você deve ser muito gostosa mesmo. — Varreu

o meu corpo com olhos maliciosos.

— Por favor, Jacob. Eu trouxe o que você pediu, faça sua parte e me dê o que eu quero.

— Você acha mesmo que depois do trabalho que eu tive pra arrumar alguém que tirasse aquelas fotos, eu vou falar a verdade àquele almofadinha? Ele que vá pro inferno pensando que foi traído. Tenho certeza que a dor que ele sentiu não foi nem metade da que me causou quando tirou você de mim.

— Ele não me tirou de você. Você me perdeu no instante que me agrediu. Eu seria sua. Nós seríamos felizes.

— De novo essa história?! Você realmente acha que tenho cara de otário, não?

— Não é nada disso...

Sem que eu esperasse, ele desferiu-me uma bofetada no rosto, com violência, o golpe atirando-me para trás, no chão, o impacto do meu corpo com o assoalho me causando uma dor insuportável e imediatamente temi pelo meu bebê.

— Eu cansei de ser bonzinho com você. Hoje vou descobrir o que você tem de tão especial que deixou aquele ricaço maluco. — Agarrou-me pelos cabelos para me levantar do chão e arremessou-me sobre a cama.

Estava desabotoando seu jeans, quando percebi suas intenções e o pânico me fez estremecer violentamente.

— Não Jacob. — Implorei, indefesa. — Não faz isso cara.

— E por que não? Não sou rico o suficiente pra você?

Sem esperar resposta, avançou para mim, aprisionando-me na cama com seu corpo grande, uma mão prendendo meus pulsos acima da cabeça a outra percorrendo meu corpo.

— Por favor... para... eu estou grávida...

— Eu não vou machucar o bebê. Só vou te foder até que meu pau esteja dolorido demais para continuar e isso vai demorar. — Enfiou sua mão sob minha camiseta e o desespero me tomou.

Desolada, comecei a gritar por socorro, tão alto que minha garganta doeu.

— Cala essa boca, vadia!

Deu-me outro tapa violento no rosto e o que aconteceu em seguida foi muito rápido e inesperado.

Primeiro houve o estrondo ensurdecidor da porta sendo arrombada, para quase que no mesmo instante mãos bruscas o arrancassem de cima de mim.

Atordoada, sentei-me na cama, as imagens dançando à minha frente. Talvez se tratasse de uma alucinação desencadeada pelos golpes que recebi, mas vi

Patrick no quarto, lutando com Jacob, esmurrando-o violentamente no rosto, sendo esmurrado de volta.

Os dois homens continuaram engatados naquela violenta luta braçal, destruindo o que podia ser quebrado à sua volta, a fúria estampada na fisionomia de cada um.

Jacob sempre foi bom de briga, porque cresceu nas ruas, em meio às gangues, mas estava debilitado pelo efeito das drogas e logo Patrick ganhou vantagem sobre ele, esmurrando-lhe a face consecutivamente, até que estivesse quase desfalecido.

Confiante que tinha vencido, Patrick virou-se para mim, dando-lhe as costas, quando então Jacob correu para uma gaveta da cômoda e quase entrei em choque ao prever o que aconteceria em seguida.

— Cuidado! — Gritei, com todo o meu desespero, alertando o homem que eu amava do perigo.

Jacob tirou uma pistola da gaveta, mas antes que tivesse a chance de usá-la, Patrick o surpreendeu ao empunhar o revólver trinta e oito que trazia em seu paletó e disparar contra ele, acertando-o na altura dos quadris, o que não o matou de imediato, mas foi suficiente para jogá-lo no chão, a pistola caindo de sua mão para que Patrick tomasse o cuidado de pegá-la.

Continuei sentada na cama, paralisada, quase em estado de choque, observando a cena. Sem saber o que me chocava mais se a possibilidade de Patrick se tornar um assassino ou a morte de Jacob.

— Você está bem? — Patrick perguntou, aproximando-se de mim, ainda com o revólver na mão, sua voz amada despertando-me do meu estado de torpor.

— Mais ou menos. Como você veio parar aqui?

Ele hesitou antes de falar.

— Eu coloquei um grampo no seu celular. Desde aquela tarde que seu quarto foi pintado, estou ouvindo seus telefonemas. Desculpe-me por isto.

Lentamente, processei suas palavras. O que ele acabava de me dizer parecia surreal. Significava que ele sabia de tudo: que nunca o traía, que estava grávida, que pretendia vir ver Jacob, que o amava.

Como pôde permitir que eu me arriscasse vindo ao Bronx encontrar um bandido perigoso para lhe provar uma verdade que já conhecia?

Fitei-o atônita, as palavras me faltando.

— Perdoe-me por te permitir se arriscar vindo aqui, mas eu precisava localizar esse marginal e fazer a polícia prendê-lo. Esse foi o único meio que encontrei. Não era pra ser assim, eu tinha que ter vindo junto com a polícia, mas

tive receio que a polícia o coagisse a fugir então vim sozinho. Eu teria chegado antes de ele colocar as mãos em você, mas vocês não disseram o número do quarto pelo telefone. Então perdi tempo subornando o cara da recepção.

— Todo esse tempo, você sabia de tudo? — Instintivamente, afastei-me dele, colocando-me em pé.

— Sim. Eu sei que você não me traiu, sei que me ama assim como eu te amo e sei que está esperando um filho nosso.

Ele veio na minha direção e ainda meio atordoada, tomada pelo ressentimento, recuei, evitando sua proximidade, sem saber ao certo o que pensar sobre tudo aquilo.

— Como você foi capaz de me deixar aflita todo esse tempo? De me deixar vir aqui? De me ignorar quando sabia que não fiz nada para merecer aquilo?

Ele observou-me em silêncio por um longo momento e vi a dor se estampar na expressão dos seus olhos. Naquele instante, percebi que pela primeira vez ele teve medo de me perder, como de fato perderia.

Abriu a boca para dizer algo, mas se deteve, como se por fim enxergasse a verdade e se desse conta de que seus atos foram mais graves do que julgara, de que não havia nada no mundo que os justificasse. Nada do que ele pudesse dizer ou fazer, apagaria a gravidade das suas atitudes.

— Eu te peço perdão por tudo. — Falou finalmente. — Por ter duvidado de você, por te esconder que sabia a verdade, por ter permitido que meu pai te humilhasse e sinceramente espero que você me perdoe, porque eu te amo mais que tudo nessa vida assim como amo essa criança que você está carregando... Meu mundo não seria nada sem vocês dois.

Imediatamente, meu coração degenerado disparou como um louco no peito, meu sangue fluindo mais quentes em minhas veias. Eu o amava tanto que cada uma das células do meu corpo me implorava para perdoá-lo, atirar-me em seus braços e buscar sua boca com a minha. Entretanto, eu não podia me deixar levar apenas pelas emoções e a voz da razão dentro de mim se recusava a se silenciar, dizendo-me o quanto ele foi cruel com suas atitudes e não merecia o meu perdão.

De súbito, minha mente projetou os acontecimentos dos últimos dias. Lembrei-me de todas as vezes que ele me tratou com desprezo, mostrando-me sua indiferença, mesmo sabendo que eu não merecia; do momento que tirou a taça de champanhe da minha mão na festa em Boston, por saber que eu estava grávida e não podia beber; da cena que fez quando dancei com Peter; da forma como me olhou ontem quando chegou do seu jogo de tênis. Naquele momento

ele já sabia que eu viria aqui e mesmo assim não fez nada. Permitiu-me correr o risco de ser espancada e violentada por Jacob, como de fato quase fui. Deixou-me sozinha durante todos aqueles dias, me negando o direito de dividir com ele a confirmação da minha gravidez.

Procurei o perdão dentro de mim, mas não o encontrei, como também não encontrava as palavras para dizer qualquer coisa a ele, razão e emoção conflitando-se no meu íntimo.

Estávamos nos encarando em silêncio, quando sons de passos apressados partiram do corredor e nos viramos depressa, sobressaltados, Patrick correndo para empunhar sua arma, o pânico me tomando novamente. Porém, foi Silvia e dois jovens quem entraram no quarto, os olhos deles varrendo o lugar, se detendo em Jacob que jazia desacordado, sangrando no chão.

— Ele está morto? — Silvia indagou.

— Não sabemos, mas espero que esteja. — Patrick respondeu.

— Precisamos chamar a polícia o mais depressa possível, antes que a gangue dele apareça. — Um dos amigos de Silvia falou.

— Eu chamei pouco antes de subir. — Patrick disse. — Devem estar chegando.

— Vocês ouviram o tiro lá da rua? — Perguntei, alarmada.

— Não. A gente subiu porque vimos o Sr. Baker entrando e sabíamos e ia dar merda. Demoramos pra amarrar o cara da recepção e evitar que ele avisasse os outros bandidos. — Fitei-a perplexa, enquanto ela me encarava com compaixão, obviamente porque meu rosto trazia as marcas da agressão de Jacob. Nem passava pela sua cabeça que as marcas dentro de mim eram muito mais dolorosas. — Oh minha irmã, graças a Deus esse pesadelo acabou. — Ela veio até mim, com os braços estendidos para me abraçar, porém deteve-se ao se aproximar, seus olhos arregalados focando a altura do meu colo. — Fernanda você está sangrando.

Acompanhei o percurso do seu olhar e só então vi as manchas de sangue no meu jeans, o horror me tomando pela possibilidade de que tivesse perdido o meu bebê.

— Meu bebê. — Falei, num gemido, meus olhos buscando os de Patrick, como um pedido inconsciente e silencioso por socorro.

— Vou te levar pro hospital. — Movendo-se com uma admirável agilidade, ele jogou o revólver sobre a cama e pegou-me em seus braços, carregando-me para a saída. — O revólver que usei pra atirar nele está aí, fiquem aqui e quando a polícia chegar digam tudo o que aconteceu. Lembrem a eles que não fugi do

local do crime, fui levar minha esposa ao hospital.

— Eu também quero ir. — Silvia declarou, aflita.

— Seus amigos podem ficar? — Patrick quis saber.

— Sem problemas. Estamos aqui. — Um dos jovens falou.

— Não saiam até a polícia chegar e chamem uma ambulância, o cara ainda pode estar vivo. — Silvia pegou os diamantes de sobre a cama, enfiou na sua bolsa e nos seguiu prédio abaixo.

Patrick me carregou nos braços até um Dodge preto que se encontrava estacionado há alguns metros de distância, do outro lado da rua, acomodou-me deitada no assento traseiro, com minha cabeça no colo de Silvia e partimos em alta velocidade.

— Tem um hospital aqui perto. Vira na próxima esquina. — Silvia falou.

— Não confio em qualquer hospital. Vamos pro centro.

— Pode não dar tempo.

Patrick lançou-nos um olhar aflito e senti o carro fazendo a curva, para logo parar em frente ao hospital do Bronx, onde fui colocada em uma maca e carregada para o lado de dentro, com Silvia me acompanhando de um lado e Patrick do outro, até que me enfiaram em uma sala muito iluminada, onde eles não puderam entrar.

## CAPÍTULO XXVIII

Na sala de espera precária do hospital do Bronx, sentado próximo a Silvia que não conseguia ficar parada, como se fosse hiperativa, eu me sentia o último dos seres humanos.

Eu não merecia o amor de uma mulher incrível como Fernanda, por causa da minha imensurável covardia. Ela acreditou em mim, sem sequer questionar, quando eu disse que não aconteceu nada durante a noite que passei no apartamento de Suzan, enquanto que eu a condenei diante da primeira evidência, desacreditando em sua palavra, sem que ela merecesse. Eu a deixei ser humilhada pelo meu pai, a expus ao ridículo na festa que ele deu e mesmo assim ela retribuiu a isso me entregando o seu amor e o que eu lhe dei em troca? A minha desprezível covardia.

Eu agi como um verdadeiro covarde deixando que ela fosse atrás daquele bandido maldito para me provar uma verdade que eu já conhecia. Eu fingi ignorá-la quando não tinha razões para isto. Não fiquei ao seu lado quando a gravidez se confirmou. Tudo isso com o intuito de fazê-la me levar até Jacob, pois foi a única forma que encontrei de apanhá-lo.

Não era para ter sido assim. Quando James me aconselhou a colocar o grampo no telefone dela e ouvimos todas as conversas o intuito era constatar se ela realmente estava saindo com o ex-noivo e ao descobrirmos a verdade combinamos que eu chamaria a polícia quando ela fosse ao hotel levar os diamantes, mas temi que a presença da polícia o coagisse a fugir e coloquei a vida da mulher que eu amava em perigo para apanhá-lo. Agora, o resultado do meu brilhante plano foi magoá-la de todas as formas possíveis. Por minha causa ela foi agredida por aquele marginal mais uma vez, quase foi violentada e talvez tivesse perdido o nosso filho.

Definitivamente eu não merecia que ela me perdoasse, assim como também não merecia o seu amor. Mas o fato era que eu queria o seu perdão e precisava do seu amor, pois sem ela eu nada seria.

Apenas agora, diante da possibilidade real de nunca mais tê-la, eu percebia o quanto precisava de Fernanda. Ela se tornara tudo na minha vida.

— Como você soube que ela ia ao hotel encontrar o Jacob? — Silvia perguntou, enquanto mastigava um chiclete.

Era uma pessoa intrigante, assim como a irmã, pois ao mesmo tempo que agia

e falava como a adolescente de dezesseis anos que era, tinha mais sabedoria de uma pessoa de quarenta.

— Eu grampeei o celular dela. Acompanhei as conversas e esperei que me trouxesse até Jacob.

Lentamente, vi o queixo dela caindo, os olhos perplexos se arregalando sobre os meus.

— Você sabia de tudo e mesmo assim deixou que ela viesse?! — Acusou, com fúria.

— Sim e não pense que me orgulho por ter feito isso.

— Você é um filho da puta covarde, miserável!

— E você acha que eu não sei disso? Não acha que estou me torturando por tudo? Eu reconheço que errei e estou arrependido. — Ela continuava me acusando com o olhar. — Não era pra ter sido assim, eu vinha com a polícia, mas se ele visse a polícia ia fugir e eu queria dar um fim nele antes que voltasse a perseguir Fernanda.

— Ela podia ter morrido por sua causa.

— Eu sei e espero que um dia ela possa me perdoar por isso, porque eu a amo mais que a minha própria vida.

A expressão de ódio nos olhos dela amenizou.

— Ela também te ama, mas se perder o bebê nunca vai te perdoar.

— Eu sei.

Afundi meu rosto entre as mãos, desejando poder voltar no tempo e fazer tudo diferente, mas isso não aconteceria.

O telefone de Silvia tocou, ela atendeu e depois de ouvir por alguns minutos, declarou:

— O Jacob não morreu.

— Infelizmente.

— Ele está nesse hospital, na sala de cirurgia.

— E daí? Ele não pode fazer nada contra nós com uma bala na bacia.

— Ele não pode, mas a rapaziada dele pode. — Ela estremeceu e agarrou-se ao próprio corpo.

— Eu também tenho a minha rapaziada. — Sob olhar atônito de Silvia, telefonei para a agência de seguranças e solicitei a presença imediata de uma dúzia de homens armados no hospital. — Eles chegam em meia hora.

— Cara você pode não entender nada de mulheres, mas ganhou o meu respeito.

Continuei sentado ali mergulhado na minha dor, torturado pela minha

covardia, enquanto os minutos se arrastavam, transformando-se em horas, sem que a equipe médica viesse trazer notícias sobre Fernanda.

Até que por fim, ambos chegaram ao mesmo tempo: a polícia para me prender de um lado e a enfermeira para falar como Fernanda estava do outro.

— Sr. Baker, sou o detetive Willis. — Disse o homem vestido com um paletó desbotado, seguido por três policiais uniformizados. — O senhor está sendo preso por tentativa de homicídio contra Jacob Gutierrez, o senhor tem o direito de permanecer...

— Eu conheço os meus direitos, mas não saio daqui sem antes ver minha esposa. — Virei-me para a enfermeira que acabara de entrar na sala e observava a cena com olhos perplexos. — Sou o marido de Fernanda Vieira. Como ela está?

— Ela está bem. Conseguimos conter a hemorragia. Ela quer ver a irmã.

— E o bebê? — Eu estava aflito.

— Vai ficar bem. É uma gravidez recente, apenas três semanas. Se ela tiver repouso, vai ficar tudo bem.

— Quero vê-la. Onde ela está?

— Desculpe. Ela deixou bem claro que não quer ver o senhor. Só a irmã. — A enfermeira me encarava com um misto de acusação e piedade enquanto a dor lancinante se alastrava dentro de mim, devastadoramente.

Se ela não queria me ver era porque não me perdoara e embora eu soubesse que não merecia o seu perdão, eu me recusava a aceitar que a tinha perdido.

— Ela é minha esposa. É meu filho que está em seu ventre e eu preciso vê-la.

Descontrolado, ignorei todos à minha volta e tentei ir na direção por onde Fernanda foi levada, entretanto, o policial segurou-me pelo braço a fim de me deter.

— Você ouviu a moça. Sua esposa não quer vê-lo. Agora venha conosco sem precisarmos usar a força.

Que se fodessem todos, eu não ia para a cadeia antes de ver minha mulher.

Assim, puxei meu braço da mão do policial com um safanão e corri em disparada pelo corredor bem iluminado, sob o olhar atônito de todas as pessoas presentes, com os quatro policiais me seguindo de muito perto.

Fazendo uso de toda a minha agilidade, consegui alcançar a porta da enfermaria onde Fernanda estava e a vi deitada em seu leito, abatida, triste, com os hematomas cobrindo o rosto pálido e me senti ainda mais culpado. Tentei me aproximar dela, mas antes que pudesse chegar perto, os policiais me alcançaram e um deles se jogou sobre mim para me deter, ambos caindo no chão e as algemas

se fecharam nos meus pulsos atrás das minhas costas.

Quando me levantaram, percebi que Fernanda nos observava com tristeza e dor, sem que nenhuma palavra saísse de sua boca enquanto eu era levado pelos policiais.

Após dar meu depoimento, alegando legítima defesa, fui deixado em uma cela individual, o que me garantiram ser um grande privilégio, já que todas as outras estavam abarrotadas de criminosos perigosos.

\*\*\*

Definitivamente James não era o advogado mais eficiente dos Estados Unidos, como estava descrito em seu currículo quando o contratei há cinco anos. Ao elaborarmos o plano de colocarmos o grampo no celular de Fernanda, ele me garantiu que eu podia acabar com a vida de Jacob e não seria preso por isto, já que o outro era um traficante perigoso, foragido da polícia, que invadiu minha companhia armado, com o intuito de me assassinar, portanto eu podia alegar legítima defesa.

Entretanto, algum bastardo que trabalhava para mim encontrou as fotografias de Jacob e Fernanda se beijando em meu escritório, assim como o bilhete que aquele maldito enviou junto com elas e entregou à polícia, o que me garantiu três longos dias na cadeia e um processo por tentativa de homicídio culposo que deveria ser respondido em liberdade, embora eu não pudesse deixar o país.

Foram os piores dias da minha existência, não apenas por estar enjaulado, mas principalmente por não conseguir falar com Fernanda em nenhuma das tentativas que fiz de telefonar para ela. Como eu tinha direito a apenas um telefonema por dia, tentei apenas o celular dela e não fui atendido.

— Desculpe a demora, Sr. Baker, mas eu não esperava pelas fotografias. Elas são provas de que o senhor tinha razões para atentar contra a vida de Jacob. — James tentava se justificar enquanto caminhávamos para fora do prédio onde ficava a cadeia.

Eu só não o demitia porque precisava que reconhecesse o peso que aquelas fotos tinham. Eu me lembrava claramente de tê-las deixado sobre a minha mesa no escritório e de ter encontrado poucas delas na manhã seguinte. Alguém entrou na minha sala e se apossou delas.

— Você já sabe quem as enviou?

— Ninguém sabe. Chegaram pelo correio, de forma anônima.

Eu não precisava pensar muito para deduzir que tinha o dedo do meu primo Derek nessa história. Ninguém mais que ele tinha interesse em me prejudicar. Mas eu o faria pagar caro. Ainda hoje o expulsaria da minha companhia, mas antes eu precisava falar com minha esposa.

— E o desgraçado, ainda vivo? — Eu me referia a Jacob.

— Sim. Ele vai sobreviver. Mas vai sair do hospital direto para a cadeia e com todas as acusações que existem contra ele, inclusive aquelas que eu tomei a liberdade de investigar e levar ao conhecimento da polícia, ele não sai de lá tão cedo.

— Assim espero.

Do lado de fora o sol estava intenso, seu calor amenizado por uma brisa muito suave que nunca me pareceu tão atraente e agradável quanto naquela manhã, quando concluí que depois de três dias em uma cela escura e suja, se aprendia a dar muito valor à liberdade.

James me entregou todos os documentos sobre o processo, com o local e endereço da primeira audiência, sem que eu desse muita importância àquilo e nos despedimos.

Já na limusine em movimento pelas ruas movimentadas de Manhattan, telefonei para casa e fui informado por Melanie de que Fernanda não estava lá, não tinha ido sequer buscar suas coisas, então dei ordens ao motorista de que fosse direto para o apartamento dos pais dela.

Passava do meio dia quando chegamos. Eu sabia que minha aparência estava horrenda, com a barba crescida e o rosto abatido pela falta de uma alimentação adequada, já que era impossível comer aquilo que eles serviam na prisão, mas eu não tinha tempo de ir em casa me arrumar, precisava vê-la o quanto antes.

Foi sua mãe quem abriu a porta, a hostilidade evidente na sua forma de me encarar. Desta vez eu nem podia julgá-la, pois merecia aquele tratamento.

— Olá. Eu gostaria de falar com Fernanda. — Falei, ainda do lado de fora, na porta, esperando que a mulher me convidasse para entrar.

— Ela não está aqui. — Foi sua curta e grossa resposta.

A vontade que eu tive foi de passar por cima dela e correr a procura da minha amada.

— Senhora, eu entendo sua indignação, no seu lugar eu estaria agido da mesma forma, mas eu realmente preciso ver a minha mulher.

Ela arregalou os olhos ofendida.

— O senhor acha que estou mentando?!

— Eu preciso vê-la.

— Eu já disse que ela não está.

— Deixa ele entrar mulher. O apartamento é dele. — A voz pacata do seu marido, meu sogro, partiu de dentro da sala e a mulher afastou-se para me dar passagem.

— Onde ela está? — Perguntei ao entrar, percorrendo os olhos pela sala onde apenas o casal de anciões se encontrava.

— Ela foi embora. Voltou pro Brasil. — A mulher falou.

Lentamente digeri aquela informação e me senti como se todo o sangue fosse drenado do meu rosto. Aquilo não podia estar acontecendo. Eu entendia que errei feio, mas o ódio de Fernanda não podia ser tão grande a ponto de deixar o país por minha causa.

— Isso é mentira! — Esbravejei, descontrolado. — Onde ela está?

Agindo como um louco, corri para os quartos, vasculhando todo o apartamento, sem encontrar qualquer vestígio dela.

— Senhor, nós entendemos que ela quebrou o contrato e desocuparemos seu apartamento ainda esta semana. — O velho disse quando voltei à sala.

— Podem ficar com o apartamento e com o visto de permanência também. O contrato já não existe mais. — Falei, desolado. — Por que ela foi embora?

— Para fugir do senhor. — A velha continuava hostil.

— Eu me arrependo de tudo o que fiz, queria ter a chance de dizer isso a ela, mas não posso deixar o país. — A dor que me tomava era devastadora. Eu sabia que merecia aquilo, mas ainda assim me recusava a aceitar que perdi a única mulher que amei de verdade e que mereceu esse amor.

Que se fodesse o processo, eu ia atrás dela no Brasil, mesmo que para isto passasse o resto da vida na cadeia.

— Por favor, me digam onde a encontro no Brasil.

— Pensei que o senhor não pudesse deixar o país.

— Eu não posso, mas vou atrás dela.

Os dois se entreolharam em um gesto de cumplicidade e foi a marido quem falou primeiro.

— No dia que ela saiu do hospital, o seu pai esteve aqui para falar com ela.

Fitei-o aturdido.

— Meu pai? O que ele queria?

— O que o senhor acha? — A mulher esbravejou. — Humilhar minha filha.

O marido assentiu com a mão para que ela se calasse e com sua pacificidade falou:

— Ele ofereceu uma grande quantia em dinheiro a ela para que se separasse do senhor e desaparecesse. Disse que jamais aceitaria um neto que fosse de sua origem, que sempre o desprezaria.

— E ela aceitou?!

— Como pode pensar isso da minha filha?! — A mulher gritou.

— Desculpe, eu não quis dizer isto.

— Ela não aceitou, mas se sentiu ofendida e humilhada. — O homem continuou. — Ela não quer que o filho dela nasça rejeitado desta forma, em meio a tanta maldade. Por isso foi embora.

A raiva se misturava à dor dentro de mim. Eu faria meu pai se arrepender até por ter nascido.

— O filho não é só dela. É meu também. Não é o meu pai quem vai decidir o futuro dele. Diga-me onde ela está. Eu tenho o direito de ver meu filho nascer. — Exigi.

Eles se entreolharam novamente e tive certeza de que dificilmente voltaria a ver Fernanda, pois eles estavam decididos, não me dariam o endereço dela e procurar sem uma referência era perda de tempo, ela podia estar em qualquer parte do Brasil, eu não saberia nem por onde começar.

— Desculpe Sr. Baker, ela nos fez prometer que não falaríamos. — O velho declarou e eu não podia fazer nada a esse respeito.

— Tudo bem. Eu entendo vocês. Não se preocupem com nada. Podem continuar no apartamento, vou dar ordens para que o visto permanente de vocês seja expedido. Eu lamento por tudo.

O homem disse algo em agradecimento, mas não compreendi suas palavras, a dor me corroendo a alma, devastadoramente, o desespero me tomando, a certeza de que não voltaria a ver Fernanda me cegando, matando-me aos poucos, algo se quebrando dentro de mim.

Arrasado, deixei o apartamento, sem ver o percurso até a limusine que me esperava em frente ao prédio. Entrei e ordenei ao motorista que me levasse direto para a companhia.

Durante o percurso, telefonei para meu pai e solicitei uma reunião de emergência com ele e todos os demais acionistas. Se eles queriam um presidente à altura da companhia, eu o daria.

## CAPÍTULO XXIX

Quando adentrei o prédio que sediava a *Increase*, fui alvo de vários olhares indiscretos dos funcionários, certamente julgando a precariedade da minha aparência, mas que se fodessem todos, se me enchessem muito os demitiria sem hesitar.

No último andar, onde ficava minha sala, fui para cima de Jennifer com toda a fúria que jazia dentro de mim. Agarrei a gola do seu terninho engomado e a fuzilei diretamente nos olhos, de perto.

— Quem entrou na minha sala depois que você me entregou aquele maldito envelope e pegou as fotografias que deixei sobre a mesa?! — Indaguei, asperamente. — E nem pense em mentir pra mim, porque eu estou farto de gente ruim me rodeando.

Ela ficou pálida, os olhos azuis arregalados de pavor.

— Ninguém entrou.

— Não minta pra mim Jennifer! Alguém pegou aquelas malditas fotografias e enviou pra polícia. Arranco a sua cabeça se não me disser quem foi.

Ela engoliu em seco, os olhos tão arregalados que pareciam saltar das órbitas.

— Foi Suzan Finn. — Confessou. — Ela estava esperando para falar com o senhor, mas você passou por ela e nem a viu. Estava transtornado. Ela ficou curiosa para saber o porquê e entrou na sua sala. Eu tentei impedi-la, mas ela não me ouviu. Eu juro.

Pego completamente de surpresa, afastei minhas mãos dela, ou correria o risco de responder por um homicídio doloso também.

Eu não podia acreditar no quanto o ser humano podia ser baixo e vil. Aquela noite quando foi atrás de mim no bar, Suzan já sabia de tudo e mesmo assim me fez confessar o que se passava. Era mesmo uma vaca imunda, mas eu a faria pagar.

— Você devia ter chamado a segurança, mas não o fez. Deixou aquela vadia mexer nas minhas coisas. E se fosse um espião? — Cogitei seriamente demiti-la.

— Por favor não me despeça Sr. Baker.

Só não o fiz porque não pretendia permanecer na *Increase*. O novo presidente que se virasse com ela.

— Solicitei uma reunião com os acionistas, mas meu pai como sempre vai demorar para chegar. Avise a todos que venham apenas depois que ele estiver

aqui. Por enquanto mande Sebastian e o contador virem à minha sala.

— Sim senhor.

Sem mais, a deixei pálida em seu lugar e fui para a minha sala.

Sebastian era o quinto maior acionista da *Increase*. Não passava de um bêbado sem o mínimo talento para os negócios. Se estava onde chegou foi por pura sorte. Seria o presidente perfeito para afundar a companhia e era exatamente o que eu esperava que ele fizesse, para que meu pai aprendesse a dar valor aos anos que me dediquei ao trabalho de elevá-la a uma das maiores empresas do país.

Nas horas que se seguiram transferi todas as minhas ações para Sebastian, tornando-o acionista majoritário e conseqüentemente dono da presidência, ao mesmo tempo que cortava todos os meus vínculos com a *Increase*.

Eu viveria minha vida sem Fernanda, graças à minha covardia e à interferência do meu maldito pai, todavia, seria uma vida da qual ele estaria terminantemente excluído. Que afundasse junto com sua empresa.

Era fim de tarde quando meu pai chegou e todos nos reunimos em torno da grande mesa na sala ampla de reuniões. Eram cerca de uma dúzia de acionistas, todos atuantes, cada um em um setor específico. Ocupei o lugar que ainda era meu na cabeceira da mesa e dei a notícia de que estava abandonando a *Increase* e tinha doado minhas ações a Sebastian, o mais novo presidente, sem que nem mesmo ele compreendesse a razão.

Quando terminei de falar, uma enxurrada de vozes alarmadas preencheu o ambiente com murmúrios e lamentações, sendo a do meu primo Derek a mais alterada entre elas.

— Eu deveria ter ficado com suas ações e me tornado presidente. — Ele protestou, puto da vida. — Eu sou seu único parente entre os executivos e era o terceiro maior acionista.

— Acontece que as ações e o cargo eram meus e escolhi a pessoa que a *Increase* merece para tomar o meu lugar. — Rebatí.

— Por que isso Patrick? Eu não estou entendendo. Você sempre trabalhou para o crescimento dos nossos negócios, por isso prosperamos. Por que vai abandonar agora que as coisas estão indo tão bem? — Meu pai indagou, com a voz mansa como raramente ficava. Seu rosto estava muito pálido, os olhos refletindo a mais pura incredulidade.

Eu podia apostar que ele jamais esperou por isto.

— Tem certeza que o senhor não sabe?! — Indaguei, a raiva queimando em minhas entranhas e seus olhos se arregalaram surpresos. — Primeiro o senhor

me obrigou a me casar, e fiz como queria, com a mulher que eu escolhi; depois o senhor a humilhou sem que ela merecesse, pois é muito melhor que todos nós juntos e por fim o senhor a tirou de mim. — Minha raiva se misturava à dor, em um turbilhão que fez minha última frase sair trêmula. — O senhor quis que ela saísse da minha vida porque não queria um descendente de sua origem, pois bem, ela saiu e agora estou saindo da sua companhia e da sua vida. Vou viver do meu jeito, sem a sua interferência e estou deixando a Increase com um presidente à sua altura. Só devo lembrá-lo que o filho que Fernanda está carregando no ventre será o único neto que o senhor terá.

Meu pai ficava cada vez mais pálido e perplexo, se eu não estivesse tão furioso, poderia até me preocupar com sua saúde.

— Você está sendo muito radical Patrick, ela é só uma...

— Cuidado como fala dela! — O interrompi, bruscamente. — Ela é a pessoa mais incrível que eu já conheci, tem muito mais caráter que qualquer um nesta sala, ou neste prédio, foi a única mulher que amei de verdade e o senhor tirou isso de mim, agora estou tirando aquilo que o senhor tem de mais estima, que é a Increase, isso mesmo, eu não dou um ano para que isso tudo aqui afunde.

Só percebi o quanto o tom da minha voz estava alterado quando me calei e me deparei com uma dúzia de executivos me fitando em silencio, com perplexidade — Acho que isso é tudo. — Olhei dentro dos olhos do homem que me colocou no mundo. — Esqueça que o senhor teve um filho, porque ele acaba de morrer.

Peguei a minha valise, apenas porque havia documentos pessoais dentro dela, pois não queria levar nada daquele lugar. Com isto deixei a sala, meus passos quebrando o silêncio profundo que preenchia o ambiente.

Ao longo de quase toda a minha vida eu acreditei que a *Increase* fizesse parte de mim, mas agora que a deixava eu percebia o quanto ela era insignificante, podia inclusive arriscar dizer que me sentia mais leve, como se me livrasse de um peso que trazia nos ombros durante todos aqueles anos.

Agora eu precisava dar um outro rumo à minha vida e não fazia ideia de por onde começar, pois não planejei nada daquilo. Jamais imaginei que um dia deixaria a companhia.

Entretanto, eu não queria pensar nisso agora, estava magoado demais, ferido demais, furioso demais, para conseguir pensar em qualquer coisa lógica. Por enquanto, eu só conseguia me afogar na minha tristeza e foi o que fiz.

Nos dias que se seguiram, tornei o álcool o meu constante companheiro, como se a embriaguez fosse capaz de me adormecer para todos os sentimentos

que me atormentavam, mas ele não era. A cada dia tudo piorava. A dor da perda, a solidão, a raiva de mim mesmo, tudo estava lá, latejando dentro de mim, torturando, destruindo-me aos poucos. Por mais que eu passasse oitenta por cento do meu tempo bêbado e os outros vinte por cento dormindo, nada amenizava.

Como era esperado, Suzan passou a me perseguir nos bares onde eu costumava beber e mesmo quando migrei para outros lugares ela me encontrou, insistindo para que eu a aceitasse de volta, pelo menos por uma noite. Eu realmente gostaria de ser aquele tipo de homem que batia em mulher, para dar a ela o que merecia, por entregar aquelas fotografias à polícia, mas eu não era tão covarde e consegui convencê-la de que nada mais aconteceria entre nós apenas quando a convidei para uma volta de carro e a abandonei em uma estrada deserta, longe do perímetro urbano, durante a madrugada. Depois disso, ela fez a gentileza de não aparecer mais na minha frente.

Eu tinha perdido a noção de por quanto tempo estava bebendo sem parar, uma semana, talvez duas.

Era manhã de domingo, eu tinha chegado de uma festa regada a muito uísque durante a madrugada e adormeci no terraço, perto da piscina, de modo que o sol escaldante ofuscou-me os olhos quando a voz de Melanie me despertou.

A cidade devia estar sendo invadida por alienígenas, para ela se arriscar a me incomodar.

— Quem foi que morreu? — Perguntei irritado, com dificuldade para abrir os olhos devido à luz solar, sentindo minha cabeça latejando de dor.

— Desculpe incomodar, Sr. Baker, mas achei que gostaria de saber que a Srta. Silvia Vieira está aqui para falar com o senhor.

Demorei um segundo para processar a informação e sentei-me na espreguiçadeira estofada, tentando colocar os pensamentos em ordem.

— Pode mandar ela vir aqui. — Falei.

— Sim senhor.

Melanie afastou-se com um sorriso de satisfação muito sutil. Apesar do seu comportamento polido demais, até meio frio às vezes, Melanie era uma das poucas pessoas em quem eu confiava e tinha certeza de que se preocupava comigo, ou não teria me acordado para me avisar que a irmã da minha esposa estava aqui.

Silvia entrou no terraço e levantei-me para recebê-la. Usava jeans, camiseta, aquela bolsa em torno do torso que parecia grudada nela, já que nunca a tirava e mascava um chiclete, como sempre. Pude ver a perplexidade se estampando em

seu olhar ao detê-lo em mim, examinando-me dos pés à cabeça.

— Nossa, cara você *tá* um lixo! — Exclamou.

— É bom rever você também, Silvia. — Gesticulei para uma das espreguiçadeiras. — Quer se sentar, beber alguma coisa?

— Não quero beber nada. — Ela sentou-se, seus olhos registrando a garrafa de uísque abaixo da metade e o copo vazio logo ao meu lado, para em seguida focar o meu rosto.

— O que a traz aqui? — Perguntei, com meu coração batendo descompassado, segurando o impulso de perguntar como Fernanda estava, porque se eu a pressionasse a falar, talvez ela agiria como os pais e não falaria.

— Fernanda. — Meu coração deu um salto gigantesco.

— Como ela está?

— Mal como você. Só não está se afogando no álcool também.

— Ela ainda está no Brasil?

— Não. Ela não foi pra lá.

— Seus pais disseram que tinha ido.

— Eles mentiram, porque ela pediu. — Fez uma pausa, observando minha reação, antes de continuar. — Seu pai humilhou ela demais quando foi lá oferecer o dinheiro para ela te deixar. Não foi a primeira vez.

— Eu já cortei relações com ele por causa disso. Abandonei a companhia também.

— Isso foi muito legal da sua parte. Mas ainda não sei se é suficiente. Ela está muito magoada.

— Eu sei e dou razão a ela.

— No começo eu apoiei a decisão de ela se afastar de você, de mentir dizendo que tinha ido pro Brasil, mas não *to* suportando mais ver o sofrimento dela. Ela *tá* desolada sem você. Está morrendo as poucos e nem percebe isso. Pelo que estou vendo, você está do mesmo jeito.

— Nós nos amamos, Silvia. Eu sei que errei feio e estou arrependido. Lamento não ter tido a oportunidade de dizer isso a ela.

— Então diga e salve vocês dois.

— Eu não sei onde ela está.

— Está em Boston. Na casa de uma prima do meu pai. Eu te levo lá.

O que eu podia dizer àquela menina? Obrigado era muito pouco.

Enfim, depois de dias mergulhado no mais profundo inferno, que era viver sem Fernanda, eu via a luz no fim do túnel.

— Vamos então. — Levantei-me apressado, ansioso para ver a mulher que eu

amava e dizer-lhe tudo o que não tive a oportunidade de falar antes.

— Mas você vai assim?

— Assim como?

— Vem cá. — Ela segurou minha mão e me conduziu até diante de um espelho que havia pendurado na porta do terraço. — Dá uma olhada nessa cara. Desse jeito você vai assustar a garota e não pegá-la de volta.

Fitei o meu reflexo no espelho e quase não me reconheci. Eu estava quase desfigurado, com o rosto abatido, a barba crescida, os olhos avermelhados e inchados. Se o produtor de *The Walking Dead* me visse, provavelmente tentaria me contratar para ser figurante do seriado.

— Eu vou dar um jeito nisso. Espera lá na sala.

— Ok.

Para começar, engoli um analgésico para aquela maldita dor de cabeça. Depois, muito apressadamente, como se tivesse acabado de receber um novo sopro de vida, corri para o quarto, fiz a barba, arrumei os cabelos, vesti jeans e moletom e fui até a cozinha fazer uma boa refeição, como não fazia há dias, sentindo-me um pouco mais forte e revigorado.

— Podemos ir agora. — Falei ao reencontrar Silvia na sala, que me examinou com admiração.

— Bem melhor assim. Só mais uma coisa. — Ela tirou da sua bolsa o conjunto de colar e brincos de diamantes que Fernanda daria a Jacob em troca da sua confissão. — Eu tentei convencer Fernanda a vender isso e ficar com o dinheiro, para comprar as coisas do bebê, mas ela não quis. Então achei que devia te devolver.

Olhei para ela, admirando seu caráter.

— Quer saber, pode ficar com isso. Um presente de cunhado.

— Se Fernanda não te aceitar de volta? Aí você não vai ser mais meu cunhado.

Pela primeira vez desde que Silvia me falou a verdade, cogitei aquela possibilidade e meu coração quase parou de bater. Eu não suportaria ver Fernanda, ouvir sua voz, sentir o seu cheiro e não poder tê-la de volta meus braços. Isso seria verdadeiramente o meu fim.

— Então fica sendo presente de ex-cunhado. — Forcei um meio sorriso e a menina pulou no meu pescoço para me abraçar.

— Obrigada, Patrick. Você não existe. — Afastou-se e enfiou as joias de volta em sua bolsa. — Vou vender isso e comprar um carro. Agora vamos. São mais de três horas de viagem daqui até Boston.

Fomos no meu Dodge porque era mais veloz que a limusine. Silvia tagarelou o tempo todo durante a viagem, porém ouvi apenas a parte em que ela disse o quanto Fernanda estava sofrendo com a nossa separação, embora não admitisse isso e o quanto aquilo podia afetar o bebê. O resto do tempo eu só conseguia pensar em reencontrá-la, imaginando o que diria a ela.

Paramos para um almoço rápido em uma pequena cidade às margens da auto-estrada, antes de prosseguirmos e adentramos o perímetro urbano de Boston no meio da tarde, seguindo direto para a orla marítima de Waterfront. Silvia me conduziu até um prédio simples, localizado diante da orla, onde se encontravam ancorados vários barcos e iates.

— É aqui. Meu tio cuida de alguns desses barcos. É o trabalho dele.

O prédio era tão precário que não tinha elevador e precisamos subir a escadas até o quarto andar. Imaginei Fernanda fazendo aquele exercício diariamente, quando o médico recomendou que ficasse em repouso para que tivesse uma gravidez tranquila e meu coração apertou um pouco mais no peito.

No apartamento de dois cômodos, fomos recebidos por uma simpática mulata que tinha o sotaque português muito carregado.

— Então é esse o cara? — Ela me examinou dos pés à cabeça.

— Sim. — Silvia falou. — Patrick essa é minha tia Jussara. Tia esse é Patrick Baker.

— Meu filho ainda bem que Silvia foi esperta em ir te chamar. Nossa Fernanda não está nada bem. Ela não admite, mas sei que a cura dela é você.

— Eu a amo muito e a quero de volta. — Falei. — Onde ela está?

— Na orla, como sempre, observando o mar. Não fica muito longe daqui.

— Vem. Eu te mostro.

Silvia gesticulou para que eu a seguisse e descemos os quatro andares de escadas.

A orla ficava logo do outro lado da rua. Caminhamos alguns metros e logo a avistei, linda com uma miragem. Estava imóvel como uma estátua, observando o mar à sua frente, visivelmente triste. Usava um vestido amarelo simples e longo cuja saia balançava ao sabor do vento que esvoaçava também seus cabelos lindos. Apesar da sua simplicidade, sem os artifícios da maquiagem ou de horas no cabeleireiro, conseguia ser a mais linda e desejável entre todas as mulheres.

Fiquei estático observando-a, sem que ela me visse, com meu coração disparado no peito, o meu sangue correndo mais depressa nas veias.

Por Deus! Como eu a amava! Olhar para ela depois de todos aqueles dias longe, trazia-me ainda mais essa certeza. Eu era louco por aquela mulher.

— Bem, eu vou ali comprar um picolé. Se vira aí com ela. — Silvia afastou-se sem que eu reparasse para qual direção seguiu, meus olhos fixos em Fernanda.

## CAPÍTULO XXX

Durante todos aqueles dias sem Fernanda, eu imaginei o que diria a ela se um dia a reencontrasse. Certamente deixaria claro o quanto a amava e imploraria pelo seu perdão. Entretanto, agora que estava próximo, eu não sabia o que dizer, as palavras me faltavam, eu não conseguia pensar, mas apenas sentir. Sentia como se fogos de artifícios explodissem dentro de mim, minhas pernas tremiam, meu coração parecia tentar saltar do peito, tão aceleradas eram suas batidas.

Ainda assim caminhei para ela, com passos apressados, até que estivesse próximo o suficiente para ser visto e nossos olhos se encontraram.

Vi a surpresa se estampar na sua expressão, para em seguida a dor se refletir e então a paixão. Era evidente que ela ainda estava ressentida comigo, mas estava claro também o quanto me amava.

— Oi. — Falei, sem conseguir desviar meus olhos dos seus.

— Oi. — A voz dela saiu trêmula, carregada de emoção.

— Senti sua falta.

— Eu também senti a sua.

Busquei as palavras em minha mente, mas qualquer coisa que eu dissesse para justificar tudo o que fiz, pareceria ridículo, pois só agora eu percebia que nada justificaria a minha covardia.

— Sobre o que aconteceu... sobre o meu pai... eu sinto muito. Queria poder voltar no tempo e mudar as coisas, mas não posso então espero sinceramente que você me perdoe, porque eu te amo e meus dias têm sido um inferno sem você. — Esperei por sua resposta, mas ela permaneceu em silêncio, encarando-me com tristeza e o medo de perdê-la quase me levou ao desespero. Então, levei a minha mão ao seu rosto, acariciando a lateral da sua face, o contato tão simples desencadeando um temporal dentro de mim. — Eu te amo Fernanda, como nunca amei ninguém e quero que você venha viver comigo, como minha mulher.

Ela pousou sua mão sobre a minha fechou os olhos por um instante e quando os abriu, havia dor e mágoa na sua expressão.

— Eu também te amo, Patrick. Você sabe que amo. Mas...

— Não diga mas.

Devagar, ela puxou a minha mão do seu rosto, desfazendo o contato.

— Nós pertencemos a mundos diferentes, fomos educados de formas diferentes e sempre vai ter alguém para nos lembrar disso, não foi apenas seu

pai. Por isso nunca daria certo.

— Eu cortei relações com meu pai, deixei a *Increase* e posso deixar o meu mundo para ir fazer parte do seu se você acha que isso nos torna iguais, porque eu não acho. A única coisa que importa é que nos amamos, o mundo a nossa volta que se dane.

— Você diz isso porque quando alguém vier os lembrar das diferenças, não será você a ser humilhado.

Por Deus! Eu a estava perdendo!

— O que você quer que eu faça? Que arranje um emprego de balconista em alguma loja de ferragens? Eu arranjo; quer que me mude para um bairro pobre e more em um apartamento de dois cômodos? Eu me mudo, desde que não seja pro Bronx. Se você acha que as diferenças nos separa, eu acabo com elas. Só não me peça para ficar sem você, porque isso eu não posso.

Ela meneou a cabeça negativamente, refletiu por um instante, como se buscasse as palavras.

— Não é só isso. Muita coisa aconteceu. Se ponha no meu lugar. Eu te amo mais que tudo nessa vida, mas não posso mais viver com você.

Senti como se alguém enterrasse um punhal em meu peito e o girasse lá dentro.

— Se é por causa da forma covarde como agi, eu reconheço o meu erro. Vamos esquecer isso tudo, apagar o passado e recomeçar do zero.

— Não é tão simples assim.

— Porra, Fernanda! O que mais você quer que eu faça? Que me ajoelhe? — Ajoelhei-me diante dos olhos perplexos dela. — Eu me ajoelho e assim te peço que me perdoe por tudo o que fiz e pela forma como meu pai te tratou. Me perdoa por ter deixado você ir atrás daquele bandido, por ter duvidado da sua palavra, por te ignorar quando sabia que você não merecia. Perdoe-me por tudo e me dê a chance de mostrar o quanto podemos ser felizes juntos, com o nosso filho e muitos outros que virão.

Por fim consegui perfurar a barreira de ressentimento que ela ergueu entre nós e vi as lágrimas banhando seu rosto lindo.

— Levante-se Patrick. — Pediu.

— Não até você me perdoar.

Então, ela se ajoelhou também, diante de mim, nivelando seu rosto com ao meu, ainda em prantos.

— Eu te perdoou, em nome do nosso amor.

Emocionado, com meu coração explodindo no peito, eu finalmente pude

tomar seu corpo trêmulo entre meus braços e buscar sua boca com a minha, colocando toda a minha saudade, toda a minha paixão, todo o júbilo de tê-la de novo naquele beijo, até que ela estivesse sem fôlego e parei para deixá-la respirar.

— Eu te amo Fernanda.

— Eu também te amo Patrick.

— Aproveitando que já estou ajoelhado, quero pedir sua mão em casamento, de verdade dessa vez, sem um contrato no meio, com uma cerimônia, um vestido branco e uma igreja. Você aceita ser minha esposa?

Ela sorriu em meio às lágrimas.

— Sim, eu aceito.

A beije novamente, com toda a minha paixão, minha língua explorando sua boca gostosa, meu organismo reagindo violentamente ao seu sabor incomparável.

— Sem querer cortar o barato de vocês, mas acho bom vocês se levantarem do chão, porque todo mundo *tá* olhando. — A voz de Silvia partiu de perto e interrompemos o beijo para sorrirmos, nossos olhos presos nos do outro.

Nos colocamos em pé e sequei suas lágrimas com a ponta dos meus dedos, minha outra mão segurando a sua.

— Foi você que disse a ele onde eu estava? — Fernanda perguntou, olhando para a irmã.

— Digamos que sim. Eu não *tava* mais agüentando te ver naquela depressão. Fiz mal?

— Não, pelo contrário. — Fernanda a abraçou. — Obrigada minha irmã.

— Irmãs são pra essas coisas. Suponho que você vai voltar com ele para Nova Iorque.

— Sim, ela vai. — Respondi no seu lugar.

— Você vem conosco? — Fernanda quis saber.

Silvia alternou seu olhar de mim para ela, dela para mim, antes de declarar:

— Não. Marquei de sair com uma galera. Volto de ônibus amanhã.

— Preciso pegar minhas coisas.

— Nem a pau você sobre aquelas escadas com meu filho aí dentro. — Protestei. — Fica me esperando no carro que eu pego tudo o que você precisar.

— Eu mostro a ele onde está. — Silvia completou.

— Eu preciso me despedir dos meus tios.

— Eles descem pra falar com você.

— Está bem, Sr. Meu marido pouco democrático.

— Ainda bem que você já sabe disso.

— Só toma cuidado pra não jogar minhas coisas fora desta vez.

— Vou tentar levar seu pedido em consideração.

Enquanto Fernanda me esperava acomodada do Dodge, Silvia e eu fomos buscar suas coisas no pequeno apartamento. Poucas peças de roupas, documentos e objetos pessoais. Ao descermos, sua tia foi despedir-se dela e partimos de volta para Nova Iorque, mergulhados na mais profunda paz e tranquilidade, como há dias eu não sentia. Porque finalmente o inferno de viver sem a mulher que eu amava tinha chegado ao fim. Daquele momento em diante eu dedicaria cada dia da minha vida a fazê-la feliz como ela merecia.

Era início de noite quando chegamos ao apartamento e me surpreendi ao ver o tamanho do sorriso com que Melanie recebeu Fernanda, como se finalmente reconhecesse o bem que aquela mulher me fazia.

— Melanie, mande que Helena prepare um jantar bem gostoso para nós dois.  
— Ordenei.

— O senhor a despediu Sr. Baker. — Melanie disse.

Eu não me lembrava daquilo, devia estar muito bêbado. Consertaria as coisas readmitindo-a.

— Então mande a outra cozinheira.

— O senhor a demitiu também. — Nossa! O que mais eu fiz de tão absurdo enquanto estava bêbado? — O senhor me demitiu também, mas eu soube compreender o momento de embriaguez e estou aqui. — Melanie declarou, como se lesse meus pensamentos. — Pode deixar que eu mesma preparo algo para o jantar.

— Obrigado Melanie.

— Por nada, senhor. — Ela foi para a cozinha, com a sua postura altiva.

— Nossa! Você andou bebendo muito. — Fernanda falou.

Segurei sua mão e a conduzi para nosso quarto, carregando sua mala com a outra.

— Acho que fiz muita besteira sem me dar conta.

— Entre essas besteiras, rolou muito... sexo?

No quarto, abandonei a mala no chão e fechei a porta.

— Do jeito que eu estava, meu pau não levantaria nem se a Gisele Bundchen ficasse nua para mim.

— Como você sabe? Por acaso tentou?

Fui até ela e a abracei pela cintura, apertando seu corpo gostoso contra o meu, seu calor despertando o desejo há muito adormecido dentro de mim.

— Com ciúmes Sra. Baker?

Ela abriu a boca para puxar o ar, suas pupilas dilatando, seu rosto corando, deixando evidente que também estava excitada.

— Ciúmes não, apenas curiosidade.

— Se a curiosidade concerne em saber se estive com outra mulher durante esses dias, saiba que não, nem cheguei perto disto, mas em compensação agora estou faminto por uma xoxota bem molhadinha.

Ela contornou meu pescoço com seus braços e esfregou seu corpo no meu, lascivamente, meu pau passando de meio ereto para completamente duro.

— Acho que podemos dar um jeito nisso.

Abandonando sua postura de garota virtuosa, para assumir seu jeitinho irresistível de putinha safada, umedeceu os lábios, provocantemente e não resisti, os tomei com toda a minha fome, enterrando minha língua na sua boca, exigindo que ela a chupasse e ela o fez mamando como uma bezerrinha faminta.

Putá merda! Como senti falta disto! Nunca mais a deixaria partir.

Tarado, percorri minhas mãos pelo seu corpo, acariciando suas curvas bem feitas, para em seguida deslizar as alças do seu vestido pelos ombros, para baixo, até desnudar seus seios desprovidos de sutiã e fiquei ainda mais doido de tesão ao me deparar com seus mamilos duros, empinados, por causa da sua excitação.

Dominado pela luxúria, coloquei um deles entre meu indicador e meu polegar, apertando e massageando, enquanto enfiava a outra mão sob a saia do seu vestido para apertar sua bunda gostosa.

Suas mãos delicadas e pequenas se infiltraram sob minha camiseta, buscando os músculos do meu peito e movi minha língua com lascívia dentro da boca dela, metendo e tirando, como pretendia fazer quando meu pau estivesse comendo sua bocetinha e ela sabia disso, pois reagiu de imediato, soltando um gemido abafado pelos meus lábios.

— Ah... gostosa... como senti falta disto... — Sussurrei, deslizando minha boca pela pele delicada do seu pescoço, fazendo o percurso até um dos seus peitos e o coloquei na boca, chupando duro, com a força do tesão que jazia dentro de mim.

— Ah, meu amor... eu também senti muita falta...

Ela lançou a cabeça para trás, empinando mais os peitos para mim, oferecendo-os, ao mesmo tempo que abraçava meus quadris com uma perna, esfregando seu sexo no meu, por sob a barreira das roupas, me deixando ainda mais doido, quase a ponto de gozar dentro da calça. Mas isto não seria suficiente, eu queria tudo dela, queria saboreá-la inteira e depois me enterrar em

seu corpo até que a ouvisse gemendo de prazer.

Então, a conduzi para a superfície mais próxima: a escrivaninha. A fiz virar-se de costas e inclinar o torso sobre o móvel, com os pés apoiados no chão e a bunda empinada. Agachei-me atrás dela, subi a saia do seu vestido até a cintura e devagar tirei sua calcinha pelos pés, fazendo-a abrir mais as pernas para contemplar seu sexo gostoso, o clitóris rosado, inchado, se destacando entre os lábios carnudos, cobertos por pelos ralos e macios. Era a visão mais gloriosa que um homem podia ter.

Aproximei o meu rosto e aspirei o cheiro delicioso da sua excitação, antes de cair de boca naquela maravilha, lambendo seu clitóris com a ponta da minha língua, acabando-me de tesão com seu sabor incomparável de fêmea no cio e com seus gemidos de súplica.

Eu sentia seu ponto mais sensível enrijecendo cada vez mais sob os movimentos frenéticos da minha língua, até que o coloquei entre meus lábios e suguei devagar, seu corpo inteiro vibrando, a aproximando do êxtase. Mas eu não queria que ela gozasse agora, ainda não foi o suficiente para mim, eu precisava saboreá-la um pouco mais, fartar-me com o gosto da sua excitação, como se ele fosse minha maior necessidade. Assim, deslizei minha língua pelo seu sexo, infiltrando-a na sua vagina pequena, estreita, muito lubrificada e muito apertada, extasiado com o sabor. Depois, passei para seu ânus rosado e o lambi com ganância, imaginando meu pau todo enterrado ali dentro.

Fernanda gemia cada vez mais alto, seu corpo implorando pelo alívio que decidi lhe dar quando levei minha boca de volta para seu clitóris e o suguei, ao mesmo tempo que introduzia dois dedos na sua vagina. Foi assim que ela explodiu, gozando na minha boca, se contorcendo toda, gemendo alto, convulsionando, deixando-me à beira da loucura.

Bebi seu líquido delicioso e fui ao auge da minha excitação. Sem mais condições de esperar, apenas abaixei meu jeans e a cueca até os joelhos e me enterrei nela, inteiro, por trás, sua vagina pequena engolindo meu pau, latejando quente e molhada em volta dele.

Ah! Porra! Aquilo era gostoso demais, não havia nada que pudesse se comparar a estar todo dentro da mulher que eu amava, da minha mulher, somente minha.

Louco de tesão, retirei-me do seu canal e entrei novamente, com um golpe duro, indo muito fundo e ela me compensou com um gritinho de prazer. Descontrolado, enchi minha mão com seus cabelos castanhos, puxando-o para trás e pendurei uma de suas pernas na escrivaninha, com o joelho dobrado, para

que se abrisse mais para mim. Assim, puxei e meti novamente, com força, empurrando tudo lá dentro, deleitando-me de prazer.

Enterrado nela até a raiz, parei e girei meus quadris, meu pau rodando dentro dela, empurrando as paredes da sua vagina e ela gemeu dengosa, tarada, chamando meu nome.

— Ah... Patrick... Patrick... Patrick...

Eu não conseguia mais parar. Segurei um lado do seu quadril para mobilizá-la e acelerei os movimentos de vai e vem, entrando e saindo dela, com força, com fome, apaixonado, doido de prazer. Até que o êxtase se aproximou e eu parei, pois queria gozar olhando nos olhos dela.

Então, retirei-me do seu interior, aproveitei para me livrar rapidamente das minhas roupas, enquanto ela se libertava do vestido enroscado na cintura, para depois segurá-la em meus braços e a carregá-la para a cama, estendendo-a sobre o colchão, me acomodando sobre ela, seu corpo receptivo, suas pernas se abrindo para mim.

— Eu te amo Fernanda. — A frase saiu espontaneamente, sem que eu conseguisse desviar meus olhos dos seus.

— Eu também te amo.

Tomei-lhe os lábios, com toda a minha fome, ao mesmo tempo que entrava nela novamente, com força, arremetendo-me contra seu corpo com golpes violentos, rápidos, incessantes, seus gritos abafados pela minha boca, suas pernas abraçando meus quadris, para me receber mais fundo, mais gostoso.

Logo senti todo o seu corpo se retesar sob o meu, anunciando a chegada do clímax e erguei a cabeça para contemplar sua face, quando vi as lágrimas brotando dos seus olhos, o prazer e o júbilo mais perfeito refletidos na sua expressão e não consegui mais me segurar. Quando ela explodiu no gozo, levou-me junto e me esvaí dentro dela, gozando gostoso enquanto a observava se acabar sob mim, nossos corpos ondulando juntos, seus gemidos ecoando pelo quarto, seu sexo pulsando em torno do meu, tornando tudo ainda mais intenso, inesquecível. Até que ficamos imóveis e tudo se tornou silêncio e calma, apenas o som da nossa respiração muito pesada enchendo o quarto.

Como se fosse incapaz de sair daquela hipnose, voltei a beijá-la na boca, roubando-lhe o fôlego, recusando-me a me retirar de dentro dela. Mas eu precisava dar-lhe descanso, pois ela estava grávida e eu não sabia quais eram os limites, assim, me retirei com relutância e escorreguei para o lado, puxando-a para mim, acomodando-a em meu peito, onde ela plantou uma trilha de beijos suaves.

— É tão bom estar aqui com você. — Sua voz doce quebrou o silêncio, depois de um longo momento.

— E assim ficaremos para o resto de nossas vidas. — Relaxado e tranquilo, como há muito não me sentia, acariciei seus cabelos com a ponta dos meus dedos. — Você tem ido ao médico ver como está nosso bebê?

— Sim. Ele está bem. É muito pequeno ainda, mas já dá pra ouvir o coraçãozinho.

— Poxa... e eu perdi isso.

— Você terá sua chance. Todo mês preciso de uma consulta médica.

— Por que? Há algo errado?

— Não. Isso se chama pré-natal, acompanhamento de rotina.

— Quero ir em todas essas consultas e de todos os nossos outros filhos.

— Outros?

— Sim. Quero ter meia dúzia de filhos com você.

— E como vamos sustentá-los se você está desempregado? Não que eu não possa arranjar um emprego, mas...

— Nada disso. Mulher minha não trabalha. — Escolhi as palavras antes de continuar. — Bem, se você não fizer questão de que eu arranje aquele emprego de balconista como te prometi que faria, posso usar a herança da minha mãe para abrir uma empresa só minha. Tenho certeza que os sócios da Increase virão atrás de mim rastejando.

— Eu não sabia que você tinha uma herança.

— Não é muita coisa, mas dá pra começar.

— Eu não me importo. Até acho melhor que você faça aquilo que gosta.

— Ótimo. Assim podemos sustentar nossa meia dúzia de filhos. Mas eu não quero pensar em trabalho agora. Quero apenas ficar aqui curtindo a minha mulher. — Lembrei-me que estava quase na hora do jantar.

— Você está com fome? — Perguntei.

— Sim.

— Então vamos jantar. — Tentei me levantar, mas ela pulou em cima de mim, montando-me.

— Minha fome não é de comida.

Esfregou seu sexo quente e úmido no meu pau, deixando-o duro como uma pedra.

— Esse excesso não vai prejudicar o bebe?

— Não. Acho que ele também vai gostar disso.

— Nesse caso.



## CAPÍTULO XXXI

Eu simplesmente não consegui me conter ao ver Patrick espalhado sobre a cama, completamente nu, com seu corpo glorioso à mostra e pulei em cima dele, excitada demais, tomada pela luxúria.

Depois de todos aqueles dias sem ele, mergulhada no mais profundo abismo da solidão, em meio ao inferno da dor, eu encontrava a felicidade no simples ato de perdoá-lo e na certeza de que dali em diante nada nem ninguém nos separaria. Ele era meu e eu era sua, para o resto de nossas vidas.

Sentindo-me ousada, tomei o comando sobre nossos atos e continuei esfregando meu sexo no dele, enquanto buscava sua boca com a minha e pressionava meus seios no seu peito musculoso, excitando-me mais, excitando-o também.

Deixando meus instintos me guiarem, escorreguei minha boca para seu pescoço, depois para o seu tórax, mordiscando e lambendo seus músculos duros. Contornei seu mamilo pequeno com a ponta da minha língua e continuei descendo, ouvindo-o sibilar, seus dedos se enterrando nos meus cabelos.

Seu pau estava deliciosamente duro, ainda lambuzado pelo nosso gozo e foi com uma fome visceral que o coloquei na boca, lambendo a glândula antes de enterrá-lo até a raiz, levando-o à minha garganta, trazendo de volta, passando em língua em torno, no saco, sugando devagar.

— Assim bezerrinha, chupa o pau do seu macho, porque já estou viciado nessa sua boquinha.

Era impressionante como aquilo me excitava, fazia me sentir meio devassa, meio puta, mas a sensação era boa, libertadora e me tornava mais íntima do homem que eu amava, como se fôssemos cúmplices de algo ao mesmo tempo pecaminoso e indescritivelmente bom.

— Vira esse rabinho gostoso pra cá, deixe-me te chupar.

Ele não precisou pedir duas vezes, eu adorava sua boca em mim e me virei, montando seu rosto, uma perna de cada lado, minha intimidade arreganhada diante da sua face.

Patrick colocou dois travesseiros sob sua cabeça para ficar mais alto e me lambeu ali atrás, no ânus, tão gostoso que uma violenta corrente de tesão me percorreu inteira, como uma descarga elétrica de mil volts.

— Ahhh — Gemi alto.

Enlouquecida, eu chupava seu pau com gana, levando-o cada vez mais fundo em minha garganta, deliciando-me com seu líquido salgado, enquanto sua língua maravilhosa passeava em mim, hora na vagina, hora no clitóris, hora no meu ânus, me lambuzando inteira, excitando-me loucamente, levando-me muito perto do orgasmo.

— Vem cá gostosa, deixe-me comer esse cuzinho gostoso... — Suas palavras foram proferidas com um tom de autoridade e meu corpo reagiu de imediato, ondulando em expectativa, enquanto suas mãos fortes me viravam para trocarmos de posição.

Patrick me fez ficar de quatro na cama, com o torso inclinado sobre o colchão e a bunda empinada. Posicionou-se atrás de mim e voltou a me agradecer com sua boca gostosa, ali atrás, abrindo passagem no meu canal mais estreito, enviando ondas de prazer que me percorriam inteira, tão intensas que eu precisava morder o lábio para conter os gemidos. Depois, ergueu-se e esfregou seu pau em mim, levando-o da entrada da minha vagina até o ânus, espalhando minha lubrificação até que eu estivesse muito melada.

Posicionou seu pau na minha entrada mais estreita e fez uma leve pressão, meu corpo suplicando por senti-lo inteiro.

— Quer que eu te coma aqui atrás, Fernanda?

— Ah... sim... — Sibilei excitada.

— Você é mesmo uma putinha muito gostosa.

Com um golpe duro e certo ele entrou em mim, seu tamanho me rasgando ao meio, dor e prazer se misturando dentro de mim, um grito agudo me escapando. Puxou os quadris e veio novamente, com toda força, indo muito fundo, tudo em mim implorando por mais.

— Ah! Porra! — O palavrão me escapou.

— Quer mais?

— Ah...sim...

— Então toma.

Ele segurou meus cabelos atrás da minha cabeça e me fez virar o rosto para o lado, enquanto agarrava meu quadril com a outra mão e me fodia com muita pressão, partindo-me em duas com seu pau enorme, abrindo-me inteira, dando-me tanto prazer que eu acabaria ficando viciada naquilo.

Sem sair de dentro de mim, moveu-se com muita agilidade para trocar novamente de posição, deitando-se, colocando-me sobre ele, de costas para o seu rosto, uma perna de cada lado do seus quadris.

— Agora rebola no meu pau, putinha... ahhh

Ele segurou minhas nádegas, abrindo-as para observar o movimento de vai e vem, enquanto eu apoiava as mãos em seus joelhos para ganhar equilíbrio e me mover cada vez mais depressa sobre ele, subindo e descendo, rebolando no seu pau. Naquela posição, seu saco massageava meu clitóris e isso quase me levou à loucura.

Eu estava ensandecida de tanto prazer, movendo-me freneticamente sobre meu marido, a ponto de explodir em gozo, quando ele mudou novamente as posições, sem sair de mim. Desta vez deitou-nos de lado na cama, ficando atrás de mim, seu peito forte grudado nas minhas costas, sua boca tocando minha orelha, proferindo um punhado de palavras no meu ouvido. Com uma mão, ele suspendeu minha perna no ar e com a outra foi massagear meu clitóris, enquanto estocava com força dentro de mim, entrando e saindo, muito forte e duro.

Putá merda! Como algo que já era bom, podia ficar melhor a cada minuto?

Comecei a me mover junto com ele, buscando-o ainda mais e logo meu corpo exigiu a libertação, se contraindo inteiro, quando então Patrick enterrou dois dedos na minha vagina, sem deixar de meter lá atrás. Foi assim que explodi em um orgasmo que parecia me partir em mil pedaços, ao mesmo tempo em que seus espasmos se faziam no meu interior, seu sêmen quente me enchendo, nossos corpos ondulando em sincronia, até que ficamos imóveis e languidos na cama.

Ainda dentro de mim, ele me abraçou apertado com os braços e as pernas, por trás, e ficamos ali imóveis, a paz e a calma encontrada apenas nesses momentos nos envolvendo, como uma redoma se formando à nossa volta.

— Acho que devíamos ir jantar. — Ele falou, depois do longo silêncio, sua boca tocando minha orelha.

— Por mim eu dormia sem comer mesmo. Estou acabada. — Falei, preguiçosamente.

— Mas o Jr. não pode dormir sem comer.

— E quem é falou que vai ser um menino?

— Eu sei que vai. Mas se for menina vou amar do mesmo jeito, principalmente se for parecida com a mãe.

Não pude evitar o riso de pura felicidade e satisfação.

Ali, em seus braços, eu concluí que a vida não poderia ficar mais perfeita.

Com muita relutância, deixamos a cama, tomamos um banho rápido e fomos para a sala de jantar, onde a comida já estava servida, na mesa organizada com todo o capricho. Com um arranjo de flores e velas perfumadas.

— Acho que você conseguiu conquistar a velha Melanie. — Patrick falou ao

observar a mesa.

— Ainda bem. Porque antes ela não ia muito com a minha cara.

— Ela não sabia a importância que você tem na minha vida.

A comida era simples, mas estava tão gostosa que acabei exagerando um pouco e quando não cabia mais nada no meu estomago, o cansaço finalmente me venceu, tão devastadoramente, que Patrick precisou me carregar quase adormecida para o quarto.

Eu e Patrick passamos uma semana sem deixar o apartamento para nada, apenas nos entregando um ao outro com todo o amor que jazia em nossos corações, como se só agora nos permitíssemos ter nossa lua de mel.

Mas a vida continuava lá fora e precisávamos retomá-la.

Como planejara, ele usou a herança de sua mãe para fundar a *Baker Company* e em alguns dias os sócios da Increase estavam abandonado o pai para fecharem negócio com ele, de modo que em questão de dias a prosperidade chegou.

Como eu não queria passar minha gravidez estudando, mais uma vez adiei minha matrícula na faculdade e para evitar a ociosidade, decidi dedicar o meu tempo a organizar minha cerimônia de casamento, desta vez em uma igreja, como deveria ser e antes que minha barriga não coubesse dentro um vestido de noiva.

Eu queria que a cerimônia fosse simples e angelical, em uma capela pequena, mas Silvia decidiu me ajudar com tudo e quando me dei conta havia uma lista de convidados gigantesca, uma banda contratada para tocar na festa que seria realizada no salão de um grande hotel e um bufê especializado em festas de casamento. Com tudo isto, eu sequer pude usar o vestido simples que tinha escolhido, precisei trocá-lo por um modelo mais sofisticado.

Era nisso que dava pedir a ajuda da minha irmã.

A cerimônia aconteceu na St. Paul's Chapel, que ganhou uma decoração angelical e romântica para a ocasião, com laços de cetim, flores brancas e tapete vermelho, tudo caro demais para o bolso de Silvia, o que me levou a crer que Patrick estava sendo cúmplice dela naquilo tudo.

Entre os convidados estavam alguns amigos antigos do colégio, alguns sócios da nova empresa no meu marido, meu pai, os amigos de Silvia e por mais inacreditável que pudesse parecer, o pai de Patrick estava encolhido no ultimo assento, sem que eu soubesse se tinha sido convidado pelo filho. Perguntaria isso a ele mais tarde.

Era tarde domingo, com a chegada do outono o clima estava frio e chuvoso, mas nem isso obstruiu o encanto do momento, um dos mais belos da minha vida,

que eu guardaria para sempre na minha memória.

Após a troca de alianças, as juras de fidelidade eterna, os cumprimentos dos convidados e tudo mais, fomos para a festa no Dream Downtown Hotel, onde havia uma suíte reservada para que me trocasse e assim o fiz, substituindo o vestido branco por um modelito de seda rosa bebê, longo e meio folgado para disfarçar a barriga que começava a ficar protuberante.

O salão onde acontecia a festa estava muito bem decorado, com flores, mais laços de cetim e muitos garçons circulando com bandejas, todavia, ao descer da suíte, fui direto atacar o bufê, exagerando na comida como vinha fazendo durante aquelas doze semanas de gravidez.

Estava devorando o delicioso risole de camarão quando novamente avistei o pai de Patrick, encolhido a um canto, com uma taça de champanhe na mão, ao lado da jovem e elegante esposa. Perguntei-me se ele estaria encolhido por medo de que eu o humilhasse na minha festa, como ele fez comigo na sua. Definitivamente, ele não me conhecia.

Meu marido driblou alguns dos convidados que o monopolizavam e veio me dar sua atenção.

— A comida está boa? — Ele quis saber.

— Você sabe que ultimamente qualquer comida pra mim está uma delícia.

— Tenho medo de pensar onde esse corpinho vai parar com tanto abastecimento. Não que eu esteja reclamando, você ficaria gostosa mesmo usando quarenta e seis.

— Se eu não engordei até agora, é porque não vou engordar mais, foi minha mãe quem disse. — Gesticulei para o pai dele, que nos observava disfarçadamente. — Você o convidou?

— Não. Nem sei o que ele veio fazer aqui. — Ele ingeriu um gole do seu champanhe, visivelmente consternando. — Estou esperando você expulsá-lo. No seu lugar eu já teria feito isso.

Cogitei a possibilidade e ela não me pareceu atraente. Definitivamente eu não era uma pessoa vingativa.

— Ele foi falar com você?

— Tentou, mas eu deixei claro que não quero assunto.

De súbito comecei a me sentir culpada pela sua desunião com o pai. Apesar de aquele homem ser um verme desprezível, era o pai de Patrick e doía vê-lo o odiando daquela maneira, ainda mais sabendo que eu era a causa.

— O tempo passou. Talvez esteja na hora de vocês dois se perdoarem.

Patrick fitou-me com surpresa.

— Se ele tem que pedir o perdão de alguém aqui, esse alguém é você.

Senti meu corpo estremecer brevemente ao lembrar-me das duas ocasiões em que aquele velho me humilhou, primeiro na festa que deu em sua casa, depois quando foi me oferecer dinheiro para que eu me afastasse de Patrick, em ambas deixando claro o quanto me julgava inferior e o quanto julgaria meu filho.

Perdoar era muito fácil na teoria, porque na prática não era.

Falando no maldito, ele veio até nós, hesitante, fazendo cara de coitadinho.

Olhei para sua face de perto e tudo voltou-me à mente. Tentei evitar que a raiva tomasse conta de mim, mas eu era humana.

— Fernanda, posso falar com você? — Ele perguntou, parecendo outra pessoa, sem aquela arrogância que eu conheci.

— Deixa ela em paz! — Patrick esbravejou, se colocando entre mim e ele. — Se tiver o mínimo de dignidade vá embora daqui. Porque nem convidado o senhor foi.

— Deixa ele falar, Patrick. — Intervim e meu marido saiu do caminho. — Fala.

— Eu quero te pedir desculpas pela forma como te tratei, por ameaçar não reconhecer o meu neto, por te julgar inferior a mim e espero que você possa me perdoar.

Olhei nos seus olhos enrugados e a raiva pipocou dentro de mim. Eu sabia que ele estava ali sendo falso apenas porque Patrick deixara a Increase e sem ele aquilo afundaria como um barco furado. Aquele velho maldito não estava arrependido de verdade, queria apenas o filho de volta.

Entretanto, eu não podia ficar entre eles dois, eu amava Patrick demais para permitir que ele continuasse de relações cortadas com o pai, pois por mais que este o tivesse desprezado durante toda a sua vida, era seu pai, tinha seu sangue e esse laço era importante demais para ser ignorado.

Então, sufoquei minha ira e declarei:

— Por mim o senhor pode se considerar perdoado. Sem problemas.

Vi a surpresa se estampar em seus olhos. Eu podia apostar que por isso ele não esperava.

— Mas por mim não está. — Patrick interveio de novo. — O senhor só está aqui porque a Increase está afundando e levando o senhor junto. Mas ponha na sua cabeça de uma vez por todas: nada do que o senhor fizer vai me convencer a voltar. Nada! Então fique longe da minha mulher e do meu filho.

Sem mais, abraçou-me pela cintura e nos afastou do casal, nos inserindo entre os animados convidados que se divertiam ao som da banda de rock que Silvia

escolheu.

— Você não está sendo duro demais com ele não? — Perguntei, preocupada com seu bem estar.

— Você não diria isso se conhecesse a cobra com quem estamos lidando. Ele não está arrependido de nada, só veio aqui pra tentar me levar de volta pra sua empresa.

— Mas...

— Vamos esquecer esse assunto. — A música agitada cessou, para que a banda desse início a uma melodia romântica. — Aproveitar nossa festa. — Puxou-me para o centro do salão e me tomou em seus braços para a dança, todos à nossa volta nos aplaudindo, enquanto minha face queimava de vergonha. — Não fique constrangida por estar feliz.

— Eu não sei se mereço tanta felicidade. — Confessei.

— Merece muito mais.

— Obrigada por entrar na minha vida.

— Se alguém aqui precisa agradecer, esse alguém sou eu, pois você me mostrou que o amor verdadeiro existe, quando eu não acreditava e me ensinou que só se pode ser feliz com ele.

— Eu te amo tanto, Patrick.

— Eu também te amo e amarei sempre.

Ao som da melodia romântica, nossas bocas se uniram em um beijo suave e apaixonado, quando houve outra enxurrada de palmas dos convidados e desta vez não meu organismo não teve espaço para o constrangimento, pois estava transbordando de paixão, amor e do mais perfeito júbilo.

## EPÍLOGO

Cinco anos depois.

Espichada na espreguiçadeira às margens da piscina, sob os raios fracos do sol daquela manhã de domingo, ao lado de Silvia, eu não conseguia parar de olhar para ele, admirando seu charme irresistível, naquela bermuda de moletom que deixava suas pernas à mostra e camiseta de algodão, com os cabelos desalinhados pelo vento, o rosto sonolento por termos passado a maior parte da noite fazendo amor.

Estava preparando o churrasco junto com Peter, seu sócio na *Baker Company* e noivo da minha irmã, com quem conversava animadamente, alheio ao meu olhar de cobiça, enquanto nossos filhos Joshua de cinco anos e Trinity de três, corriam em volta deles, atrás do avô com metralhadoras de água.

— Fernanda, você está me ouvindo? — A voz de Silvia me trouxe de volta à realidade, como se me tirasse de uma espécie de hipnose.

— O quê?

— Caraca desse jeito você vai secar o cara. Não tira o olho. Tem até uma babinha escorrendo da boca.

— Cadê? — Passei mão na boca, alarmada.

— É brincadeira. Mas a parte de secar o cara não é. Você parece uma obcecada.

— É porque o amo demais.

— Eu também amo Peter e nem por isso fico hipnotizada toda vez que olho pra ele.

— A primeira vez de vocês já aconteceu?

— Não. Só depois do casamento.

— Então é por isso.

Silvia fez uma cara de assustada que me arrancou uma gargalhada.

— Depois da primeira vez a gente vira um zumbi?

— É brincadeira sua boba. Relaxa. Mas do que você estava falando mesmo?

— Ah, sim, eu e Peter estávamos pensando em pedir a vocês que nos deixem fazer nossa festa de casamento aqui. Esse lugar é perfeito.

Era mesmo. O jardim onde estávamos tinha espaço para dezenas de

convidados, que se deslumbrariam com a beleza das árvores centenárias, uma verdadeira relíquia em plena Nova Iorque, bem diferente do apartamento onde vivíamos em West Village, o qual, com a chegada de Joshua, nosso primeiro filho, eu e Patrick decidimos vender para comprar a casa onde estávamos morando, em Old Westbury, a quarenta minutos do seu trabalho em Manhattan. Era uma mansão de dois andares, com um jardim enorme na frente, fonte e um gazebo às margens de um lago de águas escuras, onde gostávamos de namorar depois que as crianças dormiam.

Eu demorei a me acostumar com o silêncio e a calma do lugar, mas com o passar do tempo acabou se tornando nosso mais perfeito ninho de amor.

Ali éramos plenamente felizes. Diferente de como acontecia na cidade, Patrick vinha almoçar em casa todos os dias, com tranquilidade, sem pressa, já que seu trabalho exigia muito menos de si agora.

Com a falência da *Increase*, há dois anos, a esposa do seu pai o deixou sozinho, doente e passando necessidades. Quando vi a situação lastimável em que se encontrava, durante uma ocasião em que, casualmente, o encontrei na *Baker Company*, pedindo dinheiro ao filho, me compadeci da sua situação e pedi a Patrick que o trouxesse para morar conosco, afinal tínhamos uma casa tão grande, com uma dúzia de quartos, três empregadas, para apenas nós quatro.

Não foi fácil convencer meu marido, mas por fim consegui e há um ano e meio meu sogro morava conosco. No início achei que meus filhos seriam desprezados por ele, mas aconteceu exatamente o oposto, o velho se apaixonou pelos netos e desta vez não estava fingindo, eu podia ver o amor refletido em seus olhos cada vez que chegava perto das crianças, que também se apegaram depressa com o avô.

Eu arriscava dizer que finalmente o velho se dava conta de que o amor estava acima do dinheiro.

Ainda havia tensão na sua convivência com Patrick, que se recusava a baixar a guarda com facilidade, mas já tinha melhorado bastante e eu acreditava que com o tempo os dois se tornariam grandes amigos.

Por mais incrível que pudesse parecer, o amor que o meu sogro dava aos meus filhos, me parecia tão verdadeiro e puro eu me senti finalmente confiante em deixá-los para ir me matricular na faculdade e há seis meses estava cursando direito, não que eu pretendesse atuar, mas queria o diploma.

— Temos que pedir a Patrick, mas tenho certeza que ele vai concordar. — Falei em resposta à Silvia, meus olhos buscando as pernas peludas do meu marido, expostas pela bermuda de moletom, o calor da lasciva me percorrendo.

— Aliás acho melhor eu falar logo enquanto estou me lembrando. Dá uma olhadinha nos meninos?

Silvia me encarou desconfiada.

— *Ta.*

Corri para o meu marido, segurei-lhe a mão e o puxei para dentro da casa, levando-o para a lavanderia, o esconderijo mais próximo.

— O que houve Fernanda, algum problema?

— Sim. Essa bermudinha está deixando meus hormônios em ebulição.

Ele fitou-me incrédulo.

— Caramba, você me trouxe aqui pra isso? Peter vai deixar a carne queimar.

— Enfiei minha mão na sua bermuda e segurei seu pau entre meus dedos, sentindo-o endurecer de imediato. — Caralho! Foda-se a carne. Vem cá gostosa.

Agarrou-me pela cintura, apertando-me forte contra seu corpo, ao mesmo tempo que atacava minha boca de forma animalesca e selvagem, enlouquecendo-me de tesão.

Ali, me fez sua mais uma vez, em pé, apoiados na parede, me proporcionando aquele prazer insaciável, sem o qual eu já me considerava incapaz de viver. E, perdida em seus braços, eu o amei um pouco mais, como acontecia toda vez que me tocava daquele jeito.

**FIM**

Contato: [evelyn\\_soares.silva@hotmail.com](mailto:evelyn_soares.silva@hotmail.com)

Outras obras na Amazon: “De Repente, o Amor” e “Klaus: prenda-o, se for capaz”